

MAIS DE 7,5 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN



RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

HISTÓRIAS PERDIDAS

Livro 11

 FUNDAMENTO



RANGERS

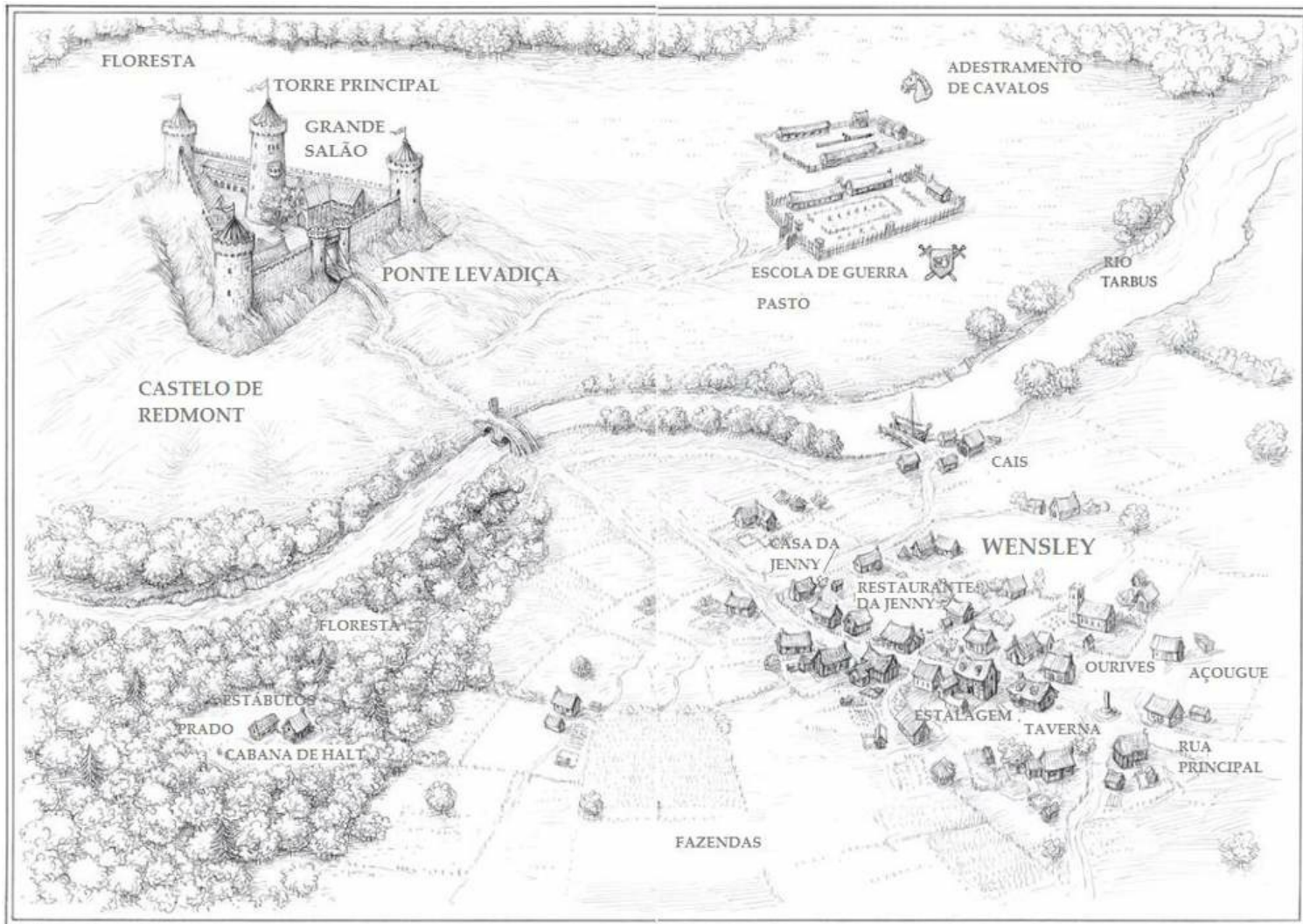
ORDEM DOS

ARQUEIROS

LIVRO 11: HISTÓRIAS PERDIDAS



JOHN FLANAGAN



Este livro é dedicado aos fãs dos Arqueiros em todo o mundo que têm tornado os últimos seis anos tão agradáveis para mim.

As histórias que se seguem são respostas às perguntas feitas por vocês ao longo dos anos.

Obrigado a todos.

JOHN FLANAGAN

PRÓLOGO



Condado de Redman

A República dos Estados de Aralan

(Outrora o medieval Reino de Araluen)

Julho 1896

O PROFESSOR GILES MACFARLANE GEMIA BAIXINHO enquanto tentava aliviar a dor nas costas. Ele estava ficando velho demais para permanecer agachado por longos períodos. Espanava a poeira de leve de alguns objetos, distante de onde estivera escavando pouco antes, quando achou um artefato que prendeu sua atenção.

Ele e sua equipe vinham para as ruínas deste castelo há anos. Mapearam o contorno triangular das muralhas principais, numa forma incomum para um castelo. Os restos irregulares da torre mantinham-se de pé no centro do espaço que eles haviam aberto. A torre destruída tinha apenas quatro metros agora. Mesmo neste estado arruinado, MacFarlane podia ver que tinha sido uma construção formidável.

A primeira temporada da escavação fora usada para determinar os limites da construção. No ano seguinte, cavaram várias trincheiras bem fundas em forma de cruz, para descobrir o que havia sob o acúmulo de mil e duzentos anos de terra, rochas e detritos. Agora, na terceira temporada, começavam a descobrir antigos tesouros. A fivela de um cinto ali, uma ponta de flecha acolá. Uma faca. Uma concha quebrada. Joias cujo design e aparência datavam do século X da Era Comum. Em um dia memorável, haviam descoberto uma placa de granito esculpida na forma de um javali com grandes presas. Foi, sem dúvida, essa a peça que identificou o local como um castelo.

— Este era o Castelo Redmont — MacFarlane contou a seus assistentes.

Castelo Redmont. Contemporâneo do lendário Castelo Araluen. Sede do Barão Arald, um dos mais ferrenhos defensores do também lendário Rei Duncan. Se Redmont tivesse realmente existido, então todos os contos de seu povo teriam um fundo de verdade. Talvez, pensou MacFarlane com fé maior

que a esperança, pudesse encontrar provas de que a misteriosa Ordem de Arqueiros de Araluen tivesse mesmo existido. Seria uma descoberta incrivelmente significativa.

Mas, à medida que a temporada avançava e as trincheiras se aprofundavam, não conseguiam outro importante. MacFarlane tinha de se contentar com os achados normais de uma escavação: pequenas ferramentas enferrujadas, ornamentos, fragmentos de cerâmica e vasos de cozinha. Procuraram, cavaram e escovaram, esperando a cada dia encontrar seu Santo Graal pessoal. Entretanto, a temporada de escavação de verão estava terminando, e MacFarlane tinha perdido as esperanças. Para este ano, pelo menos.

— Professor! Professor! Ele se levantou esfregando novamente as costas. Uma das jovens voluntárias da universidade que integrava sua equipe remunerada vinha correndo pela escavação acenando. Franziu o cenho. Uma escavação arqueológica não era lugar para se mover tão imprudentemente. Um ligeiro passo em falso poderia arruinar semanas de trabalho paciente. Era Audrey, uma de suas favoritas, e sua expressão suavizou. Ela era jovem. Os jovens agiam imprudentemente às vezes.

Ela o alcançou e ficou, com os ombros arqueados, enquanto recuperava o fôlego.

— Então Audrey, o que é? — Ele disse, após dar a ela um tempo.

Ainda ofegante ela apontou para baixo da colina em direção ao rio Tarb.

— Para lá do rio — Disse ela — Entre um emaranhado de árvores e arbustos. Nós encontramos ruínas de uma cabana.

Ele deu de ombros, nem um pouco animado com a revelação. — Havia uma vila lá em baixo — ele disse. — Não é nada surpreendente.

Mas Audrey balançava a cabeça, agarrou-o pelo braço e puxou-o morro abaixo.

— Está além dos limites da vila — ela disse. — Encontrei por conta própria. Você precisa vir ver!

MacFarlane hesitou. Seria uma longa caminhada morro abaixo e maior ainda para subir novamente. Então ele deu de ombros mentalmente. Entusiasmos como o de Audrey deveriam ser encorajados, não abafados. Ele permitiu que a menina o levasse pelo caminho acidentado em zigue-zague. Atravessaram a velha ponte sobre o rio. Sem nunca perder uma chance de ensinar, indicou à menina como os suportes das extremidades eram muito mais velhos que o do meio.

— A seção do meio é muito mais nova — disse. — Estas pontes eram

construídas para que o centro pudesse ser removido caso eles fossem atacados.

Normalmente Audrey teria prestado atenção em cada palavra. O professor era um herói pessoal para ela. Mas hoje estava em um frenesi de excitação para mostrar sua descoberta.

— Sim, sim — disse ela distraidamente, exortando-o. Ele sorriu com indulgência quando ela puxou sua manga enquanto o levava para longe dos restos da antiga vila. O caminho tornou-se mais difícil quando entraram na floresta e tiveram que atravessar uma trilha estreita, por entre enormes árvores e densa vegetação rasteira. Finalmente, Audrey saiu da trilha e forçou caminho através de um emaranhado de cipós e trepadeiras. MacFarlane a seguiu desajeitadamente e em seguida, espantado, viu-se em uma pequena clareira cercada por velhos carvalhos.

— Como diabos você achou isso? — perguntou.

Audrey corou.

— Oh... eu... er... Precisava de um pouco de privacidade... Você sabe. — Disse ela sem jeito.

Ele balançou a cabeça, agitando a mão — Não diga mais nada.

Ela o guiou para adiante, e seu olho treinado podia ver claramente o contorno de uma cabana ou chalé. A maior parte da estrutura tinha apodrecido, é claro. Mas havia uns poucos vestígios de algumas colunas restantes. — Carvalho — Ele disse — dura séculos.

Os contornos dos quartos e paredes divisórias ainda eram visíveis, fracos sinais impressos no solo ao longo do tempo, mesmo que a estrutura original tenha-se ido há muito tempo. O chão aplainado, o nível do solo no interior, era tudo muito óbvio.

— Pode ter havido um estábulo nos fundos — ela disse, e sua voz parecia baixa em um lugar tão antigo. — Encontrei algumas poucas peças de metal, pedaços que poderiam ser de uma fivela arnês. E os restos de um balde.

MacFarlane girou lentamente, estudando o contorno escuro da construção.

— É diferente da disposição das casas do vilarejo — ele disse, quase que a si mesmo — completamente diferente.

Ele deu dois passos, com a intenção de medir as dimensões da cabana, então parou abruptamente.

— Você ouviu isso?

Audrey balançou a cabeça, com os olhos arregalados.

— O seu ultimo passo. Soou como se o chão estivesse oco.

Ficaram de joelhos e começaram a raspar sujeira, mofo e folhas. Audrey

bateu os nós dos dedos no chão e novamente ouviram o som de um espaço oco por baixo. MacFarlane nunca ia a lugar nenhum sem a pequena pá de mão em seu cinto. Ele a pegou e começou a jogar a terra para o lado. Então a lâmina bateu em algo sólido, mas com uma certa elasticidade.

Trabalhando rapidamente, testando o terreno para saber exatamente de onde vinha o som oco, ele abriu um espaço retangular de aproximadamente quarenta por cinquenta centímetros. Audrey se aproximou e começou a escovar a terra a partir do centro. Eles se viram olhando para um antigo painel de madeira ressecada. Um anel de bronze fora colocado em um lado e MacFarlane gentilmente usou a pá para alavancar e levantá-lo.

O painel veio junto, dividindo-se e se desintegrando, para revelar embaixo um espaço com pedras muito bem alinhadas.

Um espaço que continha um antigo baú de madeira e latão.

Mais uma vez, MacFarlane usou a pá, colocou-a no vão da abertura para abrir o baú. Audrey estendeu a mão para impedi-lo.

— Deveríamos mesmo estar fazendo isto? — Ela perguntou. Ela sabia que MacFarlane normalmente nunca mexeria num artefato antigo como este sem ter o máximo de cuidado para preservá-lo de danos.

Ele encontrou o seu olhar.

— Não — Ele disse. — Mas eu não aguento mais esperar.

Abriu a tampa com surpreendente facilidade. Dobradiças de latão, pensou. Se fosse de ferro, teriam virado pó devido à ferrugem há muito tempo. Suavemente, mal contendo seu entusiasmo, levantou a tampa e olhou.

O baú estava cheio de páginas e manuscritos em pergaminho ou velino, agora delicados e frágeis. Gentilmente, levantou uma folha da pilha. As bordas esfarelaram, mas o centro ficou intacto. Ele se inclinou, esticando-o pescoço para ver mais de perto as palavras escritas na página. Cuidadosamente, examinou outras páginas, manuseando os frágeis manuscritos com cuidado de perito, checando nomes, lugares e acontecimentos.

Então, recolocou suavemente as páginas no baú e se apoiou nos calcanhares, os olhos brilhando de excitação — Audrey — ele disse. — Você sabe o que nós encontramos?

Ela balançou a cabeça. Obviamente, pela reação dele, era algo grande. Não, ela pensou, mais do que isso, algo sem precedentes.

— O que é? — perguntou.

MacFarlane jogou a cabeça para trás e riu, ainda não queria acreditar.

— Nós nunca soubemos o que tinha acontecido com eles. — disse e quando ela inclinou a cabeça numa pergunta não formulada, ele explicou. — Os

arqueiros Halt, Will do Tratado e os outros. As crônicas e as lendas apenas nos contam até o ponto em que eles retornaram de Nihon-Ja. Mas agora temos isto.

— Mas o que é isto, professor?

MacFarlane riu alto.

— O resto da história, minha menina! Nós encontramos as Histórias Perdidas de Araluen!

A MORTE DE UM HERÓI





TINHAM SIDO TRÊS DIAS LONGOS E DUROS.

Will estivera num tour pelas aldeias ao redor do Castelo Redmont, algo que fazia regularmente: manter contato com os aldeões e seus chefes para acompanhar os acontecimentos do cotidiano. Às vezes, aprendera, pequenas fofocas, algo trivial no momento, poderiam ser úteis quando surgissem problemas e atritos no feudo. Isso também era ser um Arqueiro. Informação, não importa o quão insignificante possa parecer à primeira vista, era elemento vital para a Ordem.

Agora, no fim da tarde, enquanto cavalgava cansado para sua cabana junto às árvores, ficou surpreso ao ver luzes acesas e a silhueta de alguém sentado na pequena varanda.

A surpresa tornou-se prazer quando reconheceu Halt. Nestes dias o mentor de Will era um visitante pouco frequente, passando a maior parte do tempo com Lady Pauline em quartos do castelo.

Will desmontou e esticou os músculos cansados com gratidão.

— Olá! — ele disse. — O que te traz por aqui? Espero que tenha trazido café.

— O café está pronto — respondeu Halt. — Cuide de seu cavalo e depois venha se juntar a mim. Preciso falar com você. — Sua voz soou tensa.

Com a curiosidade atiçada, Will levou Puxão ao estábulo atrás do chalé, tirou a sela, escovou o pelo de cima para baixo e deu-lhe comida e água fresca. O pequeno cavalo sacudiu os ombros como forma de gratidão. Ele deu um tapinha no pescoço de Puxão e voltou para a cabana.

Halt ainda estava na varanda. Ele tinha posto duas xícaras de café na mesinha e Will se sentou numa das cadeiras de madeira e lona, bebeu um gole com gratidão. Ele sentiu o fluxo de calor através de seus músculos rígidos e gelados. O inverno estava chegando e o vento tinha sido frio e cortante o dia inteiro.

Ele olhou para Halt. O arqueiro de barba grisalha parecia estranhamente desconfortável. E embora tivesse dito que precisava conversar com Will, após

os cumprimentos de costume parecia relutar em começar a conversa.

— Você tem alguma coisa para me dizer? — Will solicitou.

Halt se mexeu desconfortavelmente na cadeira. Então, com um esforço obvio, ele começou.

— Há algo que você deve saber — disse. — Algo que eu provavelmente deveria ter contado há muito tempo. É só que... o momento nunca parecia o certo.

A curiosidade de Will cresceu. Ele nunca tinha visto Halt tão inseguro. Esperou, dando tempo para seu mentor organizar os pensamentos.

— Pauline acha que é hora de contar. — disse. — Assim como Arald. Ambos sabem há um tempo. Então, talvez eu deva... ir em frente.

— É algo ruim? — Will perguntou, e Halt olhou diretamente para ele pela primeira vez em vários minutos.

— Não tenho certeza — disse — Você pode achar que sim.

Por um momento, Will se perguntou se queria mesmo ouvir, o que quer que fosse. Então, vendo o desconforto na face de Halt, percebeu que, bom ou mau, seu mestre precisava tirar do peito. Ele gesticulou para Halt continuar.

Halt parou por alguns segundos, então começou. — Foi logo após as batalhas contra as forças de Morgarath, em Hackman Heath. Elas estavam em retirada por vários dias. Então pararam e tomaram em posição. Nós tínhamos rechaçado o ataque principal e estávamos forçando-os para trás. Mas eles foram se reunindo no lado direito, onde acharam um ponto fraco em nossas linhas...



Sul de Hackham Heath

— MAJESTADE! O FLANCO DIREITO ESTÁ EM PERIGO!

Duncan, o jovem Rei de Araluen, ouviu o arauto gritar acima do barulho da terrível batalha. O som de armas e escudos, de gritos e soluços dos feridos e moribundos, de gritos dos comandantes para suas tropas se reagruparem e de gritos involuntários dos soldados enquanto cortavam, esfaqueavam e se lançavam, implacavelmente, sobre a formação inimiga — era quase uma ensurdecadora mistura ao redor.

Duncan deu mais uma estocada no Wargal que rosnava diante dele, sentiu a espada trespassar a carne e viu o rosnado mudar para uma expressão intrigada quando a criatura percebeu que já estava morta. Então deu um passo para trás, desvencilhando-se imediatamente da batalha — física e mentalmente.

Um jovem cavaleiro da Academia de Guerra de Araluen rapidamente tomou seu lugar na linha, com a espada já se movendo num arco assassino enquanto dava um passo à frente, cortando de um lado a outro a linha de frente dos Wargals, como uma foice em grama alta.

Duncan descansou por um momento, apoiado em sua espada, respirando com dificuldade. Sacudiu a cabeça para clareá-la.

— Majestade! O flanco direito... — o arauto recomeçou, mas Duncan já acenava com a mão para interrompê-lo.

— Eu ouvi o que disse — respondeu ele.

Já haviam se passado três dias desde a batalha de Hackham Heath, onde o exército de Morgarath tinha sido acuado num ataque surpresa liderado pelo arqueiro Halt, na retaguarda. Os inimigos estavam em plena retirada. Morgarath já deveria ter se rendido. Mas continuou resistindo, o que custava simplesmente mais e mais baixas, para ambos os lados. O Lorde da rebelião nunca se preocupara em preservar vidas. Sabia que estava derrotado, mas ainda queria infringir a Duncan e seus homens o máximo de dano possível. Se tivessem de sair vitoriosos, que então pagassem muito caro por isso.

Com relação às perdas de suas próprias forças, pouco se importava. Nada

mais eram do que ferramentas, e ele estava disposto a continuar jogando-os sobre o exército real, sacrificando centenas de soldados.

Depois de três dias, ele recuou para sudoeste, onde o terreno passou a favorecê-lo, proporcionando uma série de selvagens e custosos confrontos. Ele havia selecionado muito bem o local desta última batalha. Uma estreita planície entre duas colinas escarpadas. A chuva recente amolecera a terra, impedindo que Duncan utilizasse sua cavalaria, obrigando a infantaria a se lançar em luta direta contra os Wargals, combatendo desesperadamente.

E, sempre à espreita no fundo da mente de Duncan, ele podia ver o exército Wargal tomando a frente mais uma vez por um erro dele ou um lance de sorte nos dados de Morgarath. A sorte na batalha é uma amante inconstante e a guerra que Duncan tinha esperanças que terminasse em Hackham Heath ainda precisava ser vencida — ou perdida, se fosse dada uma ordem descuidada ou houvesse uma manobra mal avaliada.

E este era um momento decisivo para Duncan. Tudo era relevante numa situação como esta. E era vital que continuassem em frente, fazendo-os recuar. Hesitar, mesmo que por alguns minutos, podia inverter a vantagem em favor do inimigo.

Ele olhou para a esquerda. O flanco, na maioria formado por tropas de Norgate e Whitby, reforçado por homens de feudos menores, avançava consistentemente. No centro, os exércitos de Araluen e Redmont estavam tendo sucesso semelhante, o que já era esperado — eram os dois maiores feudos do Reino, a espinha dorsal do exército de Duncan. Seus cavaleiros e homens de armas eram os mais bem treinados e disciplinados.

Mas o flanco direito sempre tinha sido uma fraqueza em potencial. Era formado pelo conglomerado de feudos de Seacliff, Aspienne e Culway, e, como os três feudos tinham o mesmo tamanho, não estava claramente definido quem era seu líder. Sabendo disso, Duncan havia nomeado o Mestre de Batalha Norman, de Aspienne, para comandante. Norman era um líder experiente e o mais capacitado para unir forças tão díspares. Como se estivesse lendo os pensamentos do Rei, o arauto falou novamente.

— O comandante Norman está morrendo, majestade. Uma explosão vinda do exército Wargal atravessou a linha de defesa e o acertou. Norman foi levado para a retaguarda, mas não sabemos quanto tempo de vida ainda lhe resta. Os comandantes Patrick e Marat não sabem o que fazer a seguir, e Morgarath está se aproveitando disso.

Claro, pensou Duncan, Morgarath deve ter reconhecido as bandeiras dos feudos menores no flanco direito e imaginou uma possível confusão se o

comandante fosse colocado fora de ação. E quando Norman caísse, o comandante rebelde sem dúvida enviaria uma companhia de elite para atacar o flanco direito.

Um novo ímpeto, pensou Duncan. Só que desta vez contra Araluen. Duncan olhou atentamente para a luta no lado direito. Observou que a linha havia parado de avançar e viu seus homens darem o primeiro passo hesitante para trás. Precisava de um comandante que assumisse a liderança, e rápido. Alguém que não hesitasse. Alguém com personalidade forte que motivasse as tropas e as fizesse avançar novamente.

Ele lançou um olhar ao redor. Arald de Redmont teria sido sua escolha. Mas Arald estava sendo atendido por curandeiros. Uma flecha o atingira na perna e ele estava fora de ação pelo resto da batalha. O jovem comandante de Arald, Rodney, tinha tomado seu lugar e lutava furiosamente, instigando as forças de Araluen ao avanço. Também não podia tirá-lo dali.

— Eles precisam de um líder... — Duncan disse a si mesmo.

— Eu vou. — Uma voz calma falou atrás dele.

Duncan virou-se e encontrou os escuros e firmes olhos de Halt, o Arqueiro. A barba e os cabelos escuros e mal aparados ocultavam a maior parte de seu rosto, mas os olhos demonstravam firmeza e determinação. Este não era um homem de quem se questionasse o comando ou que hesitasse sobre o que tinha a fazer. Era um homem de ação.

Duncan assentiu. — Vá em frente, Halt. Faça com que eles avancem novamente ou estaremos perdidos. Diga a Patrick e a Marat...

Ele não tinha escolha. Halt sorriu tristemente. — Oh, eu vou dizer a eles, não se preocupe. — Halt disse. Então girou nos calcanhares, montou no pequeno cavalo que estava parado a seu lado e partiu a galope em direção ao flanco direito.



OS CASCOS DE ABELARD TROVEJAVAM SUAVEMENTE SOBRE A RELVA. Aproximavam-se do ponto problemático. Agora que estava perto, Halt pôde ver que o ataque Wargal era liderado por uma das unidades especiais de Morgarath. Todos eram bem maiores que o normal e tinham sido selecionados pelo tamanho, a força e a selvageria. E não estavam preocupados com suas próprias perdas, batiam em quem entrasse no seu caminho. Maças, machados e pesadas espadas subiam e desciam, varrendo tudo a sua frente. Os homens do exército de Araluen caíam diante deles e a unidade Wargal avançava em sólida formação.

Halt estava ainda a quarenta metros de distância e já sabia que chegaria tarde demais. A linha de Araluen já estava se quebrando antes da investida. A qualquer segundo se desfaria, a menos que ele agisse.

Ele freou Abelard até parar por completo.

— Firme — disse ele e o pequeno cavalo ficou imóvel como uma rocha, desconsiderando a terrível cacofonia da batalha e o insuportável e metálico cheiro de sangue fresco.

Halt armou seu arco e ficou de pé nos estribos. Então começou a atirar. Ele lançou três flechas no ar antes que a primeira acertasse o Wargal que liderava a unidade de ataque. Halt tinha escolhido seu mais poderoso arco para a batalha, com noventa libras de peso quando completamente esticado. Uma arma que podia acertar um tiro a quarenta metros de distância.

Era difícil. A primeira flecha de ponta negra acertou o meio da armadura da besta, feita de couro duro e placas de bronze, e caiu no chão. Então, em rápida sucessão, as duas flechas seguintes acertaram em cheio dois Wargals, que morreram no ato. Mais e mais flechas foram lançadas, cada uma com um silvo e um baque mortal. Halt esvaziou sua aljava com precisão devastadora.

Ele havia mirado nos Wargals à frente da formação, de modo que quando caíam impediam o progresso dos que vinham atrás. Não era o tipo de tiro que um arqueiro qualquer tentaria. Se errasse, podia acertar as costas de um soldado de Araluen próximo dos Wargals.

Mas Halt não era um arqueiro qualquer. E não falhou.

Quando as flechas acabaram, fez Abelard seguir em frente. Chegou à retaguarda da linha, saltou da sela e correu para se juntar às tropas que lutavam. No meio do caminho parou, jogou sua capa para o lado e pegou um escudo arredondado caído na grama — suas facas duplas de defesa não teriam muita utilidade contra as pesadas armas dos Wargals. Hesitou um segundo, olhando uma longa espada caída ao lado da mão estendida de um cavaleiro morto. Mas não era uma arma familiar para ele, de modo que descartou a ideia de usá-la. Podia usar sua faca de caça escandinava, era pesada, e a lâmina afiada seria perfeita numa luta a curta distância. Pegou a faca e correu, forçando passagem entre os soldados.

—Vamos! — ele gritou. — Sigam-me! Empurrem todos de volta!

Os soldados se afastavam, até que ele chegou à linha de frente, cara a cara com o enorme líder do pelotão Wargal, que rosnava para ele. O brutamonte era apenas um pouco mais alto que Halt, mas muito mais maciço de ombros e peito e pesava provavelmente duas vezes mais. Halt viu sua boca vermelha aberta e os dentes arreganhados para o novo inimigo. Sua maça com pontas de ferro se moveu horizontalmente na direção de Halt e ele se abaixou, voltando imediatamente à posição vertical e lançando-se para frente com a faca de caça. Enterrou-a profundamente nas costelas da besta.

Ele viu uma espada vindo da esquerda, bloqueou-a com o escudo e então empurrou o enorme Wargal com a ponta da faca, fazendo o monstro morrer estatelado no chão.

— Vamos! — gritou novamente, cortando a garganta de outro Wargal e saltando para a frente. Esquivou-se de outra espada e esfaqueou duas vezes um Wargal bem na sua frente, arrematando com a lateral do escudo e fazendo o inimigo se dobrar em agonia. Os Wargals eram imensamente poderosos, mas desajeitados, e Halt tinha a velocidade e os reflexos de uma cobra. Esquivava-se e ziguezagueava, cortando e esfaqueando, talhando um caminho para a frente. Agora, sentia alguém a seu lado, outra voz ecoando seu grito.

— Vamos! Para a frente! Empurrem todos para trás.

A hesitação no ataque dos Wargals causada pela saraivada de flechas de Halt e sua aparição repentina enfrentando o inimigo deram novo ânimo aos soldados. Eles começaram a seguir Halt e seu companheiro, e enfim se moviam para a frente outra vez.

Halt lançou um rápido olhar para trás. Viu um sargento atarracado um passo atrás dele, à direita, armado com uma lança. Quando Halt olhou, o sargento impulsinou a lança para a frente, espetando um Wargal que guinchou em agonia.

O homem sorriu para ele. — Continue, Arqueiro! Você está no meu caminho!

Atrás dele, outros o seguiam, armando agora sua própria formação e forçando cada vez mais profundamente a linha dos Wargals.

Halt avançou. Um Wargal veio na direção dele, com o machado esboçando um golpe mortal. O sargento atirou sua lança por cima do ombro de Halt, atingindo o Wargal na garganta e matando-o.

— Obrigado! — Halt disse, sem olhar. Mais dois Wargals estavam vindo em sua direção. Ele evitou o golpe de espada do primeiro, então pisou no braço de um inimigo morto, o que o fez cair de lado no chão. O segundo Wargal balançava a clava para ele e o tropeço provavelmente salvara sua vida. O golpe da clava apenas resvalou, em vez de estilhaçar seu crânio, como faria um golpe direto. Mas, aturdido, sem sua faca saxônica, que caíra, tentou se levantar. Foi travado pelo escudo no braço esquerdo. Aí percebeu que o Wargal com a clava estava em cima do escudo, impedindo que se levantasse. Olhou para cima, ainda atordoado pelo golpe de raspão e viu a clava subir novamente.

Então, é isso, pensou. Ele se perguntou por que sentia uma tão impassível aceitação da própria morte. Talvez o golpe em sua cabeça o tenha desanimado. Observou, esperando calmamente, fatalmente, a queda da clava.

Mas uma centelha de luz brilhou sobre ele, o brilho da ponta de uma lança que se enterrava no peito do Wargal. A força do golpe da lança empurrou a criatura para trás, que deu um guincho rouco de dor e caiu, saindo da linha de visão de Halt. O sargento saltou agilmente sobre a forma caída de Halt, arrancou a lança do corpo do Wargal morto e parou com os pés afastados, protegendo Halt de novos ataques. Empunhou novamente a lança e outro Wargal afastou-se rapidamente. Então um machado baixou sobre o cabo da lança e a pesada ponta de ferro saiu girando, deixando o sargento com nada mais do que dois metros e meio de cabo.

A cabeça de Halt estava embaralhada e a visão, turva. O golpe na cabeça realmente tinha causado algum dano. Seus membros estavam fracos e ele não conseguia encontrar forças para se levantar. A cena diante dele parecia se desdobrar num ritmo lento, como num sonho.

O sargento olhou para a lança sem ponta, encolheu os ombros e girou o pesado cabo em círculo, esmagando-o contra o elmo de outro Wargal.

Segurando o cabo agora com ambas as mãos, como um bastão, deu uma estocada nas axilas de um segundo inimigo, enfiando-o profundamente entre as costelas do Wargal.

— Cuidado! — Halt tentou gritar para avisá-lo, mas sua voz não era mais

do que um coaxar. Ele viu um terceiro Wargal, abaixado e escondido atrás dos companheiros, com uma espada de gumes irregulares pronta para dar uma estocada.

Um dos Wargals feridos agarrou o cabo da lança, puxando o sargento e tirando seu equilíbrio, e jogou a lâmina da espada para a frente, como uma serpente que dá o bote. Sangue vermelho fluíu do corpo do sargento onde a espada o acertou. Mas ele ainda assim não vacilou. Arrancou o cabo da lança das garras do inimigo e, com um movimento rápido das mãos, como se lançasse o cabo, atirou-o com força, ferindo o Wargal diretamente entre os olhos.

O Wargal gritou e caiu, cobrindo a testa destruída com as mãos, soltando a espada. Instantaneamente, o sargento a agarrou, largando fora o cabo da lança. Golpeou à esquerda e à direita com uma velocidade impressionante, abrindo grandes cortes em mais dois Wargals. Um caiu onde estava, o outro se afastou cambaleando, tropeçando nos companheiros, chocando-se contra dois deles antes de cair. O sargento se defendeu de um golpe de lança curta vindo da direita. Outro, da esquerda, esfaqueou-o na coxa. Mais sangue fluíu. Mas ele continuou lutando. Matou o Wargal com facilidade quase desdenhosa. Então esfaqueou e cortou com a espada, para a direita e para a esquerda, cobrando um preço terrível de qualquer inimigo a seu alcance. Outro golpe de faca cortou-o na lateral. Ele o ignorou e despachou o dono da faca com um golpe decisivo.

Então Halt viu algo que pensou que nunca veria.

Enquanto a figura ensanguentada avançava, a espada subindo e descendo, retalhando e cortando, estocando e apunhalando, uma onda de medo varreu os Wargals.

A tropa de choque escolhida a dedo por Morgarath, que até então só temia a cavalaria, recuava tamanho era o terror diante da figura ensanguentada espalhando a morte com sua espada.

À medida que o inimigo recuava, os homens de Araluen encontraram um novo coração e varriam tudo à frente, a exemplo do sargento. Ele estava gravemente ferido, mas continuava lutando, até que os companheiros o ultrapassaram, batendo os desmoralizados Wargals e gritando triunfantemente.

Por um momento, o sargento ficou num espaço vazio do campo de batalha. Então, um segundo pelotão de guerreiros de Araluen passou por ele, reforçando o primeiro grupo, e a linha Wargal se quebrou, retirando-se em total confusão. Seu grito rouco e sem palavras encheu o ar, seus joelhos cederam e ele caiu no chão.

O barulho da batalha se afastou dali, recuando como uma onda, e Halt

finalmente conseguiu libertar seu braço do escudo, ainda preso ao chão pelo corpo do Wargal morto. Ele tentou ficar de pé, mas não conseguiu. Arrastou-se dolorosamente até o sargento caído, passando por cima dos corpos estatelados dos Wargals que aquele homem havia matado.

Apesar dos ferimentos, o sargento ainda respirava e ele virou sua cabeça penosamente para o Arqueiro que se aproximava. Deu um sorriso fraco.

— Nós mostramos para eles, não foi, Arqueiro?

Halt mal podia ouvir a voz, e a sua própria era um sussurro ao responder.

— Mostramos, sim. Qual o seu nome, sargento?

— Daniel.

Halt segurou o antebraço dele. — Espere, Daniel. Os curandeiros vão chegar aqui em breve.

Ele tentou colocar o máximo de encorajamento nas palavras. Mas o sargento meneou a cabeça.

— É tarde demais para mim. — Subitamente os olhos do homem se encheram de urgência. Ele tentou se levantar, mas caiu para trás.

— Fique calmo. — Halt disse a ele, mas Daniel levantou a cabeça, cansado, e se inclinou para ele.

— Minha esposa... — ele conseguiu dar um suspiro. — Minha esposa e o bebê. Me prometa... — Ele tossiu e sangue escorreu pelo seu queixo.

— Eu vou procurá-los. — Halt disse a ele. — Mas não se preocupe. Você vai ficar bem, vai vê-los em breve.

Daniel acenou e deixou a cabeça cair para trás. Tomou um longo fôlego, que o fez estremecer. Então pareceu relaxar e sua respiração se tornou mais fácil, como se a promessa de Halt tivesse tirado um enorme fardo de sua mente.

Halt ouviu vozes e passos se aproximando. Então mãos gentis o viraram e ele se viu olhando para os rostos preocupados de um par de atendentes médicos que estendiam uma maca ao lado dele. Ele gesticulou fracamente em direção a Daniel.

— Está tudo bem comigo — ele disse. — Cuidem do sargento primeiro.

O atendente mais próximo deu uma olhada rapidamente em Daniel e balançou a cabeça.

— Não há nada que possamos fazer por ele — disse o atendente. — Está morto.



HALT ACORDOU. Por alguns segundos, ele se perguntou onde estava. Estava deitado de costas, olhando para o teto de lona dentro de um pavilhão com grandes dimensões. Ele podia ouvir pessoas se deslocando silenciosamente nas proximidades, falando em voz baixa. Em algum lugar, mais distante, um homem estava gemendo. Ele tentou virar a cabeça, mas um súbito clarão de agonia acompanhou o movimento e ele grunhiu de dor.

Levou a mão à testa e sentiu um grosso curativo. Em seguida, a memória começou a voltar.

A batalha com os Wargals. Ele se lembrou. Lembrou-se da pancada que tinha levado no lado da cabeça. Que devia ser a causa da dor de cabeça que sentia. E se lembrou de um sargento. Qual era o nome dele? David? Não! Daniel. Daniel tinha salvado sua vida.

Em seguida, foi dominado pela tristeza ao lembrar das palavras do homem da maca. Daniel estava morto.

Por quanto tempo ele tinha estado ali? Lembrou-se de que os enfermeiros o tinham erguido sobre a maca, então perdera a consciência. Parecia ter acontecido poucos minutos atrás. Ele tentou levantar a cabeça e sentiu a enxaqueca espetando por trás de seus olhos. Mais uma vez grunhiu de dor e desta vez alguém entrou em seu campo de visão, olhando para ele.

— Você está acordado — disse o homem de plantão, dando um sorriso encorajador. Ele se abaixou e colocou a palma da mão na testa de Halt, sentindo sua temperatura. Aparentemente convencido de que não havia nada, tocou o curativo levemente, certificando-se de que ainda estava apertado.

— Quanto... tempo... — A voz de Halt saiu arrastada e sua garganta estava grossa e seca. O enfermeiro levou uma xícara de água fria aos seus lábios, levantou sua cabeça com cuidado para permitir que bebesse. A água estava maravilhosa. Ele a engoliu depressa e sufocou, tossindo de tal forma que a água borbulhou para fora de sua boca. A tosse trouxe a enxaqueca novamente e ele fechou os olhos de tanta dor.

— Ainda com dor de cabeça, pelo visto? — Disse o homem de plantão.

— Bem, os curandeiros disseram que não houve danos graves. Você só precisa descansar mais alguns dias e a dor de cabeça vai passar.

— Há quanto tempo... estou aqui? O enfermeiro franziu os lábios.

— Vamos ver, te trouxeram na noite de anteontem, então eu diria que cerca de trinta e seis horas.

Trinta e seis horas! Ele tinha ficado dormindo ali por um dia e meio! Um arrepio de medo súbito o atingiu.

— Nós ganhamos? — perguntou. Lembrou-se que os Wargals tinham recuado frente ao ataque de Daniel, mas poderia ter sido um evento localizado.

O enfermeiro sorriu, acenando com a cabeça.

— Oh sim, de fato. Morgarath e seus brutamontes foram completamente batidos. Alguém se referiu a isto como uma derrota. Eu ouvi dizer que você teve um pouco a ver com tudo, é verdade?

Ele acrescentou a última palavra com curiosidade, como se estivesse interessado em ouvir mais sobre as façanhas de Halt no campo de batalha. Mas o Arqueiro deixou isso de lado.

— Então Morgarath está recuando novamente? — perguntou ele.

— Sim. A cavalaria está perseguindo inimigo, é claro. Mas o resto do exército ainda está aqui. Não por muito tempo, no entanto. Eles vão sair em breve.

— Para onde vão?

— Vão debandar. A guerra acabou. Os homens voltarão para suas fazendas e suas famílias. E muito em breve.

Fazendas e famílias. As palavras mexeram em outra memória na mente de Halt. Daniel tinha falado de uma mulher e de um bebê. Halt prometeu ajudá-los. Mas agora ele percebeu que não tinha ideia de onde estariam e se o exército realmente estivesse se separando, nunca poderia encontrá-los. Ele se sentou sem pensar e jogou as pernas para fora da cama, mas se dobrou, sentindo uma dor incapacitante. O enfermeiro tentou ajudá-lo.

— Por favor! Se acalme, Arqueiro! Você precisa descansar.

Mas Halt agarrou seu antebraço e conseguiu ficar de pé, tonto, ao lado da cama. Piscou várias vezes. A dor diminuiu um pouco. Mas ainda estava lá.

— Não tenho tempo — disse ele. — Me dê alguma coisa para essa dor de cabeça. Eu tenho que descobrir onde ele morava.

Ele recordou que os homens que tinha liderado eram um grupo misto de Seacliff, Aspienne e Culway. Os soldados a sua volta usavam como símbolo nas túnicas um texugo negro, coisa que percebera quando passava pelas linhas de frente. Tinha visto o mesmo símbolo em Daniel. Não tinha ideia de qual grupo

marchara sob essa bandeira, por isso foi à tenda de comando, para ver o Mestre de Batalha do rei.

Quando chegou ao centro de comando, não achou o Mestre de Batalha. Claro, estava liderando-a perseguição a Morgarath e aos Wargals em direção ao território sudeste do reino. Mas seu secretário ainda estava lá, fazendo anotações de feridos, substituições e promoções. Ele olhou para cima quando Halt entrou e sorriu calorosamente. Todo o exército tinha ouvido falar dos feitos de Halt durante a batalha.

— Bom dia, Arqueiro — disse ele. Então percebeu o curativo ensanguentado e viu como Halt cambaleava ao entrar na tenda, encostando-se contra a mesa onde o secretário estava sentado.

— Você está bem? — disse ele ansiosamente. Levantou-se e correu para buscar um banco para Halt. O Arqueiro caiu sobre ele com gratidão. Piscou várias vezes. Sua visão ainda estava embaçada. Esperava ficar assim apenas temporariamente. Não podia se imaginar atirando com a visão tão fraca.

— Apenas uma dor de cabeça — disse ele. — Preciso de uma informação. Acho que assumi o comando das tropas da ala direita na fase final da batalha...

— Na verdade, você assumiu! — O secretário disse calorosamente. — O exército inteiro já ouviu falar disso.

— Havia um soldado. Um sargento chamado Daniel. Na verdade, ele liderou o ataque enquanto eu estava caído. Alguém mencionou seu nome completo ou alguém tem um registro de onde ele vivia?

O funcionário balançou a cabeça. — Não tenho a lista completa. Cada força individual cuida de seus próprios homens. A que unidade ele pertence?

— Não tenho certeza. Eles usavam um texugo negro como símbolo.

Os olhos do secretário se estreitaram em concentração por alguns segundos, então sua expressão se pagou.

— Um texugo negro? Seria a companhia do Capitão Stanton, do Feudo Aspienne. Eles estão acampados mais ao norte, numa pequena colina. Stanton foi ferido gravemente antes de você reunir seus homens. Está sendo levado para Castelo Aspienne. Mas seu sargento-major deve ser capaz de ajudá-lo.

— Obrigado por sua ajuda. — Halt deixou a tenda. Ele parou por um momento, olhando para o norte. Sobre uma colina baixa, a várias centenas de metros de distância, podia ver um grupo de tendas em torno de um estandarte. Era longe demais para ver o símbolo da bandeira, mas percebia que era preto. Andou em direção às tendas.

Como era o costume, o estandarte indicava a posição da tenda do oficial

comandante. Enquanto Halt se aproximava, pôde ver que estava certo. A figura no estandarte era de um texugo negro. Ele parou na entrada aberta. A tenda de comando era maior do que as das unidades de quatro homens que a rodeavam.

O comandante e sua equipe trabalhavam ali, o escritório da companhia. Na parte de trás, uma seção separada formava os quartos onde vivia o capitão. Agora, é claro, isso não fazia diferença. Mas uma figura corpulenta estava sentada a uma mesa na parte da frente, franzindo a testa sobre folhas de papel. Era um homem mais velho, um tanto grisalho e com um olhar inconfundível de experiência e autoridade, sem dúvida, o sargento-major que o funcionário tinha mencionado. Ele olhou para cima quando Halt entrou na tenda, vendo a capa e o curativo do Arqueiro em torno da cabeça.

— Você tem a aparência de já quem esteve em guerra — disse ele, sorrindo. Halt permitiu-se um leve sorriso.

— Apenas uma. A mesma de que você esteve participando. Estou tentando encontrar o endereço da casa de um de seus homens. Um sargento chamado Daniel.

O sorriso desapareceu e o sargento major balançou a cabeça tristemente.

— Daniel? Ele era um homem bom. Nós o perdemos na batalha final, receio.

— Eu sei. Ele salvou minha vida pouco antes de morrer.

O homem mais velho considerou Halt com um interesse crescente.

— Oh — ele disse. — É você o tal Arqueiro, não é? — Levantou-se de trás da mesa e ofereceu a mão. — É uma honra conhecê-lo. Meu nome é Griff.

Halt se sentiu desconfortável. Ele não gostava de ser o centro das atenções. Não era de seu feitio. Preferia passar a vida discretamente, despercebido sempre que possível. Mas apertou a mão do homem.

— Sou Halt — disse ele.

Griff acenou em direção a uma cadeira e sentou-se mais uma vez. Ele franziu os lábios, pensativo. — Não tenho certeza se posso te dizer muito. Tudo aconteceu muito rápido quando mobilizamos o exército, e Daniel era muito novo no feudo. Ele e a esposa tinham se mudado de Norgate não muito tempo antes do início da guerra. — Indicou as pilhas de papéis e pergaminhos sobre a mesa que servia de escrivaninha. — Não tivemos tempo para anotar todos os detalhes dos homens antes de sermos obrigados a marchar para a luta. Estou fazendo isso agora.

— Você pode me dizer alguma coisa sobre ele? — Halt perguntou.

— Ele tinha uma fazenda, creio eu, em algum lugar na área sudeste de Aspienne. Mas onde ela possa ficar, não tenho ideia.

— Ele tem amigos na companhia que poderiam saber?

O sargento estava balançando a cabeça antes mesmo de Halt terminar a pergunta.

— Ele pode ter. Embora, como sargento, ficasse um pouco distante dos homens. Mas você poderia perguntar a eles. Ele tinha o comando do sexto plantel. Você vai encontrá-los uma fileira e meia à frente.

— Eu agradeço — disse Halt. Levantou-se, estremecendo mais uma vez com a dor na testa. Apoiou a mão na mesa para se firmar.

Griff olhou para ele com alguma preocupação. — Você tem mesmo de ir procurá-los? Você não me parece bem.

Halt balançou a cabeça e imediatamente desejou não o ter feito.

— Vou ficar bem — disse ele. — Foi apenas uma pancada. Fico melhor no ar fresco do que na abafada tenda dos curandeiros.

— Isso é verdade. — Griff olhou para os formulários e papéis em sua mesa com um ar de decepção, como se tivesse esperança de que eles se preenchessem sozinhos enquanto falava. — Bem... me desculpe, mas não posso ser de mais ajuda.

Halt acenou com a mão, agradecendo.

— Qualquer informação já ajuda — disse ele.

Avançou pelas fileiras de tendas, e passou entre duas para alcançar a seguinte. Cerca de dez metros abaixo, viu um cartaz com o número 6 num eixo de lança. Olhou para baixo, para as cinco tendas seguintes, e viu um cartaz semelhante, desta vez com o número 7. Cinco tendas, quatro homens cada uma, o que perfazia vinte homens no total. Assumindo que todos tinham sobrevivido, o que ele sabia não ter acontecido. Três soldados descansavam ao sol do lado de fora da tenda. Se entreolharam quando a sombra de Halt caiu sobre eles. Tinham uma pitada de desconfiança nos olhos, mas desde que Crowley e ele tinham reformulado a Corporação Arqueiro, tinha se acostumado a isso. Oficiais e sargentos avaliavam as habilidades dos Arqueiros trazidos ao exército, mas os recrutas se sentiam pouco à vontade ao redor das figuras de verde e cinza. Sabia que circulavam rumores de que os Arqueiros praticavam feitiçaria.

— Bom dia — ele disse a todos.

Os homens acenaram com a cabeça, esticando o pescoço para olhá-lo, sentados em banquinhos baixos. Um deles remendava uma túnica rasgada, um segundo esculpia com uma faca e o terceiro mastigava lentamente um pedaço de carne seca. De onde Halt estava, parecia que a carne estava ganhando a luta. Halt indicou um banquinho, a poucos metros de distância.

— Se importam se eu acompanhá-los por alguns minutos? — Perguntou ele.

O homem que remendava a túnica assentiu. — Por que não? — Disse, seu tom de voz não demonstrava boas-vindas ou desprezo.

Seu companheiro que mastigava a carne estava olhando para Halt, com uma carranca de reconhecimento no rosto.

— Eu sei quem é você — disse ele, pensativo, tentando recordar. Então recordou. — Você estava na batalha! — disse. — Estávamos sendo empurrados de volta e de repente você estava lá, nos instigando para a frente, cortando e afastando os Wargals, gritando para que te seguíssemos. Você fez um excelente trabalho. Excelente! — Ele se virou para os outros. — Vocês o viram? Primeiro ele derrubou pelo menos uma dúzia deles com o arco, então ele correu para o meio deles, cortando e apunhalando. E olhe para ele! Ele é pouco mais que um menino.

Halt levantou uma sobrancelha. Ele não era o maior dos homens, mas ele sabia que o soldado estava exagerando um pouco. No entanto, podia ver que não pretendia insultá-lo, por isso deixou de comentar o assunto.

— O sargento me deu uma mão — disse ele e o homem acenou com a cabeça vigorosamente.

— Se deu! Ele nos conduziu quando você caiu. Deve ter matado uma dúzia deles também!

Halt sorriu discretamente a isso. O homem estava inclinado a exagerar.

— Ele fez um ótimo trabalho — concordou.

— Vocês viram o sargento? O mastigador virou-se para os amigos.

Ambos balançaram a cabeça.

— Estávamos mais longe, à direita — respondeu o mastigador. — Tudo o que vi foi que a linha estava prestes a quebrar, então ele começou a se mover para a frente. Em seguida, os Wargals estavam correndo dali. — A questão tinha sido ignorada e o mastigador de carne estava ansioso para continuar sua história. — Ele matou quatro ou cinco deles com sua lança. Então fatiou a cabeça de um e a usou como um bordão, girando-a ao redor, batendo em suas pernas. Então ele pegou uma espada e matou oito ou nove deles antes de chegarem até ele. — Olhou para Halt esperando confirmação. — Você viu, Arqueiro! Quantos você acha que ele matou?

— Pelo menos oito — disse Halt. Ele não via nenhuma razão para contradizer o homem. A atmosfera estava subitamente muito mais acolhedora do que no primeiro momento. — Eu queria algumas informações sobre ele — disse. — Qualquer coisa sobre onde ele vivia.

Ele ficou desapontado ao ver a nuvem através da já conhecida expressão de incerteza das três faces.

— Desculpe — disse o homem que tinha exaltado os feitos e a coragem de Daniel. — Ele era novo na unidade e na região. Foi promovido rapidamente.

— Isso mesmo — disse um dos outros, deixando de lado o gibão remendado. — O capitão gostou da aparência dele. Fez dele um sargento quase que imediatamente. Aparentemente, ele teve alguma experiência militar em Norgate antes de vir para Aspienne.

— Foi promovido tão rapidamente, nós realmente não tivemos tempo de conhecê-lo — disse o homem que estava esculpindo. — Eu acho que eu o ouvi mencionar uma fazenda em algum lugar... — Ele parou, sem se lembrar dos fatos.

Houve um silêncio constrangedor. Halt fez um movimento para levantar-se do banco, pensando que mais uma vez seus esforços para localizar a família de Daniel tinham resultado em fracasso. O primeiro homem que havia falado, o que mastigava a carne, pareceu ter uma ideia.

— Você poderia tentar Kord e Jerrel — disse ele. — Eles podem ter uma ideia.

— Se eles te contarem... — o homem vestiu a túnica remendada.

Halt olhou de um para o outro.

— Acho que vocês não são fãs desses dois.

Os três homens trocaram olhares. Então o que havia sugerido os dois nomes respondeu. — Eles são um par de mentirosos e trapaceiros. Eles têm um jogo de dados e tentaram fazer amizade com Daniel, inicialmente, até que ele os convidasse para jogar. Meu palpite é que eles estavam deixando-o ganhar para caírem em suas boas graças. Mas ele viu o que queriam e o que conseguiram foi um bom quinhão de tarefas fatigantes. Então eles o largaram.

— O que te faz pensar que eles sabem onde ele vivia? — Halt perguntou e novamente houve uma pausa estranha. Finalmente, o entalhador falou. — Eles sempre queriam saber onde todos viviam. Sempre faziam perguntas sobre de onde você veio, o que faria ao voltar para casa. Não posso provar nada, mas acho que eles estavam mantendo um registro, para aparecer depois da guerra e roubar.

— Principalmente os que foram mortos em combate — disse pesadamente o homem do gibão remendado. — Conhecendo as famílias, elas seriam presas fáceis. É o tipo de coisa que eles fazem, afinal. Eles provavelmente sabem onde encontrar a fazenda do sargento.

— O problema é fazê-los contar — disse o mastigador e os outros

concordaram.

Halt olhou ao redor do pequeno círculo de rostos, vendo desgosto em relação aos dois abutres chamados Kord e Jerrel.

— Como eu poderia começar a convencer esses dois? — perguntou ele.

O mastigador ergueu uma sobrancelha. — Jogue dados com eles — disse ele. — Mas esteja preparado para perder.



O SOLDADO JERREL, DA COMPANHIA TEXUGO NEGRO, estava trabalhando em um par de dados. Já tinha terminado o primeiro e estava quase acabando o segundo. Limava e arredondava os cantos, de modo que o dado teria a tendência a rolar ligeiramente para um lado pré-selecionado, mostrando a pontuação de seis com mais frequência do que o puro acaso permitiria. Não era tão confiável quanto o método alternativo de fixação. Este envolvia cuidadosamente uma inserção de pesos para fazê-lo cair com a face escolhida para cima. Mas lixar os cantos aumentava sua chance de ganhar na rolagem dos dados.

No bolso, ele tinha um par de dados contrabalanceados, cuidadosamente manipulados para mostrar dezenas de um e dois. Mas essa manipulação nos dados era um negócio complicado de se fazer. Levou muito tempo para remover todos os sinais de que algo havia sido inserido nos pequenos cubos. Seu outro par tinha sido confiscado alguns dias antes por um oficial. Agora, ele teve de recorrer ao arredondamento dos cantos para substituí-los. São necessários dois pares de dados adulterados para fazer uma nova vítima. Usa primeiro um par permita ao incauto ganhar as primeiras rodadas, somente para deixá-lo interessado. Então, quando ele pensar que a sorte está a seu lado, você sugere aumentar as apostas. Quando ele concordar, você troca os dados para que ele tire um número baixo.

Uma sombra caiu sobre a entrada da tenda e Jerrel apressadamente empurrou os dados para baixo de um pequeno cobertor. A entrada da tenda foi bloqueada por um momento, enquanto o homem entrava. Jerrel olhou para cima, franzindo a testa. O recém-chegado carregava uma mochila e uma espada ainda na bainha. Ele usava um uniforme de soldado com um texugo negro gravado no lado esquerdo do peito. Ele olhou ao redor, pelo interior da tenda, viu uma cama vazia e deixou cair seus pertences sobre ela.

— Quem diabos é você? — Kord perguntou. Ele estava deitado em seu próprio beliche no lado oposto da tenda e o descontentamento era evidente em sua voz. Ele e Jerrel gostavam de ter a tenda somente para si. Seus quatro

companheiros de tenda haviam sido mortos ou feridos na batalha. Agora, ao que parecia, eles tinham um novo soldado se juntando-a eles.

— Meu nome é Arratay — disse o recém-chegado. — Eu fui transferido do segundo batalhão. O Sargento disse que meu beliche ficaria aqui.

Ele era um homem baixo, franzino, mas com ombros poderosos e um peito profundo. Sua barba e cabelos eram irregulares e despenteados. Ele tinha uma bandagem suja enrolada em volta da cabeça. Acima dele, o cabelo era preto e os olhos eram escuros e penetrantes. Como uma ave de rapina, Jerrel pensou. Então ele sorriu com a ideia. Era mais provável que o estranho se tornasse presa fácil para ele e Kord uma vez que tivesse a chance de terminar de trabalhar no par de dados. Mesmo assim, ele não queria o estranho na tenda com eles.

— Encontre outro lugar para dormir — disse Jerrel. — Aqui está cheio.

— Há apenas vocês dois — disse Arratay razoavelmente, olhando ao redor da tenda.

— Você ouviu — disse Kord. — Agora saia daqui.

Arratay encolheu os ombros.

— Se está dizendo...

— É, eu estou — disse Kord. — Agora saia daqui.

Encolhendo os ombros, o recém-chegado pegou sua mochila e deixou a tenda. Jerrel sorriu para Kord. Foi fácil, pensou. Em seguida, seu rosto empalideceu ao ouvir uma voz do lado de fora da tenda.

— Você aí! Aratty ou o que quer que seja! Onde você acha que está indo? Eu disse que seu beliche é na barraca 43, não disse? — A tenda está cheia, Major. — Arratay respondeu.

— O inferno que está! — Kord e Jerrel trocaram olhares exasperados quando ouviram os pesados passos se aproximando. Então a abertura da tenda foi jogada para trás e o grande corpo do Sargento Major Griff apareceu na entrada.

— Minha tia de bigode que está cheia! Entre aqui! — Ele olhou para os dois ocupantes. — Vocês dois vão arrumar esse quarto! — Ele gritou.

— Sim, Major. — Jerrel disse mal-humorado. Kord soltou um grunhido em resposta. Enquanto Arratay entrava novamente na tenda, Griff deu um passo a frente para barrar o seu caminho, com as mãos na cintura e postura agressiva.

— Quanto a você, Aratty, pode ir para a cozinha. Limpará as lixeiras e esfregará as panelas dos cozinheiros pelo resto do dia. Para que da próxima vez não se esqueça de fazer o que eu mandar.

— Sim, Major — disse o pequeno homem. Seus olhos estavam virados para baixo, não satisfeitos com as ordens do comandante. Quando Griff saiu da sala, Arratay fez um gesto insultuoso para suas costas. Então ele se virou, dando de ombros, para Jerrel e Kord. — Desculpem por isso. — disse ele.

Eles trocaram um olhar, então Jerrel se levantou e tomou a mochila de Arratay, colocando-a em uma cama vazia.

— Ninguém pode te ajudar. Griff pode ser verdadeiramente cruel. Melhor se contentar com a cozinha ou ele vai fazer pior. — Ele chamou a atenção de Kord. Assim que Arratay desaparecesse, eles remexeriam em sua mochila para ver se havia alguma coisa de valor para roubar. Kord acenou discretamente. O mesmo passava por sua mente.

Arratay suspirou e virou-se para ir embora. Quando ele chegou à entrada, Kord o chamou: — Quando você terminar o seu trabalho, talvez queira participar de um joguinho de dados?

Arratay sorriu para eles. — Parece divertido. — disse ele.

— Outro lance vencedor! De onde sua sorte vem, Arratay? Kord ergueu as mãos escarnecendo.

O pequeno soldado sorriu feliz enquanto arrastava os seus ganhos. Ele tinha jogado e vencido três vezes seguidas e já não havia uma pilha respeitável de moedas a frente de onde os outros dois estavam sentados.

— Apenas um dia de sorte, suponho — disse ele, empurrando uma nova aposta a frente e agitando-os dados em seu copo. Os cubos de osso resoaram juntos e então rolaram sobre a mesa.

— Dois seis novamente! — Jerrel disse. — Eu não acredito! — Ele olhou para Kord. — Eu acho que nós temos um profissional na tenda. — Kord acenou com a cabeça tristemente, mas Arratay apenas riu.

— Não, rapazes. É apenas a vida e a consciência limpa. Querem aumentar as apostas? — Ele disse em tom casual, mas notou o olhar rápido e furtivo trocado por entre os dois homens.

Kord concordou, depois de um show breve de relutância.

— Bem, eu poderia estar louco, mas por que não? Ele vai nos dar uma chance de ganhar um pouco do nosso dinheiro de volta.

— Ou eu vou limpá-los mais cedo. — Arratay sorriu. Ele colocou outra aposta na frente, esperou até que eles correspondessem, então rolou novamente seus dados. Onze dessa vez, uma vitória automática.

— Você não pode rolar apenas cinco e seis. — Jerrel disse.

— Apenas quando eu estou quente. — Arratay sorriu novamente, mas seus olhos se estreitaram desta vez. Em vez de deixá-lo recuperar os dados,

Kord apanhou-os e os entregou. Ele fez a troca, Halt pensou. Ele pegou os dados, os colocou no copo, sacudiu-os e tornou a rolá-los.

Os outros dois mostraram uma alegria irônica quando os dados caíram virados para cima, mostrando um dois e um um.

— Três! — Disse Jerrel. — Já era hora! Era um jogo simples. Onze e doze resultava em vitória automática. Dois e três em derrota. Qualquer outro valor não contava. O jogador simplesmente rolava os dados até ganhar ou perder. Halt fez uma careta quando os outros pegaram no dinheiro que ele tinha apostado. Os dados foram passados para Jerrel e ele os rolou, tirando um seis. Em seguida, um quatro, então um dois. Halt ganhou de volta uma pequena fração do que tinha perdido em seu último lance. Kord tomou os dados e se atrapalhou ao colocá-los no copo.

Ele os trocou novamente, Halt pensou. E estava certo, Kord tirou um onze, depois um doze, enchendo suas duas mãos pequenas de moedas, antes de trocar os dados uma vez mais e tirar números baixos. Em seguida, entregou os dados para Halt. No processo de entregá-los, mudou-os novamente para os dados vencedores. As duas fraudes impediam que Arratay, como eles pensavam que ele se chamasse, perdesse o entusiasmo cedo de mais. O jogo continuou, Halt ganhou algumas vezes, perdeu outras, mas geralmente permanecia perto de ficar quebrado.

As trapaças funcionavam melhor com um pouco de vinho, o qual ele repetidamente derramava em uma bota vazia quando os dois estavam distraídos. Mas ele fingiu tornar-se mais e mais afetado pela bebida, sussurrando palavras e rindo estupidamente quando ganhava.

— Amanhã será um grande dia — disse ele depois de terem jogado durante algum tempo. — Vamos sair cedo e ir para o sul.

Seus dois companheiros reagiram surpresos.

— Sul? — Disse Kord. — Por que o sul? Nós deveríamos estar debandando para ir para casa.

Halt balançou a cabeça e olhou para eles, com um olhar de coruja.

— Não mais. Não mais — disse ele, tocando no lado do nariz com o dedo indicador. — Os Wargals estão formando resistências mais duras do que o esperado. Morgarath os tem sob controle e Duncan precisa de homens extras. Nós estaremos lá — acrescentou ele, após uma pausa.

Ele pôde ver que a notícia teve o efeito esperado. Kord e Jerrel trocaram um olhar. Então Jerrel questionou-o ainda mais.

— Onde você ouviu isso? — Perguntou ele.

— Na cozinha — disse ele. — Os cozinheiros faziam comida extra para

nossa partida.

Os dois trapaceiros se entreolharam consternados. Os rumores da cozinha eram a fonte do conhecimento dos soldados. E eles tinham a reputação de serem precisos. Halt, é claro, não ouviu tais rumores. Mas ele esperava que o pensamento de uma partida iminente para o sul poderia mudar os planos de Kord e Jerrel. Se eles estavam planejando roubar a fazenda de Daniel, poderiam se precipitar. Ele se inclinou para frente, com os olhos turvos olhando para a mesa.

— Agora, onde estão os dados? — Perguntou ele. — É minha vez!

— Estão aqui — disse Kord, jogando-os dados no copo e os entregando em seguida. Ele tinha acabado de perder o último lance e era novamente a vez de Halt. Halt achava que tinham o entregado-os dados feitos para perder. Suas suspeitas foram confirmadas pelas palavras do próprio Jerrel.

— Está ficando tarde — disse ele. — Vamos colocar tudo em uma último grande pote. O que me dizem? Kord fingia um olhar duvidoso.

— Quem decide é Arratay.

Halt encolheu os ombros.

— Por que não? — Disse. — Sinto que minha sorte está voltando.

Todos eles empurraram o dinheiro que restava para o centro da mesa. Halt pegou sua caneca e tomou um gole, o maior que tinha tomado por toda a noite.

Então, ele desajeitadamente deixou a caneca cair, derramando-o vinho sobre a mesa, sacudindo-o em direção a Jerrel de modo que uma maré vermelha fluía na madeira bruta e em seu colo. Jerrel saltou para trás gritando uma maldição.

— Cuidado! — Disse.

— Desculpe. Desculpe — disse Halt. Mas na confusão, trocou os dados que o fariam perder por outro par que tinha no bolso do gibão. Tinha preparado ambos naquela tarde, enquanto deveria estar na cozinha, e eles foram raspados para que pudessem mostrar doze, duas faces de seis.

Ele os balançou, murmurando-o que fazer, e em seguida, os jogou sobre a mesa.

— Que pe... — começou Kord, já estendendo a mão para o dinheiro. Então ele parou quando viu dois seis brilhando para ele, dois conjuntos de dentes em dois pequenos crânios.

— Como você fez... ? — Jerrel parou quando percebeu que ia entregar o jogo se fosse mais longe. Arratay podia ter bebido. Mas ele não estava tão bêbado.

Halt sorriu tolamente enquanto recolhia os dados. — Dados de sorte! — Disse. — Eu amo esses dados! Ele fingiu beijá-los ruidosamente, e trocou-os mais uma vez para o par dos perdedores que o tinham sido entregues no começo. Feito isso, ele enfiou seus dados no bolso e deixou cair os outros de volta na mesa quando começou a remexer em seus ganhos.

— Sem ressentimentos, meninos. — disse ele. — Eu darei a vocês uma chance para se vingarem amanhã.

— Sim. É claro. Amanhã. — disse Kord. Mas o tom de Halt dizia que não haveria nenhum jogo na noite seguinte. E que não haveria sinal de Kord ou de Jerrel.

Meia hora depois, Halt estava deitado de costas, respirando pesadamente e ruidosamente pela boca, fingindo dormir. Seus dois companheiros de barraca estavam conversando em voz baixa. Eles esperaram até terem certeza de que Halt estava totalmente adormecido. Kord estava testando os dados, rolando-os uma vez e outra, e perdendo constantemente.

— Eu não entendo — disse ele calmamente. — É simplesmente impossível rolar um doze com esses dados.

— Cuidado — Jerrel disse, lançando um olhar rápido em direção Halt. Mas seu companheiro acenou calmamente.

— Ah, ele está tão apagado quanto o céu — disse ele. — Você viu o quanto ele bebeu? Está tão cheio quanto uma bota.

A boca de Halt se contraiu em diversão. Definitivamente existe uma bota cheia na tenda, ele pensou. Sua respiração estava tão alta que tornava difícil ouvir o que os outros estavam dizendo, então ele se mexeu, murmurou algo e rolou para o lado, de costas para eles. Parou de roncar quando estava novamente de lado, mas manteve sua respiração profunda e regular. Kord e Jerrel hesitaram quando ele se mexeu, mas logo relaxaram quando se tornou óbvio que ele não tinha acordado.

Mais uma vez, Kord testou os dados. Mais uma vez, tirou dois três.

— Não é possível — disse Jerrel com raiva. — Foi um acidente. Eles devem ter atingido uma fresta ou um entalhe na mesa. Além disso, temos coisas mais importantes para pensar.

Relutantemente, Kord colocou os dados no bolso.

— Você quer dizer esse rumor sobre nós irmos em direção ao sul? Jerrel assentiu.

— A última coisa que queremos é ficar amarrados em outra campanha. Poderia continuar por semanas e nós temos lugares melhores para visitar. Se formos com eles, perderemos a chance que teríamos quando os soldados

fossem dar a notícia às viúvas.

Halt, afastado do outro lado da tenda, se permitiu uma carranca de raiva. Era verdade, pensou, os dois estão planejando roubar as famílias dos homens mortos em batalha.

— Então, qual é seu plano? — Kord perguntou.

Jerrel fez uma pausa, então chegou a uma decisão.

— Vamos nos retirar esta noite. Vamos sair uma ou duas horas antes do amanhecer e pegar a estrada para o norte. Vamos para fazenda do sargento primeiro. É a mais próxima.

— Seremos açoitados se eles nos pegarem desertando. — disse Kord, mas Jerrel dispersou seu protesto.

— Eles não vão nos pegar. Com todas essas perdas recentes, eles nem mesmo vão perceber que sumimos.

— Griff vai saber. Tenho a sensação de que ele está de olho em nós.

Kord bufou escarnecendo.

— Griff vai estar muito ocupado fazendo-o seu trabalho e o trabalho do sargento não é se preocupar conosco. Ele provavelmente ficará aliviado. Agora vamos dormir. Precisaremos levantar cedo amanhã.

— E quanto a ele? — Jerrel perguntou, apontando-o polegar em direção à Halt. Kord hesitou.

— Eu gostaria de bater em sua cabeça e tomar nosso dinheiro de volta — disse ele. — Mas se o matarmos, Griff vai ficar sabendo. E ele não se esqueceria de enviar homens atrás de nós. Melhor deixá-lo em paz.



HALT OUVIU-OS SAINDO ÀS TRÊS DA MANHÃ. Eram ladrões e estavam acostumados a se mover silenciosamente. Mas os sentidos dos Arqueiros eram finamente aguçados e ele tinha sono leve. Ouviu seus movimentos furtivos e passos silenciosos enquanto reuniam seus equipamentos e saíam secretamente pela noite. A lua tinha se enchido e empalidecido há horas atrás e havia uma proteção de nuvens dispersas no vento, enviando longas sombras que corriam através do acampamento silencioso.

Kord e Jerrel não tiveram problema em despistar as sentinelas. Os homens na vigia estavam cansados e entediados ao se aproximar o fim do seu turno de três horas. E, além disso, estavam mais propensos a esperar intrusos vindo de fora do acampamento do que pessoas de dentro saindo. O rumor de que a companhia iria seguir para o sul e continuar a campanha era falso. Halt tinha planejado obrigar os ladrões a revelarem suas intenções, assim, com a companhia tendo a obrigação de retornar para casa e debandar em futuro próximo, não havia razão para os homens desertarem.

Ele esperou quinze minutos até que o perímetro do acampamento estivesse livre. Rolou, então, para fora das cobertas e saiu da tenda como um fantasma em seu encalço. Apanhou suas próprias roupas da tenda de comando da companhia. Griff esperava por ele, uma lanterna escura lançava uma luz turva no interior.

— Morderam a isca? — perguntou.

Halt concordou com a cabeça. Trocou de roupa e colocou a bolsa pesada contendo seus lucros em cima da mesa.

— Pode colocar isso no cabedal da companhia —, disse. Ele sabia que a maioria dos companheiros contribuía para um cabedal que era usado para ajudar as famílias daqueles que morreram em uma campanha. Griff agradeceu com um aceno.

— Se você os pegar, sintase livre para trazê-los de volta para cá —, disse ele. — Eu ficaria muito feliz em ver seu futuro desconforto.

— Oh, eu os pegarei, com certeza — Halt lhe disse. — E quando o fizer,

eles decidiram o que farei com eles.

Apertou a mão do sargento e foi para o fundo da tenda, onde Abelard esperava. Subiu na sela e trotou para fora do acampamento. Não tentou-se esconder, se identificando para as sentinelas enquanto ia.

Encontrou a estrada do norte e fez Abelard andar mais devagar. Ele não queria alcançar os dois homens tão rápido. Escondido em sua capa de Arqueiro, eles poderiam não reconhecê-lo como seu antigo companheiro de tenda, mas a visão de um Arqueiro viajando na mesma estrada poderia fazê-los entrar em pânico, abandonando seus planos por um tempo.

Enquanto o amanhecer chegava e a primeira luz cinzenta cobria a região, ele apertou o passo. Dentro em pouco, virou numa curva e teve uma visão de duas figuras se arrastando ao longo da estrada, centenas de metros à sua frente. Agradeceu porque a dor de cabeça e a visão turva que o tinham incomodado haviam sumido e ele não tivera nenhum problema em reconhecer os dois homens — Kord, alto e magro, Jerrel mais compacto e rijo. Checou Abelard e saiu da estrada, onde o verde escuro das árvores iria escondê-los de vista.

Quando Kord e Jerrel viraram em outra curva e desapareceram, andou vagarosamente a meio galope atrás deles.

Prosseguiu àquela moda pelo resto do dia. Quando a luz aumentou, foi capaz de distinguir suas pegadas na estrada poeirenta — suas sandálias de tachas do exército deixaram uma trilha fácil de seguir. Ficou mais para trás, só se aproximando de novo quando a luz começou a faltar no fim de tarde. Enquanto o crepúsculo caía, os dois homens saíram da estrada e montaram um acampamento.

Ele passou a noite enrolado em sua capa, encostado contra uma árvore e observando a luz do fogo que eles fizeram. Cochilou por breves instantes, confiante em que Abelard o acordaria se houvesse qualquer movimento no acampamento distante. Acordou com frio e com câibras na luz da manhã. O fogo tinha se extinguido antes do amanhecer e havia um fino espiral de fumaça erguendo-se dele. Depois de meia hora, ele viu os dois homens se levantando e se movendo ao redor de seu acampamento. Abelard estava de volta, entre as árvores, e Halt não precisava se esconder. Enrolado em sua capa, estaria invisível, mesmo que olhassem diretamente para ele. Seu estômago roncou quando eles reacenderam o fogo e ele sentiu o cheiro de bacon frito. Depois disso, o cheiro de café sendo feito encheu sua boca de água. Se contentou com o discreto punhado de água fria do seu cantil. Um parco substituto.

A dupla estava lentamente começando-a se mover. Halt se mexeu desconfortavelmente algumas vezes, esperando sua volta para a estrada.

Finalmente, enrolaram seus fardos e desmontaram o acampamento, seguindo a norte outra vez. Esperou até que tivesse virado na curva mais próxima e foi até onde Abelard o esperava no meio das árvores. Ele apertou as correias da cintura — tinha deixado-o cavalo selado à noite em caso de uma emergência — montou e cavalgou lentamente atrás deles.

Quando alcançou a curva, desmontou e foi em frente perscrutar, no trecho seguinte da estrada.

Não havia sinal deles.

Por um momento, seu coração acelerou em pânico. Este trecho da estrada tinha pelo menos trezentos metros de comprimento — e de jeito nenhum eles poderiam ter alcançado-o fim antes de ele ter feito a curva. Onde tinham ido? Estiveram cientes de que estavam sendo-seguidos? Talvez tivessem se abaixado em algum lugar ao longo da estrada e agora esperavam em um arbusto por quem quer que estivesse atrás deles. Ou tinham se movido mais rápido do que tinha pensado, e agora estavam além da curva distante? Tentou-se acalmar. Ambas as teorias tinham fundamento, admitiu. Mas era mais provável que tivessem saído da estrada e tomado um trilha paralela pelo caminho. Agora estavam dentro do Feudo de Aspienne e poderiam estar perto da fazenda de Daniel. Montou novamente em Abelard e bateu de leve com seus tornozelos nas ancas do cavalo.

A tentação era galopar a toda para verificar se houvera, de fato, um desvio. Mas fazê-lo causaria barulho e poderia chamar-lhes a atenção. Ele trotou com o pequeno cavalo suavemente ao longo da superfície dura da estrada.

Ao longo de quarenta metros, encontrou o que procurava. Uma trilha estreita se iniciava para fora da estrada principal. Era usada por muitas pessoas e parecia ter sido estabelecida há algum tempo. Lançou os olhos à frente, mas a trilha serpenteava e se enroscava entre as árvores e não havia sinal de Kord e Jerrel. Mas enquanto estudava o chão, viu uma pegada conhecida. A bota direita de Kord estava profunda adentro — o resultado de uma postura irregular. Lá, na areia que formava a superfície do caminho, Halt podia ver o rasto distinto. Escorregou da sela e guiou Abelard ao longo da trilha. Assim não correria o risco de se encontrar com eles inesperadamente.

Logo, ele começou a sentir o cheiro de madeira queimando, depois o odor rico e característico de uma fazenda. Foi uma mistura de esterco, feno recém-cortado e grandes animais que o avisou que estava se aproximando da fazenda de Daniel. Então ouviu um som que confirmou o fato.

Em algum lugar próximo, uma mulher gritou.



HALT SOLTOU A RÉDEA DE ABELARD E COMEÇOU A CORRER. O CAVALO O seguiria, ele sabia. Outro grito veio por entre as árvores. O primeiro tinha sido um grito de medo e alarme. Mas este tinha raiva misturada. Ele correu rápido, a faca saxônica e aljava batiam em seu quadril e seu ombro quando-seus pés tocaram o chão. Mas era tarde quando ele percebeu que teria sido melhor se estivesse montado Abelard. Mas não tão cedo lhe ocorreu o pensamento de que tinha passado por uma clareira onde havia uma pequena casa de fazenda, a fumaça ondulava perigosamente da chaminé, várias vacas movimentavam-se inquietas no cercado ao lado da casa. Outro grito desafiador, seguido de uma voz de homem com raiva seguido do som inconfundível de um golpe. E um suspiro de dor da mulher.

— Meu marido vai matá-lo por isso.— Ela chorou.

— Seu marido está morto! — Uma voz respondeu zombando. — E você vai se juntar a ele se não fizer como eu disse. Você e seu bebê! Halt ouviu um rápido grito de dor da mulher com essas palavras. Fervendo de raiva, ele bateu na porta com o ombro e entrou na sala escura.

Ele pegou os detalhes rapidamente, uma mulher agachada no canto, perto da lareira da cozinha, os braços estendidos protegendo um berço. Jerrel estava em cima dela, com sua mão levantada para bater nela de novo, congelados ao momento em que as dobradiças de couro arrebentaram e a porta caiu. A esquerda de Halt, Kord vasculhava um baú, arremessando roupas e peças de casa para todas as direções, enquanto procurava por itens de valor. Ele também congelou com a súbita aparição do Arqueiro. Em seguida, um reconhecimento surgiu em seu rosto moreno e barbudo.

— Você! — ele rosnou. — O que está fazendo aqui? Ele não esperou por uma resposta, levantou-se e sacou uma simples espada que ele usava na cintura atravessando-a sala investindo contra Halt.

As ações do Arqueiro eram instintivas. Ele desviou para o lado o golpe selvagem da espada, balançando para direita, e simultaneamente sacou a faca saxônica com a mão esquerda. Quando ele estava posicionando a faca grande

na defesa foi o momento de Kord impulsionar sua lâmina e olhou horrorizado quando a faca de aço temperado deslizou facilmente através dos elos da cadeia de seu colete. Ele engasgou com o sangue que jorrava de sua boca. Seus olhos viraram e seus joelhos cederam.

Halt puxou a faca do corpo em queda e a girou para enfrentar Jerrel que ainda processava a sequência rápida dos eventos. Então seus olhos endureceram e ele desenhou sua própria espada pisando deliberadamente para a frente, e não correndo como Kord havia feito, apresentando a ponta da espada em primeiro lugar e deixando-a balançar para trás e para frente ameaçando o homem menor, que o encarou.

A mulher caiu sobre as pernas ao lado do berço, assistindo com os olhos arregalados de horror como a cena se desenvolvia a sua frente.

Jerrel avançou um passo. Halt segurando sua faca saxônica com a mão direita recuou cautelosamente. Ele estava confiante de que ele poderia lidar com o soldado, apesar da aparente desigualdade em suas armas. Ainda assim, ele estava preparado para deixar Jerrel fazer o primeiro movimento e o atrair para mais perto, onde a faca saxônica seria mais eficaz.

Jerrel contraiu a espada. Halt, fitando seus olhos, não viu perigo e ignorou o movimento. Sua calma enfureceu Jerrel. Halt viu a raiva em seus olhos.

— Você é um homem morto, Arratay — Jerrel disse de dentes cerrados.

Halt sorriu. — Já me disseram isso antes, no entanto, aqui estou eu.

Ele deu um passo para trás, consciente do corpo de Kord ainda no chão de terra batida da casa da fazenda, bem ao lado e atrás dele. Jerrel lançou a espada. Desta vez não era blefe e Halt estava pronto para isso. Ele a golpeou para o lado com a faca, e as duas lâminas se cruzaram por um segundo. A velocidade e a facilidade de sua defesa levantaram uma faísca de dúvida na mente de Jerrel. Ele tinha a maior arma. Ele tinha vantagem. No entanto, esta figura barbuda num manto manchado parecia completamente à vontade. Ele estava pensando sobre isso quando Arratay, era como ele o conhecia, avançou com a faca saxônica pequena e brilhante.

Jerrel saltou para trás, gritando de surpresa, mas conseguiu recuperar a espada desajeitadamente, em tempo. Pela primeira vez, ele percebeu que poderia ser derrotado. Estava prestes a largar sua arma e pedir misericórdia, quando algo inesperado aconteceu. Halt sentiu uma mão de ferro no tornozelo esquerdo, que em seguida puxou a perna derrubando-o no chão da fazenda. Quando ele caiu, ele se virou e viu-se olhando no rosto de Kord. Os olhos estavam cheios de ódio, os lábios contraídos e um rosnado de seu último triunfo.

Com seu último suspiro, Kord havia conseguido se vingar do pequeno homem que havia estragado tudo para eles. Agora seus olhos estavam inexpressivos como se a vida tivesse deixado seu corpo.

Jerrel, que nunca raciocinava muito rápido, viu que seu adversário estava impotente no momento. Com um grito de triunfo, levantou a espada com as duas mãos, a lâmina para baixo, com um passo a frente preparando-se para acabar com o corpo caído no chão. Halt tentou se levantar, mas sabia que era tarde demais. A ponta reluzente começou a descer.

Então surgiu uma figura que bateu em Jerrel, agarrando-o e o jogando para o lado, fazendo a espada girar para fora de seu alcance. Halt se esquivou quando a arma caiu perto dele, então percebeu o que tinha acontecido.

A mulher lançou-se sobre Jerrel, prendendo-se nele como um gato selvagem e arranhou o rosto e os olhos do homem com as unhas.

O ladrão cambaleou com o impacto, enquanto os dois se chocavam contra a mesa da cozinha, fazendo-a girar contra a parede e quebrando-se ao meio contra ao vime trançado com barro.

Incapaz de se livrar da figura agarrada a suas costas, Jerrel se contorcia para que ela ficasse de frente para ele, e aproveitando-se de seu punhal de lâmina pesada golpeou-a desesperadamente para que o soltasse.

Ela gritou de dor e caiu para trás, com as mãos sobre o ferimento no lado esquerdo. Suas vestes de algodão estavam cobertas de sangue quando ela caiu de joelhos.

Então Halt caiu sobre Jerrel, forçando a mão do homem a soltar a faca, enquanto ele sacava a faca de arremesso e a enfiava em seu corpo. Jerrel deu um grunhido de dor. O punhal pesado caiu de sua mão e por um momento Halt segurou seu pulso direito. Então, quando o Arqueiro o soltou, ele caiu de joelhos, olhando para Halt com um olhar de choque por sua vida chegar ao fim. Ele caiu de lado com as mãos desesperadamente tentando conter o sangue da ferida. De pé Halt o analisou, certificando-se de que Jerrel fora realmente derrotado. Sua recente experiência com Kord o deixou mais cuidadoso. Convencido de que Jerrel estava derrotado, ele ajoelhou-se ao lado da mulher ferida.

Seu rosto estava pálido e desalinhado com a dor da ferida.

Halt olhou a quantidade de sangue que ela tinha perdido e já sabia que não tinha nenhuma chance de sobreviver. Ela olhou para o estranho que tentou salvá-la, que ela tinha protegido com seu ataque desesperado sobre Jerrel. Viu tristeza nos olhos escuros olhando para ela e sabia a verdade. Ela estava morrendo. No entanto havia algo que ela tinha que saber.

— Meu... marido... — ela suspirou. — Está realmente morto?

Halt hesitou. Ele quase mentiu para ela, para confortá-la. Mas ele sabia que não conseguiria fazê-lo. Ele balançou a cabeça. — Sim — ele disse — Você vai em breve estar com ele — Ele viu o olhar de angústia em seus olhos voltados para o berço no canto da sala.

— O nosso filho... — ela disse e tossiu sangue enquanto falava. Então fez um esforço enorme e se recuperou. — Não o deixe com os moradores... ele não terá uma vida com eles... nós somos estranhos aqui... eles vão o fazer trabalhar como escravo...

Halt assentiu. Daniel e sua esposa eram recém-chegados à área. Eles não tinham amigos na aldeia para cuidar do filho recém-nascido. Um órfão seria um fardo para a maioria dos aldeões. Seria tratado como um escravo.

— Eu vou cuidar dele — ele disse delicadamente e a mulher estendeu a mão e agarrou a sua mão em um aperto surpreendentemente forte.

— Prometa-me. — Ela disse e ele colocou a outra mão sobre a dela.

— Eu prometo. Ela estudou seus olhos por alguns segundos e pareceu encontrar tranquilidade lá. Sua mão caiu no chão encharcado de sangue.

Ela falou novamente, mas sua voz era tão suave, que ele não ouvia as palavras. Ele se inclinou, aproximando o ouvido de sua boca. — Diga novamente — ele disse e dessa vez conseguiu decifrar as palavras sussurradas.

— O nome dele é Will.

— É um bom nome. — Ele disse, mas ela não ouviu.

Já estava morta.



ELE ENTERROU A MULHER NUMA PEQUENA CLAREIRA ATRÁS DO ESTÁBULO, marcando o túmulo com uma pedra. Não sabia o nome dela nem o sobrenome. Então inscreveu na pedra uma simples legenda:

UMA MÃE VALENTE.

Kord e Jerrel não mereciam tal tratamento. Eles destruíram uma família feliz, então ele arrastou seus corpos para a floresta, deixando-os para raposas e corvos.

O bebê dormiu em silêncio no seu berço enquanto Halt cuidava deles. Enquanto Halt se sentava bebendo um copo de café na casa desarrumada, o bebê acordou e murmurou baixinho. Halt percebeu com aprovação que ele não tinha chorado.

— Espero que esteja com fome — disse. Tinha um copo quente de leite de vaca e um tecido de linho limpo pronto. Ele torceu a ponta do tecido numa forma estreita e mergulhou-o no leite, depois colocou na boca do bebê. Os lábios se fecharam em volta do tecido torcido e o bebê sugou o leite dele. Halt mergulhou-o no copo novamente e repetiu o processo. Esse sistema consumia tempo, mas parecia funcionar. O bebê o observava enquanto se alimentava, grande olhos castanhos sérios fitando-o por cima do tecido molhado de leite.

— A questão é —, disse Halt — o que eu vou fazer com você? A fazenda, ele sabia, voltaria ao barão do feudo, que apontaria outra família para ficar com ele. Então não havia nada para o bebê herdar. Ele não podia deixá-lo ali — como a mãe tão desesperadamente apontara. E ele não podia criar a criança. Simplesmente não estava equipado para cuidar de um bebê, nem estava em posição de fazê-lo. Seu trabalho como arqueiro iria mantê-lo ausente de casa por longos períodos e o bebê seria deixado sozinho e sem cuidados.

Mas uma ideia estava se formando. O barão Arald criara uma ala no Castelo Redmont onde os órfãos de homens e mulheres que morreram a seu serviço eram cuidados. Era um lugar feliz e animado, cheio de pessoas

afetuosas e gentis, e soubera de novas crianças recém-chegadas. Uma garotinha chamada Alyss e outro garoto — Horace era o nome dele.

Will encontraria afeto e companhia ali. E conforme cresceria, lhe seria dada a escolha de diferentes vocações para seguir. No geral, parecia uma solução ideal.

— O problema é — Halt disse para o garoto observador —, não podemos deixar ninguém saber que eu levei você para lá. As pessoas têm suspeitas quando se trata dos Arqueiros. Se acharem que você está associado a mim, ficarão desconfiados de você.

Arqueiros tinham uma aura de mistério e incerteza. E isso poderia ser descontado na criança. As pessoas geralmente temiam coisas que não conseguiam entender, e ele não queria esse medo sendo transferido para o jovem Will. Melhor se seu passado permanecesse um mistério.

— E é. — meditou Halt. — Eu nem sei seu sobrenome.

Considerou isso. Poderia perguntar no vilarejo. Mas, como descobriu, a família era nova na área e as pessoas não poderiam saber seus nomes. Em acréscimo, ele teria que revelar seus planos para o bebê, e não sabia se o que ele estava planejando era exatamente legal. Will era a criança de dois súditos do barão local e Halt tecnicamente não tinha o direito de levá-lo para outro feudo.

Mesmo assim, na sua vida, Halt tinha o costume de ignorar o que era tecnicamente legal. Tecnicalidades não lhe agradavam. Na maioria das vezes, simplesmente ia no caminho da coisa certa. Mergulhou o tecido no resto do leite e segurou na boca do bebê. Will sugou ansiosamente, os olhos ainda fixados no arqueiro.

— Sim, a Ala é o melhor lugar para você — Halt lhe disse. — E é melhor se você estiver no anonimato. Falarei com Arald, é claro, em sigilo. Mas ninguém mais saberá. Só nós dois. O que você me diz?

Para a sua surpresa, o bebê soltou um alto arrote, depois sorriu para ele. O fantasma de um sorriso tocou o rosto barbudo de Halt em resposta.

— Vou aceitar isso como um sim — falou.

Quatro dias depois, logo antes que os primeiros feixes de luz anunciassem o amanhecer, uma figura escura carregando uma cesta atravessou em silêncio o pátio do Castelo Redmont até o prédio em que se situava a Ala.

Colocando a cesta nos degraus da porta da Ala, Halt tirou o cobertor do rosto do bebê. Ele colocou a nota que escrevera na cesta, aos pés do bebê.

A mãe dele morreu no parto. O pai morreu como herói. Por favor, cuidem dele. Seu nome é Will.

Uma mãozinha emergiu do cobertor e agarrou seu dedo indicador.

— Eu juraria que você estava sacudindo a minha mão em adeus — sussurrou Halt. Então, gentilmente soltando-se, passou o dedo na testa do bebê.

— Você ficará bem aqui, jovem Will. Com os parentes que teve, suspeito que crescerá e se tornará uma boa pessoa.

Olhou em volta, não viu sinal de ninguém observando, daí estendeu a mão e bateu rapidamente na porta da Ala antes de desaparecer nas sombras do pátio.

O pessoal da Alá já estava na porta e ele ouviu-a se abrir alguns minutos depois, em seguida o grito de surpresa.

— Ora, é um bebê! Senhora Aggie, venha rápido! Alguém deixou um bebê na porta! Envolto em sua capa, escondido nas sombras do alto muro, Halt observou várias mulheres apressarem-se para fora, gritando em surpresa ao verem o bebê. Em seguida elas o levaram para dentro, fechando-a porta atrás delas. Sentiu uma sensação incomum de ardência nos olhos e uma estranha percepção de perda.

— Adeus por enquanto, Will — sussurrou. — Ficarei de olho em você.

Halt sentiu a mesma sensação de ardência quando terminou a história. Virou-se levemente para que Will não pudesse ver as lágrimas que se formavam em seus olhos.

— Mas, Halt, por que você não me contou em todos esses anos? Por que disse que minha mãe morreu no parto?

— Achei que seria mais fácil para você — disse Halt. — Achei que se soubesse que sua mãe foi assassinada, isso te deixaria amargurado. E, como disse, achei que seria mais fácil para você se ninguém soubesse do meu envolvimento. Se eu dissesse que sua mãe foi assassinada, as pessoas começariam a fazer perguntas. Eu não queria isso. Eu queria que você fosse aceito.

Will assentiu pensativo. — Acho que sim.

O arqueiro mais velho se mexeu com incômodo.

— Tinha mais uma coisa...

Will abriu a boca, depois a fechou. Sentiu que seria melhor deixar Halt falar no seu próprio tempo.

No fim, seu mentor disse, numa voz baixa que Will mal podia ouvir, — Eu tinha medo de que você me odiasse.

Will ficou espantado com as palavras. — Odiar você? Como eu poderia

odiar você? Por que eu odiaria você?

Agora Halt virou-se para encará-lo, e Will pôde ver a angústia em seus olhos.

— Porque eu fui responsável pela morte dos seus pais! — As palavras saíram violentamente, como se tivessem sido arrancadas dele. — Daniel morreu salvando minha vida em batalha. Então sua mãe veio em minha ajuda quando eu estava lutando com Jerrel. Se ela não o tivesse feito, ainda estaria viva.

— E você estaria morto — ressaltou Will. Mas Halt sacudiu a cabeça.

— Talvez sim. Talvez não. Mas o fato permanece, foi culpa minha que sua família foi destruída e até hoje eu não fui capaz de te contar. Achei que você iria me culpar.

— Halt, não foi culpa sua. Quem poderia te culpar? Você estava mantendo uma promessa que fez ao meu pai. Culpe Morgarath. Culpe os Wargals. Ou culpe Kord e Jerrel. A culpa é deles. Não sua.

Observando Halt, Will agora via os ombros dele relaxavam em alívio.

— É o que Pauline disse que você diria — sussurrou Halt e Will colocou um braço ao redor dele. Parecia estranho reconfortar o homem que o confortara durante todos esses anos.

— Halt, você não destruiu minha família. Isso foi o destino. Você me deu uma segunda chance de ter uma família. Você me deu uma vida nova. Como eu poderia te odiar por isso? Além disso — acrescentou — dá para me imaginar como um fazendeiro? Sentiu os ombros de Halt começarem a tremer, e por um momento ele teve medo que o homem mais velho estivesse chorando. Depois percebeu com alívio que ele estava rindo.

— Não — o mentor disse — eu certamente não consigo vê-lo como um fazendeiro. Fazendeiros são pessoas disciplinadas.

Os dois riram com o pensamento de Will arando e plantando. Então, depois de um tempo, o jovem arqueiro ficou sério.

— Eu quero ver o túmulo da minha mãe — disse e Halt assentiu.

— Eu te levo lá.

E depois eles não disseram nada mais, mas se sentaram juntos em silenciosa companhia enquanto as sombras aumentavam e o sol finalmente se punha.

O TINTEIRO E A ADAGA



Nota do autor: Recebi muitos emails de fãs ao longo dos anos, perguntando o que aconteceu com Gilan quando Halt e Horace foram para Gálica resgatar Will na terra de gelo.

Aqui está a resposta.



Fendo Araluen

A estrada da costa

Logo após a batalha do desfiladeiro dos Três Passos

GILAN SENTOU EM SEU CAVALO E VIU COMO HALT SE AFASTAVA, SUA figura cinza camuflada gradualmente se tornando cada vez menor e se fundindo à chuva fina que vinha caindo por toda a manhã.

O jovem Arqueiro sentiu lágrimas formigando por trás de seus olhos. Ele balançou a cabeça, impaciente para se livrar delas. Halt tinha sido sempre uma figura sombria e seus sorrisos eram poucos e distantes entre si. Mas hoje, não era algo intrinsecamente triste com a sua maneira. Naturalmente, Gilan percebeu, Halt tinha, apenas recentemente, insultado e discutido com o rei Duncan, um homem para quem ele sempre mostrou o maior respeito e admiração.

E, como resultado direto dessa insubordinação, ele havia sido banido do reino por um período de doze meses. Acima disso, ele havia sido despojado de sua posição no Corpo dos Arqueiros.

Esses dois fatos seriam suficientes para conduzir uma lâmina afiada de tristeza profunda na alma de Halt. Mas Gilan sentiu que a causa real era outra coisa — algo dentro do próprio Halt.

— Ele está se culpando — disse a Blaze.

A égua baia levantou os ouvidos ao som da voz de seu mestre. *Ele não deveria ter enviado Will para Celtica.*

— Ele achava que estava fazendo a coisa certa, mantendo Will fora de perigo. Além disso, se alguém é culpado por essa bagunça, sou eu. Eu nunca deveria ter deixado Will e Evanlyn sozinhos em Celtica.

Não houve resposta de Blaze e Gilan perguntou-se se ela poderia estar concordando que a captura de Will e Evanlyn pelos escandinavos e seu sequestro subsequente num navio realmente fora culpa dele. Ele olhou para seu cavalo, incomodado, então decidiu que Blaze não era do tipo de culpar alguém.

Ela provavelmente só não tinha mais nada a acrescentar ao debate.

A capa cinza e verde de Halt misturava-se à névoa agora, de modo que ele estava se tornando mais e mais difícil de ver. Em seguida, chegou a uma curva da estrada e desapareceu de vista. Gilan continuou olhando para a estrada vazia por mais alguns minutos, soltou um suspiro e virou a cabeça de Blaze na direção do Castelo Araluen.

Quinze minutos depois, ele encontrou-se com Crowley. O Comandante dos Arqueiros estava diminuindo o ritmo de seu cavalo para permitir que o homem mais jovem chegasse a ele. Trocaram olhares desanimados, Crowley encolheu os ombros.

— Nada a dizer, realmente, não é? Gilan assentiu. Sentiam a ausência do Arqueiro de barba grisalha.

A perda de Will e da Princesa foi duplamente triste para eles. Os Arqueiros eram um grupo muito unido, mas Crowley era o mais velho amigo de Halt e Gilan tinha sido o primeiro aprendiz de Halt. Eles sentiram a sua perda mais profundamente do que outros poderiam.

Os dois cavalgaram vários minutos, os cavalos espelhando os passos um do outro. Finalmente, Gilan disse: — Ele quer que eu rastreie Foldar.

Crowley concordou. — Pensei que ele poderia pedir isso. Eu tenho os arquivos dele no castelo. Ele fez com que eu os recebesse antes de ir pelas tavernas insultar o Rei.

— Ele bem organizado para alguém que fez um gesto impulsivo. Você quase poderia jurar que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Crowley olhou de soslaio para o Arqueiro, alto e jovem andando ao lado dele.

— Oh, ele sabia o que estava fazendo, é claro. Halt sempre sabe o que está fazendo.

De volta ao castelo, Gilan passou a usar roupas secas. Ele estava hospedado em acomodações de hóspedes no Castelo Araluen e ele teve um pequeno, embora confortável, quarto na torre leste. O escritório de Crowley e também quartel general estava na torre sul e para acessá-los, Gilan tinha que voltar para o nível do terceiro andar do castelo e atravessar para a escada da torre sul.

Ele sorriu enquanto caminhava até as escadas em espiral. Como todos os castelos, as escadas do Castelo Araluen espiralavam para cima e para a direita, de modo que um espadachim destro tentando lutar através de seu caminho até as escadas teria de expor seu corpo inteiro para os defensores acima, enquanto os defensores mostrariam somente uma pequena parte de si em torno da coluna

central da escadaria enquanto recuavam para cima. Esta tinha sido a razão pela qual MacNeil, o espadachim que instruiu Gilan desde tenra idade, tinha se esforçado para fazer o seu jovem estudante praticar a sua espada com ambas as mãos. Gilan era muito bom com a mão esquerda. Com a mão direita, ele era um especialista.

O escritório de Crowley era três andares acima. Gilan bateu à porta, então entrou em resposta ao chamado de Crowley. O escritório é espaçoso e arejado, como a maioria dos quartos no Castelo Araluen. Uma grande janela com vista para as extensas pastagens que varriam em declive gradual do castelo. À distância, Gilan podia ver uma pequena vila e um quadro ordenado de fazendas.

Crowley usava as roupas que estavam secas também e sentava-se confortavelmente em uma poltrona grande de carvalho perto da janela, lendo um relatório. A chuva ainda causava neblina lá fora, mas o vento a estava soprando para longe do castelo. Como a maioria dos Arqueiros, Crowley gostava de ar fresco e luz, de modo que ele se absteve de fechar as persianas de madeira. Para combater o frio da noite que se aproxima, no entanto, uma fogueira queimava alegremente na lareira em frente à janela.

— Sente-se — disse Crowley e apontou para outra poltrona de carvalho, não tão grande como a sua. Gilan sentou-se e Crowley olhou para cima a partir do documento na mão, indicando uma pilha de rolos de pergaminho, cada um amarrado com uma corda preta lisa, sobre a mesa baixa entre eles.

— Os relatórios de Halt sobre os negócios de Foldar — disse ele. — De uma olhada neles. — Ele estendeu a mão e pegou uma caneta de pena de um tinteiro sobre a mesa, fez uma anotação no papel que estava lendo, em seguida, continuou a examinar o documento.

Havia uma dúzia de rolos na pilha. Cada um foi rotulado com o nome do feudo a partir do qual se originou o relatório. Três foram também marcados com a palavra ENCERRADO.

Gilan selecionado um destes e desenrolou-o, olhando o conteúdo.

Como ele suspeitava, o rótulo ENCERRADO significava que estes eram casos que Halt tinha investigado e considerado pistas falsas.

Foldar era conhecido como um assassino de sangue frio e totalmente impiedoso.

Confrontado por um homem que dizia ser Foldar, as pessoas eram mais propensas a entregarem seu dinheiro sem mais resistência. Devido a isso, uma série de imitadores de Foldar surgiu, utilizando a notoriedade do homem para ajudá-los a acovardar suas vítimas e subjugar-las.

O relatório que estava lendo detalhou um desses casos. Um ladrão

comum, líder de um pequeno grupo de bandidos, tinha assumido a identidade de Foldar e tentou roubar um rico comerciante e sua esposa, que viajavam por estrada florestal. Halt tinha intervindo, tendo descoberto o plano, e o falso Foldar agora repousava na cadeia.

Era esta proliferação de falsos Foldar que levava Halt à frustração. Cada caso tinha que ser investigado, cada criminoso perseguido e preso. A tarefa podia levar um ano ou mais.

A menos...

Gilan bateu nos dentes com a unha distraidamente enquanto olhava rapidamente outro estudo de caso. Uma ideia estava se formando em sua mente. Ele olhou para Crowley, que ainda estava absorto no relatório que lia.

— Você se importa se eu levar isso comigo?

O comandante olhou para cima. Por um momento, sua atenção estava a quilômetros de distância. Então, ele acenou com a cabeça a compreensão do pedido.

— Fique à vontade. — disse ele. — Quanto menos papéis eu tiver aqui, melhor.

Ele apontou para uma mesa no canto, pilhas altas de rolos de pergaminho, folhas de papel e envelopes de linho contendo relatórios, pedidos e outros formulários oficiais de todo o reino. Era um monte de papelada, Gilan percebeu. Ele sorriu com simpatia.

— Vou tirar estes de suas mãos, então — ele disse. Reunindo os rolos de pergaminho, ele se levantou e foi para a porta.



— EU LI TODOS OS ARQUIVOS NA NOITE PASSADA — GILAN DISSE a Crowley na manhã seguinte. O comandante deu-lhe um sorriso amarelo.

— Todos eles? Gostaria de poder dizer o mesmo. Burocracia é a maldição da minha vida.

— Esse é o preço da sua alta posição, Crowley — Gilan disse com um sorriso. — É por isso que você é bem remunerado.

Crowley olhou para o rosto alegre ao lado dele. — Você sabe, há algumas pessoas que pensam que é um bom passo na carreira mostrar simpatia pelos problemas de seu comandante. — ele disse. Então, suspirou. — Mas muito poucas delas foram treinadas por Halt.

Gilan pensou nisso por um segundo ou dois. — É verdade — disse ele.

Eles passeavam por uma paisagem verde, ao sul do Castelo de Auralen. Crowley muitas vezes realizava debates com seus Arqueiros ao ar livre. Ele afirmou que era uma boa medida de segurança. Dentro de um castelo, nunca se sabia quem poderia estar ouvindo do outro lado de uma parede ou fora de uma porta. Aqui, ninguém poderia estar ao alcance da voz sem ser visto.

Gilan suspeitava que igualmente importante era o amor de Crowley por espaços abertos e ar fresco. O comandante era constantemente ouvido resmungando sobre ficar “confinado entre quatro paredes o dia todo”.

— Então, você descobriu algo importante? — Crowley perguntou, depois de uma breve pausa.

— É possível — respondeu Gilan. — Há nove casos ainda pendentes. Destes, sete são questões relativamente pequenas, um assalto aqui, um roubo lá. Às vezes, os ladrões pararam viajantes sozinhos na estrada e os roubaram. Em outras ocasiões, invadiram pequenas tabernas ou assentamentos isolados. Em todos esses casos, as quantias de dinheiro são relativamente pequenas. A maior era de quinze ouros reais. Não posso imaginar Foldar ajustando seus padrões para algo tão baixo.

— Quinze ouros reais é muito para uma pequena taverna — Crowley interpôs.

Gilan assentiu impaciente. — Eu não estou dizendo que é insignificante para as vítimas. Mas para Foldar? São participações muito pequenas. Quero dizer, ele estava ajudando Morgarath a conquistar o trono. Para um homem como esse, quinze ouros reais são quase imperceptíveis.

— E os outros dois feudos? — Crowley perguntou. Ele pensou que Gilan tinha um bom ponto. Foldar nunca tinha sido um ladrão. Havia pouco que sugerisse que ele poderia ter se tornado um. Ele pensava em termos muito maiores.

— Um era uma quantidade muito grande. Um comerciante foi assaltado e os ladrões fugiram com uma grande quantidade de moedas de ouro e prata.

— Isso é mais promissor — disse Crowley. Mas Gilan fez um gesto negativo com a mão.

— O tamanho do crime é mais de acordo com o que sabemos de Foldar. Mas o método não se encaixa no dele. Foi feito à noite, sem que o comerciante ou o sua família ouvissem algo. Eles não sabiam que tinham sido roubados até a manhã seguinte. O ladrão ainda trancou as portas atrás de si quando saiu.

— Entendo aonde você quer chegar. Se Foldar tivesse invadido, o provável é que ele tivesse matado todos enquanto dormiam, só por diversão.

— Exatamente o que pensei. — disse Gilan.

— O que nos deixa o outro caso. — Crowley o incitou.

O jovem Arqueiro assentiu. — Como você disse, um outro caso. Foi um ataque a uma caravana de pagamento bem protegida em Highcliff Fief carregando prata e ouro para pagar as guarnições em castelos distantes. Highcliff, aliás, atualmente está sem seu Arqueiro. Foi ferido na guerra e não está pronto para retomar a suas funções.

— O que pode torná-lo uma base atraente de operações para Foldar — Crowley disse, pensativo.

— Isso me ocorreu também. A caravana foi atacada por quinze a vinte homens, todos bem armados e treinados. Metade dos guardas foi morta. Os outros fugiram para a floresta. Os condutores não tiveram tanta sorte.

— Isto tem a marca de Foldar estampada. — disse Crowley.

— Isso é o que eu pensei. Além da organização do ataque e a brutalidade envolvida, há uma boa chance de que um informante no Castelo Highcliff desse informações sobre a carruagem com o pagamento. Era para ser um segredo.

— Exatamente o tipo de coisa com que Foldar se envolveria. — disse Crowley. — Então, qual é o seu próximo passo?

— Eu pensei em ir a Highcliff e ver se consigo pensar em alguma armadilha para prender Foldar e seu informante. Vou precisar vasculhar em

torno do lugar um pouco antes de arquitetar qualquer plano definitivo.

Crowley concordou. — Parece uma boa ideia para mim. Muito bem, Gilan. — Então ele franziu a testa. — Estou surpreso que Halt não chegasse à mesma conclusão. Ele é geralmente muito rápido em absorver essas coisas.

— Eu pensei a mesma coisa. Mas lembre-se, Halt estava distraído, preocupado com Will. E ele tendia a se concentrar primeiramente nos casos mais próximos de Araluen.

— O que lhe deu muitas oportunidades para colocar o caso para mim e Duncan — disse Crowley. — Se ele estivesse no oeste em Highcliff, não me incomodaria a cada dois dias para deixá-lo ir.

— Não tenho razão alguma para não ir ao Feudo Highcliff e deixá-lo com sua papelada — disse Gilan.

A boca de Crowley se contraiu nos cantos numa expressão de desgosto. — Ah sim, a papelada. Você não consideraria uma troca de lugares? Você fica e preenche os formulários e requisições. Eu vou correndo atrás de Foldar.

Gilan levantou uma sobrancelha para ele. — Você está certo. Eu não considerarei isso.

— Eu poderia pedir que você fizesse isso, eu acho — disse Crowley melancolicamente e Gilan pensou que ele estava apenas metade brincando.

— Você poderia. E eu provavelmente insultaria o rei em público e seria expulso — respondeu ele.

Crowley sacudiu a cabeça. — Às vezes me pergunto se foi uma boa ideia deixar Halt formar aprendizes. Ele parece não lhes ensinar o respeito pela autoridade.

— Oh, ele nos ensina a respeitar autoridade — Gilan disse inocentemente. — Ele só nos ensinou a ignorá-lo quando necessário. Eu vou esta tarde — acrescentou, e Crowley concordou.

— Quanto mais cedo você partir, mais cedo você vai estar de volta — disse ele. Era o jeito dos Arqueiros, no final das contas. Não fazia sentido deixar a grama crescer sob seus pés se havia trabalho a ser feito.

— Além disso, eu devo ir antes que você decida me mandar ficar.



O CASTELO HIGHCLIFF TEVE SEU NOME DEVIDAMENTE ESCOLHIDO, GILAN PENSOU. Ele interrompeu o galope de Blaze e desceu da sela, estudando o Castelo.

Não havia nada de notável sobre o próprio edifício. Era uma estrutura de granito sólido, com as habituais quatro torres de canto, acompanhadas por muros com ameias. Uma única e alta torre ficava no centro do espaço fechado. Esta seria a torre de abastecimento, pensou, onde os cômodos de comer, dormir e as salas administrativas estariam localizadas. Mas o local em que o castelo tinha sido construído que lhe dera o nome. O litoral nesta parte de Araluen foi formado por altas falésias de um branco giz. O castelo foi construído em um afloramento alto, numa península ligada à costa por um pescoço estreito e sinuoso de terra mal tendo vinte metros de largura. Em ambos os lados do caminho, penhascos íngremes desciam para onde o mar batia constantemente contra as rochas, mandando altas colunas de borrifos d'água para o céu e criando um som rítmico crescente. Pilhas de rochas esbranquiçadas tombadas na base das falésias mostrava onde o caminho estava sendo constantemente minado e corroído pelo ataque incessante das ondas. Com o tempo, ele pensou, o caminho desapareceria completamente, transformando Highcliff numa ilha.

Enquanto observava, ele viu homens patrulhando as muralhas do castelo. Em uma das torres situadas no interior, ele poderia ver uma pequena figura apoiando os cotovelos no parapeito. Enquanto Gilan assistia, outra figura juntou-se à primeira, com o braço estendido, apontando para o local onde Gilan e Blaze estavam imóveis. O primeiro guarda endireitou-se de sua posição relaxada e virou-se, sem dúvida, alertando alguém abaixo.

— Eles nos viram — disse Gilan a Blaze.

Estamos um pouco óbvios, nosso contorno contra o horizonte se destaca.

— Eu não estava tentando deslocar-me despercebido. — disse Gilan e Blaze fungou desdenhosamente. Ela tinha o hábito de fazer isso, Gilan pensava. Sabendo que ele nunca conseguiria ter a última palavra com sua égua, ele a impeliu à frente e a fez ir cuidadosamente pelo caminho rochoso para o início

da trilha que conduzia ao castelo.

No posto de sentinela, dois soldados com aparência entediada.

Gilan se identificou, embora o manto de Arqueiro e o arco longo maciço deixassem pouca dúvida quanto a quem ou o que ele era e guarda sênior acenou para ele.

— Apenas um momento, por favor, Arqueiro — disse ele. Sua voz era respeitosa, ao mesmo tempo desconfiada. A reputação do Corpo de Arqueiros era a razão para a dupla reação. O soldado cutucou o companheiro com um cotovelo. — Erga a bandeira amarela, Nobby — disse ele. Sem dizer uma palavra, o segundo homem caminhou a um mastro nas proximidades, onde Gilan viu duas bandeiras ligadas às adriças, prontas para serem içadas. Uma era amarela, outra vermelha. Nobby selecionou a amarela e içou o quadrado de tecido colorido ao topo do mastro. A bandeira vibrou com a forte brisa do oceano, destacando-se a partir do mastro. Depois de alguns segundos, uma bandeira em resposta apareceu na porta do castelo.

Presumivelmente, pensou Gilan, se ele tivesse sido identificado como um inimigo, os soldados teriam sinalizado com a bandeira vermelha. Se ele tivesse sido um inimigo, é claro, ele não poderia ter dado a eles essa chance, embora ele supostamente nenhum sinal seria levado para o mesmo significado de uma bandeira vermelha. Era, provavelmente, uma forma de melhorar a moral das sentinelas para acreditar que eles tinham uma chance de sinalizar se um inimigo estivesse chegando -ao posto de guarda.

— Pode atravessar Arqueiro — disse o soldado. Gilan fez um gesto em reconhecimento e estimulou Blaze para frente.

Ele deixou as rédeas soltas, permitindo que o cavalo escolhesse seu próprio caminho. A trilha não era particularmente estreita para um único cavaleiro, mas ele estava consciente da íngreme queda de cada lado para o mar abaixo. Ao se aproximar da porta do castelo e a ponte levadiça, a pista estreitou-se consideravelmente, de modo que não teria espaço para não mais do que quatro homens lado a lado se aproximar da entrada do castelo.

Ele tocou levemente as rédeas quando chegaram à ponte levadiça e Blaze parou de avançar, enquanto um sargento aproximou-se. Seu olhar aguçado percebeu a capa e o arco longo de Gilan, que o carregava atravessada em sua sela. Ele também notou a espada longa pendurado no lado esquerdo do Arqueiro e franziu a testa. Espadas normalmente não fazia parte do armamento de um Arqueiro. Gilan assentiu com aprovação. Os dois guardas exteriores não tinha percebido a arma ou, se tivessem, eles não haviam dado significado a isso.

Ele mostrou a folha de carvalho prata que estava pendurado em uma

corrente ao redor de seu pescoço e se inclinou para frente para que o sargento pudesse ver claramente.

— Arqueiro Gilan, temporariamente destacado para deveres especiais — disse ele.

O sargento estudou o amuleto, olhou mais uma vez para a espada, então chegou a uma decisão. Ele sinalizou para que o único obstáculo, a baliza atravessada no portão, fosse erguida e em seguida, deu um passo para um lado.

— Passe, Arqueiro Gilan — disse ele. — O gabinete do senescal é sempre em frente, no andar térreo da fortaleza.

Gilan assentiu e compeliu Blaze para frente através das sombras da porta maciça de entrada. Seus cascos ecoaram alto quando eles passaram sobre os pisos do pátio do castelo. No momento em que Gilan desmontava, uma mão estável materializou ao lado dele.

— Posso cuidar de seu cavalo, Arqueiro — questionou.

Gilan considerou por um segundo ou dois. Era sua prática normal cuidar de Blaze ele mesmo. — Isso é atencioso de sua parte. — ele disse. — Percorremos um longo caminho, por isso, dê-lhe uma boa escovada e uma generosa medida de grãos.

A mão estável assentiu e pegou a arreio de Blaze. Enquanto Gilan entregou, ele disse para a égua baía — Vá junto, Blaze.

Assim instruído, o cavalo voltou e seguiu com os cascos ressoando no assoalho atrás da mão estável, para o edifício de madeira junto à parede norte, que abrigava os estábulos.

Gilan sorriu baixinho para si mesmo. Se ele não tivesse dito aquelas três palavras simples, ela teria ficado tão imóvel quanto à parede norte em si.

Ele entrou no manter. O andar térreo era um grande espaço aberto. No centro havia uma grande escada de madeira que leva para o próximo nível. No caso de um ataque, as escadas podem ser queimadas ou esmagadas uma vez que os habitantes tivessem fugido para o andar superior, deixando-os atacantes sem nenhuma forma de acessá-los.

De lá, o acesso a pisos superiores seria pelas mesmas escadas à direita em espiral que ele havia comentado em Araluen. No lado esquerdo, uma grande área foi fechada por uma parede de madeira. Ele supunha que era a guarita, onde as sentinelas poderiam relaxar ou dormir enquanto não estavam de plantão. No lado da mão direita, outra parede separava uma área ligeiramente menor. Este seria o escritório do senescal ou administrador do castelo. Como um Arqueiro, Gilan poderia simplesmente ir para os níveis mais elevados, onde ele iria encontrar quartos do Barão. Mas eram boas maneiras abordar primeiro o

senescal e ele não viu razão para irritar qualquer um apenas para provar sua própria importância.

Um homem um pouco acima do peso sentado em uma mesa do lado de fora de uma larga porta em bronze que dava para o escritório. As mangas de seu colete estavam revestidas em pano preto para proteger de manchas de tinta e ele estava copiando uma lista de números de uma folha de pergaminho em um livro de grande porte. Ele olhou para cima ao som das botas de Gilan sobre o piso.

— Posso ajudar? — Disse ele educadamente.

Gilan jogou o manto sobre os ombros para trás e ofereceu a folha de carvalho de prata mais uma vez.

— Meu nome é Gilan. Eu sou um Arqueiro do Rei — disse ele. — Eu gostaria de ver o senescal, por favor.

— É claro. Por favor, aguarde um momento. — O funcionário colocou sua caneta de pena para baixo e levantou-se, correndo para a porta que dava para o escritório interno. Ele desapareceu dentro dela e menos de um minuto depois surgiu mais uma vez, acenando para Gilan.

— Por favor, entre. O Senescal Philip está ao seu serviço. Posso arranjar-lhe alguma bebida?

Gilan hesitou. Tinha sido uma longa viagem e a brisa do mar ao longo dos últimos dez quilômetros havia sido fria. — Café, se você tiver. — disse ele.

O funcionário se curvou e apontou-lhe pela porta.

— Eu vou trazê-lo imediatamente — disse ele enquanto Gilan entrou no escritório.

O senescal era um homem idoso. Seu longo cabelo era completamente cinza e seu rosto estava alinhado. Embora, pensou Gilan, poderia ser o resultado dos rigores de seu escritório, em vez de idade. Ele estava levantando por trás de sua mesa enquanto o Arqueiro entrava, sua mão estendida em saudação.

— Bem-vindo a Highcliff, Arqueiro Gilan — disse ele. — É uma honra ter convidado tão ilustre.

As palavras poderiam ter sido pomposas, mas Philip parecia genuíno. No entanto, algo nele incomodou Gilan. Ele parecia à vontade na presença de Gilan. Ele conduziu Gilan a uma cadeira em frente de sua grande mesa.

— Por favor, sente-se, Arqueiro. Lamento dizer que você apanhou-nos desprevenidos. O Barão Douglas está fora caçando. Ele não vai voltar por várias horas. Mas se eu puder ajudá-lo de alguma forma?

Gilan dispensou o pedido de desculpas. — Eu não estou com pressa —

disse ao homem. — Ficarei feliz em esperar o retorno do Barão. Enquanto isso, você pode me fornecer algumas informações.

No que disse essas palavras, Gilan viu um começo de culpa no olhar do homem, apressadamente coberto. Seus olhos se estreitaram um pouco. Philip estava definitivamente nervoso sobre algo. E Gilan já tinha suspeitas de que havia um informante no castelo, alguém de escalão alto o suficiente para ter conhecimento sobre o comboio de pagamento recente e sua rota.

— Informações? — Disse Philip. Até agora ele tinha suas reações sob controle, sua voz era firme e suas maneiras, evasivas. — Que seriam sobre?

Houve uma batida na porta e o funcionário entrou, carregando uma bandeja com uma xícara de café. Gilan decidiu não responder imediatamente. Ele queria dar tempo ao homem ponderar sobre quais informações ele poderia estar procurando. Aceitou a xícara, acrescentou o açúcar e tomou um gole profundo e agradecido. Acenou ao funcionário, que se retirou da sala. Quando a porta se fechou atrás dele, Gilan voltou a Philip.

— Estou tentando rastrear um homem chamado Foldar — disse Gilan. — Você pode ter ouvido falar dele.

Agora o rosto de Philip escureceu, a raiva substituindo o nervosismo anterior. — Foldar? — disse. — Eu nunca encontrei um homem tão mau. Em minha opinião ele era pior que o próprio Morgarath.

Gilan olhou rapidamente. — Você o conheceu?

Philip assentiu várias vezes antes de responder. Quando ele voltou a falar, sua mente estava, obviamente, muito longe. — Ah, sim. Eu o conhecia — disse. — Conhecia os dois, na verdade. Maus, eles eram. Eu suponho que seja o que o atraiu Foldar para Morgarath. Como se costuma dizer, mesmos gostos se atraem.

— Como você os conheceu? — Gilan perguntou, fascinado. Ele não tinha encontrado muitas pessoas que realmente conheceram Morgarath, mesmo com a sombra do ex-barão pairando sobre Araluen por tantos anos.

Os olhos de Philip levantaram para encontrar os dele.

— No castelo de Gorlan — disse ele. — Eu comecei a minha formação em serviço como aprendiz de mordomo lá. É claro, eu não iria realmente dizer que eu os conhecia, não no sentido de compartilhar o tempo com eles ou conhecê-los. Mas eu os via muito no castelo. E isso foi o suficiente para mim. Eu mal podia esperar para deixar o local.

— Quando foi isso? — Gilan perguntou. Ele estava fingindo interesse apenas para ser educado, mas seus sentidos estavam formigando. Apesar da afirmação de Philip de que ele não suportava a presença do ex-tenente de

Morgarath, ele admitiu que conheceu Foldar no passado. Talvez o suficiente para garantir os serviços atuais de Philip para o fora da lei.

— Três ou quatro anos antes da revolta Morgarath — Philip disse a ele. — Eu podia ver que algo ruim estava por vir e eu não queria fazer parte daquilo. Então eu saí. Custou-me um ano de servidão e três meses de salário, mas eu acho que foi o melhor negócio a longo prazo.

Interessante, pensou Gilan. O homem teria poucos motivos para ser fiel a Morgarath ou Foldar. Mas, novamente, ele poderia ser um agente cuidadosamente implantado, com sua saída do Feudo de Gorlan sendo um artifício arditamente planejado. Morgarath tinha sido um homem mais do que capaz de tal planejamento tortuoso e complexo.

— O que faz você pensar que Foldar está em algum lugar desta região? — Philip perguntou, interrompendo seus pensamentos.

— O relatório de um ataque a um comboio de pagamento. Homens mortos a sangue frio, o ouro roubado. Isto tem todas as características do tipo de coisa feita por Foldar.

Philip assentiu pensativo.

— Sim. Lembro-me disso. — ele disse. — Eu fui a pessoa que enviou o relatório. Na época, eu nunca associei a Foldar. Embora cheguei um dos sobreviventes tenha dito que o líder dos bandidos usava uma capa preta. Ainda assim, parece uma conexão muito tênue com Foldar. Tem certeza de que era ele?

— Não. Nem um pouco. Estou perseguindo pistas em todo o reino. Esta parecia uma das mais prováveis. Vou ficar alguns dias, andar pela área, perguntar às pessoas se viram reuniões suspeitas, fazer um pouco de reconhecimento da floresta. Se há um bando de ladrões em algum lugar do distrito, é onde eles mais provavelmente estarão. Vou ver o que posso conseguir. — Tudo parece vago e indefinido, ele pensou. Não mencionou que estava dando forma a um plano para prender os bandidos. Não tinha certeza de onde estava a lealdade de Philip. O senescal encolheu os ombros.

— Acho que é tudo o que você pode fazer — ele concordou. — Quem sabe? Algo pode mudar.

— Exatamente o que eu penso. — respondeu Gilan. Pôs o copo na mesa e levantou-se. — Agora, se você puder pedir a alguém para me mostrar meus aposentos, deixarei você voltar ao trabalho.

Philip levantou-se, também, e o acompanha até a porta.

— Meu funcionário vai mostrar seu quarto — disse ele. Quando ele abriu a porta, o funcionário olhou para cima. — Leve o Arqueiro Gilan para o quarto

de hóspedes no quarto andar — Philip disse a ele. Depois, virando-se para Gilan de novo, ele disse: — Mando avisar quando o barão retornar da caça. Tenho certeza de que ele vai querer vê-lo imediatamente.

A acomodação era uma suíte confortável de três cômodos, com vista para o oceano. Num edifício como este, pensou Gilan, situado desta forma, a maioria dos quartos têm vista para o oceano. Uma brisa salgada limpa entrou pelas janelas abertas, fazendo com que as pesadas cortinas ondulassem. Havia persianas, mas Gilan preferiu deixá-las abertas. Ele gostava de ar fresco e o frio que o acompanhava não o incomodava.

Depois que se instalou, foi aos estábulos verificar Blaze. Havia outro baio, um castrado, numa das barracas perto da entrada. Por alguns segundos, no interior escuro, ele o confundiu com Blaze. Em seguida, ouviu o relinchar familiar e percebeu que estava parado a quatro baias de distância.

O homem do estábulo tinha feito um bom trabalho e Blaze estava confortável em uma tenda seca, com abundância de palha fresca e meia caixa cheia de grãos. A água no balde pendurado num gancho era arejada e limpa. Assentindo em aprovação, ele bateu em seu focinho e depois virou-se no momento em que um serviçal do castelo entrou, olhando para ele.

— O senescal disse para lhe dizer que o Barão Douglas voltou. Ele vai vê-lo agora.

Douglas tinha seu escritório e quartos de dormir no terceiro andar. Gilan franziu ligeiramente a testa para isso. Um comandante cuidadosamente montava sua posição de comando na torre mais elevada, não nos níveis inferiores mais acessíveis. Douglas possivelmente tinha ficado preguiçoso, pensou, e talvez tivesse muita aversão a subir muitas escadas.

Sua primeira vista do Barão de Highcliff confirmou o palpite. O Barão Douglas estava seriamente acima do peso. Gilan sabia que outros barões, como Arald de Redmont, lutavam para manter a cintura. Mas Douglas parecia não ter essas inibições.

Ele era alto — em torno da mesma altura de Gilan e seu cabelo estava ralo em cima. Como que para compensar esse fato, ele o mantinha longo nas laterais. Gilan adivinhou que, em ocasiões formais, ele poderia muito bem pentear por cima para disfarçar o couro cabeludo rosa à mostra. Ele estava barbeado, carnudo nas bochechas, e seus olhos azuis foram criados juntos. Isso deu-lhe um olhar um pouco evasivo, Gilan pensava. Então ele descartou a ideia. Douglas não poderia ser responsabilizado por o posicionamento de seus olhos mais do que ele poderia ser responsabilizado por sua tendência à calvície.

O barão falou um pouco alto demais, como se estivesse consciente de sua

própria importância e constantemente tentando-afirmar isso. Sua forma foi abrupta, embora ele não chegou a ser realmente grosseiro. Nenhum homem sábio jamais foi rude com um Arqueiro.

— Philip me diz que você acha que o diabo do Foldar está em algum lugar de Highcliff — disse ele, depois de terem passado pelas formalidades polidas de introdução. Gilan encolheu os ombros. — Estou-seguindo pistas — disse ele. — Há uma chance de que ele possa estar aqui. Tenho certeza de que Philip mencionou o ataque ao comboio de pagamento algumas semanas atrás.

Douglas bufou. — Isso? Não deveria pensar que foi Foldar. Apenas bandidos, se você me perguntar.

— Você provavelmente está certo. Embora seu senescal concordasse que o ataque era o tipo de coisa que Foldar organizaria. Aparentemente ele o conheceu há alguns anos atrás. E você? Alguma vez o encontrou?

Douglas sentou-se. — Eu? Não. Nunca coloquei os olhos sobre ele. E nunca quero colocar. Por que você pergunta? — Acrescentou ele, inclinando-se desconfiado.

Gilan acenou com a mão casualmente. — Eu estaria interessado em obter uma imagem mais completa do homem. Quanto mais eu sei sobre ele, mais fácil pode ser prever seus movimentos.

— Bem, eu não posso te ajudar com isso — disse Douglas, seu tom de voz, indicando que a entrevista tinha ido longe demais. — Qualquer coisa que eu possa fazer por você, apenas pergunte. Melhor ainda, pergunte a Philip. Ele é o homem que faz as coisas acontecerem.

— Eu vou tentar não ser um grande incômodo. — Gilan disse, sorrindo. Douglas balançou a cabeça enfaticamente. Ele fez a maioria das coisas enfaticamente, Gilan pensava.

— Nenhum incômodo. Não vai incomodar ninguém. — Ele já tinha dispensado Gilan com uma preocupação.



NA AUSÊNCIA TEMPORÁRIA DO ARQUEIRO LOCAL, GILAN pensou, poderia muito bem ter influenciado a decisão de Foldar de escolher Highcliff como um local de operações supondo que ele tinha, de fato, feito isso.

Um dia tinha passado desde a sua chegada e ele estava andando pelas terras em torno do castelo. Era terra rica e boa, com a maioria dos agricultores concentrando-se em gado leiteiro. O campo parecia pacífico o suficiente e quando ele parou para a refeição do meio-dia em uma pequena pousada da aldeia, as pessoas pareciam contentes e acolhedoras.

Era um dia ensolarado e que ele escolheu sentar-se a uma mesa do lado de fora da pousada. A estalajadeira era uma mulher atraente, em torno de trinta anos de idade. Ela tinha uma natureza amigável e sorriu quando pegou seu pedido. Ele notou que ela estava usando um anel simples no terceiro dedo da mão esquerda, mas não havia nenhum sinal de um marido em qualquer parte do aposento. Quando ela voltou e colocou uma jarra de cerveja na frente dele, ele olhou ao redor da pousada.

— Seu marido está fora? — Ele perguntou e o sorriso da mulher desapareceu. Tristeza encheu seus olhos.

— Ele foi morto na guerra — disse ela.

Gilan balançou a cabeça em desculpas. — Sinto muito — disse ele, lamentando que ele tivesse lhe causado dor. — Eu não deveria ter perguntado.

Ela encolheu os ombros filosoficamente. — Eu não sou a única mulher que ficou sem um homem — disse ela. — E estou melhor que a maioria. Pelo menos eu tenho um negócio que eu posso dirigir. Algumas viúvas são deixadas com uma fazenda para cuidar por conta própria e isso não é trabalho para uma mulher. — Ela sorriu de novo, não tão intensamente como antes e mudou de assunto. — Então, o que o traz a nossa porta, Arqueiro?

— Por favor, me chame de Gilan — ele disse e ela estendeu a mão para apertar as dele.

— Sou Maeve — disse ele. Ela estudou-o francamente. Ele era alto e de boa aparência, com uma pitada de humor, até mesmo travessura, nos olhos. E

ele tinha um ar de confiança sobre ele. Confiança tranquila, não arrogância como alguns jovens. Ele era provavelmente um ou dois anos mais jovem do que ela. Mas não era uma grande diferença de idade e ela se perguntou-se ele era casado.

— Você estava dizendo? — Ela solicitado e Gilan se lembrou de sua pergunta.

— Ah... apenas um negócio pequeno no castelo — disse ele descuidadamente. — Detalhes administrativos realmente, deixar as coisas em ordem novamente depois da guerra. — Ele fez uma pausa, em seguida, acrescentou: — Você conhece Philip, o senescal, por acaso? No passado, ele descobriu que proprietários estavam geralmente bem informados sobre a fofoca local. E eram muitas vezes mais do que dispostos a compartilhar seus conhecimentos.

Maeve provou não ser uma exceção.

Ela assentiu com a cabeça. — Um bom administrador — ela disse — se ele puder manter-se longe dos dados.

— Ele joga? — Gilan perguntou e ela fez uma pausa, franzindo a boca, pensativa antes de responder. Ela gostava de Philip e não queria deixar Gilan com a ideia errada sobre ele.

— Ele costumava. Ele e alguns dos comerciantes locais costumavam jogar regularmente na taberna Swan. — Ela virou a cabeça em direção a um prédio de um andar em o outro lado da rua principal da vila. — Mas eu não o vi lá no último mês ou dois. Acho que ele largou isso. Ficou bem endividado com os outros jogadores. Alguns deles queriam denunciá-lo ao Barão Douglas, mas ele os convenceu a não fazerem isso.

— Isso não teria feito bem a ele. — disse Gilan. Como senescal, Philip seria encarregado da tesouraria do castelo. Douglas dificilmente aprovaria se soubesse que seu administrador financeiro acumulava dívidas de jogo na aldeia.

— Concordo. Não que alguém por aqui dê muita atenção ao Barão... — Maeve parou cautelosamente percebendo que falava demais.

Gilan sorriu com simpatia. — Eu me encontrei com ele — disse. — É um pouco pomposo, não é?

Maeve pareceu relaxar. — Como eu disse, ninguém aqui sente que lhe deva algum favor. Eles já devem impostos suficientes — acrescentou sombriamente. — Ele é um pouco pesado quando se trata de tributar os negócios locais.

Gilan assentiu, mantendo uma cara séria. Mas, por dentro, estava sorrindo. Estava para encontrar um comerciante que não achasse que pagava

impostos demais.

— Então... Philip não tem vindo muito à aldeia estes dias? — questionou.

Ela balançou a cabeça enfaticamente. — Não ao Swan — disse ela. Então ela fez uma pausa. — Mas eu o vi algumas vezes recentemente, tarde da noite. Tenho insônia e com frequência fico sentada em minha janela, olhando a rua. — Ela não acrescentou que a falta de sono era causada pela solidão na madrugada. Nesta hora, sem nada para ocupar sua mente, sentia a perda do marido com mais intensidade.

— Onde ele estava indo? — Gilan perguntou.

Ela hesitou por alguns segundos. — Se é que era ele, embora eu tenha certeza que sim. Realmente não vi o rosto, mas reconheci o jeito dele de caminhar, a cabeça para a frente e os ombros curvados. Ele parecia estar indo para a casa de Ambrose Turner, no fim da rua. Estranho, eu pensei, já que Ambrose era a quem ele devia mais dinheiro.

— Será que ele conseguiu pagar a dívida? — Gilan perguntou.

— Eu não sei. Deve ter. Ele dificilmente seria bem-vindo na casa de Ambrose se ele não tivesse, não é?

Gilan franziu a testa. — Não. Ele não seria — disse ele, pensativo.

Maeve, que estava apoiada em sua mesa enquanto falava, olhou para cima quando um grupo de clientes chegou, chamando-a alegremente.

— É melhor eu ir atender — disse ela. — Sua refeição vai estar aqui em breve. Prazer em falar com você, Gilan. Procure por mim de novo — disse ela. Havia um olhar um pouco melancólico em seus olhos quando ela disse isso.

— Farei isso — Gilan disse, sorrindo. Mas sua mente fazia hora extra enquanto refletia sobre o que ela havia dito. Tinha muito em que pensar.

Voltou ao castelo lentamente naquela tarde, ainda pensando na informação que tinha recolhido, reunindo os fatos em sua mente.

O senescal era, ou tinha sido, um jogador viciado. Pior, era um perdedor e fez grande dívida com comerciantes locais. Combinação perigosa. Como senescal, Philip tinha acesso aos fundos financeiros do castelo. Se pôde pagar a dívida, e, como ponderara Maeve, dificilmente seria bem-vindo na vila se não pagasse, então sua fonte mais provável de dinheiro era o tesouro do castelo.

Não havia outra possibilidade. Jogos de azar faziam de Philip um alvo para chantagem. Se o Barão descobrisse que jogava e devia dinheiro, seria demitido imediatamente. E se Foldar tivesse descoberto o segredo de Philip? Poderia ter pago a dívida por ele, e então ameaçado denunciá-lo. Uma vez escravizado-o homem, poderia muito bem tê-lo forçado a se tornar seu informante no Castelo Highcliff, dizendo quando as caravanas de pagamento se

movimentariam no feudo. Pagamento de impostos! O pagamento trimestral do imposto para o Rei seria feito em uma semana. Philip vinha passando informações a Foldar sobre a quantidade de dinheiro que seria enviada ao Castelo Araluen? Sobre a data de partida ou a rota do comboio? Isso poderia explicar suas idas clandestinas, tarde da noite, à aldeia. E se ele não fosse visitar o comerciante Ambrose, mas reunir-se com Foldar ou seus agentes? Afinal, Maeve não o tinha visto entrar na casa de Ambrose, que era no fim da rua. Philip pode muito bem ter cruzado a aldeia e continuado para um encontro com Foldar.

Com a mente girando, Gilan quase perdeu um aviso de Blaze, que jogou a cabeça para a esquerda. Já totalmente alerta, viu duas figuras atrás de um tronco caído do outro lado do rio que ele acompanhava. Percebeu os homens e, uma fração de segundo depois, o fato de que ambos estavam armados com bestas, apontadas para ele.

Lançou-se para o lado direito da sela, de modo a manter Blaze entre ele e os dois. Ouviu um zumbido sinistro perto da cabeça enquanto mergulhava e sentiu algo arrancar violentamente sua capa. Em seguida, bateu no chão, rolando para amortecer a queda. Resmungou com o impacto, então disse baixinho: — Blaze! Entre em pânico!

A égua baia levantou as orelhas quando ouviu seu nome. Então, na segunda palavra de comando, relinchou alto e ergueu-se nas patas traseiras, as dianteiras se debatendo no ar. De volta ao chão, girou, ainda relinchando e resfolegando. Então, correu alguns metros para trás, parou, hesitou e correu na direção oposta, balançando a cabeça.

Era um movimento cuidadosamente ensaiado, um dos muitos que os Arqueiros e seus cavalos praticavam desde os primeiros dias juntos. O barulho, o movimento, o pânico aparente era tudo concebido para proporcionar uma distração. Era quase impossível para um observador não tirar os olhos do Arqueiro e ficar olhando o cavalo se movimentar.

Isso deu a Gilan tempo de rolar várias vezes, envolvendo-se em sua capa enquanto isso. Ele percebeu que seu capuz caíra para trás enquanto saltava. Não houve tempo para recolocá-lo, então, enquanto rolava, puxou uma dobra do manto sobre o rosto, como uma máscara. Ficou parado, deitado no chão, de frente para o local de onde o ataque viera. Então, ficou absolutamente imóvel, mal respirando, como Blaze, aparentemente recuperada de seu súbito ataque de pânico, parada de cabeça para baixo a dez metros de distância.

Confie na capa.

Era um mantra cantado por todos os Arqueiros durante seus anos como

aprendizes. Gilan seguiu a regra, deitado imóvel na grama enlameada, o padrão cinza e verde da capa deixando-o, para todos os intentos e propósitos, invisível. Seus atacantes estavam a apenas trinta metros de distância, com o riacho profundo no meio. Ele os ouvia claramente.

— Onde ele foi?

— Eu o peguei. Eu sei que o acertei. — A segunda voz estava animada. A primeira, quando respondeu, estava pesada de sarcasmo. — Então, onde está ele? Não há nenhum sinal dele.

— Deve haver. Eu sei que eu... — A voz sumiu.

Olhos semicerrados acima da capa, Gilan viu como os dois homens saíam de trás do tronco caído e avançaram cautelosamente até a beira da água. O mais velho, o sarcástico, olhou em dúvida para as escuras e velozes águas.

— Atravesse o rio e procure por ele, então — ordenou, mas o outro bufou, indignado.

— Atravessar? Nada disso! Este rio deve ter três ou quatro metros de profundidade e eu não nado! Atravesse você mesmo.

Tardiamente, os dois perceberam que não haviam recarregado as bestas. Faziam isso agora, grunhindo com o esforço enquanto colocavam as cordas pesadas no lugar. Gilan olhou para onde seu arco estava, a poucos metros de distância. Ele o havia soltado durante o mergulho, para evitar cair sobre ele e quebrá-lo. Pensou em seu próximo movimento. Poderia levantar-se e se mover em segundos para recuperá-lo. Outros dois segundos para puxar uma flecha da aljava e colocá-la no arco. Um segundo para esticar, mirar e atirar. Isso assumindo que a capa, enrolada ao redor do corpo como estava, tinha deixado a sua aljava livre. Mais provavelmente, a aljava e as flechas estariam irremediavelmente emaranhadas nas dobras do manto, acrescentando preciosos segundos ao tempo que levaria para atirar. Não. Ele tinha perdido a oportunidade enquanto os dois tinham seus arcos descarregados. Se fosse apenas um poderia arriscar. Mas com dois o risco era muito grande. Um segundo depois, ficou feliz com a decisão: uma terceira voz se juntara à discussão.

— Vocês dois! O que está acontecendo?

A voz era mais educada, mas o tom era forte e exigente. Os olhos de Gilan voltaram-se para a direção de onde ela veio. Não se atreveu a mexer a cabeça. Podia ver um vulto escuro na periferia de sua visão. Quem quer que fosse, parecia estar vestido de preto. Em seguida, sua identidade ficou clara quando o primeiro homem respondeu à pergunta.

— Apenas verificando, Lord Foldar.

Gilan enrijeceu-se. Então Foldar estava mesmo aqui, pensou.

—Verificando? Verificando o que? Você o acertou?

Os dois atiradores trocaram um olhar preocupado. Em seguida, o homem mais velho falou novamente. — Sim. Estamos com ele, meu senhor. Ele caiu, de fato e verdadeiramente.

— Então, certifique-se disso! — Foldar ordenou, irritado.

Mais uma vez, os dois homens trocaram um olhar preocupado. Se eles não podiam ver Gilan, como eles poderiam ter certeza de que ele estava morto? O homem mais velho deu de ombros ligeiramente. — Muito bem, meu lorde. — e levantou seu arco. Apontou para um ponto aleatório três ou quatro metros à esquerda de Gilan, ouviu-se o habitual tapa do mecanismo de besta libertando a flecha, em seguida, um silvo. A flecha enterrou-se no solo.

Gilan decidiu que aquilo tinha ido longe demais. Blaze ainda estava a alguns metros de distância. Assobiou um apito de três notas, que era outro sinal treinado.

O arqueiro do outro lado ouviu e olhou para cima, não sabendo de onde o barulho vinha.

— O que foi isso? — O mais jovem perguntou.

Mas, então, Blaze entrou em cena mais uma vez. Levantou a cabeça, orelhas em pé, e olhou para longe de Gilan, para umas árvores próximas. Relinchou e começou a trotar na direção em que estava olhando.

— Alguém está vindo! — Disse o arqueiro mais velho. — Vamos sair daqui!

Gilan viu como eles tropeçavam desajeitadamente pelo mato na margem oposta do rio. Ouviu ainda breve e raivosa troca de palavras entre eles e Foldar, em que asseguravam ao líder que Gilan estava morto. Em seguida, as três figuras sumiram entre as árvores do outro lado do córrego.

Gilan esperou alguns minutos, depois sentou-se lentamente. Assobiou e Blaze veio trotando de volta para ele.

Como eu fui?

—Você foi notável — Gilan disse a ela. — Na verdade, até quero saber se você não estava realmente em pânico.

Chama bufo de escárnio. *Eu,empânico?Dessesdoisbesteirosdesajeitados? Porquevocênãootirouneles?*

— Deixei cair meu arco — disse Gilan e imediatamente desejou não ter dito. Blaze virou a cabeça de lado para olhar para ele.

É claro que você deixou.

Ele remontou e partiu pensativo. Depois de alguns quilômetros,

expressou seus pensamentos em voz alta. — Por que Foldar enviou homens para me emboscar? Dificilmente é um bom plano, se ele quer continuar a ser discreto. Você não tenta matar um Arqueiro e espera que isso passe despercebido.

Talvez ele simplesmente não goste de Arqueiros.

— Possivelmente. É mais provável que ele saiba que o estou caçando e tentou me pegar primeiro.

Como ele poderia saber disso? A menos que alguém tenha contado. E apenas duas pessoas sabem o que você está fazendo aqui.

— Exatamente — disse Gilan.



HORAS DEPOIS DA MEIA-NOITE, PHILIP SAIU da grande casa no fim da aldeia. Movia-se furtivamente, permanecendo nas sombras. Na mão direita carregava um saco grande de lona branca. Gilan observava de seu posto, num beco lateral, o senescal passando a menos de três metros de distância. Philip não o notou, mas Gilan estava perto o suficiente para ouvir um inconfundível tintilar quando o senescal trocou o saco de mão. Dinheiro, pensou Gilan. E bastante.

O senescal se afastou, Gilan correu suavemente para trás do beco, e, os pés mal tocando a terra macia, logo ultrapassou Philip. Estava agora dez metros à frente dele.

Philip caminhava lentamente, cabeça baixa, vergado pelo saco pesado. Ele não tinha interesse em seu entorno. Naquela altura da noite, não esperava ver alguém nem ser visto. Gilan, ainda correndo pela estrada lateral, acompanhava-o de volta ao castelo, cada vez mais distante da figura pensativa atrás dele.

Após o pôr do sol, o posto de guarda externa fechava. Os guardas retiravam-se para o castelo e o pesado portão de ferro era baixado. Mas havia sentinelas nas ameias e o caminho através do istmo ficava à vista. No entanto, quando Gilan seguira Philip a partir do castelo mais cedo naquela noite, vira o senescal escalar desajeitadamente a encosta de rochas espalhadas na estrada por vários metros, de onde partia uma trilha rústica e quase imperceptível. Philip escorregou rapidamente até o nível do solo. Colado à pedra áspera, chegou a uma portinhola.

— Há sempre um caminho secreto — ponderou Gilan quando viu o senescal abrir a pequena porta ao sair. Por isso ele agora, na volta, corria à frente de Philip. Quando o homem entrasse trancaria de novo a portinhola. Gilan entrou, fechou a porta atrás de si e subiu furtivamente para uma das torres. Escondeu-se atrás de uma cadeira de espaldar alto, de onde tinha visão clara do escritório de Philip e da porta maciça da sala-forte onde o dinheiro dos impostos deveria estar seguro.

Já estava ali há vários minutos quando a porta exterior se abriu e Philip

deslizou para entrar na fortaleza. Olhou em volta, certificando-se de que não havia ninguém olhando, e correu para a porta da sala-forte. Mais uma vez, Gilan ouviu o tilintar das moedas enquanto ele colocava o saco branco no chão e se atrapalhava com a argola de chaves para abrir a sala. Mais uns minutos e ele saía mais uma vez, tratando de trancar a porta e testar para ver se estava mesmo fechada. Então, com um suspiro cansado, voltou ao seu escritório. Gilan sabia que os aposentos privados de Philip estavam localizados atrás do escritório. Também notou que, quando o senescal saía da sala forte, não estava mais carregando o saco de dinheiro.

— Fascinante — Gilan disse a si mesmo.

— É um grande risco — disse o Barão Douglas, franzindo a testa, quando Gilan contou a primeira parte de seu plano. — Enviar o dinheiro dos impostos numa carruagem pequena, sem escolta? Não gosto disso.

— Não é sem escolta exatamente — disse Gilan. — Eu estarei na carruagem.

O Barão Douglas não pareceu convencido. Arqueiro ou não, um homem faria pouca diferença se o bando de Foldar decidisse atacar.

— O ponto é — Gilan continuou — que Foldar vai pensar que o dinheiro do imposto está no comboio habitual. Organizamos as coisas de modo que, dez minutos após a carruagem pequena partir, sai o comboio com a escolta de costume.

O Barão Douglas recostou-se na cadeira, balançando a cabeça, em dúvida.

— Se Foldar decidir roubar o dinheiro dos impostos — disse ele — estará vigiando o castelo. E verá partir uma carruagem pequena, com você a bordo, minutos antes da grande carroça e sua escolta... Ele vai saber que você não deixaria o dinheiro fora de sua vista, ele vai sentir o cheiro do rato, vai perceber seu plano. Ele não é bobo, sabia?

— Estou apostando nisso —. Gilan sorriu. — Porque estou planejando um duplo blefe. O dinheiro estará realmente onde deveria estar, na carruagem grande com a escolta. Assim, enquanto Foldar estiver ocupado atacando a pequena carruagem — dando-me uma chance para capturá-lo —, a carroça com o imposto real estará a quilômetros de distância, segura.

Por um momento, Douglas ficou sem palavras. Seus lábios se moviam silenciosamente enquanto processava o complexo plano da mente de Gilan. — Então, o grande comboio, que supostamente é um chamariz, vai realmente ter o dinheiro a bordo o tempo todo... Enquanto isso, a pequena carruagem, com você nela, é que será o chamariz?

— Exatamente — Gilan disse alegremente. — Às vezes eu sou tão malandro que confundo a mim mesmo.

— Eu não gostaria de estar no seu lugar quando Foldar alcançar você e perceber que você o enganou — disse Douglas.

— Isso é parte do plano. Eu quero que ele me alcance. Vai me poupar de rastreá-lo.

Douglas balançou a cabeça com as palavras. — Melhor você do que eu. Eu não gostaria de enfrentá-lo quando ele estiver com raiva. Aqueles seus olhos são o suficiente para provocar arrepios na espinha. Eles são frios e sem vida, como os de uma cobra.

— Eu matei algumas cobras no meu tempo — disse Gilan, deixando de lado sua maneira despreocupada.

Douglas esfregou o queixo, nervoso, quando viu o súbito olhar de aço do jovem Arqueiro. Ele deixou seu próprio olhar desviar-se para longe e rapidamente mudou de assunto.

— É claro que os homens do transporte saberão qual carro tem o dinheiro. Nós precisamos ter certeza de que eles não falem.

— Mantenha-os trancados por um dia — disse Gilan e as sobrancelhas de Douglas se reuniram numa carranca.

— Não é uma medida um pouco drástica? — questionou.

Gilan gesticulou. — Você não tem que trancá-los numa masmorra, apenas mantenha-os incomunicáveis por um dia. Não podemos arriscar que uma palavra sobre o duplo blefe chegue a Foldar. E nós sabemos que existe um informante em algum lugar do castelo. Desta forma, você e eu seremos os únicos a saberem da verdadeira história.

— E Philip, é claro — disse Douglas. — Ele tem que contar o dinheiro e certificar os formulários de impostos. Você quer que eu o prenda também?

Gilan hesitou por um momento, então disse: — Não. Tenho certeza de que podemos confiar em Philip.

— Quantos homens em sua tropa? — Gilan perguntou ao lavrador de barba ruiva. Seu nome era Bran Richards e ele era o comandante da tropa local de arqueiros. Cada feudo no reino era encarregado de manter uma força de pronta-resposta de arqueiros. Os homens treinavam durante todo o ano, além das tarefas normais de arar, colher ou triturar. No caso de uma guerra, eles poderiam ser chamados para o exército real, prontos para lutar imediatamente.

— Quinze — respondeu o homem. — Deveriam ser dezoito, mas perdemos três homens na guerra. Vou ter que recrutar três novos homens e começar a treiná-los em breve.

— Hmm... bem, seis devem ser o suficiente para os meus propósitos. Escolha os seus seis melhores arqueiros e me espere depois de amanhã três quilômetros além do ponto onde a estrada da costa e a estrada alta se bifurcam. Há um pequeno bosque de árvores ali onde vocês podem se esconder. Fiquem fora de vista. Na verdade, seria melhor vocês ocuparem a posição antes da primeira luz.

Bran assentiu. — Como você disser.

Um novo pensamento ocorreu a Gilan. — Uma coisa — disse ele. — Diga a seus homens que este é apenas um exercício de campo de rotina. Não mencione que eu estou envolvido, tudo bem? Na verdade, não mencione a ninguém.

Bran acenou com compreensão. Apontou para o jarro sobre a mesa entre eles. Eles estavam sentados na confortável sala de estar de sua casa. — Mais cidra? — ofereceu. Mas Gilan balançou a cabeça. — Preciso manter a cabeça limpa — disse ele. — Tenho um monte de arranjos para fazer.



O OBSERVADOR NO MONTE VIU COMO A PONTE LEVADIÇA LENTAMENTE subiu e se abriu para permitir passagem de uma pequena carruagem coberta puxada por um único cavalo.

Trotando atrás dela, amarrado a uma corda na traseira da carruagem, estava uma égua baia. Sentado ao lado do condutor ia uma figura alta com o inconfundível manto de Arqueiro. O observador acompanhou a carruagem até que lentamente virasse no ponto em que a estrada se bifurcava, tomando à esquerda, pela estrada do litoral.

Cerca de dez minutos depois, uma segunda carruagem, maior do que a primeira, conduzida por um par de cavalos, surgia do portão. Uma escolta de seis homens montados e armados seguiu-a. Esta carruagem tomou a direita na bifurcação, seguindo a estrada que levava em direção à floresta.

— Assim como Lorde Foldar disse — o homem na colina murmurou para si mesmo. Ele correu para o lugar em que seu cavalo estava amarrado, montou e partiu a galope. Manteve-se fora da estrada, bem à frente da lenta carruagem. Então, disparou para a estrada e aumentou a velocidade.

Num ponto em que uma árvore estava caída à beira da estrada, freou. Foldar emergiu das árvores, inconfundível em sua capa de veludo de gola alta preta.

Debaixo de seu casaco preto, usava uma camisa de malha também preta. No braço esquerdo tinha um escudo triangular. A longa espada ia numa bainha ligada ao seu arco de sela.

Foldar trotou com seu cavalo para perto. — Informe. —, disse ele.

O cavaleiro hesitou. Ele nunca se sentia particularmente confortável sob o olhar direto de seu líder. O homem raramente, ou nunca, parecia piscar.

— A pequena carruagem partiu vinte minutos atrás — disse ele. — O Arqueiro estava nela.

— Esse é o mesmo Arqueiro que você me garantiu que matou, não é? — Foldar perguntou calmamente. O capanga mexeu-se na sela.

—Sim, Lorde Foldar. Minhas desculpas. Eu pensei...

Mas o líder dos bandidos fez um gesto brusco com a mão direita. — Pare de tagarelar. A segunda carruagem saiu?

— Dez minutos mais tarde, Lorde. Está indo pela estrada da floresta, assim como você esperava — disse ele.

— E a pequena? — questionou.

— A pequena carruagem pegou a estrada costeira, senhor.

Foldar fez uma pausa. Era uma tentativa desajeitada de enganá-lo, ele pensou, mas tinha que dar crédito ao Arqueiro por viajar com a carruagem chamariz em pessoa. Isso, pelo menos, mostrava um grau de originalidade. Mas seria ainda mais irritante para o Arqueiro quando percebesse que seu estratagema tinha falhado. Ele estaria a quilômetros de distância do ponto do ataque real e impotente para intervir.

— Muito bem — disse ele. — Agora, saia da estrada e fique fora de vista.

— Sim, Lorde — disse o observador submisso. Eles cavalgaram de volta para as árvores, onde uma dúzia de homens a cavalo, fortemente armados, esperava pelas ordens de Foldar.

— Você, você e você — disse ele, sacudindo o polegar para o mensageiro e dois outros. — Tomem posição do outro lado da estrada. Quando ouvirem o som de minha corneta, ataquem imediatamente, fazendo todo o barulho possível.

Os três homens murmuraram em reconhecimento. Quando estavam prestes a se afastar, ele falou. — Fiquem fora de vista — disse. Era um aviso, tanto como um comando. Então, quando ele os dispensou com um gesto, continuaram no rumo de suas posições.

Ele olhou os outros homens. — Com a escolta ocupada, vamos atacar. Mas não antes de minha ordem.

Vários cavaleiros assentiram. Eles estavam gratos que não foram selecionados para o primeiro ataque. Eles sabiam que Foldar seguraria o ataque principal até que os soldados da escolta estivessem totalmente engajados na batalha. Os três homens que ele havia escolhido estariam em desvantagem de dois para um e era improvável que sobrevivessem. Todos tinham desagradado Foldar nos dias anteriores.

Eles ouviram o comboio chagando antes que o vissem. Os cascos dos cavalos da escolta batiam na superfície compacta da estrada e o eixo da carruagem guinchava alto num ritmo parecido com o ranger de dentes. Em seguida, a carruagem apareceu, após uma curva. Dois dos soldados da escolta cavalgavam à frente da carruagem, dois de cada lado, dois atrás. Além do condutor, havia outro homem armado no banco.

Os soldados d escolta estavam alertas, seus olhos examinando a floresta de ambos os lados da estrada. Os da retaguarda se viravam em suas selas a cada trinta segundos para verificar o caminho atrás deles. Como era o início da jornada, Foldar esperava mesmo que estivessem em guarda, e por isso despachara os três homens para o lado oposto, a fim de desviar a atenção da escolta do ataque principal.

O cavalo mais próximo a ele avançou um passo ou dois antes que seu cavaleiro percebesse.

— Fique parado, seu maldito. — Foldar disse, anotando mentalmente a identidade do homem. O bandido empalideceu. Ele sabia que seu líder se lembraria dele e o puniria posteriormente. Talvez seja melhor abandonar o bando após este ataque, pensou.

Foldar tinha uma trompa de caça pequena de marfim e bronze pendurada no cinto. Ele a levou aos lábios e hesitou, calculando as distâncias e a velocidade de progresso da carruagem. Quando chegou o momento certo, soprou um toque curto.

Os homens da escolta ouviram o toque, é claro, e perceberam de onde veio. Como um só homem, viraram-se para as árvores do lado esquerdo da estrada, as mãos voando para o punho das espadas. Em seguida, ouviram gritos e um trovão repentino de cascos de seu lado direito e viraram-se de volta nessa direção. Por um momento, houve confusão e eles circulavam incertos. O homem mais velho gritou ordens e montou formação do lado direito da estrada, para enfrentar os cavaleiros que galopavam.

No primeiro choque, os atacantes tiveram vantagem, com o ímpeto de seu ataque e o elemento surpresa. A escolta mal tivera tempo de formar uma linha de defesa antes que os três bandidos caíssem sobre eles. Um dos cavalos da escolta foi arremessado ao chão quando um bandido jogou seu cavalo sobre ele a toda velocidade. Outro soldado rolou no chão, soltando a espada e segurando o braço ferido, tentando parar o fluxo repentino de sangue causado por um golpe de espada. Mas, uma vez que a energia inicial da carga foi dissipada, os bandidos estavam em apuros. Um caiu rapidamente sob um golpe de espada enquanto, de pé em seus estribos, tentava atacar o líder escolta. Logo eram dois homens contra cinco, logo cercados.

Nas árvores do lado esquerdo da estrada, Foldar observava de olhos semicerrados, esperando até que a escolta estivesse totalmente engajada no combate. Ele poderia ter atacado mais cedo e possivelmente salvado os dois homens restantes do assalto. Mas pouco se importava com seu bem-estar e sabia que suas próprias chances de sucesso seriam maiores se ele esperasse.

Agora, vendo apenas um de seus homens na sela, julgou que era o momento certo. Levantou a espada e disparou, liderando seus homens contra o comboio.

Como ele havia solicitado com antecedência, não fizeram nenhum som. Não houve gritos de desafio, apenas o som dos cascos dos cavalos na grama macia.

Foldar viu o último dos três homens do ataque inicial cair de repente da sela quando um soldado da escolta o golpeou. Em seguida, como era esperado, a escolta relaxou, pensando que a luta houvesse acabado. Um deles embainhava a espada quando olhou para cima e viu o grupo de homens galopando, a vinte metros de distância. Gritou um aviso e os outros se viraram em confusão mais uma vez, querendo saber de onde vinha o novo ataque.

Então, acima de seus gritos de alarme, Foldar ouviu outro som, um som de assobio, como o voo de flechas de um arco. Mal se passaram alguns segundos quando ele ouviu o som seco do contato das flechas com seus alvos. Quatro de seus homens caíram das selas e ficaram imóveis.

Os cavalos continuaram a avançar por mais alguns metros, em seguida, sem ninguém para guiá-los, desaceleraram e correram sem rumo.

Outro som de múltiplo zumbido e mais dois homens foram derrubados. Os demais puxaram as rédeas e se afastaram da carruagem e sua escolta. Foldar fez seu próprio cavalo parar de correr, procurando a fonte das duas saraivadas mortais.

E viu. A sessenta metros de distância, meia dúzia de arqueiros emergia das árvores.

Uma figura alta num cavalo baio estava ao lado deles, comandando os disparos.

Mesmo sem o manto, Foldar reconheceu o jovem Arqueiro. Amaldiçoou amargamente o homem, imaginando como chegara tão rapidamente e como reunira uma tropa de arqueiros.

Mas não havia tempo para pensar sobre isso. Sua própria força, inicialmente, nove homens, fora reduzida a três e os membros da escolta, animados com a reviravolta, reuniam-se para investir contra eles.

— Corram — ele gritou aos sobreviventes. — Espalhem-se! Reúnam-se amanhã no acampamento!

Não esperou para ver se acatariam as ordens. Virou o cavalo e pressionou as esporas em seus flancos, aumentando para um galope enquanto incitava o pobre cavalo com o lado chato da espada.

Passou por entre as árvores a galope, o cavalo enorme fazendo seu caminho através da vegetação rasteira, desviando para evitar os troncos maiores.

Os ramos roçavam sua cabeça e seus ombros, batendo dolorosamente quando demorava a se abaixar. Lágrimas brotaram dos olhos de Foldar com o impacto e ele mal podia ver aonde estava indo. Mas confiava no cavalo para evitar os grandes obstáculos e se agachou sobre seu pescoço para evitar novas chicotadas dos galhos, a cabeça para a frente de modo que seu elmo absorvesse o impacto contínuo. Cegamente, continuou a instigar o cavalo com as esporas cada vez que sentia que o animal começava a abrandar a corrida desenfreada por entre as árvores.

De repente, saíram da sombra das árvores para a luz; ele olhou para cima e viu o terreno limpo que se estendia por vários quilômetros à frente. Mas havia um muro baixo de pedra logo adiante e Foldar forçou o cavalo, sentindo que ele estava prestes a refugar o obstáculo. O animal arquejou e se lançou sobre o muro. No alto, o ruído dos cascos cessou por alguns segundos. Foi então que Foldar ouviu um galope rápido atrás dele.

O cavalo caiu de volta na terra e o impacto atirou Foldar para a frente, sobre o pescoço do cavalo. Ele agarrou-se descontroladamente a sua crina para manter o equilíbrio, quase perdendo o controle de sua espada. Quando recuperou o equilíbrio, virou para trás procurando saber quem o perseguia. Viu o cavalo baio saltar sobre o muro, o Arqueiro sentado à vontade na sela. A égua baia quase perdeu o ritmo, mas voltou ao galope quase instantaneamente, melhor que o pesado cavalo de Foldar. Ele olhou ao redor. Muito espaço aberto. As árvores mais próximas estavam a pelo menos dois quilômetros de distância, e nunca as alcançaria a tempo. Seu perseguidor estava sozinho e armado apenas com uma espada, nenhum sinal do longo arco dos Arqueiros. Os lábios de Foldar abriram-se num meio sorriso, meio grunhido. Ele sabia que a espada não era a arma principal para Arqueiros. E Foldar era um bem treinado espadachim, experiente, que tinha lutado em combates ao longo dos anos. Seu escudo estava pendurado numa tira de retenção, batendo desconfortavelmente contra os flancos do cavalo conforme ele galopava. Ele o soltara quando se virou para fugir, mas agora puxou-o de volta para a posição, deslizando o braço esquerdo através das tiras e ajustando o punho.

Então, forçou o cavalo a um semicírculo e bateu as esporas em seus flancos novamente para investir contra seu perseguidor.

Gilan viu a mudança de direção. Ele jogara seu arco para Bran, o líder da tropa de arqueiros, ao partir em busca de Foldar. No espesso arvoredo o longo arco teria sido um incômodo para Blaze entre os troncos maciços e sob os galhos baixos. Além disso, as instruções de Crowley tinham sido claras: se possível, capturar Foldar e levá-lo a julgamento. Isso significava que ele teria de

enfrentá-lo em combate, não abatê-lo de longe. O cavalo se aproximava, e Gilan tirou sua espada da bainha. Sentiu Blaze ficar tensa com isso.

— Ainda não — ele murmurou e seu cavalo sacudiu as orelhas em reconhecimento.

Foldar foi contornando-o de modo que eles se encontrariam lado direito com lado direito.

Ele tinha o escudo em forma de pipa na horizontal, para proteger o corpo, e sua longa espada estava levantada, pronta para atacar. Era uma questão de segundos...

— Agora — gritou Gilan, embora o grito fosse desnecessário. A pressão súbita de seus joelhos e a contração das rédeas disse exatamente a Blaze o que queria que ela fizesse.

A égua pulou lateralmente à direita, cruzando rapidamente na frente do pesado cavalo antes que Foldar tivesse chance de reagir. O bandido tentou contorcer-se na sela, mas o escudo, num ângulo adverso, impediu o movimento, enquanto Gilan e Blaze passavam ao lado esquerdo. Foldar puxou as rédeas com a mão esquerda, mas outra vez o escudo o atrapalhou. O cavalo balançou desajeitadamente, se movendo para a esquerda.

Nada havia de desajeitado ou lento nos movimentos de Blaze. Sob a direção de Gilan, ela se ergueu nas pernas traseiras e, numa pirueta, como um dançarino, inverteu sua direção com apenas uma pausa. Quando os cascos das patas dianteiras bateram no chão de novo, ela já estava galopando inclinada atrás do cavalo de Foldar. Estavam em ângulo por trás de Foldar e à sua esquerda. Seu cavalo ainda tentava girar em círculo para a esquerda, enquanto Foldar, arrastando as rédeas, fustigava-o cruelmente com a espora direita. Como resultado, o grande animal ficou em equilíbrio instável, enquanto Blaze, a toda velocidade, posicionava-se entre a sela e o ombro dianteiro esquerdo do grande cavalo.

Blaze estava pronta e se preparou para o impacto estrondoso. O cavalo de Foldar, não. Já desequilibrado, foi arremessado para o lado, perdeu de vez o equilíbrio e caiu de lado. Foldar teve um instante para decidir se o cavalo poderia se recuperar ou se ficaria preso sob ele. Ele chutou os pés dos estribos e saltou, pousando sobre o escudo e rolando para absorver o impacto. O cavalo deslizou vários metros no chão úmido, seus cascos debatendo-o no ar perigosamente. Então, com um grunhido assustado, rolou desajeitadamente até ficar de pé e galopou para longe.

Enquanto Foldar lentamente se levantava, Gilan descia da sela de Blaze. A poucos metros do líder dos bandidos, sua espada segura frouxamente, ponta

angulada ligeiramente para baixo. — Eu sugiro que você se renda agora — Gilan disse calmamente. — Basta colocar a espada no chão.

Foldar riu asperamente. — Você sugere isso, não é? — disse. — Bem, eu sugiro que você se vire e vá embora. Se você fizer isso, eu poderia poupar sua vida. Você está fora de sua área aqui, Arqueiro. Você não tem o arco para se esconder atrás dele.

Foldar estava cometendo um erro grave. Tinha conhecimento limitado dos Arqueiros, e conhecimento limitado pode ser uma coisa perigosa. Ele sabia que Arqueiros eram mestres arqueiros. Nunca ouvira falar de nenhum que fosse treinado com espada. Tanto quanto sabia, as probabilidades estavam a seu favor neste encontro. Decidiu que mataria este jovem que interferira em seus planos. Esperou para ver se Gilan respondia.

Mas o alto Arqueiro permaneceu em silêncio.

— O que você está fazendo aqui, afinal? — Foldar perguntou de repente. — Você foi visto na carruagem pequena, que era o chamariz. Seu cavalo estava amarrado atrás dela. Então, como você chegou aqui tão depressa?

Gilan sorriu. — A carruagem que era o chamariz? — disse. — Oh, você quer dizer a pequena carruagem que saiu mais cedo? Aquilo não era o chamariz. Aquela é a carruagem com o imposto real. Está a quilômetros de distância agora. E eu nunca estive nela. Era apenas um jovem soldado vestindo meu manto.

— Mas o seu cavalo...

— Engraçado, não é? Deixei Blaze fora do castelo na noite passada. Havia um cavalo baio nos estábulos. Eu o peguei emprestado e o preendi atrás da carruagem. Eles são muito semelhantes, embora você provavelmente deva ter notado que é um cavalo castrado, enquanto meu cavalo é uma égua. Mas então, você provavelmente não chegou perto o bastante.

Foldar hesitou quando percebeu que tinha sido enganado. — Mas me disseram... — Ele cortou a declaração abruptamente.

Gilan tinha ouvido.

— Sim, eu tenho certeza que disseram a você. Disseram que o dinheiro seria carregado na carroça maior. E foi. Na noite passada, porém, eu mudei tudo de novo. Um feito e tanto para uma noite, posso te dizer. Mas ninguém sabia disso. Certamente não o seu informante. Quem é ele, aliás?

— Você nunca vai saber — Foldar disse a ele. — E mesmo que você saiba, não te ajudaria em nada...

Ele ainda estava falando quando lançou seu ataque. Era um velho truque, projetado para capturar um adversário desprevenido. Mas Gilan era um lutador

experiente. Defendeu três golpes rápidos de Foldar tão facilmente quanto o homem investiu, abrindo distancia entre eles. Após o primeiro ataque de alta velocidade, ele circulou cautelosamente, cada um medindo o outro. Gilan podia ver que Foldar era um espadachim capaz. E ele tinha a vantagem do escudo alto no braço esquerdo.

Bloqueou os ataques de Gilan com o escudo e forçou a espada do Arqueiro para a direita, obrigando-o a recuperar-se apressadamente. E se aparasse o golpe de Gilan com a espada, poderia usar o escudo como arma ofensiva, projetando-o no jovem Arqueiro, atingindo-o e tirando seu equilíbrio. O escudo dava ao bandido uma vantagem e Gilan decidiu que deveria fazer algo a respeito.

Ele trocou a espada de mão.

Ele viu o olhar momentâneo de surpresa no rosto de Foldar. Em seguida, o espadachim de preto avançou novamente, balançando a espada perto da cabeça de Gilan. Mas agora a situação mudara. Empunhando a espada na mão esquerda, forçou Foldar a desviar-se. Para usar o escudo, ele teria que trazê-lo para a direita em torno do corpo, mantendo o braço da espada longe do oponente. Além disso, os ataques de Gilan agora vinham do lado direito de Foldar o lado desprotegido pelo grande escudo.

Foldar recuou às pressas, tentando ajustar-se a esta nova situação e não conseguiu fazê-lo muito bem. Gilan puxou a faca saxônica da bainha com a mão direita. Enquanto bloqueava a espada de Foldar a sua própria esquerda, continuaria a mover-se para perto, para apunhalá-lo com a pesada faca saxônica.

Da segunda tentativa, abriu um corte largo nas costelas de Foldar, a faca saxônica cortando facilmente através da malha sob a túnica. Foldar ofegou em dor e imediatamente usou o seu escudo para proteger o corpo.

Era a oportunidade para Gilan lançar um ataque aéreo, visando o elmo de Foldar.

Ele não deu tempo ao bandido para pôr sua espada em jogo: martelou a cabeça dele com uma série ultrarrápida de golpes, forçando Foldar a levantar o escudo.

Um dos golpes rompeu a defesa, penetrando a partir da borda do escudo e pegando o bandido em cheio no elmo. Ele cambaleou para trás e caiu num joelho, a respiração ofegante.

— Vou lhe dar outra chance de se render — Gilan disse calmamente. — Uma só.

Gilan tinha sido treinado numa escola dura. Ele sabia que era mais hábil do que Foldar, mesmo com a mão esquerda. Mas ele também sabia que um

duelo como este era arriscado. Um desliz, um passo perdido na grama úmida poderia significar um desastre para ele. Fora treinado para oferecer ao oponente uma chance de render. Mas apenas uma.

— Renda-se você! — Foldar rosnou. Ele jogou-se para a frente, usando a perna ajoelhada como impulso. Gilan tinha percebido o movimento uma fração de segundo antes de Foldar se mexer. Viu isso nos olhos do homem. Travou a espada com a faca saxônica, sacudindo o punho e desviando-a para a direita, de modo que Foldar girou desajeitadamente, expondo as costas desprotegidas à espada de Gilan.

Tentando recuperar-se, Foldar sentiu um terrível impacto entre as omoplatas. Em seguida, uma dor ardente.

— Aaah... aaah — gritou ele, com a voz fraca, a mente ainda se perguntando o que tinha acontecido. Sentiu a espada cair de seus dedos, que de repente não tinham força para segurá-la. Então viu a grama correndo a seu encontro.

Gilan retirou a espada e deu um passo atrás. Foldar estava de bruços na grama com sangue manchando a túnica negra. Gilan encolheu os ombros. Crowley pediu para capturar o homem vivo *se possível*. Tanto quanto Gilan sabia, “se possível” não envolvia o risco da própria vida.

— Talvez seja melhor assim — disse ao bandido morto. — As cobras sempre dão um jeito de escapar.



— ENTÃO, FOLDAR ESTÁ MORTO. ISSO É UM ALÍVIO.

Douglas estava andando pelo escritório enquanto escutava Gilan contar do ataque ao comboio. — Você sabe, assumiu um grande risco trocando o dinheiro para a carruagem pequena e enviando-a sem proteção.

Gilan fez um gesto de desprezo. — Não realmente. Eu estava confiante de que o informante de Foldar diria a ele que o dinheiro estava no carro grande.

Os olhos do Barão Douglas se estreitaram por um momento quando ele encontrou o olhar firme de Gilan. Então, como sempre, desviou os seus do contato direto.

— Hmm... sim. O informante. Alguma ideia de quem poderia ser?

— Bem — disse Gilan deliberadamente — além de você e de mim, só uma pessoa sabia que o dinheiro estaria na grande carruagem.

— Philip?

Gilan assentiu. — Exatamente.

Agora, o Barão balançou a cabeça, triste. — Eu nunca teria pensado nele! O homem está comigo há anos. Ainda assim, acho que se a tentação é grande o suficiente, qualquer um pode ficar mal. — Ele suspirou profundamente, obviamente achando toda a questão de mau gosto. — Acho que é melhor chamá-lo aqui, então.

— Se você puder — disse Gilan.

Eles esperaram em silêncio os poucos minutos para Philip ser convocado. O senescal entrou no escritório do Barão com cautela. Olhou para o Arqueiro e o Barão. É claro que ele sabia dos acontecimentos do início do dia. Era inteligente o suficiente para perceber que estava sob suspeita, como uma das poucas pessoas que tinham conhecido o paradeiro pretendido do dinheiro dos impostos.

— Por que você fez isso, Philip? — O Barão começou com sua voz carregada de decepção.

— Meu senhor? — Philip respondeu hesitante. Até agora, ele não fora acusado de nada, embora soubesse que isso não demoraria.

Gilan levantou a mão. — Eu posso, Barão Douglas? — disse ele, e o Barão sinalizou sua aquiescência.

Ele virou-se, com as mãos cruzadas atrás das costas, uma imagem de confiança traída.

— Philip — Gilan disse calmamente — o que você estava fazendo na casa de Ambrose?

O Barão virou-se rapidamente para encará-los, uma expressão perplexa no rosto. O rosto de Philip mostrou surpresa também. Mas não havia confusão ali. Ele sabia a que Gilan estava se referindo.

— Ambrose? — disse Douglas. — Quem diabos é Ambrose?

— Ambrose é um rico comerciante no vilarejo — Gilan disse a ele. — Philip lhe devia dinheiro.

O senescal baixou a cabeça. — Você sabe sobre isso? — ele disse, a voz quase inaudível.

O Barão agora avançou, parando a apenas um metro de Philip, dominando o homem menor.

— Então, você pegou o dinheiro de Foldar para trair seu feudo? — disse. — Para me trair?

Philip olhou para cima, angústia e perplexidade em seu rosto. — Foldar? — disse ele. — Eu nunca peguei dinheiro de Foldar, meu senhor. Eu juro.

— Então como você paga suas dívidas? — O Barão exigiu com raiva e novamente a cabeça de Philip afundou. Ele abriu a boca para responder, mas Gilan foi mais rápido.

— Ele roubou o dinheiro dos impostos já recolhidos — disse ele e os dois homens olharam para ele com surpresa.

— Ele o quê? — O Barão perguntou, um segundo antes de Philip conseguiu responder.

— Eu nunca quis ficar com ele. Eu sempre tive a intenção de pagar! Eu juro. E eu pagaria.

— Eu sei — disse Gilan. Ele olhou agora no Barão. — Nos últimos meses, Philip tem passado as noites trabalhando para Ambrose e alguns outros comerciantes da vila. Eu o vi na outra noite, quando ele voltou da casa de Ambrose com um grande saco de dinheiro. Ele o colocou na tesouraria. Estava num saco branco, que eu vi quando carreguei o dinheiro para a carruagem na outra noite. Eu me perguntava, então: se um homem estivesse planejando ajudar Foldar a roubar o dinheiro dos impostos, por que ele se daria ao trabalho de substituir o dinheiro que já tinha roubado?

—Mas... o que ele fez para estes comerciantes? — O Barão perguntou,

confuso.

Mais uma vez, Philip pareceu envergonhado. — Eu os estava ajudando com as contas. Seus registros estavam muito desleixados e todos pagavam impostos muito mais do que eram obrigados. Eu mostrei a eles como reduzir os impostos. Eles me pagaram por meus serviços e quando eu consegui o suficiente, substituí o dinheiro que peguei emprestado da tesouraria. — Ele olhou suplicante para Gilan. — Foi tudo perfeitamente legal, eu juro.

Gilan escondeu um sorriso. — Talvez. Se foi ético é outra questão. Você pode dizer que tem um conflito de interesses, sendo o responsável pela cobrança dos impostos, em primeiro lugar. — Ele se virou para o Barão. — O fato é, meu senhor, Philip não é nosso traidor.

— Então, quem é? — Douglas perguntou.

Gilan encarou-o com um olhar fixo. Depois de alguns segundos, os olhos do Barão baixaram. Então Gilan falou calmamente. — Você é, meu senhor.

— Eu? Não seja ridículo! — O barulho estava de volta à voz do Barão. — Por que eu trairia o feudo, e o reino, por Foldar?

— As razões habituais, eu suponho. O dinheiro provavelmente figura entre elas. E suspeito que você fosse secretamente ligado a Foldar e Morgarath, durante a rebelião. Talvez Foldar estivesse ameaçando expor o fato se você não o ajudasse. Tenho certeza de que tudo vai ficar claro no seu julgamento.

— Ridículo! — O Barão Douglas gritou, como se o volume da voz de alguma forma provasse sua inocência. — Como eu poderia estar ligado a Foldar? Eu nunca conheci o homem!

— Foi o que me disse quando cheguei — disse Gilan. — Mas então, no outro dia, você disse: “Aqueles olhos bastam para provocar arrepios na espinha. São frios e sem vida como os de uma cobra”. Coisa estranha de dizer, se você nunca o conheceu.

O Barão olhou desesperadamente pela sala, procurando maneira de escapar. Seus olhos caíram sobre o punhal na mesa, e ele se lançou para ele.

Philip foi mais rápido. Pegou o pesado tinteiro e o jogou, com seu conteúdo, na cara do Barão. Douglas cambaleou, esfregando os olhos, tentando retirar a espessa tinta preta do rosto.

— Você ia ficar olhando eu ser preso por seu crime! — Philip gritou.

O Barão finalmente limpou os olhos. Olhou a cumprida espada de Gilan. O Arqueiro sorriu para ele, mas não havia humor real no sorriso.

— Vamos partir para o Castelo Araluen esta tarde — disse ele. — Espero que você tente escapar no caminho.

Destavez, Douglas conseguiu sustentar o olhar de Gilan. O que ele viu

ali o fez desanimar. Decidiu então que não haveria tentativa de fuga.

Gilan pegou um par de algemas de couro e madeira de um bolso interno e jogou para Philip.

— Coloque isso nele, ok? — pediu.

O senescal assentiu, então hesitou. — Quem vai ficar no comando aqui, quando ele se for?

Gilan levantou uma sobrancelha. — No momento, acho que vai ser você. Depois, veremos. Apenas tente garantir que o Rei receba algum imposto deste feudo, sim?

Philip assentiu várias vezes enquanto prendia as mãos do Barão atrás das costas. — É claro. Tudo o que ele tiver direito. — Então, não pôde resistir a um leve sorriso. — Mas não mais.

— Isso é justo — Gilan embainhou sua espada e puxou Douglas pelo cotovelo, empurrando-o para a porta. Enquanto andava, olhou para trás e viu o senescal ajoelhando-se para limpar a tinta derramada no chão do escritório.

— Ouvi dizer que a pena é mais poderosa que a espada — disse Gilan. — Mas nunca soube que um tinteiro fosse mais poderoso que uma adaga.

OS NÔMADES





O BARCO MERCANTE ERA UMA JANGADA GIGANTE E PLANA, com o convés construído com meia dúzia de grandes troncos que a faziam flutuar. Feixes de couro, lã, sacos de grão, farinha e tecidos estavam empilhadas no meio do convés, cobertos por lonas. Atrás deles, uma casinha servia de abrigo para a pequena tripulação.

O capitão estava na plataforma de direção da popa, equipada com um remo extenso, que servia como um leme. Havia quatro outros remos, embora naquele momento apenas dois estivessem sendo utilizados, para manter o barco em movimento com mais velocidade do que apenas permitiria a lenta corrente do rio Tarbus. Além disso, se o vento estivesse favorável, um mastro e uma grande vela poderiam ser içados.

Era uma maneira eficiente para que os produtos chegassem ao mercado na foz do rio. A alternativa eram três semanas de viagem por terra em um carro de boi. Mesmo tendo em conta as voltas e reviravoltas do rio, o barco de comércio fazia a viagem em cinco dias. Os agricultores e moleiros de Wensley, e meia dúzia de outras aldeias ao longo do rio, tinham encontrado uma maneira mais conveniente de vender seus produtos.

O capitão do barco pagaria por eles e depois os venderia rio acima com certo lucro. Os produtores acabavam recebendo menos do que o preço de mercado, mas também eram salvos de uma viagem longa, árdua, durante o qual os seus bens poderiam ser roubados.

Roubo também era um dos perigos enfrentados pelos comerciantes de barco. Recentemente houvera um aumento acentuado na atividade dos piratas no rio atacando-os comerciantes. Como Halt tinha comentado a Will: — Parece que sempre que alguém tem uma boa ideia como esta, outras pessoas simplesmente não podem esperar para roubar.

O barco estava virando para fazer uma curva no rio. O capitão e os remadores agitavam-se fortemente para manter a pesada embarcação no meio do fluxo do rio, evitando-os bancos de areia salientes da margem esquerda. Desajeitadamente, a jangada virou em torno da curva, formando um ângulo

para o leito. O timoneiro virou-seu leme habilmente para endireitar o barco, convidando-os remadores a puxarem em direções opostas, remando uma vez para frente e outra para trás, por meia dúzia de golpes, até ele estar satisfeito com relação ao alinhamento do fluxo da água novamente.

Se deixasse o barco sair do alinhamento, ele sabia, em pouco tempo estariam girando pela corrente, fora de controle. Então seria necessário um esforço ainda maior para trazer o barco de volta para a posição correta para fazerem a próxima curva.

Uma vez que o barco estava viajando em linha reta novamente, ele disse aos remadores seus dois filhos que eles podiam relaxar. Eles retomaram o gentil curso anterior.

Então ele ficou tenso quando viu o movimento nos juncos ao longo da margem direita.

— Oswald! Ryan — ele gritou. — Remos! Olhar atento agora! Ele mal tinha completado sua advertência quando um barco comprido e estreito surgiu a partir dos juncos e se dirigiu em direção a eles. Ele estava cheio de homens ele viu no mínimo quinze que puxavam oito remos. Ele se inclinou sobre o leme, enquanto o barco pesqueiro voltava para a margem esquerda, e seus filhos soltavam os remos novamente.

Não teriam chance de superar o outro barco. A única chance era a praia que havia antes da balsa, onde poderiam desembarcar e em seguida, fugir para as árvores. Eles perderiam a carga de qualquer forma, mas não suas vidas. A tripulação do outro barco estava fortemente armada e gritava ameaças a eles.

Seu líder estava na proa do barco, brandindo uma espada longa.

— Parem! — Gritou. — Se vocês continuarem navegando, vamos matar todos vocês!

O capitão do barco balançou a cabeça com a ameaça. Os piratas iriam matá-los de qualquer maneira, ele sabia. Nos últimos meses, os corpos de uma dúzia de comerciantes barqueiros tinham sido encontrados em terra ao longo do rio. Barcos e cargas não foram mais vistos.

— Estão nos empurrando para fora! — Ele gritou, apesar de seus filhos poderem ver o que estava acontecendo, assim como ele. A embarcação pirata foi rápida para fazer a curva.

Em seguida, uma voz de sob a lona que cobria a carga respondeu baixinho: — Pegue seus meninos, vá para a popa. Depois diga-nos quando os piratas estiverem a bordo.

O capitão assentiu.

— Oswald! Ryan! Deixe-os e venham aqui! Os dois musculosos

remadores não hesitaram um segundo. Deixaram seus remos balançando no suporte e se moveram em direção à plataforma de direção, armando-se com pesados porretes com tachas. Sem os remos para impulsioná-lo, o barco começou a girar lentamente e o capitão usou seu remo para endireitar o barco.

Os piratas estavam a apenas alguns metros de distância e chegavam rápido. O líder estava agachado, pronto para saltar sobre a jangada. O barco atingiu-os em ângulo, raspando a madeira áspera da jangada e girando paralelamente a sua volta. O líder saltou no convés, gritando a seus homens para fazerem o mesmo. Meia dúzia de homens disparou atrás dele, esperando sua vez de pular para a jangada.

— Eles estão embarcando — gritou o capitão. Quando ele o fez, uma seção da lona que cobria carga foi jogada de lado e duas figuras vestidas de verde e cinza emergiram de seu esconderijo.

Cada um portava enorme arco, com uma seta encaixada e pronta para ser disparada.

— Arqueiros do Rei! — Gritou o outro à esquerda. — Lancem suas armas e se rendam! Por um momento, o líder pirata ficou atordoado. O súbito aparecimento dos dois Arqueiros o deteve em seu caminho. Então, sua mente trabalhou rápido. Havia sido flagrado fazendo pirataria. A pena seria o enforcamento. Havia apenas uma saída para ele. Rosnou, tomado pela raiva, e gritou para seus homens.

— Vamos! Matem todos! Matem todos! — E correu em direção às figuras camufladas.

— Não era a resposta que eu queria — Halt disse calmamente. Ele suspirou e atirou antes que o pirata pudesse dar dois passos.

Uma seta preta atingiu o bandido no centro do peito, arremessando-o para trás. Ele caiu na beirada da jangada, onde havia uma massa de homens tentando segui-lo. O barco pirata balançou perigosamente, os homens caíram sobre os remadores, um deles, direto na água.. O resultado foi um pandemônio.

Então um deles assumiu o comando. A ideia de enfrentar dois Arqueiros, com suas habilidades fabulosas para atirar rápido e precisamente, era diferente de matar homens de barco desesperados.

— Vamos sair daqui! — Ele gritou para o timoneiro. Então gritou para os remadores, que estavam tentando livrar-se dos corpos caídos dos seus companheiros. — Remem, com mais força! Remem! Tirem-nos daqui! Lentamente, a ordem começou a prevalecer no barco dos piratas. Halt virou-se para os dois remadores do barco e apontou em direção ao navio pirata.

— Arpão! Rápido! Os dois barcos estavam começando a se afastar, com o

timoneiro pirata trabalhando seu leme e levando o barco para longe. Oswald e Ryan jogaram seus porretes, não vendo mais necessidade para eles, e correram para a frente. Oswald pegou um ferro de três pontas que havia sido deixado pronto, girou ao redor da cabeça e lançou. Ele se elevou sobre a distância entre os barcos, levando uma corda de cânhamo. Bateu na amurada da popa do barco pirata e imediatamente Oswald o puxou para trás, fixando suas garras afiadas na madeira. Começou a puxar o barco pirata para a jangada. Nesse meio tempo, Ryan tinha arrancado um dos longos remos de sua toleteira.

Quando seu irmão soltou o barco pirata, ele prendeu o remo, empurrando-o de modo que os piratas ficaram presos a três metros da jangada.

Halt e Will já estavam na proa do barco. Empunhavam seus longos arcos, mirando os piratas.

— Corte a corda! — Gritou o timoneiro pirata. Não vendo nenhum de seus homens dispostos a fazer qualquer movimento sob a ameaça dos arcos, ele segurou um pesado punhal que estava preso em seu cinto e deixou o leme, movendo-se em direção à âncora.

O arco de Will zumbiu. Ouviu-se o chicoteio familiar que a flecha fazia ao sair do arco, então o timoneiro se levantou com uma seta no lado. Will tinha atirado para feri-lo no braço. No último momento, o homem havia se mexido, expondo as costelas. Olhou horrorizado para o jovem Arqueiro quando percebeu o que lhe tinha acontecido. Seu punhal retiniu sobre o convés do barco e o timoneiro caiu sobre a amurada e o barco balançou, súbita e perigosamente. Um dos tripulantes jogou-o ao mar. O barco voltou a se endireitar e o corpo do timoneiro foi levado pela corrente. A água ao seu redor lentamente ficava vermelha.

— Joguem suas armas no mar! — Halt ordenou. Por um segundo, ninguém respondeu. Ele levantou o arco e, de repente, facas, paus, machados e espadas, tudo caía na água marrom.

— Oswald, amarre a corda, — Halt ordenou, e o comerciante do rio rapidamente a enrolou em torno de uma âncora. Halt estava atento, não podia vacilar perto dos piratas. Depois, apontou para banco de areia na margem esquerda do rio.

— Peguem os remos! — Ele ordenou. — Levem todos para o banco de areia! Sob a força de seis remos o barco pirata começou a oscilar em direção à costa. Quando a corda se esticou, ele começou a ir mais devagar, arrastando a jangada pesadamente atrás de si. Hal fez um sinal, Oswald e Ryan retornaram a seus lugares, em seus próprios remos, para ajudar a impulsionar a jangada em direção à areia.

Quando Halt sentiu a jangada raspar contra o banco de areia, pulou na água que batia em seus joelhos, Will ao lado dele. Os dois arcos continuavam ameaçando os piratas.

— Saiam do barco — Halt ordenou. — Deitem-se na areia. O primeiro homem que fizer um movimento que eu não goste, vou atirar.

Por um momento, a tripulação do barco hesitou. Afinal, havia apenas dois arqueiros de frente para eles. Em seguida, o senso comum venceu. Eles estavam desarmados e os dois eram Arqueiros. Num espaço de dez segundos, eles podiam disparar quatro ou cinco flechas cada. Com dois dos seus já mortos, as chances não eram boas. Lentamente, relutantes, pisaram em terra firme e se deitaram no chão de areia.

— Coloquem as mãos atrás da costas, — Halt ordenou e quando os piratas o fizeram, ele chamou a tripulação do barco. — Ryan, Oswald, amarrem-os, por favor.

Os dois irmãos ficaram felizes com a ordem. Eles passaram rapidamente entre as figuras de bruços, usando comprimentos curtos de corda que tinham preparado no início do dia. Amarraram com firmeza e, sendo barqueiros, sabiam como amarrar um nó que não afrouxasse.

— Agora, amarre todos juntos com uma corda longa — disse Halt. — Não queremos nenhum deles fugindo.

O capitão do barco jogou uma corda longa e pesada e os irmãos rapidamente amarraram os homens. Em seguida, empurraram os piratas para o barco e os depositaram, não muito gentilmente, sobre o tabuado.

— Há uma cidade fortificada três quilômetros rio abaixo — disse Halt. — Vamos entregar estas belezas lá para julgamento. Nesse meio tempo, podemos relaxar e desfrutar de uma viagem de barco a lazer rio abaixo.

— Exceto nós — disse Ryan, voltando a seu lugar no remo. Mas ele estava sorrindo. Ficou encantado vendo os piratas fora de ação. A comunidade barqueira era pequena e ele tinha perdido vários amigos para piratas nos últimos dias.

— Sim — disse Halt, sorrindo de volta. — Exceto vocês.



— QUERIA QUE TODAS AS NOSSAS MISSÕES FOSSEM RÁPIDAS COMO ESTA — disse Halt.

Era o dia seguinte. Eles tinham deixado os piratas com a guarnição de Claradon, então contrataram remadores para trazê-los de volta rio acima no barco dos piratas.

Recuperaram Puxão e Abelard nos estábulos onde os tinham deixado no início da jornada e foram cavalgando para casa.

— Imaginei que tivéssemos que subir e descer o rio semanas seguidas antes que os piratas mordessem a isca — disse Will. — Não apenas quatro dias. O que foi um golpe de sorte.

— Sim. Eu não gostaria da ideia de nos escondermos sob aquela lona abafada nas próximas semanas — disse Halt. — Acho que às vezes a sorte cai em nosso caminho.

Eles cavalgaram lentamente até a rua principal de Wensley, acenando para as pessoas que os cumprimentavam enquanto passavam. A maioria dos cumprimentos era amigável. Mas Will percebeu que vários moradores reagiram com surpresa ao ver os dois Arqueiros, saindo correndo em seguida. Ele sorriu.

— Parece que algumas pessoas se surpreendem ao nos ver de volta tão cedo — disse ele. — Eu me pergunto o que andam fazendo.

Halt ergueu uma sobrancelha. — Vamos descobrir logo. Há sempre gente esperando para tirar proveito da nossa ausência.

Como o caso dos piratas era uma questão interna do Feudo Redmont, eles não se preocuparam em pedir cobertura a Gilan. Mas Halt tinha sido Arqueiro por tempo suficiente para saber que mesmo numa aldeia pacífica como Wensley havia uma pequena cota de ladrões, jogadores e trapaceiros que sempre estaria pronta para tirar proveito de sua ausência.

Chegaram ao desvio que levava ao chalé das árvores e Will acenou com a cabeça em direção ao castelo, que dominava a paisagem na colina acima deles.

— Você tem que ir para o castelo de imediato?

Halt hesitou, olhou para o sol e viu que ainda havia várias horas de luz do

dia. — Não. Vou para a cabana. Posso começar a fazer meu relatório para Crowley.

— Melhor você do que eu — Will disse alegremente. Há algumas vantagens em ser um Arqueiro aprendiz, ele pensou. Halt lançou-lhe um olhar sisudo por alguns segundos. Will se moveu desconfortavelmente na sela. Nunca era um bom sinal quando Halt o olhava assim.

— Pensando bem — disse Halt. — Eu poderia me sentar ao sol na varanda e deixar você escrever o relatório. Depois que fizer as devidas correções, eu o assino.

— Pode não precisar de correções — Will sugeriu timidamente e Halt sorriu para ele.

— Oh, eu tenho certeza que vou fazer muitas.

Will estava prestes a responder quando ouviram o som de cascos a galope atrás deles. Ambos se voltaram para ver Alyss a cerca de cem metros, vindo da aldeia em direção a eles rapidamente.

— Alguém está contente por você estar em casa mais cedo — observou Halt, com um leve sorriso no canto da boca. Ele gostava de Alyss e ficou encantado com a relação que tinha surgido entre ela e Will.

Will também sorriu ao vê-la.

Ela monta um cavalo muito bem, pensou ele, e seus longos cabelos louros voam atrás dela de uma forma atraente.

Mas enquanto ela se aproximava não pôde ver sinal algum de boas-vindas, e o sorriso em seu rosto desapareceu.

— Alguma coisa está errada — disse ele. Halt tinha chegado à mesma conclusão. Eles pararam e viraram seus cavalos para encará-la enquanto ela segurava sua égua branca até parar.

— Will — ela gritou, sua voz estava angustiada. — Eu sinto muito! Ebony desapareceu!



— Desapareceu? O que você quer dizer com desapareceu? — Will perguntou. Assim que ele disse essas palavras, percebeu quão ridículas eram. Só uma coisa poderia significar a declaração de Alyss.

— Ela se foi. Três dias atrás. Eu a deixei na cabana enquanto ia a uma reunião no castelo. Me desculpe, Will. Eu deveria ter levado ela comigo! Mas eu pensei...

Will estendeu a mão e tocou a dela para acalmá-la. Ela estava à beira das lágrimas, ele podia ver.

— Não havia razão para você levá-la — ele disse. — Eu frequentemente a deixava sozinha na cabana.

Quando ele e Halt a tinham deixado para perseguir os piratas, Alyss havia se mudado temporariamente para a cabana para fazer companhia e cuidar da jovem cadela, dar comida e água todos os dias. Mas é claro, Will conhecia Alyss e ela tinha deveres a cumprir no castelo. Ebony não era um filhote. Ela gostava da companhia de Alyss, e podia confiar em que ela ficaria perto da cabana se Alyss fosse chamada no castelo por uma hora ou duas.

— Talvez ela tenha se embrenhado na floresta — sugeriu Halt.

Mas Will balançou a cabeça.

— Ela não faria isso. Ela é treinada para ficar onde é mandada. — Ele olhou para Alyss novamente. — Quando você a viu pela última vez?

— Três dias atrás, como eu disse. Eu dei comida a ela pela manhã e passei com ela pela aldeia. Então recebi a mensagem de que precisavam de mim no castelo. Eu a deixei na varanda e disse a ela para ficar. Voltei duas horas depois e ela tinha ido embora. Primeiro eu pensei que ela poderia ter perseguido alguma coisa floresta adentro, então comecei a procurá-la, chamando por ela. Nenhum sinal.

— E quanto à aldeia? — Will perguntou. — Alguém a viu?

— Se tinha alguma chance de Ebony se perder, ela teria que ter ido muito mais longe do que Wensley. Ela era uma cachorra muito popular com os moradores da aldeia e em poucas ocasiões ela tinha procurado sua companhia.

Alyss balançou sua cabeça. — Eu perguntei, ninguém a viu. Me desculpe!

Uma preocupação traiçoeira começou a corroer Will. Inicialmente, ele tinha pensado que haveria uma simples explicação para o sumiço da cachorra. Mas a perturbação de Alyss era contagiosa. Alyss normalmente era calma e sob controle, mesmo na pior crise. Ele estava começando a pensar que havia mais sobre este assunto do que ouvira até agora... havia alguma coisa que Alyss ainda não tinha contado a ele.

A menos que um acidente tenha acontecido a Ebony, só havia realmente uma razão para ela continuar desaparecida.

— Alguém deve tê-la levado — ele disse. Uma olhadela no rosto de Alyss disse a ele que era isso mesmo o que ela temia. — O que foi?

Lágrimas começaram a rolar pelas bochechas dela quando ela respondeu. — Havia um grupo de viajantes passando pelo vilarejo...

— Viajantes? — Will interrompeu. — Que tipo de viajantes? — Embora ele tivesse uma suspeita de que já sabia qual. As palavras seguintes de Alyss confirmaram suas suspeitas.

— Nômades. Eles acamparam fora de Wensley por uma noite, então foram embora. Eu não sabia que eles estavam aqui até começar a perguntar sobre Ebony. Eles estavam aqui no dia em que ela desapareceu.

Nômades eram viajantes itinerantes que percorriam o país em caravanas puxadas por cavalos. Não tinham residência permanente, acampavam por um ou dois dias próximo a aldeias, ou até que os moradores os mandassem embora. Nômades normalmente viajavam em grandes grupos familiares — mães, pais, tios, tias e crianças viajavam todos juntos. Eram músicos e performistas e entretinham aldeões agricultores para ganhar dinheiro. Normalmente, pareciam ser um charmoso e romântico grupo popular. E quando ficavam numa área por mais do que um dia ou dois, coisas começavam a desaparecer — roupas, coisas de pequeno valor e ocasionalmente uma galinha ou um pato.

Os Nômades são originários do continente, do sudeste da Toscano. Mas com o passar dos séculos, espalharam-se ao redor do mundo ocidental e desenvolveram um padrão cíclico de viagens. Aparecem, ficam poucos dias, mudam-se novamente e passam anos sem serem vistos. Então, um dia, retornam. Eles são um grupo muito unido e misterioso. Com o cabelo preto e a pele morena, suas mulheres mais jovens eram notavelmente belas e seus homens tinham cabeça quente e língua afiada — entre eles e com pessoas de fora.

Havia outra coisa que Will lembrava sobre os Nômades. Eles eram conhecidos por sua forte ligação com animais — cavalos, mulas e cachorros —

embora, paradoxalmente, eles os maltratassem. Se Ebony tinha sido levada por um grupo de Nômades, seria melhor que ele a trouxesse de volta o mais breve possível.

— Vou atrás deles — Will disse decisivamente. — Eles não se movem rápido e eu posso alcançá-los em um dia aproximadamente.

Começou a colocar os arreios ao redor da cabeça de Puxão, mas Halt estendeu a mão e pegou a rédea dele.

— Apenas espere um momento — ele disse. — Se ela foi apanhada pelos Nômades, a última coisa que você vai querer fazer é chegar cobrando e exigindo que eles a entreguem.

— O que você está falando, Halt? Eu quero ela de volta e eu quero ela de volta agora.

Mas Halt estava balançando a cabeça. — Os Nômades são pessoas complicadas de se lidar — ele disse. — Eles são desconfiados muito bons em cobrir seus rastros. Eles são quase tão bons em se esconder quanto nós. Se decidirem mantê-la escondida, você será forçado a encontrá-la. E se eles perceberem que roubaram um cachorro de um Arqueiro, ela vai estar em perigo.

— Perigo? Que tipo de perigo? — Will perguntou.

—Provavelmente eles a matarão e se livrarão das evidências.

Will sentou-se na sela, boquiaberto. — Matá-la? — ele repetiu.

Halt assentiu. — Certo ou errado, os Nômades tem sido maltratados por muitos séculos. Eles desenvolveram um mecanismo psicológico altamente defensivo. Se eles perceberem que a cachorra que eles roubaram é de propriedade de um Arqueiro, eles podem assumir que a lei incidiria pesadamente sobre eles...

— E eu vou! — Will disse impetuosamente. Mas Halt ergueu a mão para acalmá-lo.

— Se você puder encontrá-la, o caminho mais seguro para eles será se livrar dela. Matar e enterrar. Ou deixá-la no rio. Qualquer coisa para ter certeza de que você não a encontre em posse deles. Você simplesmente não pode assumir esse risco.

— Você está dizendo que eu devo deixar que eles a levem? — Will perguntou incerto.

—Nada disso. Vá atrás dela. Mas faça isso cuidadosamente. Seja sutil. Não deixe que eles saibam que você é um Arqueiro e não deixe que eles saibam que você está procurando um cachorro perdido.

Will sentou, pensando sobre as palavras de Halt, com um olhar

preocupado em seu rosto. Depois de um tempo Alyss falou.

— Eu vou com você.

Automaticamente Will balançou a cabeça. — Não, você não vai.

A boca da moça se comprimiu numa linha fina. — Will, eu me sinto responsável por isso. Eu quero ajudar.

— Eu acho que pode ser uma boa ideia — Halt disse, o que fez ambos olharem para ele, Will com surpresa e Alyss com gratidão. Ele continuou. — Eles podem desconfiar menos de uma jovem do que desconfiariam de um rapaz em idade militar. Eles são astutos, mas têm um ponto fraco, acham que as mulheres são cidadãs de segunda classe e não fazem ideia do quanto são capazes e perigosas quando querem. Acho que Alyss pode ter mais chance de descobrir onde a cachorra está.

— Ela não vai estar no acampamento deles? — Alyss perguntou.

Halt franziu os lábios. — Provavelmente. Mas eles estão de posse de um cachorro roubado. Ela é valiosa e eles podem muito bem estar esperando o proprietário aparecer, procurando por ela. Aposto que eles vão mantê-la escondida em algum lugar perto do acampamento até que estejam suficientemente longe do distrito. Se você tentar segui-los, Will, e descobrir onde eles a estão mantendo, pode haver uma boa oportunidade para eles pegarem você. Eles estarão em alerta enquanto ainda estiverem perto de Redmont. Por outro lado, eu duvido que eles se preocupassem com Alyss. Como eu disse, eles têm muito pouco respeito pelas mulheres.

Havia ainda outro ponto que Halt estava relutante em dizer. Will já estava suficientemente preocupado. Mas quanto mais Halt pensava nisso, mais certo ficava do acerto em mencioná-lo.

— Há uma coisa que você precisa saber sobre os Nômades — ele disse. — Eles costumam treinar cachorros para brigas.

— Brigas? — Will disse, sua voz quase um sussurro. — O que você quer dizer com isso?

— Eles os treinam para brigar com outros cães... então montam ringues de luta e pessoas apostam neles. Ou então se encontram com outros grupos Nômades e colocam seus campeões para lutarem uns com os outros. É perverso e cruel, e altamente ilegal, é claro, e esse é outro motivo pelo qual eles mantêm os cachorros fora de vista.

— Isso é horrível — Alyss disse. Seu rosto estava pálido.

Halt assentiu, — Eu sei. É difícil entender, dada a reputação que eles têm de amantes dos animais. Mas é um fato.

Will estava pensando sobre o que Halt disse, então balançou a cabeça.

— Não há nenhuma razão para eles terem levado a Ebony, Halt. Ela não é muito grande e definitivamente não é agressiva. Eles nunca conseguiriam transformá-la num cão de briga.

Halt respirou profundamente. Mas ele pensou que Will deveria saber o pior. — Até o melhor cão pode se tornar selvagem se for tratado cruelmente, Will. É por isso que é muito importante que você a encontre o mais rápido possível.



COM EXPRESSÃO SOMBRIA ELES PARTIRAM DUAS HORAS DEPOIS. Atendendo à recomendação de Halt, Will tirou seu manto verde e cinza, que o identificava como Arqueiro, e o escondeu com o cobertor. Manteve seu arco no estojo de lona, pendurado na sela de Puxão.

Alyss também havia trocado a capa branca que a distinguia como Mensageira. Usava um vestido verde de tecido rústico e manto de lã marrom. A escolha de cores fora intencional: ajudariam a moça a se misturar com a paisagem pela qual eles estariam viajando. Perguntas em vilas e fazendas distantes informaram que os Nômades estavam se movendo para o sul em comboio de cinco caravanas, acompanhados de uma variedade de cavalos, cães e cabras. Nenhum dos moradores locais que eles encontraram na estrada vira um pastor branco e preto entre os cães. Também não viram nada que pudesse se parecer com um cão de briga, mas isso não era surpresa.

— Cães de briga são ilegais — Will disse a Alyss — Eles devem mantê-los fora de vista. E, claro, Ebony foi roubada. Eles devem mantê-la escondida também.

Embora os Nômades tivessem três dias e meio de vantagem, ele esperava alcançá-los rapidamente. Afinal, sempre que ele avistara os Nômades viajavam a passo pouco mais rápido que uma caminhada. Porém, no fim do segundo dia, soube numa fazenda que a caravana havia passado por ali dois dias antes. Ficou intrigado com isso e mencionou o fato a Alyss.

— Eu perguntei a Lady Pauline sobre os Nômades quando fui ao castelo buscar meus apetrechos de viagem — ela disse. — Ela teve algum contato com eles ao longo dos anos. Ela me contou que é pratica normal, viajam em passo mais acelerado nos primeiros dias, particularmente se roubaram alguma coisa. Assim, já estarão bem longe do vilarejo quando descobrirem o roubo.

— Faz sentido — Will disse. Ele olhou para o céu. O sol estava quase se pondo e restava apenas meia hora de luz. — Você se importa de continuarmos após o anoitecer por algumas horas? Tentaremos encontrar uma fazenda para passar a noite, em vez de levantar acampamento no escuro.

— Por mim tudo bem — Alyss disse. Ela compartilhava da ansiedade de Will em alcançar o bando. O medo de que poderiam fazer Ebony competir com um feroz cão de briga todos os dias agora preenchia a mente de ambos.

A lua se ergueu depois do anoitecer, banhando a paisagem ao redor deles com uma pálida luz azulada. Cavalgaram em silêncio até que, por volta das nove da noite, avistaram uma janela iluminada numa pequena casa de fazenda.

— Melhor parar aqui — Alyss avisou. — Fazendeiros vão para a cama cedo. Se esperarmos mais tempo, teremos que acordá-los. E provavelmente eles não vão gostar disso.

Alyss provou estar certa. Quando se aproximaram da casa, acompanhados pelos latidos furiosos de um par de cachorros da fazenda, foram recebidos por um fazendeiro que apareceu na porta com lanterna na mão. Ele já estava de camisola, pronto para ir para a cama.

— O que vocês querem? — ele disse desconfiado. Conscientes dos cachorros, que pareciam ansiosos para chegar até eles, Will e Alyss permaneceram fora do quintal cercado da casa de fazenda.

— Somos viajantes — Will disse em resposta. — Minha irmã e eu estamos procurando hospedagem para a noite. Ficaremos felizes em pagar pelo seu incômodo.

O fazendeiro fez uma pausa. A ideia de pagamento era, obviamente, atrativa para ele.

— Desmontem e venham aqui. Vamos dar uma olhada em vocês — ele disse.

Will desmontou, Alyss o seguiu. Ele parou com a mão no trinco e acenou em direção aos dois cachorros.

— Quanto aos cachorros tudo bem? — ele perguntou.

O homem acenou. — Eles não farão nada, a menos que eu diga para fazer. Quietos vocês dois! Fiquem quietos! — Ele gritou repentinamente para os cachorros e eles sentaram instantaneamente. Os latidos pararam, mas continuaram rosnando baixinho, como se esperando permissão para rasgar em pedaços os intrusos.

Will e Alyss avançaram lentamente pelo quintal. Will observou, um pouco divertido, como Alyss conseguiu mantê-lo entre ela e os cachorros.

Os cães se moveram, os corpos trêmulos pela tensão de ter dois estranhos se aproximando. Mas o controle do fazendeiro sobre eles era total. O fazendeiro segurou a lanterna no alto enquanto eles se aproximavam. Quando ficaram a três metros ele disse que parassem.

— Perto o suficiente — ele disse. Estudou-os por vários minutos. Will

percebeu que ele segurava a lanterna com a mão esquerda. Na mão direita, que mantinha junto ao corpo, segurava uma clava com pontas de ferro. Atrás dele, Will viu alguém se mexendo dentro da casa e ouviu uma voz masculina perguntar algo. Um irmão, talvez, ou um filho mais velho.

— Parece estar tudo certo com eles — o fazendeiro respondeu por cima do ombro. — Apenas um par de jovens. Eles parecem inofensivos.

Alyss deu um sorriso após essas palavras. Will possuía um rosto juvenil e inocente, mas descrevê-lo como inofensivo era tão longe da verdade que era risível. Ele provavelmente seria a pessoa mais perigosa que esse fazendeiro já examinara.

— Não podemos deixá-los ficar na casa — o fazendeiro disse. — Somos seis aqui.

— O celeiro estaria bom — Will respondeu. — Queremos um teto sobre nossas cabeças. Parece que vai chover.

O fazendeiro olhou para cima e cheirou o ar experimentalmente. — Sim — ele disse — choverá antes do sol nascer, com certeza. Quero sete moedas de cobre pela hospedagem. E não temos comida para vocês — ele acrescentou rapidamente. — Já comemos e apagamos o fogo para a noite.

— Tudo bem. Temos nossa própria comida. — Will remexeu na bolsa presa em seu cinto. — Tenho poucas moedas de cobre, então darei uma coroa de prata no lugar.

A coroa valia dez moedas de cobre, mas ele ficou feliz em pagar o extra se isso significasse que ele e Alyss poderiam passar a noite num abrigo. O fazendeiro colocou a lanterna no chão e estendeu a mão, com polegar e o indicador juntos.

— Uma coroa de prata, então. — ele disse.

Will deu um passo a frente. Um dos cachorros, o malhado grande, tremia e choramingou quando ele se aproximou. Ele notou que, embora parecesse estar sentado, seus músculos estavam tão tensos que seu traseiro pairava a vários centímetros do chão. Rosnou quando Will entregou a moeda ao fazendeiro. Este a inspecionou e balançou a cabeça, satisfeito.

— Tudo certo, então. Minha esposa lhes dará o café da manhã, para compensar os três cobres extras. E não há fogo no celeiro. Sem vela, sem fogo. Há uma lanterna atrás da porta, mas deixem onde está. Mas ela deverá ser luz suficiente.

— Obrigado — Will disse. Então, uma de suas necessidades constantes falou mais alto. — Tudo bem se eu acender um fogo naquela área? Eu gostaria de fazer café.

O fazendeiro grunhiu assentindo. — Mantenha-o bem longe do celeiro. E lembre-se, os cachorros ficarão no quintal a noite toda. Tentem se aproximar da casa e eles atacarão vocês.

— Nós vamos lembrar — Will disse.

O fazendeiro grunhiu novamente. — Boa noite então. Descansem bem. — Ele fez um movimento de enxotar os cães para que a dupla saísse do quintal.

— Igualmente — Will disse. Ele e Alyss recuaram até o portão, saíram e o fecharam cuidadosamente atrás deles. Convencido de que estavam do lado de fora da cerca, o fazendeiro fechou a porta. Ouviram o ruído de uma pesada tranca. Os dois cachorros permaneceram na porta, deitados no chão com os focinhos em cima das patas enquanto observavam os dois estranhos levarem seus cavalos para o celeiro.

Cansados das horas de viagem árdua, dormiram profundamente. Will acordou uma vez pouco depois da meia-noite, ouvindo o tamborilar da chuva no telhado. Puxou seu cobertor até o queixo, feliz por estarem abrigados e voltou a dormir. Há algo muito reconfortante na chuva que cai enquanto você está quente e seco sob seus cobertores.

Já era dia quando acordou novamente, ouvindo um galo cantar e uma galinha cacarejando no galinheiro. A chuva havia parado, mas o ar ainda estava úmido e fresco.

De dia o fazendeiro mostrou uma expressão mais amigável. A esposa lhes deu um café da manhã reforçado. Will olhou a pilha de ovos, bacon, batatas e torradas com um sorriso.

— Fazendeiros comem bem — ele comentou.

Alyss levantou uma sobrancelha. — Isso porque eles trabalham mais duro que você.

Antes de partirem, perguntaram à família se tinham visto Nômades na área.

— Dois dias atrás — o fazendeiro respondeu prontamente. — Queriam acampar em nossa propriedade, mas eu os mandei embora. Coisas costumam desaparecer quando os Nômades estão por perto.

— Eu sei — Will disse. — Estou procurando um cachorro.

O fazendeiro coçou o nariz pensativamente. — É, eu posso imaginar. Bem, eu não perderia tempo para alcançá-los. Um acampamento Nômade não é um lugar saudável para um cão.

Ele não deu mais detalhes, mas Will não tinha dúvida sobre o que ele dizia. Will e Alyss se despediram e já estavam na estrada duas horas depois do amanhecer. Aceleraram o passo, fazendo os cavalos trotarem por vinte minutos,

em seguida desmontavam e caminhavam por um tempo, depois trotavam novamente. A cada hora, paravam para descansar por dez minutos e então voltavam a acelerar o ritmo. Não pararam para o almoço ao meio-dia: comeram carne seca, fruta e pão duro enquanto caminhavam.

Seus esforços foram recompensados. Quando pararam ao pôr do sol numa pequena aldeia, descobriram que os Nômades estavam um dia à frente deles. Como a aldeia não tinha pousada, pagaram para dormir na cozinha de uma das casas maiores. Antes do nascer do sol da manhã seguinte, já estavam de volta à estrada, mantendo o mesmo ritmo acelerado.

Quando os sol apareceu e a névoa serpenteante começava a se dissipar sobre a grama úmida, Puxão sacudiu a crina violentamente.

Nós vamos alcançá-los hoje. Sinto em meus ossos.

Will hesitou, olhando de soslaio para Alyss. Ele não tinha certeza de como ela reagiria se ele comesse a falar com seu cavalo.

— Vá em frente e responda a ele se quiser — ela disse, com o olhar fixo na estrada à frente.

Ele olhou fixamente para ela com surpresa. — Você pode ouvi-lo?

Ela sorriu e balançou a cabeça negativamente. — Não, mas Pauline me contou que vocês, Arqueiros, falam com seus cavalos e lançam olhares furtivos para verificar se alguém está ao alcance da voz.

— Oh. — Agora ele não tinha certeza se ele deveria continuar e responder a Puxão. A comunicação entre eles era uma questão muito particular.

Não precisarmos responder.

— Está tudo certo, então — ele disse. A resposta podia ser entendida tanto por Puxão quanto por Alyss.

Cavalgaram em silêncio por vários quilômetros, Alyss escondendo um sorriso.



OS NÔMADES CONTINUARAM RUMO AO SUL. WILL E ALYSS encontraram os sinais do acampamento do dia anterior num campo aberto ao lado da estrada. O solo macio mostrou marcas de rodas das carroças e havia vários círculos escurecidos na grama onde os Nômades tinham acendido suas fogueiras. Will desmontou e tocou as cinzas.

— Frio — disse ele — Ainda estão um bom caminho a nossa frente.

Talvez, sugeriu Alyss, os Nômades estivessem desacelerando, tendo deixado a cena imediata de seu roubo para trás. Will assentiu. Era uma possibilidade.

No meio da tarde do terceiro dia, eles encontraram a caravana. Alyss e Will estavam num trecho longo e plano da estrada quando, após uma curva, viram o acampamento apenas algumas centenas de metros à frente. Cinco carroças estavam estacionadas num espaço plano. Pessoas se moviam de um para outro e várias fogueiras enviavam espirais lentas de fumaça cinza para o ar. Em algum lugar, alguém tocava uma cítara. A música tinha uma harmonia assombrosa, num ritmo cheio de sentimento, mexendo estranhamente com Will.

O primeiro instinto de Alyss quando viu o acampamento foi de parar o cavalo, mas Will viu o movimento de sua mão nas rédeas e a impediu no mesmo instante.

— Continue cavalgando — disse ele. — Não queremos que pensem que estamos procurando por eles. Vamos para aquela aldeia na montanha.

Eles podiam ver os telhados de uma pequena aldeia acima das árvores. A fumaça subia das chaminés. Enquanto cavalgavam lentamente estudavam o acampamento. Havia vários cães visíveis, mas nenhum deles era Ebony, com sua distinta coloração branca e preta. Um dos cães rosnou para eles e foi recompensado com o chute de um Nômade que passava por perto. O cão gemeu e se escondeu sob uma das carroças.

Alyss perguntou: — Vocês está olhando para eles? Isso não nos denuncia?

Will balançou a cabeça. — Seria menos natural ignorá-los — disse ele. — Estão acostumados a estranhos olhando. Se olharmos muito, sim, podem suspeitar de algo.

Ele podia observar mais detalhes agora. Os cavalos que puxavam as caravanas foram fechados num pequeno curral, rodeado por uma cerca de paus erguida às pressas — longas vigas colocadas sobre suportes em forma de “X”. Num dos lados, três mulheres se curvavam sobre uma grande banheira, trabalhando ativamente. Enquanto observava, uma delas levantou-se, torceu uma camisa de cores vivas e a pendurou numa corda esticada entre duas árvores. Em seguida, voltou à lavagem. Já havia várias camisas e roupas íntimas penduradas sobre a corda.

— Dia de lavar roupa — comentou Alyss.

— Parece que estão aqui há alguns dias, pela quantidade — disse Will. — Não é de estranhar. Estavam viajando rapidamente desde Wensley. Provavelmente estão descansando.

Quatro homens estavam sentados em torno de uma fogueira em bancos baixos, passando um frasco de mão em mão. Eles olharam os dois viajantes enquanto cavalgavam lentamente. Mesmo a distância, os dois jovens podiam sentir a frieza nos olhares.

— Parece que visitantes não são bem-vindos — disse Will.

Tinham ultrapassado o acampamento, e seria atípico mostrar muito interesse virando-se em suas selas para olhar pra atrás. Mas Will tinha agora uma boa ideia de sua disposição.

— Pensei que montariam acampamento próximo às árvores — disse Alyss. — O acampamento é cercado por várias centenas de metros de terreno aberto de todos os lados.

Will balançou a cabeça. — Ficar em campo aberto torna muito mais difícil chegar perto do acampamento sem ser visto — ressaltou. — Halt estava certo sobre essas pessoas. Eles não vão ser fáceis de enganar.

Ele já havia decidido que ele voltaria ao acampamento naquela noite para reconhecimento. Mas agora tinha algumas dúvidas. Se os Nômades eram tão astutos como Halt tinha dito, seria difícil chegar perto o suficiente para ouvir qualquer coisa de útil, mesmo para um Arqueiro qualificado. E havia os cães, lembrou. Estariam rondando o acampamento à noite, em estado de alerta para sons ou cheiros estranhos. Cães tornam as coisas muito difíceis para um intruso honesto, pensou ironicamente.

A vila na colina tinha uma pequena taverna, mas nenhuma pousada. No entanto, o taberneiro arrumou um espaço em seus estábulos para os viajantes.

Will e Alyss estavam felizes por mais uma noite enrolados em seus cobertores em camas de palha. O fato de que não estavam no edifício principal também significava que seria mais fácil para Will escapar à noite para estudar o acampamento dos Nômades.

Comeram primeiro e depois se retiraram para o estábulo, presumivelmente para dormir. Enquanto Will preparava seu equipamento, deu de cara com Alyss na tenda que montara como quarto. Ela usava calça justa escura e um casaco preto comprido com cinto. Sua pesada adaga de Mensageira pendia a seu lado. Completava o conjunto seu manto marrom escuro.

Era óbvio que ela tinha a intenção de acompanhá-lo e ele abriu a boca para expressar recusa, mas Alyss ergueu a mão para detê-lo.

— Eu vou — disse ela. — Pense no que disse Halt. Logicamente sou eu quem deve fazer contato com os Nômades. Vou junto.

— Sim — disse Will — mas...

— Não vou tentar chegar perto — disse ela. — Deixo isso para você. Fico na cobertura das árvores, vendo tanto quanto possível. Depois você pode me contar os detalhes.

Will hesitou. O que ela dizia fazia sentido, ele percebeu. E podia contar que Alyss nada faria de precipitado. Ele balançou a cabeça rapidamente.

— Tudo bem. Vamos lá.

Evitaram a rua principal, deslizando por um beco paralelo à estrada que levava para fora da aldeia. Quando a estrada acabou, já longe do pequeno aglomerado de casas, viram-se num campo aberto recentemente para a colheita. As árvores estavam a uns cinquenta metros de distância.

Suas botas especiais para não fazer barulho passaram suavemente sobre o frágil restolho recém-cortado do campo. Na última metade do caminho que levava ao acampamento, mantiveram-se abrigados na escuridão da floresta, até que chegaram a um ponto de onde podiam ver as carroças.

As chamas queimavam em duas fogueiras e duas carroças tinham janelas iluminadas pela luz amarela de uma lanterna. Os outros três estavam escuros. Três pessoas ainda se sentavam em torno de uma das fogueiras, dois homens e uma mulher.

— Fique aqui — Will disse no ouvido de Alyss. — Vou tentar chegar mais perto.

Ela assentiu e ele deslizou para fora das árvores que os abrigavam, rastejando através da grama úmida. Havia poucos arbustos que servissem como abrigo, então ele se movia lentamente, às vezes esperando num local por vários minutos até que uma nuvem cruzasse o céu, formando um trecho de escuridão

para se deslocar.

Ele estava a cinquenta metros do acampamento quando um dos cães levantou a cabeça e latiu, hesitante. Will congelou onde estava. Ouviu um Nômade chamar o cão. O homem emitiu um grunhido de esforço enquanto se levantava de seu assento baixo para olhar a escuridão.

— Vê alguma coisa? — A mulher perguntou.

— O fogo está muito intenso.

— O cão ouviu alguma coisa, ou não teria latido — disse ela.

Ele bufou com desdém para ela. — O cão é um tolo. Provavelmente ouviu um texugo ou uma doninha.

— Talvez você devesse ir olhar — sugeriu ela, e ele reagiu com indignação às palavras. — Talvez você devesse! Já que você teve essa boa ideia, você é quem deveria verificar.

— Eu não sou homem — disse ela. Havia um tom defensivo na voz dela e Will lembrou as palavras de Halt sobre como os Nômades desprezam suas mulheres. — Não é meu trabalho.

— É isso mesmo, mulher. Seu trabalho é limpar, cozinhar, consertar as minhas roupas e manter a boca fechada. Então eu sugiro que você comece com essa última parte agora!

— Eu vou para a cama —, disse ela, com raiva na voz.

O marido a olhou enquanto saía. — Mulheres! — disse ele com desgosto. — Você tem sorte, não é casado, Jerome.

— Eu não saberia, — o homem chamado Jerome respondeu pesadamente. Balançou a jarra, viu que estava vazia e jogou-a de lado.

Seu companheiro bocejou e se espreguiçou. — Bem, eu vou pra cama também — disse ele depois de alguns instantes. Levantou-se e foi cambaleando em direção à carroça em que a esposa entrara, tropeçando nas escadas e depois batendo a porta atrás dele. Obviamente, Will pensou, ele não tinha bebido apenas aquele jarro.

Como restava apenas Jerome, não podia ouvir mais nada. Lentamente, Will deslizou silenciosamente de volta às árvores, onde Alyss o esperava.

— Bem? — Disse ela com expectativa. Ele encolheu os ombros.

— Não ouvi nada muito útil para nós — disse. — Exceto que confirmei o que Halt disse sobre a atitude dos homens com as mulheres. Mulheres Nômades não têm sua opinião respeitada pelos homens.

— Então o que faremos? — Alyss perguntou.

Will hesitou por alguns minutos. — Precisamos saber mais sobre eles — disse ele, finalmente. — O que eles fazem. Como se comportam. Quais são

suas rotinas. — Ele mastigou cuidadosamente o interior do lábio. Estava muito consciente da advertência de Halt de que os Nômades seriam um alvo difícil. Ele não podia se dar ao luxo de cometer um erro que os fizessem saber que estavam sendo seguidos.

— Voltamos amanhã para observá-los por algumas horas, veremos se há alguma fraqueza que possamos explorar. Agora, vamos voltar para a taberna. Eu poderia tomar uma xícara de café para me aquecer.

Continuando abaixados, rastejaram calmamente para longe. Quando já não podiam ver as luzes do acampamento através dos espessos troncos de árvore, ficaram de pé e aumentaram o ritmo. De volta ao vilarejo, chegaram despercebidos à taverna. Era tarde, mas ainda havia uma dúzia de clientes bebendo e falando alto, como as pessoas tendem a fazer quando há álcool envolvido. Três homens estavam sentados numa mesa perto do bar, jogando dados. Como Will esperava o café, ela assistia ao progresso do jogo com interesse moderado. Um dos jogadores tinha acabado de ganhar boa mão e estava contando seus ganhos, quando tomou consciência de que estava sendo observado. Ele olhou para cima e sorriu para ela. Afinal, ele estava de bom humor e Alyss era uma menina extremamente bonita.

— Boa noite, linda — disse ele a ela. — Parece que você me trouxe sorte. Quer se sentar com a gente!

Alyss sorriu para ele. Seu tom era amigável e ela mal podia esperar modos da corte de um trabalhador simples.

— Temo que não — disse ela. — Não posso deixar meu namorado esperando.

— Ele pode se juntar a nós também — disse um dos outros jogadores. — Nós sempre damos boas-vindas a estranhos e seu dinheiro.

— Não gosta de jogar? — O terceiro homem na mesa perguntou a Will, que sacudiu a cabeça, sorrindo tristemente.

— Até demais, eu receio. É por isso que minha bolsa está tão magra, vazia.

Isso provocou uma risada simpática dos jogadores. Eles conheciam esta condição muito bem.

Will sorriu para eles também. — Acho que não, senhores. Minha bolsa já está leve demais.

— É uma pena — disse o primeiro homem. — Você teria uma chance de ganhar algum dinheiro no domingo. Há uma grande brig...

Antes que pudesse completar a afirmação, um dos outros pegou seu pulso.

— Isso já é o suficiente, Randell! — O outro homem disse apressadamente. — Não há necessidade de ir espalhando isso pelo mundo!

— O quê? Oh... não! Desculpe! — O homem parecia surpreso com o aviso. Afastou os olhos dos de Will. — Esqueça o que eu falei — murmurou.

Seu amigo sorriu se desculpando. — Ah, Randell as vezes fala demais, meus jovens amigos. Não deem atenção. Nenhuma atenção.

— Claro. — Will abriu as mãos para indicar que ele entendeu. O café tinha chegado e ele aproveitou para terminar a conversa.

— Boa noite, cavalheiros — disse ele, virando-se com Alyss para uma mesa no fundo da sala. Enquanto eles caminhavam entre as cadeiras e mesas, ouviu mais algumas palavras da conversa dos jogadores de dados.

— Você está louco, Randell? — Perguntou o terceiro homem. Ele estava obviamente tentando manter a voz baixa, mas a intensidade de suas palavras as fez chegar aos ouvidos atentos de Will. — Você não pode sair contando aos estranhos sobre... — Parou-se, em seguida, terminou — Você sabe o quê.

— Desculpe! Desculpe! — Era Randell agora, chateado com o seu descuido. — Ainda assim, nenhum dano foi feito e eles parecem inofensivos. Não é como se... O resto de suas palavras perderam-se no burburinho de vozes baixas na taberna. Como eles se sentaram, Will e Alyss trocaram olhares significativos. Então ela sorriu para ele.

— Ria! — disse ela. — Ria de maneira ruidosa. Agora!

Confuso, ele jogou a cabeça para trás e riu. Ela riu também, tocou sua mão com carinho e tomou um gole de café. Ainda sorrindo, disse calmamente: — Não quero que eles pensem que estamos falando sobre o que aconteceu.

Ele assentiu, com um largo sorriso. Parecia estranho estar falando sério, mantendo um sorriso feliz fixo em seu rosto. Mas Alyss era experiente neste tipo de artimanha e ele se permitiu ser guiado por ela.

Ela se inclinou em direção a ele e passou a mão carinhosamente pela sua face. — Vamos tentar parecer que estamos tendo uma conversa romântica — disse ela.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo, e pegou sua mão suavemente e a roçou com seus lábios.

— O que você achou de tudo isso? — Perguntou ela, depois olhou timidamente ao redor da sala, como se envergonhada de que as pessoas vissem o show de afeto. — Continue sorrindo — ela advertiu quando o viu franzir a testa, pensativo. Às pressas, ele ajustou sua expressão.

— Vai acontecer algo no domingo. Algo que envolve o jogo e a chance de ganhar muito dinheiro.

— Então — disse ela, enrolando os cabelos para o lado num coque. — é algo fora do comum. O que isso sugere?

Eles estavam pensando da mesma forma. — Briga de Cães — disse ele. — É por isso que os Nômades se instalam por pouco tempo. Eles organizarão uma briga de cães em algum lugar da floresta no domingo.

— Amanhã é quinta — Alyss disse, pensativa. — Isso nos dá um pouco de tempo.

— Não muito — disse Will. Todo o fingimento com sorrisos e romance havia acabado agora.— Ainda não sabemos como encontrar Ebony. Precisamos começar amanhã cedo.



LOGO APÓS O AMANHECER, ELES ESTAVAM DE VOLTA A SEU POSTO da noite anterior, observando o acampamento dos Nômades. Por algumas horas, nada fora do normal parecia ocorrer. Os Nômades continuaram com sua rotina diária, acendendo fogueiras, preparando o café da manhã, limpando e consertando equipamentos e roupas.

Então, pelo meio da manhã, Jerome, o homem corpulento da noite anterior, surgiu de uma das carroças. Vestia uma camisa estampada brilhante que descia abaixo do quadril e tinha longas e volumosas mangas presas por abotoaduras de couro em cada pulso. Um cinto de couro pesado estava em torno da cintura e Will podia ver o punho de uma faca longa na bainha pendendo de seu lado esquerdo. Ele usava calça preta e botas até o joelho de couro marrom. De interesse mais imediato para Will, Jerome carregava um saco grande. Enquanto subia os degraus de sua carroça, dois cães do acampamento rastejaram até ele, com a barriga no chão, e tentaram morder o saco. Ele os amaldiçoou, eles mantiveram certa distância.

— O que você acha que está no saco? — Will perguntou baixinho.

Alyss, deitada ao lado dele, envolto em seu manto marrom, olhou para ele. — Pelo interesse dos cães, eu diria que é carne.

— Meu palpite também — disse Will. Ele também havia notado as manchas marrons de sangue seco no saco.

Jerome caminhou em direção ao outro lado do campo, então se virou e perguntou em direção às carroças.

— Petulengo! Onde você está, garoto?

— Estou indo, Jerome! — Gritou uma voz estridente. A porta de uma das caravanas abriu-se e um menino, não mais que doze ou treze anos pela aparência, desceu os degraus com a camisa dobrada. Era moreno e tinha longos cabelos escuros.

— Da próxima vez esteja pronto quando eu chamar — disse Jerome. Ele obviamente não era do tipo que perdoava. — Agora, mantenha-se o tempo todo atrás de mim. — Ele caminhou na direção das árvores do outro lado da clareira.

O menino tinha que correr para acompanhar os passos largos de Jerome, e ainda ficava atrás dele.

— Espere aqui e fique de olho nas coisas — disse Will. — Vou ver onde o nosso amigo Jerome vai.

Era mais fácil dizer do que fazer. Ele teve que perfazer um amplo arco para se manter longe do acampamento, em seguida, ao longo da estrada até a distante linha das árvores. Apesar de perder tempo nisso, uma vez escondido pelas árvores estava confiante de que encontraria logo o rastro de Jerome. Pois estava errado. Achou o rastro do menino com facilidade, mas Petulengo não estava com o homem — seguia-o a alguma distância, despistando os traços que Jerome deixara em voltas e reviravoltas através da floresta. Jerome ziguezagueou tanto que não houve como estabelecer uma base sobre seu caminho. Havia ainda o risco iminente de que Petulengo descobrisse Will.

O menino estava perigosamente alerta. Várias vezes, quando Will fazia um barulho ligeiro — era impossível mover-se em total silêncio —, a cabeça do menino moreno erguia-se e procurava e ele olhava ao redor. Will tinha que ficar imóvel, escondido pelo manto e por sua própria capacidade de se ocultar na floresta.

Petulengo ficou tão atrás de Jerome que Will em nenhum momento avistou o Nômade corpulento. Teve que se contentar em seguir o menino. Depois de um tempo, percebeu como era eficaz o sistema dos Nômades. O menino, obviamente, sabia onde Jerome estava indo, então podia ficar a grande distancia dele e efetivamente frustrar qualquer estranho que pudesse estar tentando segui-lo, como Will.

Após 10 minutos, Will teve que admitir a derrota. Ele simplesmente não podia correr o risco de ser visto, o que custaria a vida de Ebony. Fervendo de frustração, fez seu caminho de volta ao local onde Alyss vigiava o acampamento. Ela viu em seu rosto que Will não tivera sorte. Ela apontou para o acampamento.

— Acho que posso ter encontrado uma solução — disse.

Will olhou para onde seu dedo apontava e viu uma figura que não tinha notado antes. Era uma velha vestida em trapos imundos, de cabelos longos grisalhos e despenteados. Andava pelo acampamento, quase dobrada, recolhendo lenha da pilha de madeira central e distribuindo pelas fogueiras individuais.

Com essa tarefa feita, encheu um balde de água num barril e começou a distribuí-la também.

Era claro que não passava de um burro de carga. Quando algum Nômade

passava perto dela, na melhor das hipóteses a ignorava, e às vezes cuspia-lhe uma maldição. Um dos homens prendeu seus braços atrás da cabeça. Ela fugiu, deixando cair o balde e derramando a água. Seu grito estridente de protesto foi recebido com o riso indiferente do homem. Quando ela se abaixou para recuperar o balde, ele o chutou, fazendo-o rolar para longe dela. A mulher arrastou-se para pegá-lo, a mão instintivamente levantada para afastar outro golpe, choramingando e se lamentando.

Ao mesmo tempo, uma porta numa das caravanas abriu-se violentamente e uma mulher Nômade, pelo menos 20 anos mais jovem que a de cabelos grisalhos, gritou para ela: —Hilde! Pegue mais água pra cá agora! O que você está fazendo, sua imprestável? Hilde choramingou algo ininteligível e o homem que a fez a derramar a água rosnou para ela também. A mulher mancou de volta para o barril, perseguida pelos insultos grosseiros da mulher mais nova.

No acampamento Nômade, Hilde ocupava a posição mais baixa.

Will franziu a testa para Alyss. — Não vejo como isso possa nos ajudar.

Ela sorriu para ele. — Enquanto você saiu, ouvi um dos Nômades dizendo a ela para pegar mais lenha. Vamos esperar até que ela deixe o acampamento. Então nós a seguimos e eu tomo o lugar dela.

— Você tem que estar brincando! — Will disse. Ele olhou para a figura curvada da idosa, agora mancando de volta à caravana com um balde cheio de água, e depois para Alyss com o rosto fino, bonito e jovem. — Você não acha que eles poderiam notar uma ligeira diferença em sua aparência?

— Acho que eles não a notam — disse Alyss a sério. — Não a veem como pessoa, mas como peça de equipamento ou algo para chutar ou xingar quando estão de bom humor. Não se esqueça, eu treino para me disfarçar quando necessário. Se eu passar cinzas e sujeira no cabelo e mancar por aí como ela, duvido que eles percebam alguma diferença. Particularmente, se eu trocar de roupa com ela. — Ela estremeceu ligeiramente. — Essa é a parte em que eu não estou querendo pensar muito.

Estudando a figura manca, Will murmurou novamente. — Você realmente acha que pode se passar por ela?

Alyss assentiu. — Se ela fosse um deles, eu nunca me safaria. Mas eles não tomam conhecimento dela. E as pessoas veem o que esperam ver. Você me disse isso mais de uma vez.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e ela continuou seu argumento.

— Vou poder ouvir as conversas e, com alguma sorte, descobrir onde eles estão mantendo Ebony. Ou se Jerome e o menino saírem para a floresta, posso

seguí-los. Provavelmente vão pensar que Hilde esteja recolhendo lenha. E você pode me acompanhar à distância até descobrirmos onde estão escondendo Ebony.

— Eu não tenho certeza — disse Will. — Pode funcionar. Mas há uma grande chance...

— Estou disposta a arriscar. O que eles podem fazer a mim? Afinal de contas, você vai estar vigiando aqui da floresta, se eu for descoberta. E honestamente acho que é a nossa única chance de encontrar Ebony.

— Deixe-me pensar — disse Will. Ele sabia que, se estivesse no lugar de Alyss, não hesitaria em colocar o plano em ação. Mas ele estaria arriscando Alyss, assim como Ebony, e simplesmente não podia tomar essa decisão.

— É melhor pensar rápido — disse Alyss. — Ela está saindo do acampamento.

Ele olhou para cima. Hilde caminhava em direção à floresta, um pequeno machado na mão e um cesto grande de vime pendurado no ombro. Ela seguia para um ponto cinquenta metros ao norte de onde estavam escondidos.

— Tudo bem — disse ele, tomando uma decisão. — Vamos fazer assim.

Foi fácil encontrar Hilde. O som do pequeno machado ecoou pela floresta. Will e Alyss andaram sem ser visto por entre as árvores lentamente, cada vez mais longe do acampamento.

Quando sentiram que estavam a uma distância segura, Will caminhou em silêncio pelas árvores. Para Hilde, parecia que o jovem de manto cinza-esverdeado tinha de repente se materializado do ar. Ela engasgou com medo e cambaleou para trás, a mão na frente de seu rosto. Will reconheceu o gesto: as pessoas mais velhas o usam para afastar o que chamam de “mau olhado” dos estranhos.

Ele também observou que, embora tivesse o machado na outra mão, ela não fez movimento algum para se defender com ele, ou para ameaçá-lo. Os instintos de autoproteção de Hilde pareciam estar entorpecidos pela convivência com os Nômades.

— Relaxe, Hilde — ele disse suavemente. — Eu não vou te machucar.

— Quem é você? Como você sabe meu nome? Eu não fiz nada errado! — Ela balbuciava, ainda evitando o olhar de Will. Ele olhou para Alyss, de pé escondida pelas árvores, e fez um gesto: *preciso de ajuda aqui!*

Alyss moveu-se para o campo de visão e Hilde recuou quando a viu.

— Está tudo bem, Hilde — Alyss disse em uma voz suave. — Nós não vamos te machucar. Estamos aqui para ajudá-la.

Talvez a visão de uma outra mulher desse mais confiança a Hilde.

Lentamente, ela abaixou o braço que tinha levantado para proteger o rosto. Inclinou-se para frente, para ver Alyss um pouco mais de perto. Alyss deu um sorriso encorajador. Tinha sido dito muitas vezes que o sorriso de Alyss era uma visão que valia a pena e pareceu ter um efeito calmante sobre a mulher mais velha.

— Quem é você? — Hilde perguntou.

— Meu nome é Alyss, e este é meu amigo Will — disse ela, indicando-o. Arqueiro jovem. Hilde olhou para ele, toda a suspeita e o medo de volta ao rosto. Alyss continuou rapidamente. — Hilde, por que os Nômades são tão cruéis com você?

Foi a abordagem certa, Will pensou. Alyss colocou-se do lado de Hilde. A velha fungou, limpando o nariz com a ponta esfarrapada de sua manga.

— Cruéis? Monstros, isso é o que eles são, eles me batem sem motivo, me xingam e me chutam. E eu tento fazer meu melhor para eles, mas estou velha agora. Não posso me mover tão rápido quanto costumava. Eu tento, mas sou muito lenta e eles me batem por isso.

— Mas você não é um deles? — Alyss perguntou. Ela tomou a mão da velha suavemente em sua própria e Hilde olhou para ela com olhos marejados, olhos cuja cor parecia lavada pela idade.

— Um deles? Não. Sou de Gálica. Pelo menos eu era. Quando meu marido morreu, não tive mais utilidade para a aldeia. Tomaram minha fazenda, me expulsaram como um nada, largado à própria sorte. Os Nômades me acolheram e eu fiquei grata no início, mas depois de um tempo mostraram quem realmente eram. Seria mais fácil ter morrido. Estou com eles por... — Ela fez uma pausa e seu olhar ficou vago. — Eu não sei por quanto tempo.

— Por que você ainda fica com eles? — Will perguntou e ela olhou para ele. Parecia aceitar que, se ele era amigo de Alyss, nada tinha a temer.

— Aonde mais eu iria? — Disse. — Ninguém quer uma mulher velha. É ficar com os Nômades ou morrer de fome. — Ela riu de repente, uma gargalhada áspera que não tinha humor. — Não que eles me alimentam bem. Para mim é apenas resto, qualquer coisa que não seja bom o suficiente para os cães.

Alyss e Will trocaram um rápido olhar.

— Os cães — disse Alyss. — Os cães no acampamento?

— Esses mesmos. E o outr... — Ela parou, um brilho de medo em seus olhos. — Sim, os cães no acampamento — ela emendou rapidamente. Com um enorme esforço, Will se impediu de olhar para Alyss novamente. Ele desviou o olhar casualmente.

— Por que você não fugiu, simplesmente? — Alyss perguntou. Hilde olhou para ela como se a pergunta fosse insana. — Como? Aonde eu iria? Eu não tenho nada. Se eu tentasse fugir, eles viriam atrás de mim e me arrastariam de volta.

Uma mulher velha como eu não pode correr rápido. Não há nada que eu possa fazer. Estou preso com os Nômades e eu vou ter que fazer o melhor que puder. — Sua voz estava pesado com a inevitabilidade da sua situação.

— Hilde — Alyss disse lentamente — se você pudesse fugir dos Nômades, você fugiria? — Bem, é claro! — Hilde respondeu ansiosamente. Então a realidade ela alegou mais uma vez. — Mas como? Eu não posso correr. E o que eu faria se eu fugisse? Não, é loucura sequer pensar nisso.

— Nós podemos ajudá-la — Will disse e ela olhou para ele com desconfiança.

— Por que vocês fariam isso?

— Digamos apenas que temos contas a acertar com esses Nômades — Will disse a ela.

Ela vacilou. A ideia de escapar de sua vida atual era atraente.

— Mas o que eu faria? — Perguntou ela.

Alyss respondeu desta vez. — Temos uma amiga que é dona de restaurante. Tenho certeza de que você poderia trabalhar para ela. Vai ser muito mais fácil do que você faz aqui e ninguém vai chutar ou xingar você.

— Mas você teria que trabalhar — avisou Will e ela voltou seu olhar para ele.

— Não tenho medo de trabalhar — disse ela. — Não espero enriquecer, mas ganhar um pouco, ter um pouco para comer e um lugar quente para dormir... isso seria como estar no paraíso.

— Tenho certeza de que Jenny lhe daria muita coisa para comer — disse Will. — E ela é uma excelente cozinheira.

— Vamos lhe dar algum dinheiro para agora — disse Alyss. — Will a levará a outra aldeia para esperar por nós. Temos cavalos, então ele te deixaria longe o suficiente para ficar a salvo dos Nômades.

Hilde ainda vacilou. — Você tem certeza de que essa sua amiga vai me dar um emprego?

Alyss foi enfática. — Se pedirmos a ela, sim. Vai ser um trabalho leve e você terá uma vida boa, Hilde. E, para selar o negócio, você pode ficar com este meu vestido.

Os olhos de Hilde se arregalaram com as palavras. O vestido era simples, mas feito de lã de boa qualidade, suave e quente ao toque. Estava sem remendo

e limpo, infinitamente mais limpo do que os trapos que ela estava usando.

— Mas o que você vai vestir? — Perguntou ela.

Alyss fez um gesto para a saia esfarrapada de Hilde, a blusa e xale. — Vou trocar com suas roupas.

Hilde franziu a testa, intrigada com a ideia. — Por que você quer usar estas roupas?

Alyss permitiu-se o fantasma de um sorriso.

— Acredite, eu não quero. Mas é necessário para o que temos em mente.



MESMO JÁ TENDO VISTO A HABILIDADE DE ALYSS COM DISFARCES, Will se assustou com a transformação. Ela havia cortado o cabelo mais curto para ficar parecido com o de Hilde. Então esfregou nele terra e cinzas de modo que parecessem opacos, cinzentos e emaranhados. Seu rosto estava mais escuro e desgastado, aparentemente pela idade. Foi só quando olhou de perto que Will pôde ver o resultado da maquiagem. Alyss, como todas as Mensageiras, nunca viajava sem seu kit de maquiagem e disfarce. Era um dos instrumentos mais valiosos de uma Mensageira.

Mas a parte mais impressionante do disfarce foi a perfeita adoção da linguagem corporal de uma mulher mais velha. Alyss tinha observado Hilde por toda a manhã e copiava o rastejado da mulher, a exata posição de seu corpo. Movia-se da mesma maneira, mancando, curvada, olhos voltados para baixo e tombada para o lado, andando desajeitadamente. Hilde raramente fazia contato visual com qualquer Nômade. Mesmo se Alyss o fizesse, Will estava quase certo de que nunca notariam a substituição.

Além disso, ela estava usando-as roupas rasgadas de Hilde, o que completava o disfarce. Ela sorriu para Will quando saiu de trás dos arbustos onde se trocara. Mantinha a roupa afastada do corpo o maior tempo possível.

— Esta é a parte de que menos gosto — disse ela.

Hilde, por sua vez, ficou encantada com seu novo vestido verde. Desfilou-o em torno da pequena clareira na floresta, murmurando frases de admiração a si mesma. Will supunha que ela provavelmente nunca tivera uma peça de roupa tão fina em sua vida.

— Agora — disse Alyss —, sugiro que você deixe Hilde na aldeia em que passamos ontem de manhã. Leve-a até a estalagem e volte aqui. Nesse meio tempo, tomo seu lugar no acampamento.

Mas Will balançou a cabeça.

— Vou fazer isso esta noite — disse ele. — Primeiro quero ter certeza de que seu disfarce funcionará. Hilde e eu vamos vigiar das árvores, apenas para nos certificar de que está tudo bem.

— Eu vou ficar bem, Will — ela assegurou.

— Então Hilde não precisa ter pressa em se afastar. Se eles não perceberem seu disfarce, não vão olhar para ela, vão?

Ela sorriu. Apreciava que ele se preocupasse com sua segurança, mesmo estando totalmente confiante em sua capacidade de disfarce. Ela estendeu a mão suja para tocá-lo.

— Você está certo. Vou me sentir mais segura sabendo que você está olhando.

A falta de confiança no disfarce de Alyss acabou se mostrando infundada. Quando ela mancou de volta ao acampamento, minutos depois, carregando-a lenha que Will tinha recolhido enquanto ela se disfarçava, nenhum dos Nômades mostrou o menor interesse por ela.

À medida que o dia passava, eles gritavam para ela de tempos em tempos, atribuindo-lhe alguma tarefa, as difíceis ou desagradáveis, que não queriam fazer. Em várias ocasiões, quando ela tinha intencionalmente se atrasado no cumprimento da tarefa, foi punida com chutes e socos na cabeça. Reagia exatamente como tinha visto Hilde fazer, choramingando de dor e medo e tentando cobrir a cabeça com os braços dobrados.

Ela fazia uma performance magistral. Vê-la, com Hilde cochilando tranquilamente alguns metros mais atrás na floresta, fazia com que Will apertasse os lábios cada vez que Alyss era atingida. Ele marcou os Nômades responsáveis. Quando isso acabasse, pensou sombriamente, vou retribuir esses golpes...

Quando a tarde passou, percebeu que Alyss tinha conseguido enganá-los e começou a relaxar. Acordou Hilde no crepúsculo. A mulher não tivera um descanso longo e ininterrupto como este em anos e acordou com relutância.

— Como está o disfarce da senhora? — Ela perguntou e ele deu um sorriso tranquilizador.

— Perfeito. Os Nômades não têm ideia de que você se foi. Quer ver? Ele a levou cuidadosamente através das árvores e ela se agachou nas sombras observando como Alyss mancava ao redor do campo, despejando pilhas de lenha em cada lareira, providenciando a iluminação para o preparo da refeição noturna. Hilde ficou fascinada ao observar seu alter ego no trabalho. Numa ocasião, quando um dos Nômades jogou um pedaço de lenha em Alyss, atingindo-a na perna, ela fez uma careta de simpatia. Finalmente, Will tocou seu braço e foram para o local onde os cavalos estavam amarrados. Ela olhou para ele, esboçando um sorriso em seu rosto enrugado.

— Sorte que não tenham notado que ela não é tão bonita quanto eu —

disse ela, depois gargalhou.

Will parou para olhá-la, com as sobrancelhas levantadas. — Você acha que é mais bonita do que ela? — Disse ele, incrédulo.

Ela gargalhou novamente. — Claro que eu sou. Afinal de contas, eu tenho um vestido verde bem novo!

Não tenho resposta para isso, ele pensou.

Alyss passou uma noite desconfortável, tremendo sob uma das carroças, envolta no cobertor puído de Hilde. Tentou não pensar nas pequenas criaturas que, sem dúvida, dividiam o cobertor com ela, e pela manhã estava coberta de picadas vermelhas que coçavam miseravelmente.

— Tudo faz parte do disfarce — disse a si mesma.

Ela tinha perguntado a Hilde como eram as tarefas que deveria cumprir. Carregava água e madeira, alimentava cabras e galinhas e limpava panelas da cozinha com areia e água. Se as mulheres Nômades eram cozinheiras relutantes, as limpadoras eram ainda mais.

De tempos em tempos, homens e mulheres a chamavam para outras tarefas servis, como limpar botas sujas de excremento de vaca ou cachorro, bater a poeira de um tapete.

Por volta das onze, ela viu o garoto Petulengo abordando a carroça de Jerome e esperando ansioso fora dela. Era a oportunidade que estava esperando. Correu para a carroça em que dormira e pegou o grande cesto de lenha. Nisso ouviu a porta da carroça de Jerome se abrir e seus passos pesados ecoando nos degraus. Ela olhou furtivamente em sua direção. Mais uma vez, ele estava carregando o saco pesado, manchado de sangue. Mais uma vez, ele teve que espantar os cães do acampamento.

Ele balançou a cabeça quando viu que Petulengo já esperava por ele.

— Que bom pra você — disse ele. — Não gosto de ficar esperando.

O menino não disse nada, e seguiu atrás do Nômade. Eles tomaram a mesma direção do dia anterior. Alyss, com o cesto de lenha a tiracolo, mancou lentamente atrás deles. Ela sabia que, enquanto Petulengo estivesse lá, qualquer estranho ficaria impedido de seguir Jerome, mas Hilde era uma figura familiar, não ameaçadora. Ela acreditava que seria ignorada e poderia descobrir onde Jerome tinha escondido Ebony. Alyss seguia os dois Nômades, e Will a seguia, mantendo-se bem para trás. Esse era o plano que tinham combinado no dia anterior.

Ela já ia longe quando uma voz estridente a parou.

— Hilde! Onde você vai, sua velha inútil? — Era uma das mulheres mais jovens do acampamento, de pé na plataforma traseira de sua carroça, acenando

com urgência para Alyss.

Xingando baixinho, Alyss parou e levantou a cesta para que a mulher pudesse ver. Com a voz trêmula, disse de volta: — Buscando lenha, senhora! Estamos ficando sem!

A mulher ficou um tempo considerando a resposta. Por um momento, Alyss pensou que ela a chamaria de volta ao acampamento. Mas apenas balançou a cabeça.

— Colha algumas uvas vermelhas quando estiver lá! — Ela gritou. — Muitas. Camlo quer que eu faça vinho e eu estou sem!

— Sim, senhora! Vou buscar! — Ela gritou. Então se virou e foi em direção às árvores antes que a mulher pensasse em outra tarefa.

Ela se inclinou e pegou ramos leves, mantendo-se atenta a Petulengo em seu caminho em zigue-zague aleatório através das árvores. Ela conseguiu não perder o rastro dos dois Nômades. Ocasionalmente, via flashes da camisa amarela de Petulengo entre as árvores. Se ele estivesse vigilante, ela pensou, teria me notado. Decidiu pôr sua teoria à prova e mudou de caminho, indo diretamente na direção do menino, que estava sentado num toco de árvore. Por pura sorte, havia um arbusto de uvas vermelhas a poucos metros dele. Ela se arrastou até ele, os olhos baixos, fingindo não perceber o menino. Com uma exclamação de prazer, começou a tirar os frutos, soltando-os no cesto de madeira.

— O que você está fazendo, bruxa Hilde? — Sua jovem voz tinha um tom desagradável.

Ela fingiu surpresa e empurrou os galhos para encará-lo, mantendo os olhos baixos, como Hilde teria feito. Imaginou que uma demonstração de inferioridade alimentaria o ego do jovem e estava certa.

— Buscando uvas vermelhas, mestre — disse ela, mostrando-o cesto de madeira. — A senhora Drina quer fazer vinho.

— Traga-as aqui — ele exigiu e ela se arrastou em direção a ele, segurando o cesto. Ele pegou um grande punhado e começou a comer, o suco vermelho escorrendo pelo queixo.

— Nada mal — disse ele, rindo desagradavelmente. — Mas se você quer passar por mim, vai ter que me dar mais. Há um pedágio, você sabe.

A trilha estreita seguia por entre as árvores. Ela adivinhou que era o caminho que Jerome tinha tomara e Petulengo vigiava ali para garantir que ninguém o seguisse.

Como esperado, Petulengo não a viu como uma ameaça. Ele estava obviamente disposto a deixá-la passar por um punhado de uvas. Ela balançou a

cabeça de modo bajulador, escondendo o sentimento de exultação.

— Vou buscar um pouco mais — disse ela e saiu mancando de volta à árvore. Tirou quantidade considerável de frutos, erguendo-se o mais alto que pôde para chegar até elas. Petulengo olhava sem curiosidade e depois se inclinou para o cesto, quando ela o estendeu para ele.

Ele recolheu as uvas e ela choramingou um protesto.

— Mas isso é tudo que tenho, jovem mestre! E não há nenhuma no arbusto! — Disse.

Ele sorriu para ela e cuspiu um jato de suco mastigado.

— É uma pena. Você terá que encontrar mais.

— Ali tem uma moita de arbustos de uva vermelha, eu sei — disse ela.

Ela se agachou, balançando a cabeça e lamentando. Então ela apontou para a trilha.

Ele deu de ombros.

— Então vá conseguir mais. E certifique-se de ter o suficiente para comprar o caminho de volta.

Interessante, pensou ela. Ele não pensou em mudar de lugar, o que significava que Jerome devia estar por perto. Jerome e os cães. Ela esperava que Will estivesse por perto também, aguardando para descobrir a localização da pocilga dos cachorros.

Ela passou mancando pelo sarcástico jovem e dirigiu-se à trilha. Não tinha avançado dez metros quando ouviu o chamado dele.

— Hilde! Ao mesmo tempo, escutou o silvo de uma vara cortando o ar. Ela teve o bom senso de não se virar e o grosso pedaço de madeira pegou na parte de trás de sua cabeça. Ela tropeçou e caiu, derrubando a lenha no chão. Petulengo riu.

— Cuide dos seus passos, Hilde! A trilha é dura!

Xingando baixinho, tentando não deixá-lo ver o olhar assassino em seus olhos, ela começou laboriosamente a recolocar a madeira no cesto.

— Petulengo!

Ambos se assustaram com o grito que veio da trilha. Petulengo levantou-se do tronco da árvore, olhando intrigado e um pouco nervoso.

— Sim, Jerome? — Ele chamou.

— Está tudo limpo? — Jerome respondeu.

Alyss, fingiu estar absorta na coleta da lenha.

— Tudo limpo, Jerome.

Alyss sorriu para si mesma. Obviamente, ela não contava. Bem, um dia eles aprendem, pensou ela.

— Então venha aqui! Preciso de você.

— Estou indo, Jerome! — Petulengo começou a descer a trilha estreita. Quando passou por Alyss, conseguiu chutar sua cesta, espalhando-a madeira novamente.

Ela ouviu o riso dele enquanto corria levemente pela trilha.

— Pequeno suíno — ela murmurou.



DEIXANDO PARA TRÁS A VELHA CORCUNDA, PETULENGO correu da trilha estreita para outra, perpendicular. Esta era mais estreita, escondida por galhos, difícil para se caminhar. Se Petulengo não a conhecesse, possivelmente passaria por ela. Ele se curvou sob os ramos baixos que cresciam sobre a trilha e, após alguns metros, saiu numa pequena clareira.

Instintivamente, recuou ao perceber que Jerome estava a poucos metros de distância, segurando a coleira de um enorme cão negro.

Petulengo sabia seu nome. Demon Tooth. Sua pelagem era preta, mas não um preto saudável e brilhante, mas emaranhado, a pele por baixo marcada numa dúzia de lugares, lembranças das lutas que Demon Tooth encarara. As cicatrizes formavam rugas e ondulações na pele.

Sua cabeça era grande, os ombros e o corpo, poderosos. Os olhos eram selvagens e amarelos e os lábios, puxados para trás num rosnado furioso. A boca do cão estava branca de baba, conforme ele lutava contra a coleira de Jerome.

Normalmente, Demon Tooth ficaria preso numa pesada corrente. Mas Jerome o tinha soltado e agora agarrava o cão entre os joelhos para contê-lo. Ele mantinha as duas mãos na coleira de couro em torno do pescoço do animal, segurando sua cabeça em linha reta, de forma que não poderia mordê-lo. Demon Tooth, sentindo que a corrente não mais o restringia, lutava para libertar-se completamente. Jerome era um homem poderoso, mas a força do cão estava quase além. Agora ele encarava Petulengo.

— Traga o pastor — ele disse. — Estou mudando os cães para um novo local.

A cada poucos dias, ele transferia os cães para um novo esconderijo, certificando-se de que ficassem longe de olhares curiosos. Petulengo olhou para a clareira. Do outro lado, acorrentada a uma árvore, estava a pastora preta e branca que Jerome havia roubado. Petulengo olhou a cadela cautelosamente. De acordo com as instruções de Jerome, passara os últimos dias testando-a e provocando-a, tentando superar seu bom temperamento natural. Ontem,

consequira que a pastora tentasse mordê-lo. Ela não era grande, mas era rápida e Petulengo tinha escapado por pouco da mordida. Ela agora o olhava, as orelhas achatadas ao reconhecê-lo. Ela mostrou os dentes num rosnado e ele decidiu que não enfrentaria o risco de ficar perto dela novamente.

— Não — disse ele. — Ela vai me morder.

— Maldito! — Jerome rosnou. — Quem se importa se você for mordido! Pegue esse cão agora!

Normalmente, Petulengo não se atreveria a desobedecer. Mas o grande homem tinha as mãos ocupadas e havia pouco que ele pudesse fazer. Mais tarde, poderia se lembrar da desobediência de Petulengo. Mas mais tarde o menino poderia cuidar de si mesmo. Jerome o amaldiçoou. O garoto continuava a sacudir a cabeça.

— Hilde pode fazer isso — disse ele. — Vou buscar Hilde.

— Hilde? O que Hilde está fazendo aqui? — Jerome ficou intrigado com a sugestão. Mas ele estava cansando rapidamente e não tinha certeza de quanto tempo poderia controlar Demon Tooth.

— Ela está colhendo uvas vermelhas para Drina. Está por aí!

Jerome desistiu de discutir. Precisava que alguém trouxesse o pastor e não tinha mais tempo para discussão. Hilde serviria bem. E ele lidaria com Petulengo mais tarde, quando estivessem de volta ao acampamento.

— Tudo bem! Vá buscá-la. Mas depressa!

O menino correu de volta à bifurcação. Olhando ao redor desesperadamente, soltou um grito de alívio quando viu a velha colhendo uvas de um arbusto a dez metros.

— Hilde! — Gritou ele. — Venha aqui!

Ela olhou para cima, viu que ele gesticulava e começou a mancar pela trilha. Quando chegou, ele pegou com impaciência a cesta de suas mãos e agarrou sua manga, arrastando-a consigo.

— Vamos lá! Apresse-se, apresse-se! Ela tropeçou na clareira e viu Jerome lutando com um cão terrível, enorme. Então, prendeu a respiração quando viu a forma em preto e branco encolhida do outro lado da clareira.

Ebony. Acorrentada, a cauda entre as pernas, orelhas caídas, pelos emaranhados de sujeira e lama.

Não chamá-la pelo nome exigiu todo o autocontrole de Alyss.

— Liberte o pastor e traga! — Jerome ordenou, a voz tensa enquanto lutava com o cão: o monstro negro continuava se contorcendo entre seus joelhos.

Alyss correu para a cachorra. Quando ela se aproximou, as orelhas de

Ebony se ergueram: ela reconheceu o cheiro familiar e amado. Com os sentidos muito mais agudos do que os de qualquer humano, viu o disfarce de Alyss imediatamente. Alyss se atrapalhou com a corrente para soltá-la.

— Venha para cá! Não posso segurá-lo o dia todo! — Jerome gritou com ela.

Demon Tooth, sentindo que Jerome se distraíra, fez investida repentina e violenta, deixando o Nômade sem equilíbrio e quebrando seu controle da coleira. Com Jerome esparramado na grama úmida, Demon Tooth, treinado para atacar outros cães sem hesitação, lançou-se pela clareira na direção de Ebony.

Quando o cão assassino se jogou sobre ela, Ebony, finalmente livre da corrente, baixou a cabeça e levantou a traseira. Era um cão pastor, criado para se mover rapidamente e mudar de direção num instante. Demon Tooth estava a menos de um metro de distância quando Ebony saltou para um lado. As mandíbulas do cão assassino se fecharam no ar vazio.

Demon Tooth girou, derrapando sobre as patas traseiras, para recobrar o ataque. Mas Alyss interpôs-se entre os dois. Pegou um galho de árvore caído no chão e levantou-o na direção do cão que avançava, prendendo o pescoço de Demon Tooth com os ramos bifurcados da extremidade. Por um momento, controlou o impulso de Demon Tooth, embora fosse empurrada para trás. Mas então o ramo estalou e Demon Tooth rosnou, concentrando-se no novo alvo de duas pernas que o tinha atacado. Ele contraiu os músculos das pernas traseiras, pronto para saltar na garganta de Alyss.

Alyss ouviu um *whizzthunk!* e uma longa flecha de ponta cinza de repente apareceu bem no meio do peito de Demon Tooth. O cão enorme cambaleou sob o impacto. Deu um breve grito de agonia, as pernas entraram em colapso e ele caiu de lado.

Jerome olhou com horror seu cachorro caído no chão, sem vida. Na confusão do momento, não tinha visto a flecha.

Mas ele tinha visto Hilde atacar seu cão com um galho de árvore. E agora Demon Tooth estava imóvel.

— Sua bruxa velha! — Ele gritou e saltou para ela. Suas mãos se fecharam em torno da garganta dela, sufocando-a. Alyss lutou com ele, mas Jerome era muito forte. Sua cabeça caiu para trás e sua visão começou a ficar fora de foco.

Mas uma forma em preto e branco voou sobre Jerome, pulando alto para prender os dentes em seu braço. Jerome gritou. Ebony estava pendurada em seu antebraço, os dentes mergulhados na carne. Seu peso o deixou sem equilíbrio.

Ele cambaleou, prendeu o pé numa raiz e caiu sobre o corpo de Demon Tooth.

— Vamos lá, Eb! Venha aqui, menina! — Alyss, recuperada, ordenou. Obedientemente, Ebony soltou a mandíbula do braço de Jerome e trotou para a amiga, a cauda balançando de um lado para o outro. Jerome tentou se levantar. Imobilizando o braço que Ebony havia mordido contra o corpo, ele colocou a outra mão no corpo de Demon Tooth, para se apoiar.

E percebeu, tarde demais, que o cão ainda estava vivo.

Enlouquecido pela raiva e dor, Demon Tooth rosnou ao toque e atacou cegamente. Jerome gritou de terror e foi cortado pelos dentes do cão. Jerome golpeou descontroladamente, tentando quebrar essa terrível pressão. Gorgolejou horivelmente e então ficou imóvel.

DemonTooth voltou seus terríveis olhos amarelos para a menina e o cão, a poucos metros de distância. Levantando-se com as pernas tremendo, rosnou em desafio.

Ebony, com as orelhas achatadas contra a cabeça dela, o pescoço ereto até que tivesse duas vezes seu tamanho normal, pulou para se colocar entre Alyss e o monstro que se aproximava lentamente.

Whiccthunk! Uma segunda flecha acertou Demon Tooth no flanco, logo atrás da perna dianteira esquerda. Sem mais um som, o cão assassino caiu, e estava morto antes de bater no chão.

Will saiu das árvores, o arco na mão. Correu para Alyss e Ebony e não sabia quem abraçar primeiro. Caiu de joelhos e passou os braços em volta de ambas.

Todos pareciam muito felizes com esse arranjo. Uma delas até lambeu sua mão. Ele não podia ver através das lágrimas, mas esperava que fosse Ebony.



OS NÔMADES VIRAM APREENSIVOS O ARQUEIRO DE MANTO CINZA e a menina alta metida nos farrapos de Hilde saindo das árvores, chegando ao acampamento. Trotando ao lado deles estava a pastora preta e branca que Jerome tinha roubado no vilarejo de Wensley.

Petulengo havia contado o que acontecera na floresta. Ele assistira horrorizado como a flecha atingira Demon Tooth, em seguida, com maior horror, vira a terrível máquina de matar pegar Jerome. O aparecimento do Arqueiro fora a gota d'água. Petulengo havia corrido de volta ao acampamento, balbuciando um confuso relato do que vira na clareira.

Agora a extensa família formava um semicírculo, em silêncio, observando as duas figuras sombrias e o cão enquanto eles se dirigiam à caravana. Petulengo estava nervoso, tentando esconder-se atrás dos Nômades mais velhos, olhando ao redor para ver se tinha sido notado. Ficou surpreso com a transformação que ocorrera em Hilde. Ela ainda usava o mesmo trapo. Mas ela estava empertigada agora, fina e graciosa. Ela sacudira o cabelo para tirar alguma sujeira e ele podia ver mechas louras espreitando através do cinza.

Will parou a poucos metros dos Nômades. Sua hostilidade era bem óbvia. Mas eles eram experientes nos caminhos do mundo e sabiam identificar um Arqueiro quando viam um. Sabiam das lendárias habilidades dos Arqueiros com armas e sua autoridade total em questões legais. Não se oporiam a ele de forma alguma. Nômades viviam no fio da navalha. Evitavam o confronto direto com autoridades sempre que podiam.

— Jerome está morto — Will lhes disse. Um zumbido de interesse percorreu o grupo. Petulengo lhes dissera isso, mas o menino estava em pânico e quase incoerente. Agora, o fato foi confirmado. Seu líder tinha ido embora. Para dizer a verdade, nem todos estavam sentidos com a novidade.

— Foi morto por aquele cachorro mau que mantinha na floresta — Will continuou. — Suponho que seja um fim apropriado para ele. O cão está morto também. Eu o matei.

Fez uma pausa. Os Nômades tinham expressões fixas em seus rostos

brancos. Ele deu um suspiro de aborrecimento.

— Eu sei que vocês todos vão afirmar que não sabiam de nada sobre o que ele estava fazendo — disse ele. — E eu sei que todos vocês estarão mentindo. Eu deveria prender todos vocês aqui e agora. Mas, então, teríamos que desinfetar nossa prisão depois que fossem libertados, o que seria um problema muito grande. Vocês seguirão em frente. Têm oito horas para deixar o Feudo Redmont. Eu os seguirei para ter certeza que vão. Não vão me ver, mas eu estarei lá.

Fez uma pausa para deixar que essas palavras fossem compreendidas. — Outra coisa. Farei com que vocês não sejam bem-vindos em todos os feudos. Não encontrarão nenhum lugar disposto a recebê-los nem mesmo por um dia. Serão expulsos de onde quer que vão. — Ele percebia a aceitação mal-humorada em seus rostos. Não esperavam nada melhor que isso. Tinham aceitado os riscos com o cão roubado e sido apanhados. Era sempre o caminho dos Nômades.

— De fato — ele continuou —, vocês terão vida mais fácil se simplesmente saírem do país.

Ele examinou os rostos. Estava confiante em que o grupo deixaria Araluen em uma semana. Claro, eles estariam de volta em algum momento no futuro, mas ele enfrentaria o problema quando chegasse a hora.

— Agora, comecem a arrumar suas coisas e caiam na estrada.

Ele fez um gesto de desprezo com o polegar, sacudindo-o na direção da estrada. A linha de Nômades se separou, lentamente no início, em seguida, mais depressa quando começaram a levantar acampamento e embalar seus pertences.

Ele se inclinou e acariciou o pelo ao redor das orelhas de Ebony. Ela olhou para ele e sua cauda fazia um vaivém.

— É bom ter você de volta, menina — ele disse suavemente. Então ele se virou para Alyss. — Pronta para ir?

Ela erguei a mão. — Apenas uma coisinha — disse ela. Olhou ao redor do acampamento e viu Petulengo, expressão culposa atrás de uma pele de cabra.

— Petulengo! — Ela chamou. Sua voz era alta e penetrante e ele se sobressaltou, percebendo que fora visto. Ele olhou em volta, procurando uma rota de fuga. Quando ele fez isso, Will tirou o arco maciço do ombro e tirou uma flecha da aljava. De repente, fugir não parecia uma boa ideia.

Então Alyss deu a Petulengo seu sorriso encantador.

— Não se assuste, querido — disse ela suavemente. — Eu só quero dizer adeus.

Ela acenou para ele, sorrindo encorajadoramente, e ele se adiantou,

ganhando confiança. Debaixo da sujeira, pensou, ela era definitivamente uma pessoa bonita. Ele deu um sorriso em troca. Petulengo, deve-se dizer, tinha fantasias com senhoras. Trate-as rudemente e elas vão comer na sua mão, pensava. O sorriso logo desapareceu, como uma vela sendo apagada. Sentiu um peso brusco no pé direito. A bota pesada de Alyss, parte do guarda-roupa de Hilde, estava sobre seu peito do pé, logo abaixo do tornozelo. Dobrou-se instintivamente, ofegante de dor.

Então Alyss jogou a palma da mão esquerda diretamente em seu nariz, atirando a cabeça do rapaz para trás e o fazendo cambalear. Seus braços fraquejaram e ele caiu sobre a terra suja. Ele estava meio grogue, apoiado nos cotovelos, tossindo, sangue escorrendo da parte de trás da garganta.

— Da próxima vez que você jogar lenha numa velha senhora — Alyss disse a ele, todos os vestígios do sorriso encantador desaparecidos. — certifique-se de que ela não possa fazer devolver.

Ela se virou para Will e esfregou as mãos juntas num gesto de satisfação.

— Agora estou pronta para ir — disse ela.

PROSA ROXA





WILL EMPURROU O PRATO VAZIO PARA LONGE E RECOSTOU-SE NA CADEIRA, sentindo aquela sensação deliciosa de desconforto que acontece quando você come demais algo realmente delicioso. Lady Pauline sorriu com carinho para o jovem. — Gostaria de mais, Will? Sobrou muito.

Ele bateu no estômago, surpreso ao descobrir que ele parecia realmente mais cheio que o normal, como se estivesse forçando suas roupas.

— Não, obrigado, Pauline — disse ele. — Já repeti uma vez.

— Você já repetiu quatro vezes — Halt comentou. Will franziu a testa para ele, então se virou para Pauline, sorrindo. Pelo menos ela não fez comentários depreciativos do jeito que o marido dela fazia.

— Foi realmente uma deliciosa refeição — disse ele. — A carne estava tão suave e isso é tão raro. E as batatas! Puxa, uma sinfonia de sabor e textura!

— Engraçado — Halt disse em tom baixo. — Eu não ouvi nenhum trompete ou flauta.

— É muito gentil de sua parte dizer isso, Will — Pauline disse. — Mas eu sou uma mulher prática e realmente não cozinho. As refeições aqui são fornecidas pela cozinha do castelo. Se você quiser elogiar alguém, deve ser Mestre Chubb.

— Ah... é claro — disse Will, sentindo-se tolo. Halt e Pauline o tinham convidado para jantar nos confortáveis aposentos cedidos a eles pelo Barão Arald. Como seus principais assessores, e os mais valorizados, tinham direito a uma suíte completa e aos serviços do castelo. Agora que Will pensava sobre isso, não podia mesmo imaginar a diplomata alta e elegante trabalhando num forno quente, um avental protegendo seu vestido branco.

— Está adotando alguns floreios em sua linguagem, não é? — Halt disse. — *Uma sinfonia de sabor*, de fato!

Will encolheu os ombros timidamente. — Estou tentando cultivar uma linguagem mais poética — ele admitiu.

Halt franziu a testa, mas Pauline permitiu-se o vestígio de um sorriso. Às vezes os jovens podem ser tão sérios sobre as coisas mais estranhas, pensou.

— Há alguma razão para este súbito interesse em coisas poéticas, Will?
— Ela perguntou.

— Bem — ele disse — é por causa do meu discurso para o casamento.

— O casamento de Horace e Evanlyn, você quer dizer?

Will assentiu. — Como padrinho, tenho de fazer um brinde para os noivos.

— Como você fez no nosso casamento — Pauline disse, sorrindo com a lembrança.

— Exatamente. E eu quero que seja especial. Porque são bons amigos meus.

— O discurso que fez no nosso casamento foi definitivamente especial — Halt disse. Ele podia recordar o evento claramente. Ficara impressionado e tocado com a afirmação simples de amor e carinho pelos dois. Só o fato de mencionar agora era prova clara disso. Halt tinha passado a vida escondendo seus sentimentos do mundo em geral. Raramente permitia que seu lado emocional, que ele chamava de seu lado piegas, se mostrasse.

— Tenho trabalhado no discurso — disse Will. Sua mão foi inconscientemente na direção do bolso interno do casaco. — Eu me pergunto se vocês se importariam de ouvir o que preparei até agora... — Ele deixou a pergunta no ar, olhando de Pauline para Halt.

— Como poderíamos recusar? — Pauline perguntou. Tão jovem e tão sério, ela pensou consigo mesma.

Halt olhou rapidamente para ela. Tarde demais, tentou sinalizar que encontrasse uma maneira graciosa de se recusar. Afinal, ela é diplomata, ele pensou. Recusas graciosas eram sua especialidade. Ele suspirou baixinho. Will já estava alisando várias folhas de papel. Olhou os dois, vendo se já estavam prontos. Pauline se inclinou para frente em sua cadeira e acenou de forma encorajadora. Halt levantou os olhos para o teto.

Will tomou isso como um sinal para prosseguir. Limpou a garganta várias vezes, alisou o papel mais algumas vezes e franziu a testa ao tentar dizer as primeiras linhas de memória.

— Vocês devem entender — interrompeu-se — que este é apenas um primeiro esboço. De nenhuma forma são as palavras finais que usarei no dia. Provavelmente vou reler e mudar aqui e ali. Quer dizer, eu definitivamente revisarei isso e quando eu o fizer, provavelmente mudarei aqui e ali...

— É claro — disse Pauline e fez um gesto para que ele prosseguisse. Ele limpou a garganta novamente.

— Pegou um resfriado? — Halt perguntou inocentemente, aí fez uma

careta quando Pauline o chutou debaixo da mesa. Mesmo em chinelos de descanso, fora um belo chute, pensou ele, inclinando-se para esfregar a panturrilha.

Will olhou por cima dos papéis, bochechas corando. — Não. — ele disse. — Por que você pergunta?

— Ignore-o, Will querido — disse Pauline. Havia uma nota de aço em sua voz que Will não percebeu. Mas Halt sim. Ele conhecia essa mulher por muitos anos e decidiu que o silêncio seria sua melhor opção nos próximos minutos.

— Muito bem... — disse Will. Ele limpou a garganta novamente. Finalmente, começou.

— É com o coração sobejando...

— Uau! Uau! Traga o navio de volta para a praia! É com o maior *sobejando o quê?* — Halt perguntou incrédulo, seu plano de permanecer em silêncio de repente esquecido. Will olhou para ele, confuso.

— Coração sobejando — repetiu ele. Em seguida, ele verificou o texto a sua frente mais uma vez. — Sim. Isso mesmo. Coração sobejando...

— E que diabos significa “coração sobejando”? — Halt perguntou. Olhou para a esposa e percebeu que ela escondia um sorriso.

Will fez um gesto incerto com a mão direita. — Bem, significa... você sabe... muito...hum... coração... sobejando.

Halt continuou a olhar para ele, sem entender. Ele balançou a cabeça, então Will tentou novamente. Agora, ele estava mais que corado, Pauline notou. Suas bochechas estavam em chamas.

— Isso significa que eu estou feliz. Muito feliz — disse Will afinal.

— Então por que você não diz “Eu estou feliz, muito feliz”? — Halt perguntou.

Will se mexeu desconfortavelmente na cadeira. — Bem, isso seria um pouco — ele procurou uma palavra, e encontrou — prosaico, não seria?

As sobrancelhas de Halt se ergueram. — Prosaico? Primeiro, *sobejando*...

— Sobejando — Will disse, com os dentes ligeiramente cerrados.

Halt o ignorou. — Agora, prosaico. Serei chifrado no traseiro por um bode se sei o que isso significa!

— Não seja injurioso, querido — disse Pauline. — Isso significa “ofensivo”.

— Ah, então eu sou ofensivo, não é? — Ele desafiou Will. — E quando é que se tornou um crime usar palavras que as pessoas possam entender?

— Eu disse antes, estou tentando fazer um discurso memorável — disse

Will. Halt caiu para trás em sua cadeira. — Vai ser memorável, tudo bem — ele murmurou. — Durante anos, as pessoas vão dizer: *lembra do discurso do Will que ninguém podia entender?* — Então ele fez um gesto para Will para continuar. — Vamos ouvir mais um pouco.

Will arrastou os folhas de papel e começou de novo. — É com o coração sobejando...

— Ouvi essa parte já.

— Halt... — Pauline disse em advertência.

— Que eu fico em suas presenças ilustres na mais auspiciosa das ocasiões aprazíveis para prestar louvor e adulação a dois dos mais reverenciados e queridos companheiros de meus anos de juventude.

— Deus do céu — Halt murmurou, ganhando outro chute forte na panturrilha.

— Seria denodado da minha parte não reconhecer o...

— Não! Não! Não! — Halt disse, agitando os braços. — Isso é o bastante! Não!

— Algum problema? — Will perguntou com altivez.

Halt revirou os olhos. — Sim, há um problema! Você fala como se tivesse engolido um dicionário e depois o vomitasse!

— Não seja grosseiro, Halt — disse Pauline, e o Arqueiro de barba grisalha abrandou, resmungando consigo mesmo.

Will apelou para Pauline.

— O que você acha do discurso, Pauline? Você é boa com as palavras.

Pauline hesitou. Ela amava este jovem como se fosse seu próprio filho e nunca feriria seus sentimentos. Mas não podia deixá-lo continuar com este absurdo exagerado.

— Você não acha que a linguagem está um pouco... rebuscada? —, ela perguntou timidamente.

Halt bufou, olhando para longe, para fora da janela.

— Rebuscada? Está positivamente toda *purple prose* [*"prosa roxa", expressão da crítica literária em língua inglesa usada para descrever estilos pomposos*].

— Parece algo que o Barão Arald diria! — disse Halt.

Will olhou para ele, com expressão aflita no rosto. — Oh, não é tão ruim assim — disse ele.

Halt simplesmente levantou uma sobrancelha para ele e desviou o olhar.

— Will, você falou tão bem no nosso casamento. Apenas faça o mesmo de novo. — disse Pauline a ele.

Mas ele sacudiu a cabeça. — Todo mundo diz isso. Mas a coisa é que

ninguém estava esperando muito de mim, naquela época. Todo mundo vai esperar muito mais desta vez. Além disso, este é um casamento real, de modo que o discurso será gravado nos anais. Tem que ser especial.

— Gorlog nos salve! — Halt disse.

Pauline se virou para ele com curiosidade. — Quem exatamente é Gorlog, querido? — ela perguntou.

— Um deus do norte. Peguei emprestado dos escandinavos. Ele é muito útil se você quiser blasfemar sem ofender as pessoas.

— Além dos escandinavos? — Ela sugeriu, mas ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Não. Eles não se importam. Eles não gostam muito dele.

Pauline assentiu, arquivando esse pedaço de informação para mais tarde, e virou-se para Will.

— Suspeito que você possa estar tentando demais, Will — ela disse, apontando as folhas de papel sobre a mesa. — Por que você não dá outra olhada nisso e simplifica um pouco?

Will franziu os lábios em dúvida. Ele podia ignorar a crítica de Halt, pensou. Halt não tinha senso de poesia. Mas Pauline era diferente. Ainda assim, passara horas e horas de trabalho para conceber essas palavras e relutava em abandoná-las.

— Vou pensar sobre isso — disse ele finalmente.

Halt bufou mais uma vez. Ele parecia estar fazendo isso um monte de vezes esta noite.

— Apenas ignore-o — disse Pauline a Will. — Você sabe como ele é.

— Sim — Halt disse. — Desculpe, eu tenho sido tão *denodado*.

— Isso é injurioso — Will disse ele. Halt deu um sorriso de lobo. — Sim. Isso também.

Pauline acariciou a mão de Will delicadamente. — Como eu disse, simplesmente ignore-o. Vou falar com ele mais tarde — acrescentou, ameaçadoramente. Will olhou na direção de seu antigo mentor e viu algo que o surpreendeu. Algo que ele nunca tinha visto antes.

O sorriso se fora. Halt estava com medo.



WILL TEVE UMA TARDE DE CAÇA MAL SUCEDIDA. Jenny tinha expressado a necessidade de veado fresco em seu restaurante e ele ficara feliz em tentar conseguir um. Mas ele sabia que, às vezes, até o mais habilidoso dos caçadores podia voltar para casa de mãos vazias. De certa forma, era parte do fascínio da caça. O único veado que ele tinha visto nesta longa tarde tinha sido uma corça jovem e seu jovem filhote, obviamente, ainda dependente da mãe.

Ele sorriu para a dupla e a espantou de seu caminho, rindo baixinho quando eles saltaram para as árvores.

— Vão embora e cresçam um pouco — ele disse, acrescentando uma reflexão tardia — Os dois.

Como ele caçava para comer, e não pela sensação de prazer em matar, não ficou decepcionado com o insucesso, aceitou-o filosoficamente. Jenny tinha outras carnes que poderia oferecer em seu cardápio. As pessoas não ficariam com fome. Então, ele estava num humor relativamente bom enquanto voltava para Redmont. Relativamente. Algo acontecera que ainda o chateava. Quanto mais pensava nisso na viagem de regresso, mais chateado ficava.

Quando estava retirando a sela e os arreios de Puxão, o pequeno cavalo o olhou curioso.

Por que essa cara triste?

Puxão realmente nunca tinha entendido o princípio dessa velha piada, Will pensou. — Isso deveria ser a minha fala para você. Afinal, você é o cavalo. A piada é: um cavalo entra numa taberna e o estalajadeiro diz: “Por que essa cara triste?”*.

**Trocadilho da piada “walk into a bar” A horse walks into a bar. The bartender says — So, why the long face?— [Um cavalo entra num bar. O atendente diz — Então, por que essa cara triste?] Qual a graça? Cavalos têm cara comprida, long face, que em inglês = triste. O trocadilho está aí.*

Puxão deslocou uma perna dianteira depois a outra, o equivalente a um encolher de ombros.

Então, o quê? O que está em sua mente?

— É o discurso do casamento — Will disse, esfregando-o com o pedaço seco de um cobertor velho, procurando a escova. O cobertor de Puxão ficara esfiapado enquanto avançavam pelo mato em sua busca infrutífera da caça. — Está me deixando preocupado.

É por isso que os cavalos não discursam.

— Os cavalos não têm casamentos também, pelo que sei — Will disse ele.

Verdade. Mas temos rédeas.*

**Bridles = rédeas. Brides = noiva. Puxão faz trocadilho com a palavras brideless = “sem noiva”.*

Os ouvidos de Puxão ergueram-se com apreciação de sua própria inteligência. Ele emitiu o equivalente a um risinho de cavalo. Will suspirou.

— Você não tem nada melhor, não é? — disse, e continuou passando a escova. Puxão ficou parado por alguns minutos, apreciando o contato e o agradável sentimento abrasivo da cerdas duras através de seu *casaco*.

— Halt não ficou muito impressionado com ele — disse Will depois de alguns minutos de silêncio.

Halt raramente fica impressionado com alguma coisa.

Halt e Puxão tinham um histórico de discordâncias, emanado das crenças de Halt sobre quantas maçãs eram boas para um cavalo.

— Isso é verdade. Mas eu perguntei a Pauline e mesmo que ela não tenha dito isso diretamente, eu não acho que ela tenha gostado também.

Ele esperou, pausando entre as escovadas. Mas não houve resposta. Ele não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou não. Talvez Puxão estivesse tentando encontrar uma maneira delicada de dizer que se Pauline não gostou, ele poderia ter um problema. Então, quando ele pensava sobre isso, percebeu que Puxão raramente era discreto sobre qualquer coisa. Ele se inclinou para um lado para dar uma olhada no rosto do cavalo.

Talvez ele tivesse dormido em pé. Cavalos podiam fazer isso, ele sabia. Mas os grandes olhos marrom piscaram e olharam para ele.

Uma ideia ocorreu a Will. Uma possível forma de resolver a questão em sua própria mente. Ele terminou a última de suas escovadas, recuando um passo para admirar se estavam limpos os pelos do cavalo, como normalmente parecia.

— Talvez eu pudesse ler um pouco para você — sugeriu ele. Puxão mudou de um pé para o outro novamente. Mas agora o movimento foi mais cauteloso do que antes.

Eu lhe disse. Os cavalos não fazem discursos.

— Não. Mas você vai saber se tem alguma coisa boa se você ouvir — Will disse a ele.

Ele guardou a escova e pegou os papéis no bolso.

Puxão rolou um olho em dúvida.

E se eu não souber?

— Se você não souber alguma coisa boa? — Will perguntou. — Oh, você vai — disse ele rigidamente. — Apenas ouça isso.

Não. E se eu não ouvir alguma coisa boa?

Will foi pego de surpresa por esta falta de fé.

Eu não ganhei minha maçã ainda.

— Você vai tê-la assim que ouvir meu discurso.

É um discurso longo?

— Tem várias páginas agora. Mas está tão bom, não vai parecer demorado. Você estará pedindo mais no final.

Ele olhou para o cavalo e ficou surpreso ao ver uma expressão cética no rosto. Will não tinha ideia de que os cavalos poderiam mostrar tanta emoção. Era inquietante. Desdobrou as folhas, alisou-as e limpou a garganta.

Saúde.

— O quê?

Você espirrou.

— Eu não espirrei. Eu limpei minha garganta. Desse jeito. — Ele fez isso de novo.

Puxão piscou várias vezes.

Soou como um espirro para mim. Poderia ser a peste.

— Não foi um espirro e não é a peste. Você vai ouvir este discurso, quer você goste ou não — disse com firmeza. Então, ele apressou-se a acrescentar — Embora eu tenha certeza de que você vai gostar. Está muito bom.

Puxão emituiu um estrondo profundo no abdômen. Will olhou de soslaio para ele. Isso soou como crítica, ele pensou. Então, ele percebeu que não poderia ter sido, já que não tinha começado o a ler. Alisou as páginas mais uma vez e começou.

—...Seria denodado de minha parte não reconhecer nesta conjectura de tempo para esta assembleia diversificada de pessoas, os quais assiduamente zelavam pelas necessidades dos...

Will parou. Ele estava lendo por alguns minutos e Puxão não se mexera. Não tinha certeza, mas achou que Puxão fizera um ruído profundo, como um

zumbido.

— O que foi isso? — Perguntou ele. Mas não houve resposta imediata. Encolhendo os ombros, olhou de volta a folha de papel na mão. — Onde eu estava? Ah, sim... para esta assembleia diversificada...

O barulho se repetiu. Desta vez, tinha certeza de que vinha de Puxão. Parecia estar centrado em sua garganta e no peito. Em seguida, o corpo inteiro do cavalo estremeceu. Will olhou para ele com curiosidade. Talvez suas belas palavras tivessem levado seu velho amigo às lágrimas, pensou. Deu a volta para encarar Puxão enquanto o ruído monótono se fazia ouvir mais uma vez. Os olhos do cavalo estavam bem fechados e seus joelhos, eretos. Ele estava dormindo. Will percebeu, quando o monótono ruído se repetiu, que ele estava roncando.

— Seu miserável infiel — disse. Puxão roncou novamente.

Descontente, Will dobrou a folha de papel e guardou. Saiu do estábulo. Quando chegou à porta, o som de zumbido parou. Ele olhou para trás.

Onde está a minha maçã?

Ele olhou para o cavalo. — Sinto muito. Não tenho nenhuma. Talvez você possa sonhar com uma.

Saiu do estábulo, as costas rígidas, cada linha de seu corpo mostrando como se sentira afrontado pelo comportamento de seu cavalo. Chegou à cabana, onde Ebony estava esparramada ao sol. Quando subiu os degraus, ela abriu um dos olhos e sua pesada cauda bateu uma vez nas tábuas da varanda.

Ele a olhou por um momento. Os cães nunca julgam, pensou. Um cão ficaria a seu lado, estando você certo ou errado. Aos olhos de um cão, você não pode fazer nada errado. Um cão sempre daria uma opinião honesta.

— Boa menina, Eb — disse ele e a cauda bateu novamente. Ele se sentou num banco contra a parede da cabana. Ebony observou-o, esticando a cabeça para trás para vê-lo sem mexer o corpo. Ele estalou os dedos para ela.

— Venha aqui, Ebony. Vem aqui, menina.

Com um gemido, ela se virou de barriga para cima, depois se levantou e sacudiu-se. Então, foi até ele, cabeça baixa, o rabo abanando lentamente.

— Deita — Ele gesticulou e ela baixou a barriga até o chão, olhos fixos nele. Will pegou o papel no bolso mais uma vez e olhou para os grandes e bonitos olhos de Ebony. Um, marrom escuro, o outro, azul.

— Vou ler um discurso Ebony — disse ele. O rabo abanou. — E quero sua opinião honesta. Ele desdobrou o papel e começou a ler. Depois de alguns parágrafos, Ebony suspirou e baixou o nariz até as patas dianteiras estendidas, mas continuou a observá-lo, aparentemente sem pestanejar, enquanto Will lia as

frases bonitas de seu discurso. Finalmente, chegou ao fim, uma parte da qual estava particularmente orgulhoso. Ele a leu, em seguida, leu novamente, para dar ênfase.

— Bem — ele disse — o que você acha?

Os olhos continuavam fixos nele. O nariz ainda descansava nas patas dianteiras. Nenhum movimento. Pelo menos, pensou, ela estava acordada.

— Você gostou dele, Ebony? — ele perguntou e o rabo bateu uma vez no assoalho. Ele sorriu, estendeu a mão e afagou as orelhas dela. Um bom cão nunca o desapontaria.

— É muito bom, não é? — Perguntou.

Não houve reação do cão.

— Está bom, Ebony? — A cauda bateu no assoalho novamente e ele foi assaltado por uma dúvida terrível. Olhou para o cão, seus olhares se encontraram.

— Está bom? — Repetiu.

Não houve reação.

— Está bom, Ebony? — Abano de rabo.

— É o maior lixo que você já ouviu? — Nenhuma reação.

— É o maior lixo que você já ouviu... Ebony? Abano de rabo.

Ele olhou para ela.

— Você está apenas reagindo quando digo seu nome, não é?

Nenhuma reação.

— Você está apenas reagindo a seu nome, não é... Ebony?

Abano.

Will ficou de pé, sacudindo a cabeça em aborrecimento.

— Eu simplesmente não posso confiar em ninguém para me dar uma resposta honesta. Bem, teve o Puxão. E agora você também, Ebony.

Abano de rabo.

Com grande indignação, Will entrou na cabana e fechou a porta firmemente.

Na varanda, Ebony ficou olhando para a porta por alguns segundos. Em seguida, como Will não saísse novamente, ela se levantou, sacudiu-se e caminhou até uma mancha de sol quente. Com um gemido de prazer, deitou-se de lado, pernas estendidas e cabeça inclinada para trás e dormiu.



COMO VOCÊ CLASSIFICARIA O ESTADO DE PRONTIDÃO DA ESCOLA DE GUERRA?

Excelente. Bom. Médio. Abaixo de médio. Ruim.

Will deu de ombros e fez uma marca de seleção ao lado de *Excelente*.

Parte do trabalho de um Arqueiro era avaliar periodicamente a Escola de Guerra do feudo e relatar ao Castelo Araluen a qualidade da formação, a proficiência dos membros e o estado geral de prontidão em caso de ataque. A Escola de Guerra de Redmont era uma das melhores do país e as avaliações de Will eram quase sempre na faixa de Excelente. Às vezes se perguntava por que não escrevia apenas “ver última avaliação”, mas o Mestre de Guerra do Rei exigia respostas detalhadas todas as vezes. Ele suspirou quando viu a pergunta seguinte.

Em que você baseia essa classificação?

Ele não podia responder a isso com uma simples marcação. Teria que escrever algo que justificasse. Tentou se lembrar da redação do relatório anterior. Enquanto fazia isso, a porta se abriu de repente e Halt entrou na cabana.

— Olá. Não o ouvi chegando — disse Will.

Halt lhe deu um aceno satisfeito. — Ótimo. Uma vez ou outra tento não cometer erros por aí como cego em loja de cerâmica. Estou surpreso, nem Puxão me ouviu.

— Puxão está de mau humor. Não lhe dei a maçã de ontem.

Naturalmente, ambos sabiam que, se tivesse sido qualquer outra pessoa que não Halt se aproximando, Puxão teria dado um sinal de alerta, de mau humor ou não.

— Ótimo. Ele come maçãs demais, de qualquer maneira. — Halt olhou para os papéis sobre a mesa e uma expressão cautelosa surgiu em seu rosto. — Você não está trabalhando naquele discurso, está? — Will suspirou. — Não. Estou fazendo minha avaliação da Escola de Guerra para o Mestre de Guerra Real. Não sei por que tenho que escrever tudo. Deveriam saber a esta altura que

não há problemas na Escola de Guerra de Redmont.

Halt encolheu os ombros. — Um exército é comandado pela papelada — disse ele. — De qualquer forma, você pode esquecer isso agora. Temos um trabalho.

Will se empertigou para tomar conhecimento. — Um trabalho? Para onde vamos?

Havia um mapa em grande escala de Araluen na parede da cabana e Halt caminhou para ele, tocando o dedo indicador num local na costa sudoeste, um pouco acima da fronteira com Céllica.

— Hambley — disse ele. — Temos informação de que há moondarkers atuando ao longo da costa. Hambley é seu próximo alvo lógico.

— Moondarkers? — Will não tinha ouvido o termo antes. Halt não estava surpreso. Há muitos anos os bandos organizados moondarkers não operavam em Araluen.

— Destruidores — explicou. — Sabotadores de navios. Operam na lua nova e utilizam faróis falsos em trechos perigosos da costa. Navios veem os faróis acesos e acham que chegaram ao porto. Então, antes de entenderem, estão nas rochas. O navio quebra e os moondarkers salvam a carga para si mesmos.

— O que acontece com a tripulação? — Will perguntou.

— Se sobrevivem ao naufrágio, alcançam terra. Normalmente, não sobrevivem.

— Esses moondarkers parecem pessoas desagradáveis — comentou Will.

Halt assentiu. — Exatamente. E eles são difíceis de rastrear porque os moradores geralmente têm medo deles. — Uma carranca surgiu em seu rosto. — Ou, em alguns casos, estão em conluio com eles.

— Partilham os despojos — disse Will.

— É isso mesmo. Há um monte de coisas que os sabotadores não querem. Madeira e cordas, por exemplo. Barris de alimentos secos. Lona, acessórios de metal. Todos os tipos de coisas que um vilarejo pobre acharia inestimável. Agora vamos nos mexer. A lua nova virá em uma semana e é quando eles saem do esconderijo. Quero estar na estrada esta tarde. Mande mensagem a Gilan e ele ficará de olho nas coisas aqui enquanto estamos longe.

— Vou pegar meu equipamento de viagens — disse Will. Hesitou, olhando para o formulário de avaliação inacabado. — Acho que eu poderia terminar isso enquanto estamos na estrada — disse ele.

Halt pegou o formulário e rasgou-o ao meio, antes que o protesto de Will pudesse detê-lo. — Uma ideia melhor. Deixe a Gilan uma nota dizendo que a

avaliação precisa ser feita, mas você não teve tempo. Então, ele fará a avaliação para você.

Will hesitou, olhando para o pedaço de papel rasgado nas mãos de Halt.

— Isso não é um pouco sorrateiro? — Disse.

Halt sorriu feliz.

— É, certamente. E não é o que os Arqueiros devem ser?

Uma hora depois, eles estavam na estrada para o sudoeste. Diante do rapto recente de Ebony pelos Nômades, Will a tinha deixado no castelo, aos cuidados de Pauline. Mesmo sendo inteligente e leal, Ebony ainda era jovem e excitável, não podia se arriscar a levá-la no que provavelmente seria uma missão perigosa. Pauline estava encantado em ter o cão de companhia e Ebony era dedicada a ela.

Enquanto cavalgavam, Will riu baixinho para si mesmo. Halt virou-se na sela para olhar para ele.

— Algo engraçado?

— Estou pensando em Gilan fazendo o relatório de guerra — disse Will.
— Você está certo. É tão astuto.

Halt sorriu. — É bem feito por todas as vezes que ele tentou me emboscar. — disse ele. — Às vezes os aprendizes perdem todo o respeito por seus antigos mestres. — Ele olhou significativamente para Will, que se apressou em responder.

— Eu não! — Disse. — Eu ainda tenho um enorme respeito por você, Halt! — Halt olhou penetrantemente para ele por vários momentos, então, aparentemente satisfeito, assentiu para si mesmo. — Apenas tenha isso em mente.

Eles continuaram sem falar por algumas centenas de metros, então Will quebrou o silêncio novamente.

— A coisa boa disso é que posso trabalhar no meu discurso à noite — disse Will.

— Você o trouxe com você? — Halt perguntou, um pouco apreensivo.

Will assentiu. — Achei que seria uma boa oportunidade de trabalhar sem distrações.

Houve um longo silêncio, em seguida, Halt disse — Eu certamente não irei interrompê-lo. Quer dizer, eu não gostaria de impedir o fluxo criativo ou qualquer coisa assim. De fato, você pode apenas considerar que não estou aqui se você quiser trabalhar com ele. — Ele perguntou-se Will iria detectar o sarcasmo por trás dessa afirmação, mas seu ex-aprendiz assentiu com gratidão.

— Obrigado, Halt. Eu aprecio isso. Agora, qual será nosso curso de ação?

Halt considerado por alguns momentos, como ele empacotado seus pensamentos.

— Como eu disse, esta manhã, não se pode esperar qualquer ajuda dos moradores. Nós não podemos arriscar que eles nos traiam aos moondarkers.

— Os moondarkers não são moradores, então? — Will perguntou. Halt balançou a cabeça. — Não. Eles viajam para cima e para baixo da costa. Se eles trabalham uma área por muito tempo, a notícia se espalha e pessoas como nós aparecem para detê-los. Além disso, os navios iriam aprender rapidamente a evitar que essa parte da costa.

— Você disse que soube através de um informante. Podemos esperar qualquer ajuda dele? — Will perguntou. Mas, novamente, a resposta foi negativa.

— Se ele for esperto, ele não vai querer se associar conosco. Afinal, ele tem que viver na área depois de termos partido.

— Isso faz sentido. Então, qual é o nosso plano? — Nós vamos acampar e escutar por aí — esperançosamente sem nós sermos vistos. Normalmente, os moondarkers não ficam nas aldeias, então eles terão um acampamento em algum lugar da área também. Será difícil de escondê-lo, porque haverá de quinze a vinte deles. Assim, ficaremos atentos para isso e procuramos sinais de que eles estão se preparando.

— Como o quê? — Como um farol sendo preparado no promontório errado. Eles vão ter que construir com um ou dois dias de antecedência. Além disso, vamos precisar vigiar o norte a procura de navios cruzando ao longo da costa. E nós precisamos manter um olho nas outras pessoas que estão procurando-a mesma coisa.

— E se nós não virmos nenhuma dessas coisas acontecerem? — Will perguntou.

Halt sorriu. O sorriso lembrou Will de um lobo mostrando os dentes.

— Então eu vou pedir-lhes para parar. Eu posso ser muito persuasivo quando eu coloco algo em minha cabeça.

— Eu já notei isso antes — disse Will.

Eles fizeram bom tempo no resto do dia, estabelecendo para os cavalos o padrão de marcha forçada dos Arqueiros, alternando entre trote e caminhada. Quando o crepúsculo aparecia, Halt indicou um local limpo sob um agrupamento de árvores.

— Isso parece uma área de acampar decente — disse ele. — Podemos muito bem nos acomodar antes que esteja muito escuro.

— Você quer que eu cozinhe? — Will perguntou. Ele sabia que Halt era

capaz de fazê-lo. Mas a verdade era que Will gostava de preparar as refeições e ele era um excelente cozinheiro de acampamento, sempre com um kit de viagem de especiarias e ingredientes para melhorar o sabor da comida. Já que os Arqueiros eram frequentemente forçados a subsistir com carne seca, frutas e pão velho, sentia que deveriam desfrutar de boas refeições quando tinham chance. Halt concordava com ele sobre este assunto.

— Vou aguardar ansiosamente. — disse ele. — Quando estivermos perto de Hambley haverá campos frios e rações duras, por isso, podemos muito bem desfrutar de um pouco de comida quente e café enquanto é possível. Limpo tudo mais tarde.

Apesar de sua relação mestre-aprendiz, Halt hoje considerava Will um igual e estava sempre disposto a compartilhar tarefas de acampamento com ele.

— Excelente — Will disse. Como um monte de cozinheiros, ele gostava do processo de preparação, mas foi ficando menos entusiasmado com a limpeza que se seguia. — Isso vai dar me tempo para trabalhar no meu discurso.

— Eu vou aguardar ansiosamente por isso, também — Halt disse, sério.



UM CUME DE MONTANHAS ESTENDIA-SE ATRÁS DA CIDADE DE HAMBLEY, a menos de quinhentos metros. A cidade fora construída em torno de um pequeno mas bem protegido porto. No quebra-mar do norte, Will via uma grande estrutura de metal de seis metros de altura.

— Este é o farol verdadeiro — Halt disse a ele, notando o olhar interessado. — É aceso todas as noites e mostra a qualquer navio que se aproxime onde fica o quebra-mar norte, dando um ponto de referência. Mas, como você pode ver, o alto promontório atrás o esconde da vista do navio que desça a costa, até que o navio esteja a apenas meio quilômetro de distância.

Eles estavam deitados de barriga para baixo no topo de uma crista de colinas com vista para a cidade. Os cavalos estavam no lado oposto, fora de vista. Os dois Arqueiros, de braços e ocultos por suas capas, estariam invisíveis para qualquer num raio de 50 metros, quanto mais de meio quilômetro.

— Agora olhe mais para o norte — disse Halt e Will obedientemente mudou seu ponto de vista. Além do promontório, uma faixa curva da praia se estendia ao norte, terminando em outro promontório, um pouco menor. — Meu palpite é que vão construir o farol falso ali. Você pode ver como a água é rasa por várias centenas de metros. Qualquer navio que virar ali pensando que encontrou o porto estará preso na areia antes que o perceba. Imagino que os sabotadores criem fogueiras ou usem lanternas baixas atrás da praia, por isso vai parecer com as luzes de um vilarejo. O comandante do navio vai ver o que espera ver, um farol e um vilarejo. Mas estará um quilometro mais ao norte do local verdadeiro. Esta cordilheira de montanhas em que estamos criará um fundo escuro. Alguém olhando de fora para o mar verá as luzes na escuridão. Não vai perceber os detalhes.

Ele esfregou o queixo, pensativo, retirando uma formiga que se aventurou a explorar sua barba.

— Esse banco raso de areia lhes convém admiravelmente. O navio ficará encalhado, e a menos que o tempo fique realmente ruim, não vai se desvencilhar. Isso significa que os moondarkers podem descarregar o navio à

vontade na maré baixa. Que nem ficará molhada.

Will olhou de soslaio para o Arqueiro de barba grisalha. — Você parece saber muito sobre como eles operam, Halt,

Halt assentiu sombriamente. — Moondarking era uma praga nesta nação durante a primeira guerra com Morgarath — disse ele. — As tropas do rei estavam muito ocupadas com a rebelião para vigiar outros assuntos. E você sabe que criminosos tiram proveito rapidamente de uma situação como essa.

Will assentiu. — Então, como você os eliminou?

— Oh, após a guerra, Crowley e eu montamos uma pequena campanha. Depois de um tempo, decidiram que Araluen não era o melhor lugar para praticar o moondarking. A maioria se mudou para Gálica, onde as condições eram mais propícias para seu negócio.

— A maioria deles? — Will perguntou. — E os outros?

— Ficaram aqui — Halt disse severamente. — Você vai encontrar suas sepulturas ao longo de toda a costa oeste, se olhar com atenção.

— Você e Crowley formaram uma equipe e tanto na juventude, não foi? — Will perguntou.

O fantasma de um sorriso tocou a boca de Halt. — Tivemos nossos momentos — disse ele.

Então ele começou a deslizar, permanecendo abaixado até poder se levantar sem entrar no campo de visão de algum observador abaixo deles. Will o seguiu e olhou ansiosamente para seu antigo mentor em busca de instruções.

— Nós vamos para o norte em direção a essa praia — disse Halt. — Vamos acampar no cume e vigiar qualquer atividade no promontório ou na praia.

— Você tem certeza que é ali? — disse Will.

Halt encolheu os ombros. — Você nunca pode ter certeza de nada. Mas é o lugar mais lógico. Qualquer lugar mais ao norte e estariam muito longe de Hambley. Além disso, a leste dali, toda a topografia é diferente. Este local é perto o suficiente do vilarejo verdadeiro para confundir qualquer capitão desatento. Vamos explorar a floresta, para ver se podemos encontrar o acampamento deles. Se eles estão na área, não deve ser muito difícil encontrar. Se vão agir, há de ser um grande acampamento.

— Você disse que eles podem ser de quinze a vinte... — Will começou.

— É isso mesmo. E vão precisar de carroças e cavalos para levar a carga, de modo que o acampamento é um grande problema.

— Podemos lidar com tantos? — perguntou Will timidamente.

Halt olhou fixamente para ele. — Estes homens são assassinos de sangue

frio — disse ele. — Mas não são guerreiros. Vão receber um aviso para se render, e começamos a atirar. Crowley e eu lidamos com essa mesma quantidade. Não deve ser problema.

— Isso foi com Crowley e você — disse Will. Ele ficou surpreso com a resposta de Halt.

— Você é melhor do que Crowley.

Will ficaria ainda mais surpreso se Halt tivesse acrescentado o que estava em sua mente: *Você é provavelmente melhor do que eu também.*

Eles foram para o norte e montaram pequeno acampamento bem escondido atrás de árvores. Abelard e Puxão tiveram as selas retiradas e saíram para pastar ali por perto. Se por acaso fossem descobertos, a pelagem felpuda e falta de selas e arreios provavelmente levaria o estranho a supor que eram pôneis selvagens. Nômades percorriam as montanhas em pequenos grupos. Não podiam fazer fogueira e os dois Arqueiros suspiraram enquanto se resignavam à dieta de ração fria e água. Montaram um posto de observação no cume, cavando uma cova rasa, que cobriram com terra e galhos para que pudessem vigiar a praia e o promontório sem serem vistos. Não era diferente do esconderijo que os caçadores construíam, Will pensou. Então sorriu tristemente ao perceber que eram caçadores. Mas estavam caçando homens.

Havia ainda algumas horas de luz do dia, quando terminaram. Halt apontou para o buraco.

— Fique de olho nas coisas — disse ele. — Vou explorar ao redor e ver se posso encontrar algum sinal de acampamento.

Will assentiu. Um acampamento confirmaria que estavam no caminho certo. Afinal, eles ainda estavam trabalhando com base em informações recebidas de um informante anônimo. Podia muito bem ser uma caçada ao ganso selvagem. Mas uma das primeiras coisas que os Arqueiros aprendiam era ouvir pacientemente, horas ou dias a fio.

Will agachou-se para entrar no posto de observação, que era na encosta da serra, com vista para a praia, e se arrastou para dentro. Acomodou-se, ficou confortável e recostou-se contra a parede de terra. A fenda de observação ocupava toda a largura do buraco e, sentado no escuro tinha visão completa do promontório e da praia.

Tirou da bolsa papel, caneta e seu pequeno tinteiro de viagem. O rascunho do discurso estava lá também, mas no momento apenas anotaria frases impressionantes para incluir. Ele podia fazer isso mantendo um olhar atento sobre a praia abaixo dele. Ler ou reescrever o discurso seria uma distração muito grande. Mas anotar frases avulsas só lhe tomaria um ou dois

segundos de cada vez.

Uma delas veio à mente: uma descrição de Horace e Evanlyn e ele rapidamente abriu o tinteiro, mergulhou a pena e anotou.

Os muito bons companheiros amados de meus ternos anos de juventude, escreveu ele. E murmurou para si mesmo: — Oh, isso é bom. Muito bom.

Ele examinou a praia e o promontório de novo, nada se movia. Então, anotou outra frase.

É com alegria e orgulho que tenho a ousadia de acrescentar a minha adulação irrestrita ao que já foi declarado antes que este conjunto eminente...

— Eu gostei disso. Muito — disse a si mesmo. Ele suspirou feliz e recostou-se novamente, esperando mais lampejos de inspiração.

Halt demorou menos de duas horas para encontrar o acampamento. O cheiro de fumaça de madeira alertou-o primeiro para a presença de gente na floresta. Era fraco no início, mas quando ele seguiu na direção indicada por uma leve brisa ficou mais forte. Então ele começou a notar outros sinais. Um cão latiu. O som de um machado batendo em madeira. Finalmente encontrou uma clareira aberta entre as árvores. Havia meia dúzia de tendas armadas em grupo e várias fogueiras estavam acesas. De um lado, quatro carroças com rodas sólidas estavam estacionadas. Além delas, ele podia perceber cavalos amarrados entre as árvores. Pessoas andavam pelo acampamento, conversando. Não havia uma real tentativa de ocultação, já que não havia ninguém de quem se esconder, segundo as preocupações dos moondarkers.

Ele contou quantas pessoas. Dezesseis homens. Mais uma confirmação de que este era um acampamento moondarker.

Ele observou que começavam a preparar a refeição da noite. Seu estômago reclamou silenciosamente enquanto o delicioso aroma de carne assada sobre o fogo flutuava em torno dele. Retirou-se silenciosamente.

— Nada a fazer aqui, a não ser ficar com fome — murmurou para si mesmo e voltou para o acampamento sem fumaça e sem carne assada escondido na encosta. Ele pensou em seu jantar: água, carne seca, fruta e pão duro.

O pensamento não o tornou mais compassivo com os moondarkers.



COMO WILL OBSERVARA, GRANDE PARTE do tempo de um arqueiro era gasta sentada, olhando e esperando, com breves períodos de ação.

Ele e Halt se alternavam no posto de observação a cada três horas, observando a praia e a península abaixo deles.

Nos momentos em que não estavam vigiando, exercitavam os cavalos e caçavam como pequena distração. Uma mudança muito bem-vinda no acampamento foi a decisão de Halt de que podiam acender uma fogueira, já que os moondarkers estavam a distancia considerável, além de haver uma colina entre eles. Como os dois arqueiros escolheram um local alto na colina, a chance de um dos bandidos tropeçar no esconderijo deles era muito pequena.

Mesmo assim, o velho Arqueiro insistia em que eles não acendessem fogueiras quando o vento soprava do norte, o que poderia levar o cheiro da madeira queimada aos moondarkers. Havia uma pequena chance de que eles notassem a diferença, apesar de suas grandes fogueiras de cozinhar e o cheiro de fumaça em toda parte. Mas mesmo uma pequena chance era uma chance, e Halt não gostava de se arriscar. Como ele dizia, essa preocupação o ajudara a se manter vivo por todos esses anos, e gostaria de quebrar o recorde.

Isso significava que Will podia cozinhar refeições mais interessantes, o que deu lhe dava algo para fazer nos momentos de tédio. Também lhes dava um motivo de preocupação, além da tediosa tarefa de manter vigilância. A escala que eles tinham adotado colocava Halt com a última tocaia do dia, quando a sol já havia desaparecido atrás da colina. Ficavam atentos a qualquer tentativa de ação dos moondarkers. Para evitar que fossem descobertos, os moondarkers esperariam ate o último momento para acender o falso farol. Isso os faria preparar tudo pela manhã e, até que fizerem isso, não havia motivo para manter o posto de observação à noite.

Will levou as duas refeições ao posto, eles comeriam juntos e discutiriam as táticas para quando os moondarkers agissem: — Andei pensado — começou Halt —, deveríamos conseguir ajuda.

Will sorriu ironicamente: — Pensei que aguentaríamos dezesseis

facilmente.

Halt suspirou em reconhecimento. — Eu realmente achava, mas me ocorreu que precisarei de você na península enquanto eu estarei na praia, isso pode dificultar as coisas.

— Como assim? O que eu faria na península?

— Você terá que vigiar o falso farol. Teremos que esperar que eles o acendam antes de agir. Até que eles o acendam não temos provas de que eles realmente estão tentando enganar navios. Precisamos ver o navio e o farol aceso tentando levá-lo para a praia.

— O fato de que eles estão preparando o farol já não seria suficiente? — Will perguntou. Halt bateu balançou a cabeça — Não é uma prova concreta. Eles poderiam dizer que estavam preparando uma festa de aniversário, ou planejando assar um porco ou uma ovelha. Precisamos de provas concretas. Infelizmente, Duncan é um pouco exigente sobre isso. Ao mesmo tempo, teremos que mostrar que estavam na verdade tentando atrair os navios.

— Então você quer que eu espere eles acenderem o fogo, assim eu o apagaria e você prenderia todos eles — Will falou. Halt levantou uma sobancelha para ele — Você tem alguma ideia de como essa tocha será grande? Não é uma fogueira de acampamento que se pode chutar um pouco de areia e apagar. Será uma grande quantidade de troncos com combustível e terá no mínimo dois metros de altura. Quando estiver acesa, não será simples “apagar”, como você disse. Precisarás de um balde e não há água a menos de meio quilômetro dali.

Will não havia pensado nessa situação — Então, o que fazer? — ele perguntou. Em resposta Halt procurou na bolsa e pegou um pequeno recipiente preso com cera, de seis por três centímetros: — Você jogará isso no fogo — ele disse. Will pegou o pequeno saco e o examinou, estava bem amarrado, mas pôde sentir a natureza granulada do conteúdo. Parecia que estava cheio de areia molhada: — O que é isso? — ele perguntou.

Halt tocou com o dedo. — É uma tintura colorida e é extremamente inflamável. Quando você jogar no fogo, queimará e mudará a cor do fogo, e não tenho certeza de qual será. Deve ser vermelho ou amarelo. Com isso, o capitão do navio verá a cor do fogo mudar e perceberá que não é o farol real e voltará para o mar. Mas, ainda precisaremos da nossa prova.

— Tudo bem, faz sentido, mas como você lidará com dezesseis moondarkers na praia enquanto eu estarei fazendo isso?

— Vou precisar de ajuda. Vou esperar até ter certeza que eles planejam atacar. Quando eles tiverem tudo aceso, vou a Hambley avisar o líder dos vigias.

— Mas você disse que eles provavelmente estão agindo com os moondarkers.

— Não exatamente, eles fingem que não sabem e pegam o que os bandidos deixam para trás, por isso, se souberem que estamos no aqui provavelmente os avisariam. Por isso estou sempre com um olho no vilarejo quando não estou de vigia. Não houve comércio com os moondarkers.

— Então, se você aparecer no vilarejo no ultimo momento e não lhes dar tempo de avisar aos bandidos, não poderão recusar nos ajudar — Will falou: — Exatamente, ficarão relutantes e terão que nos fornecer homens da guarda para nos ajudar, não poderão dizer a um arqueiro do rei que um navio naufragado até que seria boa ideia.

Will mordeu o lábio com dúvida — Está botando muita fé no respeito que os moradores têm pelos Arqueiros — disse.

Halt inclinou a cabeça, concordando com o ponto de vista. — Verdade, mas já fiz isso antes e nunca falhou, essas pessoas não são criminosas, são pobres desesperados e têm uma vida difícil, por isso, se virem que poderão ser punidos por não cooperar, ajudam.

— Eles poderiam acertar sua cabeça e tirá-lo da jogada — Will avisou, e Halt considerou a ideia: — Poderiam, mas não querem; eu estarei preparado se tentarem algo parecido, mesmo isso não sendo provável. E sabendo que há outro arqueiro na área, duvido que eles corram esse risco.

— Então eu jogo a tintura no fogo e você prende os moondarkers na praia... parece que temos um plano perfeito — Will disse. Mesmo questionando o plano de Halt, ele sabia que a figura de um arqueiro do rei sobre moradores pobres era bem poderosa..

— Nunca se tem tudo planejado — Halt disse. — Sempre existe algo que pode dar errado.

Ele terminou a ultima colher do ensopado de coelho que Will tinha preparado, raspando os últimos resquícios de comida do prato — Tem mais? Will negou — Desculpe, você comeu todo o resto. Halt resmungou — Achei que sim — ele se deitou nas sombras. A terra abaixo deles estava em escuridão profunda e o mar tinha adquirido uma cor prateada — Bem, duvido que eles comecem algo agora. Podemos ter um café preto no acampamento também.

— É por isso que gosto de ficar com você, é cheio de boas ideias.

No dia seguinte os moondarkers começaram o trabalho.

Will notou o primeiro sinal de que algo estava acontecendo na metade de seu plantão: um cavaleiro passou pela estrada da costa logo abaixo da colina. Levou seu cavalo por entre as árvores e Will rapidamente o perdeu de vista. Mas

não tinha duvida de para onde ele estava indo. Saiu do esconderijo, continuou agachado e correu para avisar Halt.

— Sem duvida um navio está em rota para Hambley, é comum deixarem um batedor para avistar qualquer navio que apareça na costa. Se este for o caso vão preparar as tochas hoje.

— O que faremos? — Will perguntou.

Halt apontou um dedo para o acampamento dos moondarkers. — Vamos ver o que eles já prepararam.

Eles deixaram o acampamento juntos, se movendo como sombras por entre as árvores, escorregando por entre as sombras e o chão cinza com verde os deixava quase invisíveis: um observador teria grande problema tentando vê-los de uma distância de mais de vinte metros, e com o treino e a constante prática eles se moviam instintivamente, sem pensar no que estavam fazendo. Quando pisavam, seus pés, nas botas com solado acolchoado, ajudavam a sentir qualquer folha ou galho no chão, que moviam para o lado com os dedos para poderem prosseguir. Parecia simples, mas na verdade era resultado de anos de prática.

Levaram cerca de meia hora para chegar ao ponto de observação que Halt tinha usado da primeira vez. Will apontou para um cavalo com sela fora de uma das tendas. Logicamente pertencia ao mensageiro que tinha chegado mais cedo. Estava prestes a comentar sobre o pouco cuidado que os bandidos tinham com os animais quando três homens surgiram da tenda. Um deles, alto, de barba preta, numa vestimenta de couro com broches, começou a gritar ordens. O acampamento ganhou vida e de outras tendas saíram ocupantes, que começaram a carregar as carroças que Halt tinha observado na visita anterior. Foram carregadas com madeira para fogo e lanternas. Os cavalos foram atrelados às carroças, enquanto homens pegavam ferramentas e sacos de provisões. Também tinham espadas e pás presas aos cintos: — Já vimos o suficiente, vamos embora antes que nos notem — Halt avisou. Eles se arrastaram de volta ao esconderijo, e pouco tempo depois viram os moondarkers emergirem da floresta abaixo e se dirigirem à praia.

Três carroças estavam vazias, os homens carregavam pilhas de madeira e pedaços de ferro, colocando no local determinado pelo líder, o homem alto com veste de couro. Will olhou curiosamente esse homem se afastar dos companheiros, de costas para o mar, e começar a apontar lugares onde deveriam acender fogueiras e montar as vigas de ferro, formando tripés; de tempo em tempo olhava um pedaço de papel na mão, mostrando que uma pilha ou outra de madeira deveria ser reposicionada e alguns tripés deveriam ir um

pouco para a frente: — O que eles estão falando? — Will perguntou, e mesmo estando a meio quilômetro de distância mantinha a voz um pouco mais alta que um sussurro.

— Eu diria que ele tem uma planta de Hambley ali, como ela a parece vista do mar, ele provavelmente trabalhou nisso nos últimos dias, agora está organizando tudo para que pareça a cidade.

Will ficou muito admirado: — Eles são espertos, eu admito. Halt concordou: — Sim, eles sabem o que estão fazendo, não são amadores. É uma pena. Olhe! — disse — as últimas carroças estão se movendo, acho que estão indo para a península.

Quatro homens que haviam terminado a preparação das tochas subiram na última carroça, que estava carregada de madeira; um deles pegou um chicote e bateu nas costas do cavalo. Relutantemente o animal se mexeu e começou a se dirigir para a península. Era uma carga pesada para um pequeno animal como aquele, por isso ele se movia lentamente. Quando chegou à encosta o cavalo fez força e a lentidão aumentou: — Eles seriam mais rápidos fossem a pé — Will comentou; Halt sacudiu a cabeça do companheiro: — Eles são bandidos e criminosos, estão sempre procurando o caminho mais fácil, não o mais eficiente.

Devagar, a pesada carroça subia a encosta em direção ao fim da península; o cavalo parou de repente no meio do caminho e ficou ali mesmo, olhando para os homens que o forçavam a puxar tanto peso: — Se eu fosse eles — Halt começou — ficaria distante da área de coice desse cavalo.

Os homens desceram da carroça e começaram a descarregá-la; a maior parte da carga era de madeira cortada para fogueiras, Will arriscou, baseando-se no tamanho regular dos pedaços, além de pequenos barris e varas de ferro. Finalmente três homens tiraram pesada cesta de metal, quase um metro de comprimento e meio metro de altura: — Isso vai segurar o fogo do falso farol — Halt explicou — Eles farão outro tripé com aquelas varas, depois colocarão a cesta de fogo no topo e a abastecerão com madeira e estará quase pronta.

— E para que os barris? — Will perguntou, mesmo tendo quase certeza da resposta: — Combustível. Quando o navio estiver perto, eles colocarão na madeira para ter certeza que acenderá rapidamente. Se eles colocarem muito precocemente poderá secar ou evaporar. Eles provavelmente banharão a madeira em algum lugar à sombra.

Instintivamente, Will olhou para cima, para ver a posição do sol, que havia apenas passado do auge: — Quando você acha que eles acenderão o fogo? — Will perguntou.

— Eles perderam a escuridão total da lua, haverá apenas um pequeno pedaço visível hoje à noite; acho que esperarão até que apareça sobre a colina, algo ao redor das dez horas. Vou a Hambley combinar a vigília em torno das nove e meia, não haverá tempo para levarem a mensagem aos moondarkers, mesmo se forem rápidos.

— Mais espera e observação — Will comentou.

— Esse é o nosso trabalho — Halt concordou —. Mas não me espere voltar com reforços, se eles acenderem o farol e você vir algum navio se aproximando, jogue imediatamente a tinta no fogo. Prefiro perder a chance de pegar o grupo do que ter um navio em perigo.

Com a tarde acabando, eles assistiram os moondarkers fazerem seus ajustes finais nas lanternas e fogueiras. Os quatro homens na península colocaram a madeira na cesta de metal, que foi suspensa a mais de dois metros de altura. Embarcaram na carroça mais uma vez e foram em direção à praia. Descendo a colina, o pequeno cavalo fez um tempo melhor, mas Will notou que ainda havia dois barris no chão ao lado do tripé.

Finalmente, o líder parecia satisfeito com o trabalho. Deu um descanso aos homens e cozinhou uma pequena refeição. Os homens deitaram na grama em frente à praia, comeram suas refeições e continuaram conversando, alguns até chegando a dormir.

— Será um dia cheio — Halt comentou. O fato de que os bandidos não voltaram ao acampamento era uma prova de que eles agiriam nesta noite. Will sentiu o pequeno desconforto no estômago, que sempre aparecia antes de alguma ação. Halt sorriu para ele. Nada que dissesse tornaria o momento melhor.

— Nervoso? — Halt perguntou.

— Não — Will disse prontamente, mas logo reconsiderou — Bem, talvez um pouco, um pouco tenso; sentar e esperar não ajuda.

— É bom para se manter atento, apenas tolos não se sentem dessa maneira. E isso o deixa com os pés no chão, sem ficar superconfiante.

Will olhou para seu antigo mentor de forma curiosa. Ele parecia calmo e imperturbável. Sempre era assim quando algo importante estava para acontecer: — E você Halt? Está nervoso?

A barba grisalha foi marcada por um pequeno sorriso: — Sinto como se tivesse uma pedra no estômago e tentasse digeri-la — ele falou.

Will estava de boca aberta. Halt tinha descrito sua própria sensação de forma perfeita. — Eu nunca notei — disse, balançando a cabeça devagar.

— Aprendi a esconder — Halt contou.



— ELES ESTÃO SE MOVENDO — DISSE HALT. Riscos de luz começavam a aparecer abaixo deles, manchas que rapidamente surgiam enquanto os moondarkers acendiam as tochas. Will e Halt podiam ver sombras se mexendo enquanto mais e mais tochas eram acesas abaixo. Will olhou para cima: a pequena lua estava totalmente no alto e começava a descer. Em quinze minutos estaria escondida atrás da colina.

Halt se mudou para um local de onde teria visão clara do norte. Contemplou firmemente o oceano nessa direção, procurando na escuridão, e então, com um pequeno ruído, apontou: — Lá esta o navio. Will juntou-se a ele, levantando os olhos para procurar a luz que mostraria um barco se aproximando. Balançou a cabeça: — Não consigo ver — murmurou. Halt levantou a mão, com a palma para fora, os dedos apontando para cima, e devagar levantou o dedo mínimo: — Veja bem ali, abaixo da península, do segundo para o ultimo? Vá três dedos para o lado e você o verá.

Will levantou a própria mão, fechou um olho, esticou três dedos, colocando o anular contra a península, como Halt havia mostrado, então olhou para o lado esquerdo do dedo indicador. E viu um minúsculo ponto de luz contra a escuridão do oceano: — Achei — disse. O sistema de dedos era parte das habilidades de um arqueiro. Tendo um ponto de referência como a península, a pessoa podia mostrar a outra exatamente para onde olhar. Quando era um jovem aprendiz, Will tinha se surpreendido com a eficiência do sistema, mesmo com a diferença de tamanho e largura dos dedos.

Halt estava vendo a direção e a força do vento: — Ele está velejando contra o vento, que sopra do sul; deve levar cerca de duas horas para poder ver o farol.

— Está na hora de você ir — Will disse. Seu antigo mentor concordou: — Sim, melhor não perder mais tempo. Podíamos descer juntos, para você já tomar a direção da península. Quando vir o navio, jogue a tintura no fogo.

— Olhe — Will apontou para a península — há fogo no farol — havia uma pequena luminosidade visível do tripé, logo grandes línguas de fogo

começaram a aparecer na escuridão. O vento vindo do sul soprou as chamas para o lado, enquanto o fogo crescia, ele sugava mais oxigênio do ar, criando sua própria corrente de ar: — Faz sentido — Halt começou de repente — se conseguirmos ver a luz do navio dessa distancia, eles logo poderão ver o farol, os moondarkers não querem uma luz aparecendo do nada, pareceria suspeito.

Eles desceram a encosta rumo ao local em que os cavalos estavam esperando. Selaram os animais logo após o anoitecer e desceram a pé. Quando a colina ficou menos íngreme, montaram e cavalgaram pela curva da encosta.

Halt e Will estavam quase no pé da montanha quando o arqueiro mais experiente encontrou uma trilha em direção ao sul, seguiu-a e Will foi atrás: — Deixo você aqui, devo estar de volta em uma hora, lembre-se de seu papel.

— Jogar a tintura no fogo — respondeu prontamente.

— Certo, mas não jogue muito cedo, quero ter a chance de acabar com esses moondarkers, mas também não se atrase, não queremos o navio preso nos bancos de areia. Conferiu se está com a tintura?

Will tocou o pequeno saco logo acima do ombro: — Está aqui, não se preocupe.

— Tudo bem, estou indo, te vejo em uma hora — com isso bateu os calcanhares em Abelard e cavalgou devagar em direção ao sul. Após alguns segundos, uma curva na trilha escondeu-o da visão de Will, que virou as rédeas de Puxão: — Vamos garoto, temos trabalho a fazer. — Seguiu a trilha ao pé da montanha, emergindo em uma clareira por entre as árvores, virando à esquerda, em direção ao mar. Podia ver a luminosidade do fogo que representava a falsa cidade, à direita o falso farol queimava ferozmente um estranho e engraçado círculo de fogo, formado pelo sal do mar saturado no ar.

Escondido pela linha das árvores ele guiou Puxão para a península em trote lento.

Chegaram ao início da península e diminuíram gradualmente o trote por entre as árvores, até que Will parou seu animal e desceu, acariciando-o no focinho afetuosamente: — Você fica aqui, garoto. — O profundo e quase imperceptível ronco de Puxão mostrava que ele não estava feliz com a ideia. — Eu sei, eu sei, você prefere ir e me proteger, mas seria um pouco óbvio se eu fosse com você, são quase duzentos metros de campo aberto, não posso arriscar ser visto pelos moondarkers na praia.

Eu posso ser bem discreto quando eu quero.

— Eu admito isso, mas me entenda, tudo bem?

Eu sempre faço isso. Puxão parecia irritado, Will pensou, mas sempre ficava assim quando ele o deixava, o cavalo achava que seu dono não era capaz de

cuidar de si mesmo, sem ele para protegê-lo.

Enquanto conversava com seu cavalo, Will havia observado o terreno aberto da península. Havia rochas, alguns arbustos e duas ou três árvores, não muita proteção, mas suficiente. Observou o terreno abaixo novamente mais cuidadosamente, procurando algum sinal dos bandidos que tinham as tochas menores. Presumiu que os homens haviam voltado para se juntar aos companheiros, não via sinal deles, não tinham motivo para ficarem no local. Will vira a pilha de madeira que eles recolheram e colocaram na cesta de ferro, combustível para manter o farol por pelo menos duas horas. Ironicamente, pensou, ela não existirá mais em duas horas, de uma forma ou de outra: — Fique aqui, tenho que me aproximar para poder ver o navio quando ele estiver chegando.

Estarei aqui se precisar de mim.

— Sei disso — concordou, e cruzou a grama da península, com passos curtos e silenciosos de sombra em sombra. Um observador normal teria perdido o sinal dele em dez metros, mas Puxão era quem mais conhecia os movimentos do mestre; observando-o facilmente, balançou a cabeça aprovando.

Eu posso vê-lo, mas duvido que alguém mais possa.

Havia uma árvore atrofiada a setenta metros do farol, deformada e torcida pelo vento constante do mar em seus vinte anos de vida. Will se moveu silenciosamente para sua sombra, sentou-se em sua base, as costas contra o tronco. Imóvel, capuz puxado, misturava-se ao fundo escuro: — Confie na capa — sussurrou para si mesmo. Desse ponto podia ver a praia, tochas e lanternas, o farol amarelo e o mar escuro na sua frente. Mais cedo nesta noite, com a fraca lua atrás, o mar se tornara um brilho prateado, mas agora que a lua tinha ido embora, era uma massa escura. Quando forçou os ouvidos, pôde perceber o barulho das ondas quebrando na areia. Até as condições do tempo estavam do lado dos moondarkers, pensou.

Com um mar agitado haveria uma linha de espuma marcando a praia, mas essa linha inexistia. Parado, Will olhou para o norte, devagar, dividindo o oceano em segmentos e procurando a parte em que estava o navio. Finalmente o identificou, estava mais próximo da costa do que esperava, mas ainda em alto-mar. Era quase o fim da viagem, o capitão estaria provavelmente tentando cobrir a maior distância possível antes de virar em direção à praia, no falso farol que provavelmente já podia ser visto.

Will observou por dez minutos o pequeno ponto luminoso se movendo para o sudoeste, parecendo parar... perguntando-se o que estaria acontecendo, Will percebeu que o navio retomara o movimento, porém agora para baixo — o

ângulo de observação de Will é que fizera parecer que o navio havia parado. Olhou ansiosamente para a praia, as tochas e as lanternas que marcavam a falsa cidade ainda esta estavam fortes, mas não havia sinal dos moondarkers. Nem de Halt.

Olhou para o mar mais uma vez e ficou chocado pela distância que o navio havia percorrido, parecia estar terrivelmente próximo da costa, próximo o suficiente para Will poder ver o vapor de sal ao redor da luz principal. Mudou rapidamente a posição dos pés, estava chegando a hora de agir. Mais uma vez olhou para a praia, nem sinal de Halt, nenhum som de conflito, talvez o povo de Hambley se tivesse recusado a ajudá-lo, talvez o tenham feito prisioneiro... se fosse o caso, a vida de Halt estaria em grande perigo. Se o líder local recusasse ajuda, não poderia deixá-lo viver para denunciá-los... por um momento Will lutou contra o desejo de voltar até Puxão e correr desesperadamente para a vila, para resgatar seu antigo mentor.

Mas ele tinha um objetivo a cumprir, e estava ficando sem tempo. Ajeitou o arco em posição segura no ombro e rumou para o farol. Movia-se agachado, quase colado ao chão, mas em boa velocidade, camuflando-se nas sombras. Chegando perto, pôde ouvir os estalos da madeira queimando, superado pelo som do próprio fogo.

No campo aberto da península, exposto à brisa do mar, o fogo gerava grandes chamas, jogando fitas de fogo no ar e soltando faíscas alaranjadas na noite escura. Mesmo estando a alguns metros de distância, podia sentir o calor nas bochechas. Agora que estava próximo ao farol, tudo que podia ver era o círculo de luz que o englobava, ao redor era apenas escuridão. Olhou para o mar, o navio estava mais próximo ainda, sua mão tocou o pequeno saco, onde a tintura estava, e começou a desembulhá-la, quando notou movimento ao redor: — O que está fazendo com o fogo?

Instintivamente ele se jogou para o lado, sentindo o vento do machado passando por ele, errando por centímetros.



RECUPEROU SEU EQUILÍBRIO E A FACA SAXÔNICA PARECEU SALTAR da bainha para a mão.

Virou-se de forma a ficar de costas para o fogo e avaliou seu atacante. Grande, poderoso e inesperadamente leve em seus passos. O homem acompanhou os movimentos de Will rapidamente, nunca perdendo o equilíbrio. E, entre eles, uma coisa se mexia de um lado para o outro — era uma lamina de cabo longo, um machado de batalha de lâmina única.

Sem aviso, o homem balançou o machado, que assobiou em arco mortal. Will saltou para trás, apenas evitando a enorme lâmina. Então, quando tentou se aproximar e por dentro do alcance do machado, seu atacante reverteu o ataque com incrível velocidade, balançando a parte cega do machado e usando-a como pesada clava ou martelo de guerra, obrigando Will a saltar para fora mais uma vez.

O segundo salto o levou para longe da fogueira. Pensou num ataque com a faca saxônica, mas viu o quão rápido era seu adversário.

As chances eram de que ele se desviasse da faca, ficando Will sem arma além de sua pequena faca de arremessar. Arremessar a saxônica seria a última opção, decidiu. Ele se afastou, os olhos na cabeça do machado conforme ela refletia as luzes da fogueira, com seu brilho amarelo. Tinha que voltar à fogueira e jogar o corante. Mas seu constante movimento significava que o homem agora estava entre ele e o fogo.

Ele pensou em pegar a faca de arremesso e usar as duas facas juntas. Então teve uma lembrança repentina de uma ocasião em Céltica, muitos anos antes, quando Horace consultou Gilan sobre as táticas certas contra um homem usando machado.

— Eu não aconselho ninguém a enfrentar um machado de batalha com apenas duas facas — Gilan disse a ele. Will lembrou que essa sessão de treino acabou com Gilan sugerindo que talvez a melhor tática fosse pular de um penhasco.

Pelo menos tem um deles por perto, pensou.

O homem inesperadamente atacou de novo, e instintivamente Will atirou a faca saxônica para aparar o golpe. Mas o impacto foi fraco e o homem, com incrível força no punho, girou o machado de volta e agarrou a faca saxônica diretamente pelo meio da lamina. Houve um tinido e num golpe ele tirou a grande faca de perto de Will, que a viu voar pelo penhasco, a luz do fogo cintilando nela enquanto girava.

No último momento, Will conseguiu evitar um acidente vascular cerebral com outro salto desesperado.

Agora, ele estava mais longe do que nunca do farol. Não tinha tempo para ver o navio estava. O homem era muito bom, muito rápido. De alguma maneira, precisava neutralizar esse machado, que tinha enorme alcance. Por um momento, pensou em chamar Puxão. Então, parou. O longo machado era feito para soldados a pé usarem contra guerreiros montados e, mais especificamente, contra seus cavalos. Puxão viria correndo para salvá-lo e a probabilidade era de que fosse morto ou mutilado por um golpe desse machado.

Uma ideia surgiu. Ele deslizou o longo arco do ombro, mantendo-o em pé na mão direita, abaixo da empunhadura.

— Então, está planejando me flechar? — O homem sorriu para ele. No minuto em que Will alcançasse uma flecha, o machado o rasgaria do ombro ao peito, e ambos sabiam disso.

Will se arrastou para a esquerda, fazendo o caminho de volta à fogueira. O homem o atacou várias vezes e Will dançou para fora do alcance em todas elas. Mas a cada ataque ele corrigia seu trajeto para se aproximar da fogueira.

Tirou a bolsa do outro ombro, segurando-a pela alça, balançando-a para trás e para a frente, ameaçando o homem do machado. Os olhos do homem se estreitaram cautelosamente, conforme assistia aos movimentos de Will.

Então Will girou o punho, a alça bateu na beirada da fornalha e a bolsa começou a pegar fogo. Foi um movimento totalmente inesperado, e o homem, esperando que Will jogasse a bolsa em seu rosto, como uma arma, não conseguiu evitar que seus olhos seguissem o movimento. Distraiu-se não mais que uma fração de segundos — o suficiente. Will deu um passo à frente e jogou a ponta do arco na cabeça do machado, prendendo a arma num espaço estreito entre o arco e a corda esticada.

A corda era corda só no nome. Tratava-se de um cordão forte, criado para suportar a tração do longo arco. Will puxou o arco para baixo. Seu oponente tentou soltar sua arma, e por um momento eles lutaram. Will tinha o arco na mão direita, o que tornava impossível puxar sua faca de arremesso. Ele procurou no bolso e encontrou um *striker*, fechando a mão esquerda em volta

do pesado latão.

O homem, ainda puxando o machado, girando-o com a intenção de quebrar a pressão do arco e sua corda. Will sabia que ele tinha apenas segundos para agir. A qualquer momento, agora, o arco ou a corda quebraria.

WHOOOOFFFFF! Uma imensa explosão surgiu na fornalha. Um pilar de chamas cegantes, de cor roxo vivo, alcançou sete metros de altura.

— O quê...? — O homem do machado jogou o braço livre para cima, num movimento instintivo para se proteger da explosão repentina. Quando se virou em direção à fornalha, em choque, sua mandíbula direita ficou exposta e Will balançou o *striker* o mais forte que podia, num giro de braço nada sofisticado, mas que repercutiu no queixo do homem — num ponto em que os nervos são conectados ao cérebro. Will sentiu de repente que diminuía a pressão no machado, que de repente caiu na grama, arrastando o arco. Um segundo depois, seu oponente ia ao chão, seus olhos girando na cabeça, seus membros soltos e o corpo dobrando como uma boneca de pano.

Will cambaleou para longe da fogueira. Finos grãos de cinzas roxas caíram do céu escuro e o cobriram. Protegendo os olhos das chamas, olhou para o mar. O navio tinha virado e ganhava distância da praia, retornando às águas seguras.

E agora, pela primeira vez, Will tomava consciência do alarido de vozes na praia e do tinido de armas em choque. Ele se virou e olhou. Havia uma grande multidão visível à luz dos fogos — muito mais que o número original de moondarkers. Estavam combatendo, mas, percebeu, a luta logo cessou e era óbvio que um grupo tinha vencido.

Os derrotados eram compelidos a sentar na areia, mãos atrás da cabeça, sob pesada guarda. Will não ficou surpreso de ver uma figura familiar camuflada no grupo vitorioso, apontando e gritando ordens.

Aproximou-se do homem do machado, que estava começando a se mexer. Ele o virou de bruços e rapidamente prendeu seus polegares atrás das costas com algemas de couro. Então caiu exausto na grama para esperar por Halt.



Voltaram cavalgando para casa alguns dias depois. Halt permitiu-se um dos seus raros sorrisos. O chefe dos moondarkers fora capturado, com o auxílio da cidade de Hambley. Dois dos sabotadores conseguiram escapar na confusão da praia, mas os outros quatorze estavam seguros. O mais importante, o

homem alto e barbudo, seu líder, era um dos prisioneiros.

Halt e Will os escoltaram, presos juntos a correntes e as mãos algemadas, até a guarnição do castelo, onde o lorde local encarregou-se de achar um local para eles na masmorra. Seriam julgados e, com o testemunho juramentado de Will e Halt anotado pela secretaria do lorde do castelo, não havia dúvida de que seriam condenados.

No fim das contas, um bom resultado. No entanto, Halt notou que seu jovem amigo não parecia compartilhar de sua satisfação.

— Por que está com essa cara? — perguntou. Will virou-se para ele, mal-humorado. — Não comece. Eu já ouvi o suficiente de Puxão.

Eu digo isso melhor do que ele.

— Mesmo assim — disse Halt, parecendo não notar a interrupção de Puxão —, foi uma boa operação. Pegamos os moonwalkers, capturamos seu líder e salvamos um navio e sua tripulação. Você deveria estar feliz.

— Destruí meu arco na luta — disse Will. — A parte de cima está arruinada, nunca mais vai atirar em linha reta.

Halt sorriu. — Você pode trocar de arco — ele disse. — Não posso dizer o mesmo da cabeça.

— Era o meu arco favorito — Will disse.

Halt levantou uma sobrancelha. — Bem, isso o torna muito mais valioso do que sua cabeça, imagino.

Will suspirou. — É possível que você esteja certo — ele disse. — Posso fazer outro arco. Mas tem mais uma coisa...

Ele parou e Halt virou em sua direção, franzindo o cenho, imaginando o que haveria em sua mente. Notou que desde a luta com o homem do machado no penhasco seu jovem amigo perdera um pouco de sua exuberância natural. Will disse pouco sobre o confronto e Halt imaginou que fora pior do que ele deixara parecer. Talvez a luta tenha abalado sua confiança, pensou.

— Mais uma coisa? — perguntou. Se Will estava tendo uma reação à luta contra o moondarker, seria melhor colocar para fora do que manter preso dentro dele.

— Eu esqueci... — Will disse miseravelmente. — Quando joguei a bolsa no fogo, esqueci que meu discurso estava lá.

Halt levou alguns segundos para reconhecer a grande importância da tragédia. Então falou muito pausadamente.

— Você jogou sua bolsa no fogo?

Will concordou com a cabeça, deprimido. — Sim.

— E... eu estou certo em presumir que aquela era a única cópia do

discurso?

— Sim.

Uma longa pausa. Então: — Você fez algumas notas, não fez?

— Bem, sim. Fiz. Muitas, na verdade.

— Ah, entendo.

— Mas... elas estavam na bolsa também. — Will se virou para Halt.

— Halt, era um discurso tão bom! Eu vinha trabalhando nele por semanas, você sabe.

— Eu sei — disse Halt. Ele estava se esforçando muito para manter a voz descompromissada.

Eles cavalgaram em silêncio por vários minutos. Então, experimentalmente, Halt abriu o assunto mais uma vez.

— Existe alguma chance de você se lembrar de alguma coisa? — ele perguntou.

Will balançou a cabeça. — Nem uma palavra. Estou tentando, mas não consigo me lembrar.

— Você sabe, Will, um grande discurso costuma ser bastante memorável — Halt disse cuidadosamente. Ele estava em terreno delicado. Já havia discutido o discurso com Will, e Pauline o repreendera por sua falta de sensibilidade.

— Eu suponho que sim — Will concordou.

— Então, o fato de não se lembrar de uma palavra sequer não diz nada a você?

Will franziu a testa. Esse pensamento não lhe ocorrera e não sabia se era importante examiná-lo.

— Você está dizendo que talvez não fosse um grande discurso?

— Não, você está dizendo. Deixa colocar de outra maneira. Pra quem é esse discurso? — A frase não foi muito correta gramaticalmente, mas Halt tinha o hábito de trocar a boa gramática por concisão e clareza.

— Quem? Bem, é para....

Mas antes que ele respondesse, Halt o interrompeu. — É para o Rei, para o Barão ou as centenas de convidados que sem dúvida estarão presentes?

— Não.

— É para algum historiador do futuro, folheando os registros, encontrar um relato do casamento?

— Não.

— Então pra quem?

Will se mexeu desconfortavelmente em sua sela. Ele podia ver aonde Halt

queria chegar.

— Eu suponho que seja para Horace e Evanlyn.

— Você supõe?

— Eu sei. É para Horace e Evanlyn. — Havia um tom de certeza em sua voz.

Halt concordou com a cabeça. — E o que você quer dizer a eles?

— Eu não sei... acho que eu queira dizer que... amo os dois. Eles são dois dos meus amigos mais antigos e queridos. Por isso eu não consigo pensar numa combinação melhor do que eles dois.

— Por que não?

— Porque ambos são corajosos e leais e totalmente honestos. São perfeitamente adequados um ao outro. Ela é brilhante, cheia de vida e engraçada. Ele é firme e totalmente confiável. E é engraçado do seu próprio jeito. Eu confiaria minha vida aos dois sem qualquer hesitação. Já fiz isso no passado.

Ele parou, pensando, ouvindo suas próprias palavras e seus verdadeiros pensamentos pela primeira vez, livre de quaisquer enfeites e exageros.

— Mais alguma coisa?

— Eu não sei... Sim. Mais uma coisa. Quero que eles saibam que sempre que precisarem de mim, se precisarem me chamar, eu estarei lá, não importa o que seja.

— Isso é o que você quer dizer? — Halt perguntou.

Will parou, e então concordou. — Sim — ele disse. Definitivamente havia nele um senso de propósito agora, Halt estava feliz em ver isso.

— E você acha que é isso que eles querem ouvir?

— Sim. Sim, eu acho.

Halt retesou as rédeas e Will fez Puxão parar a seu lado. Eles deram meia volta na sela, olhando-se, e Halt estendeu as mãos e levantou as sobrancelhas.

— Muito bem, Will, isso é tudo que você precisa dizer.

Devagar, um sorriso magoado se abriu no rosto de Will — Esse discurso que eu escrevi... — ele disse. — Era muito ruim, não era?

— Era terrível. — Halt disse, então não pôde resistir a acrescentar — E eu posso dizer isso “com o coração sobejando”.

Will estremeceu quando a memória da frase voltou.

— Eu realmente escrevi isso... — ele disse.

Halt confirmou com a cabeça. — Oh, sim. Você escreveu isso.

Ele estalou a língua e Puxão começou a trotar pela estrada de novo. Halt pediu a Abelard que os seguisse. Alcançou-os e cavalgaram lado a lado por

centenas de metros em silêncio mais uma vez.

Então Halt disse interrogativamente. — Eu não sabia que seu discurso estava na mochila. Mas isso não explica uma coisa em que eu tenho pensado... — Ele deixou a questão suspensa, inacabada, então Will teve que fazer a pergunta.

— E o que foi?

— As chamas ficaram roxas. Não era a tinta. Era o discurso.

— E eu imagino que você vá contar isso a todos, não é? — Will perguntou.

Halt virou um sorriso inocente para ele.

— É claro que vou.

JANTAR PARA CINCO





PELA DÉCIMA VEZ EM POUCOS MINUTOS, Jenny olhou ao redor no restaurante. Tudo parecia estar em ordem. As mesas estavam cuidadosamente posicionadas, as cadeiras dispostas em torno delas em perfeita simetria. Cada mesa estava posta com toalhas vermelho e branco e os talheres brilhavam em seus lugares. Caminhou rapidamente entre as mesas, verificando se facas e garfos estavam do lado correto das configurações.

Seu chefe dos garçons, Rafe, pairou ansiosamente atrás dela. Rafe era um bom trabalhador e um funcionário leal. Ele era bem intencionado, alegre e honesto. Na verdade, ele era tudo o que Jenny poderia esperar em um chefe de garçons.

Exceto por uma falha. Rafe tinha uma infeliz tendência em confundir a mão esquerda com a direita. Isto significa que, ao longo do tempo, seus talheres ficava invertidos e, para uma perfeccionista como Jenny, isso era uma fonte de irritação extrema.

Algum tempo atrás, Will tinha meio que resolvido o problema. Ele tinha mostrado uma faca a Rafe e disse que era como uma espada pequena, por isso devia ser usado com a mão direita, ou a mão da espada. Este mnemônico simples tinha sido notavelmente eficaz. Algumas semanas depois, Rafe podia ser visto pondo as mesas e, de tempos em tempos, simulando um golpe de espada para estabelecer qual lado era qual e onde ficavam às facas.

Mas, ocasionalmente, Jenny percebeu, tornara-se confiante demais e colocava facas e garfos onde o instinto lhe dissesse que deveriam ficar. Quando isso acontecia, misteriosamente invertia suas posições nas mesas e o temperamento de Jenny, sempre perto do ponto de ebulição, explodia.

Sua amiga Alyss, com o olho de diplomata, tinha sugerido que ela podia resolver o problema simplesmente embrulhando o garfo e a faca juntos no guardanapo e colocando o pacote enrolado no centro da mesa. Mas Jenny era teimosa.

— Direita é direita e esquerda é o que resta — disse ela. — Por que ele não pode saber isso?

Ela sentiu Rafe atrás dela enquanto examinava o restaurante. Com o canto do olho, podia ver que sua mão direita estava descrevendo pequenos movimentos de estocadas de espada que ele fazia para testar o posicionamento de cada configuração. Quando ela verificou a última mesa, virou-se para ele e balançou a cabeça. — Está tudo bem, Rafe. Bom trabalho. — Ela viu seus ombros descerem de alívio e um sorriso radiante surgir em seu rosto aberto e honesto.

— Obrigada, Senhora Jenny. Eu faço o meu melhor para vo... Vo...

— Eu sei, Rafe — disse ela. Ela bateu a mão e, por um momento lamentou o número de vezes em que o tinha acertado na cabeça com uma colher de pau quando ele falhava em viver segundo seus elevados padrões. Mas só por um momento.

Ele a seguiu para a cozinha, onde a chef-assistente trabalhava arduamente cortando e fatiando na preparação para a refeição da noite. Assistentes de cozinha corriam para lá e para cá, trazendo mais comida da despensa para o cozinheiro preparar, polindo travessas e panelas até que brilhassem.

Com a aparição de Jenny, o ritmo na cozinha aumentou visivelmente.

Rafe estava mais otimista sobre esta parte da inspeção. Se havia algo de errado na cozinha, ele não seria responsabilizado. Jenny lançou um olhar profissional ao redor da sala. Para uma certa decepção de Rafe, nada parecia estar errado. Ele teria gostado de ver outra pessoa sob as cacetadas da colher de pau de Jenny. Ela apontou para uma fileira de patos espetados numa haste de metal comprida, as peles brilhando sob o saboroso óleo aromático em que tinham sido esfregados.

— Os patos não podem ficar no fogo mais que quatro horas — disse ao chef-assistente.

A mulher olhou para cima, soprou um fio de cabelo dos olhos e acenou com a cabeça. — Sim, Senhora Jenny.

— E certifique-se de que Norman os vire regularmente. Devem cozinhar uniformemente.

— Sim, senhora. Norman? Você ouviu a senhora? — Ela chamou um dos jovens assistentes de cozinha, que estava trazendo uma cesta de batatas do armário de vegetais.

— Sim, senhorita Ailsa. Sim, senhora Jenny. Vou virá-los regularmente. Não tenha medo.

Jenny assentiu. Os patos seriam colocados com seus espetos sobre a grande lareira na sala de jantar. Eles seriam virados regularmente, de modo que a pele assasse uniformemente, ficando crocantes e dourados. A gordura

gotejando sobre as brasas chiaria, assobiaria e encheria a sala com seu odor delicioso, criando uma verdadeira atmosfera de água na boca. Jenny tinha aprendido com Mestre Chubb, seu mentor, que havia uma quantidade certa de espetáculo necessária num bom restaurante. Havia apenas seis patos, mas seu efeito no ambiente superaria em muito o número relativamente pequeno.

— Muito bem — Jenny lançou mais uma olhada ao redor, tentando encontrar algo fora do lugar, algo que precisasse de correção e não conseguiu. Sua equipe olhava ansiosamente. Esta seria a primeira vez em muitos meses que Jenny não tinha supervisionado as operações na cozinha do restaurante. Ela era algo como uma mãe de primeira viagem deixando seu bebê sob os cuidados de outras pessoas pela primeira vez. Seria necessária uma circunstância muito especial para que Jenny confiasse o restaurante a eles dessa forma. Ambos, Rafe e Ailsa, sabiam disso. E esta era uma ocasião especial. Hoje à noite, ela estaria cozinhando um jantar romântico para dois em sua casa de campo para um convidado especial.

Um convidado muito especial.

Hoje à noite, o belo e jovem Arqueiro Gilan estava vindo para jantar.

Resolutamente, Jenny virou as costas para o restaurante e se dirigiu à rua da Vila Wensley. Parecia não natural para ela não estar na cozinha nesta hora do dia, preparando-se para o serviço de jantar à noite... Mas ela tinha deixado Ailsa e Rafe responsáveis e precisa confiar em que os havia treinado bem.

— Depois de tudo, tenho que ter um tempo de folga ocasionalmente — ela murmurou, resistindo à tentação quase irresistível de correr de volta e ver que desastres haviam ocorrido nos dois minutos e meio desde que saíra.

Entrou na tenda do açougueiro, no meio da rua. Edward, o açougueiro, olhou para cima e sorriu ao vê-la. Jenny era uma excelente cliente, é claro, comprava grandes quantidades de produto para seu restaurante. E, acima disso, ela era extremamente bonita. Apenas o tipo de jovem com quem açougueiros em todo o mundo gostariam de flertar.

— Ah senhora Jenny. Parecendo mais bela do que nunca! — Ele prosseguiu.— Você trouxe uma luz de rara beleza a minha loja.

Jenny revirou os olhos para ele. — Vejo que você hoje tem um excedente de elogios, Edward.

Ele riu, imperturbável. — Ah, tenha paciência comigo, Jenny. Há poucas tão bonitas como você e você deve saber. Você é um deleite raro para estes pobres olhos velhos.

Edward tinha apenas trinta e cinco anos. Mas é uma característica infalível de açougueiros se comportarem como se cada cliente fosse muito,

muito mais jovem do que eles. Com as donas de casa mais maduras, era provavelmente uma boa tática, pensou Jenny.

— Meu pedido está pronto? — ela perguntou. Ela gostava da calorosa atmosfera bem-humorada do açougue, mas hoje estava com pressa. Edward virou-se para O aprendiz, que estava observando a conversa com um sorriso no rosto.

— Dilbert, busque o pedido da senhorita Jenny. — Edward disse, e acrescentou — *dnayrruhtuobati**. (*dnayrruhtuobati é a expressão "Andhurryaboutit", que significa "E se apresse com isso."*)

Jenny sorriu para si mesma. Era outra peculiaridade no comércio de açougues aprender a falar a língua dos açougueiros, em que as palavras são pronunciadas de trás para frente. Isso permitia aos açougueiros terem conversas privadas, mesmo quando a loja estava cheia. Muitas vezes, as observações eram sobre os próprios clientes, embora os clientes não tivessem a menor ideia do que estava sendo dito. Edward deixava, obviamente, que Dilbert ganhasse alguma prática nesta língua estranha, dizendo “E se apresse com isso”.

Jenny tinha descoberto esse estranho fenômeno há algum tempo e praticara secretamente falar de trás para frente sozinha. Agora, ela sorria enquanto Dilbert partia para outra sala.

— *Iepohs'tiaecingelfobmal* — disse ela docemente, e tanto o açougueiro e quanto o aprendiz deixaram cair o queixo quando ela lhes disse que esperava uma boa perna de cordeiro. Edward apressadamente procurou na memória, tentando lembrar se já tinha dito algo depreciativo sobre Jenny na língua dos açougueiros. Ele achava que não, mas não podia ter certeza. Sentindo sua preocupação, ela sorriu para ele. — Você nunca vai saber — disse, e ele rapidamente desviou o olhar dela e voltou a cortar uma alcatra em bifos grossos.

Dilbert retornou carregando a perna de carneiro e colocou-a sobre o balcão para inspeção de Jenny. Era um pedaço nobre de carne, seu frescor confirmado pela brancura da gordura brilhando nas bordas. Jenny olhou-o criticamente, uma carranca leve no rosto. Ela nunca deixaria Edward saber que estava muito satisfeita com o produto. Cutucou a perna, sentindo a resistência leve na carne, e em seguida bateu com a palma da mão, numa retumbante palmada. Assentiu com a cabeça, satisfeita com o som. Se perguntada, não encontraria palavras para explicar por que invariavelmente testava carne com um golpe. Era um ritual que tinha desenvolvido ao longo dos anos.

— Está bom, Edward. Embrulhe para mim, por favor.

Edward acenou para Dilbert e o menino cortou um pano limpo e

envolveu a perna de cordeiro. Enquanto ele fazia isso, Edward olhava maliciosamente para Jenny. — Não é muito para apenas duas pessoas não? — Perguntou.

Jenny balançou a cabeça. Ela tinha pensado que seu jantar com Gilan era um assunto privado, embora devesse saber que era impossível manter um segredo na vila. Mas Edward estava certo. A perna estava um pouco grande para apenas ela e Gilan.

Estimou que tivesse perto de três quilos. Mas o que sobrasse teria bom uso.

— A sobra darei aos órfãos da Ala — disse.

Edward levantou as sobrancelhas. — Órfãos sortudos — disse ele. Ele sabia da reputação de Jenny como cozinheira.

Jenny colocou a perna em sua cesta. — Obrigada, Edward — disse ela. — É um bom pedaço de carne. Vou tentar fazer justiça. — Ela sorriu, incluindo Dilbert em seus agradecimentos e deixou a loja.



OS TRÊS HOMENS ESTAVAM OLHANDO O VILAREJO e particularmente a oficina e a casa do ourives a semana inteira. Agora, Tomas decidiu que era hora de agir. Ele apontou o polegar em direção à oficina, que tinha a porta da frente em ferro reforçado, e falou com o canto da boca para Nuttal. — Certo, vamos indo.

Nuttal era o menor dos três, um homem magro, que lembra um furão em suas características e tendência para fazer movimentos nervosos repentinos. Foi sua pequena estatura que determinara sua escolha para a tarefa: dos três, era o menos ameaçador.

Nuttal caminhou pela grande rua até a casa de Ambrose, olhando nervosamente para os lados. Tomas o deixou chegar à metade do caminho, então cutucou Mound nas costelas.

— Certo, vamos!

Caminharam apressadamente através da rua, virando em direção ao lado da casa. Viram Nuttal chegar à porta da frente e pegar na jaqueta uma pequena bolsa de couro embrulhada. Então, eles correram pelo caminho estreito até a pequena janela que tinham notado alguns dias antes.



Ambrose, o ourives e joalheiro do vilarejo Wensley, estava preparando seu trabalho da tarde. Ele era uma pessoa com hábitos e certas rotinas que seguia todos os dias. De manhã, ele trabalha em sua mesa, checando notas de fornecedores e contas para clientes. Então ia trabalhar em projetos de joias, anotando novas ideias em fino papel com grafite afiado. Ao meio-dia, deixava a papelada em ordem sobre a mesa de trabalho que servia como escrivaninha. Saía de casa calmamente, com a certeza de que tanto a frente quanto os fundos da casa estavam trancados e seguros e caminhava até a taverna do vilarejo. Lá ele almoçava.

Assim como em tudo, esta era uma questão de hábito. Pickles, queijo

saboroso e pão fresco, acompanhado de meia caneca de cerveja. Em seguida, depois de uma breve conversa com algum outro cliente que estivesse na taberna, ele retornava para casa. Pronto para começar seu trabalho verdadeiro, a criação e o reparo de joias de prata.

Hoje, como em todos os dias, teve o cuidado de trancar a porta da frente e seguiu para a cozinha, onde se ajoelhou na frente da lareira e escolheu uma pedra em particular. Ela era marcada aparentemente por dois arranhões aleatórios. Muitas pedras tinham cortes, mas os dessa peça em particular não tinham significado algum a não ser quando Ambrose enfiava sua faca cega na abertura entre a pedra e o espaço ao lado, levantando-a facilmente de sua posição e revelando uma pequena abertura. Ele retirava então uma grande chave de ferro, se levantava e foi para o escritório. Antes, devolvia a pedra a seu lugar.

Ao lado da mesa de trabalho estava um grande e formidável cofre. Tinha um metro e meio de altura e um metro de largura; Ambrose pegou seu suprimento de matérias-primas: barras de prata e pedras preciosas. De vez em quando, se tinha muita quantidade de peças para fazer, podia ter uma pequena fortuna de prata e joias guardada no cofre. Hoje não era um desses dias, mas havia uma quantidade considerável de material precioso no cofre.

O joalheiro estava trancando o cofre quando ouviu alguém batendo na porta da frente.

Ele tirou a chave e hesitou por um segundo ou dois, perguntando-se se deveria guardá-la no esconderijo antes de atender. Bateram novamente e ele tomou uma decisão. Levantando-se, guardou a chave no bolso lateral da comprida roupa de trabalho que usava e caminhou pela casa até a porta.

Quem estava lá começou a bater novamente, mais forte e mais alto desta vez.

— Está bem! Estou indo! Estou indo! Ele chegou à porta, mas em vez de simplesmente abri-la, tirou a proteção do pequeno olho mágico no alto da porta, articulado por dentro, permitindo que olhasse através de uma abertura retangular, limitada por duas barras de ferro na madeira.

Um homem baixo e de aparência um tanto suja estava em pé do lado de fora da porta, mudando nervosamente o peso de um pé para o outro, segurando um pequeno saco de couro nas mãos.

— O que você quer? — Perguntou Ambrose de mau humor. Charme e gentileza não eram suas virtudes. O pequeno homem olhou para cima e viu Ambrose encarando-o, os olhos enquadrados na pequena abertura. Levantou o saco de couro até a abertura.

— É o que colar de minha mãe, está vendo?

Ambrose franziu a testa — Não estou vendo nada que se pareça com um colar.

— Ah, sim. — O homem rapidamente desamarrou o cadarço do saco, jogando seu conteúdo na palma da mão esquerda, então levantou até o olho mágico para Ambrose poder inspecionar — Viu? O fecho e um dos elos estão quebrados. Preciso consertar.

Ambrose olhou de rabo de olho para a peça.

— Traga-o mais para perto —, disse e Nuttal obedeceu. Era uma bela peça, Ambrose reparou. Uma excelente peça, na verdade. Era feita de fortes elos de prata. Podia ver onde o elo e o fecho estavam quebrados. Não tinha ideia que o colar fora quebrado quando Tomas o arrancou do pescoço de uma nobre senhora no sul do feudo, na semana anterior. A cara peça o fez baixar um pouco a guarda. Era normalmente um homem cauteloso, coisa normal, considerando seu trabalho. Ladrões não tinham o hábito de trazer joias caras para ele. Ainda assim, o homem na porta era um estranho.

— Quem é você? Não o conheço — Ambrose perguntou.

O pequeno homem deu de ombros, desculpando-se, como se isso fosse alguma forma de desculpa.

— Trabalho no castelo — Ele disse. — No depósito de armas. O Senhor Gilbert me disse para trazer o colar para você. Disse que você podia consertá-lo.

Fazia sentido. Havia mais de cem pessoas trabalhando no castelo e Ambrose certamente não conhecia todas, entretanto, conhecia o Senhor Gilbert. Trabalharam juntos em diversas ocasiões quando Ambrose fazia decorações de prata de pedaços de armaduras e espadas. Ele tirou a barra de ferro que trancava a porta por dentro.

— É melhor você entrar — Ele disse. — Darei uma olhada...

Ele se virou quando ouviu um barulho de madeira quebrando no interior da casa. Enquanto fazia isso, Nuttal colocou o ombro na porta, destrancando-a, e se jogou para dentro, empurrando o ourives para o chão e rapidamente fechando a porta atrás de si.

Ambrose conseguiu ficar de pé, os olhos fixados no pesado taco de madeira em cima da prateleira. Nuttal o empurrou para trás novamente, afastando-o da arma e mandando-o para os braços de Mound. Que acabara de entrar pela porta dos fundos com Tomas.

Mound era um homem grande e musculoso, e agarrou o ourives com um abraço de urso, prendendo seus braços. Ambrose abriu a boca para pedir ajuda — Socorro! — gritou — Estou-sendo...

Não pôde continuar. Tomas deu um passo para a frente e colocou uma bola de pano na boca do artesão, reduzindo sua voz a um sussurro quase inaudível.

— Cale a boca! — Tomas ordenou, embora isso não fosse necessário. Ele apertou o pano na boca de Ambrose para ter certeza de que ele não o cuspiria. Os olhos de Ambrose estavam arregalados de medo.

— Mantenha-o aí — Tomas ordenou a Mound, e o grande homem rapidamente mudou o jeito de prender Ambrose, segurando-o agora com o braço esquerdo ao redor do pescoço, enquanto o direito segurava a mordaca no lugar.

Tomas deu um passo para trás, estava ofegante pela tensão do momento. Olhou rapidamente para Nuttal. Os olhos do baixinho também estavam arregalados, como se ele é que estivesse sendo assaltado. Parecia mais um rato nervoso, Tomas pensou. Ainda assim, foi o jeito de não deixar que seu plano fracassasse.

— Bom trabalho, Nuttal — disse.

Nuttal balançou a cabeça várias vezes. — Ele se apaixonou por isso — disse prazerosamente, apontando o colar. — Perdeu por causa dessa beleza. — Levou a corrente até Ambrose, segurando em frente aos seus olhos. — Conserta meu colar, por favor? Minha mãe vai ficar tão feliz! — Nuttal debochou, depois caiu na gargalhada.

— Tira isso daí — Tomas disse furioso. Então olhou para Ambrose. — Certo, você, nós vamos dar uma olhada no seu cofre.

Ele viu um brilho de desespero nos olhos do joalheiro, rapidamente disfarçado. Gesticulou para Mound e eles arrastaram o ourives até o escritório. Pararam quando viram que a porta do cofre estava fechada.

— Explodam isso — Tomas disse — Você bateu muito rápido! Deveria ter esperado ele abrir o cofre —, resmungou para Nuttal, mas o baixinho deu de ombros.

— Como eu podia saber? Não podia vê-lo! Eu não sabia, eu te falei...

— Cale a boca! — Mound disse. Então ele virou para Tomas: — É provável que ele tenha trancado o cofre antes de atender a porta.

Tomas balançou a cabeça, relutante, concordando que aquilo fazia sentido.

— Então ele deve estar com a chave — disse. — Onde ela está? A pergunta era destinada a Ambrose, embora ele não pudesse responder por causa da mordaca, mas Tomas viu de novo um brilho de desespero nos olhos do joalheiro. Havia uma chave, percebeu. E ela deveria estar em algum lugar por

ali. Ele procurou pelo escritório, jogou as pilhas de papel da mesa no chão.

Olhou para Nuttal: — Verifique a cozinha — Ele disse. — Veja se acha outras chaves.

O baixinho foi para a cozinha procurar. Normalmente as pessoas penduram as chaves ao lado da lareira ou do fogão, mas não tinha nenhuma nesses lugares. Então viu a pedra deslocada no chão e uma pequena entrada preta atrás dela.

— Aqui! — chamou. — Aqui está onde ele esconde a chave!

Ele se ajoelhou enquanto os outros entravam, arrastando um Ambrose relutante com eles. Vasculhou o buraco, mas só achou espaço vazio.

— Não tem nada aqui — disse. — Está vazio.

Tomas agarrou a roupa de couro de Ambrose e o puxou até que seus rostos ficassem a alguns centímetros de distancia.

— Onde ela está? — perguntou, sacudindo o joalheiro, sua cabeça indo para trás e para frente. — Onde você escondeu?

Mound tirou a mordança da boca do Ambrose. O joalheiro respirou fundo e tentou pedir ajuda — Socorro! — começou. — Estou-sendo...

O punho de Tomas acertou seu estômago, transformando sua respiração em suspiro. O ourives se dobrou para a frente, ofegante, gemendo de dor.

— Pare com essa choradeira! — Ordenou o ladrão. — Ou corto fora sua língua. Agora, onde está a chave?

Ambrose balançou a cabeça repetidamente dizendo não. Tomas deu vários tapas nele, mas Ambrose continuava em silêncio absoluto.

— Talvez ele esteja com ela — Mound sugeriu. Ele sentia que Tomas estava quase perdendo o controle. Sua raiva muitas vezes o fazia perder completamente a razão. Tomas olhou para ele, considerando a ideia. Empurrou o joalheiro para Mound, agarrando seu colete.

— Procure nele — Tomas disse calmamente. Ambrose tentou fugir para a forja. Mound segurou seu braço. A tentativa de fuga só serviu para convencê-lo de que estava certo. A chave estava com Ambrose.

Ele a achou quase imediatamente. O bolso lateral de couro era um lugar óbvio para procurar. Tomas a tirou do bolso e a levantou triunfante.

— Bem, o que você acha que é isso? — Ele perguntou, sorrindo.

Tomas inseriu a chave na fechadura do cofre. Segundos depois, a pesada porta se abriu. Dentro, barras de prata e pedras preciosas brilhavam e davam as boas-vindas. Os três ladrões suspiraram de satisfação. O cofre não estava cheio como deveria, Ambrose tinha vendido muitas joias nos últimos dias, mas ali ainda havia fortuna suficiente para viverem confortáveis durante alguns meses.

Ambrose gemeu. Silenciosamente ele se amaldiçoou por ter sido tão estúpido e descuidado. Deveria ter devolvido a chave a seu esconderijo antes de abrir a porta. Agora perder centenas, se não milhares de royals em prata e pedras preciosas. E ele não parava de se culpar.

Os bandidos começaram a tirar a prata e as joias do cofre, colocando-as num saco. Mound hesitou quando pegou uma bandeja de madeira com colares, anéis e broches.

— E o que fazemos com isso?

Tomas balançou a cabeça. — Muito reconhecível. Ele deve ter desenhos deles em algum lugar por aqui. Se formos pegos com um desses, veremos a cadeia do castelo Redmont antes que possamos piscar. Pegue apenas barras e pedras soltas. Não podem ser reconhecidas.

Ambrose deu um passo furtivo para a porta. Nenhum dos três notou. Deu outro passo e, nessa hora, a cabeça de Tomas se virou.

— Segura ele, você! — Disse com raiva.

Mound foi em direção ao joalheiro e segurou seu braço. — Amarre-o. — Tomas ordenou.

Nuttal rapidamente obedeceu, pegando um pedaço de corda em seu colete. Ambrose, com os braços presos atrás, foi sendo empurrado para uma madeira.

— Não sei por que não batemos na cabeça dele e acabamos logo com isso. — Mound resmungou baixinho.

Tomas se inclinou para ele e falou baixinho, num tom inaudível para o ourives. — Precisamos dele para mandar o pelotão de soldados para a direção errada, lembra? — Viu a expressão de compreensão na face de Mound. Então Tomas se levantou. — Muito bem! Terminamos aqui, rapazes. Vamos pegar a estrada para Ford Stilles! Com sorte deveremos chegar lá antes do anoitecer.

Amarraram também os tornozelos do ourives. Rindo, o trio saiu pela porta dos fundos.

Atravessaram o beco e rumaram para o sul pela periferia do vilarejo. No caminho, encontraram aldeões que olharam para eles com certa curiosidade. Eram estranhos, mas isso não era incomum em Wensley. O vilarejo estava perto do Castelo Redmont e visitantes iam e vinham.

Seguiram a estrada em direção aos bosques. Fora de vista, deram meia volta em largo semicírculo, voltando para o extremo norte da aldeia. — Você tem certeza de que a casa estará vazia? — Nuttal ofegava enquanto atravessavam as árvores. Tomas lançou-lhe um olhar fulminante. Nuttal era um pessimista incurável, sempre esperando o pior, ele pensou. — Esteve assim

todos os dias da semana passada. Por que seria diferente hoje?



O AROMA DE TORTA COZIDA ENCHEU A CASA. JENNY INCLINOU-SE para a porta do forno, abrindo-a, permitindo que o cheiro se espalhasse mais ainda pela casa. Protegendo as mãos do calor com uma luva de pano, retirou a torta de ameixa.

O recheio de ameixa brilhava tentadoramente e as tiras de cima estavam perfeitamente douradas. Ela colocou a torta quente na janela para esfriar. Torta de ameixa era um dos pratos favoritos de Gilan, ela sabia. Devia ser servida gelada e com creme por cima. Ela ficou com água na boca só de pensar. Satisfeita, virou sua atenção para a perna de cordeiro.

Tinha banhado a perna com óleo e suco de limão. Fizera trinta ou quarenta pequenos cortes na carne, colocando neles pequenos ramos de alecrim e dentes de alho amassados. O truque era usar não usar muitas ervas e especiarias. Ela sorriu para a perna, diminuiu o calor do forno. Depois, adicionaria batatas cortadas, abóbora e vegetais, completando a simples mas deliciosa refeição.

Sorrindo para si mesma, notou o papel em que Gilan escrevera o bilhete. Tinha a marca oficial dos Arqueiros, uma folha de carvalho. Mas o conteúdo não era nada oficial.

Querida Jenny, ela releu, Eu ficaria encantado em jantar com você nesta quinta-feira. Irei a sua casa lá pela seis. Já estou ansioso.

Amor, Gilan.

Seu sorriso aumentava enquanto lia primeiro o “Querida Jenny” e no fim o “Amor, Gilan.”

— Ah sim, de fato — sussurrou baixinho para si mesma. Um calafrio percorreu seu corpo com o pensamento de não ver mais Gilan como uma simples visita, passando horas agradáveis em sua companhia num perfeito jantar a dois.

Ela recolocou a folha de papel no móvel da cozinha, em lugar bem visível. Começava a preparar as batatas quando escutou a porta dos fundos abrir e fechar e passos na sala de estar. A casa de Jenny, ao contrário da maioria na

aldeia, tinha a cozinha na frente da casa, virada para a rua. Como ficava a maior parte do tempo ali, gostava de ver as idas e vindas dos aldeões enquanto cozinhava. A janela era grande e possibilitava uma ampla visão até a ponte sobre o Tarbus e o castelo numa colina acima da vila.

Curiosa, secou as mãos molhadas na toalha e correu para a sala. Talvez tivesse sido o vento que abrisse a porta. Mas queria ter certeza. Ela abriu a porta para a sala de estar. Três homens, mal vestidos ficaram paralisados alguns segundos com sua aparição repentina.

— O que diabos você está fazendo aqui? — O homem do meio finalmente perguntou. Seu rosto tinha a barba por fazer, cabelos longos e despenteados. Seus olhos pesados aparentavam estar com raiva.

— Sou eu quem deve fazer essa pergunta! — Jenny respondeu em tom forte. Sua reação imediata foi de indignação. Como este homem de aparência rude se atreve a entrar em sua casa e ter a arrogância de perguntar o que ela estava fazendo ali? Ela se virou para a porta. Tinha a esperança de ver alguém na rua. Seu vizinho era um lenhador alto e forte. Colocaria esses três para correr em um instante.

Mas ela se mexeu tarde demais.

— Pegue-a! — Tomas ordenou e Mound pulou para a frente, pegando-a pelo braço e a puxando de volta. Ela caiu sem jeito atrás dele. Jenny ficou furiosa.

— Como você se atreve! — Ela gritou recuperando o equilíbrio. Mas o homem barbudo foi rápido em empurrá-la e ela caiu novamente, sentando pesadamente no banco.

— Cale-se! — O homem rosnou para ela. Sacou uma adaga da bainha na cintura e os olhos da garota se estreitaram quando viram o movimento do homem. Essa não era a hora para argumentar, percebeu. Estava em grave perigo ali. Ela parou com os gritos de protesto que estavam na ponta da língua e olhou calmamente para o homem, vendo seus movimentos.

Ele estava confuso, ela percebeu. Confuso e nervoso, e aquilo podia ser uma combinação perigosa. Ela levantou a mão em sinal de rendição e sentou-se para conversarem.

— Tudo bem — Ela disse, abaixando sua voz. — Vamos ficar calmos, tá legal?

— Você disse que ela não estaria aqui! — O baixinho falava com o barbudo, obviamente o líder, Jenny pensou.

O líder, satisfeito por ela não tentar fugir ou gritar por ajuda, virou sua raiva para o companheiro. — Como eu saberia? Nós a observamos por cinco

dias e ela não saía do restaurante!

Interessante, Jenny pensou, a mente correndo. Eles estavam me observando. Por quê? O que eu tenho que eles queiram?

O homem barbudo olhou de volta para ela — Por que você está aqui hoje? — Ele perguntou furioso. — Justo hoje, em todos os dias?

Ela sentiu que era melhor não responder. O barbudo deixou escapar uma série de maldições. O maior dos três colocou a mão em seu ombro para acalmá-lo.

— Não podemos fazer nada quanto a isso — Ele disse. — Ela está aqui e nós só temos que fazer nosso trabalho.

— Eu acho que devemos sair daqui! — O baixinho disse. Ele estava olhando para os lados nervosamente, como se esperasse que pessoas aparecessem na sala a qualquer momento.

— Não seja estúpido — O homem maior falou com ele. — Se tentarmos sair agora, seremos vistos e possivelmente estarão na nossa cola em alguns minutos. Aquele joalheiro deve ter se libertado e dado o alarme. O plano original de Tomas ainda é bom. O joalheiro acha que estamos indo para Ford Stiller. Ficamos aqui até a noite, então cavalgamos para o norte enquanto estão procurando por nós no sul.

— Mound está certo — O homem barbudo disse. Ele parecia ter voltado a ter controle de si mesmo, Jenny notou. — Continuaremos com o plano original. Esperamos aqui até que escureça, então vamos embora como planejamos. Nada mudou, realmente.

A cabeça de Jenny estava confusa e franziu a testa enquanto tentava reunir as informações. Eles tinham roubado Ambrose, o ourives da aldeia. Isso podia explicar o saco que ela vira no chão da sala. Deixaram Ambrose preso de um jeito que ele poderia se libertar e avisar que estariam cavalgando para o sul. Entretanto, ficariam em sua casa, supondo que estaria vazia até o restaurante fechar à noite, para escapar pela direção oposta.

Do lado de fora, soaram gritos, pessoas corriam. Obviamente, o alarme tinha tocado e os soldados estavam convocando a aldeia para organizar um pelotão.

Ela percebeu que os três ladrões a estudavam e ela tentou uma expressão inocente e distraída.

— E quanto a ela? — O baixinho disse.

— Bem — Tomas disse, com um sorriso desagradável. — Pelo menos ela pode garantir-nos uma boa refeição enquanto esperamos. — Ele cheirou o ar, percebendo o aroma do cordeiro assado que vinha da cozinha.

Mas o baixinho sacudiu a cabeça com raiva. Mound retomou a questão com calma, pensando com lógica. — E quando sairmos? O que acontece com ela?

— Vamos amordaçá-la e amarrá-la ou a levamos conosco — Tomas disse.

Mas ele fez uma longa pausa antes de dar a resposta. Instintivamente, Jenny soube que eles não fariam nada disso. Depois de tanta dificuldade para plantar uma pista falsa, não podiam se dar ao luxo de deixá-la para trás. E ela tinha certeza de que eles não a levariam.

Eles precisariam silenciá-la e só havia um jeito de fazer isso para sempre.



GILAN ENTROU EM REDMONT E SEGUIU DIRETAMENTE PARA O ESCRITÓRIO DO BARÃO ARALD em um dos pisos superiores. Ele estava subindo dois degraus de cada vez quando ouviu passos leves descendo a escada. Tentou não correr na direção da pessoa que descia. E deu um passo para o lado para abrir caminho. Pelo som leve das pegadas achou que fosse uma mulher.

Ele estava certo e seu rosto se transformou num sorriso quando reconheceu Alyss, linda e graciosa como sempre em seu vestido branco de Mensageira. Ela sorriu em resposta assim que o viu, escondendo seu desapontamento. Por um momento, vendo a capa cinza e verde, pensou que Will pudesse ter voltado.

— Olá, estranho — ela disse. — Esperávamos você na próxima semana. Will e Halt acabaram de sair.

Will e Halt formaram um Grupo de Operações Especiais para Crowley. Quando eles ficam longe de Redmont por um longo período, Gilan viaja do feudo vizinho para cuidar de suas tarefas.

— Eu sei — ele disse. — Na verdade não era para eu vir nesta segunda, mas recebi uma oferta irrecusável. — A oferta, claro, era o convite de Jenny para o jantar. Seu olhar vagou pela escada acima. — Vou só me reportar ao Barão — acrescentou.

Ela entendeu a dica. Eles podiam conversar depois. Gilan ficaria aqui por alguns dias, ela sabia. Ela sorriu mais abertamente. — E depois você vai se reportar à jovem Jenny, imagino? — ela disse significativamente, e ele sorriu.

— Bem, sim, de fato. Vou jantar com ela.

As sobrancelhas perfeitas de Alyss se ergueram e seus lábios ficaram em formato de “O”. — Parece romântico — ela disse.

Mas Gilan ignorou o convite implícito de contar mais e mudou o rumo da conversa. — Falando nisso, como vão os preparativos para o casamento real?

Horace e Evanlyn, ou melhor, a Princesa Cassandra, vão se casar no fim do ano. Alyss será a dama de honra da Princesa.

— Muito bem — ela disse. — Há um rumor de que Shigeru talvez participe.

Foi a vez de Gilan erguer as sobrancelhas. — O próprio Imperador? — ele disse. — Impressionante.

— Ele ficou muito afeiçoado a Horace enquanto estávamos em Nihon-Ja — disse Alyss.

— Deve ter ficado mesmo — Gilan disse.— Tenho que ir. Podemos conversar depois.

Alyss se afastou para que ele subisse as escadas. Ele agradeceu e continuou subindo. Alyss o acompanhou com os olhos, sorrindo para si mesma.

— Eles estão sempre com tanta pressa — pensou.

No escritório, o Barão Arald não perdeu tempo para atualizar Gilan sobre os assuntos do feudo. Não havia pontos importantes para discutir. Halt e Will tinham prendido uma gangue de assaltantes que atacava viajantes na floresta e, desde então, o feudo estivera calmo. Ainda assim, Gilan pensou, nunca se sabe. Problemas podem surgir a qualquer momento em territórios extensos como Redmont. Ele mal acabara o pensamento quando uma batida alta e longa soou na porta do escritório do Barão Arald.

— Entre — o Barão convidou, franzindo a testa. A batida fora bem vigorosa. Gilan escondeu um sorriso e pensou que quem quer fosse deveria ter um bom motivo para causar tal tumulto.

A porta se abriu imediatamente para revelar um sentinela do vilarejo de Wensley. Gilan não reconheceu o homem de vista, mas reconheceu o uniforme de sentinela, um colete de couro pontilhado de metal e um capacete. O homem tinha uma clava pesada e um grande punhal presos no cinto de armas. Atrás dele, um funcionário do Barão, escandalizado pela rude interrupção.

— Perdoe-me, meu lorde! — ele começou. — Esse homem simplesmente invadiu antes...

O Barão acenou para ele. — Não importa — ele disse. — Obviamente é uma emergência. Qual o problema, Richard?

Gilan sorriu mais uma vez, impressionado porque o Barão sabia o nome do homem. Barões, ele sabia, não costumavam ter ideia do nome dos guardas. Essa era uma das qualidades que fazia de Arald um líder efetivo e popular.

— Perdoe-me, meu lorde — Richard respondeu. Ele respirava pesadamente e Gilan imaginou que ele correria todo o caminho desde a vila. — Houve um roubo.

Ele notou Gilan pela primeira vez na sala e acenou indiferente para ele. Gilan inclinou a cabeça em resposta.

— Quem foi roubado? — o Barão perguntou. — E por quem?

— Foi Ambrose Shining, meu lorde — Richard respondeu e o Barão sentou-se reto em sua cadeira.

— O ourives? — Ele perguntou. — Isso parece mais que um simples roubo. Quanto o ladrão levou?

— Ladrões, meu lorde. Havia três deles. E Ambrose disse que eles levaram varias centenas de royals em prata e pedras preciosas.

— Ele está bem? — Gilan interveio. — Eles não o machucaram?

— Richard balançou sua cabeça. — Eles o deixaram amarrado e amordaçado. Ele levou meia hora para se soltar e soar o alarme.

— Então ele não viu a direção que eles tomaram quando se foram? — Gilan perguntou.

— Não, senhor. Mas ele os ouviu conversarem. Eles planejavam ir para o Rio Stiller.

Gilan tocou o queixo, pensativo. Fazia sentido. Atrás do Stiller existe uma área selvagem, de árvores grossas e altas, penhascos irregulares e rios profundos. Um lugar propício para criminosos se esconderem. Anos antes, quando era aprendiz de Halt em Redmont, os dois limpavam a área, capturando muitos fora da lei que se esconderam lá e dispersando o resto.

— E que ações o delegado tomou até agora? — Arald perguntou.

A sentinela voltou sua atenção ao nobre. — Ele enviou um guarda ao Rio Stiller para avisar ao delegado de lá, meu lorde. Ele está sendo seguido por mais dez homens.

Arald relaxou um pouco e trocou um olhar com Gilan.

— Humm — ele disse. — Parece que o delegado já está com tudo na palma da mão. Esses homens vão ser pegos entre duas forças e é de se presumir que eles não fazem ideia de que o delegado saiba a direção que tomaram. Walter precisa de alguma coisa de mim? Uma dúzia de homens armados? Alguns cavaleiros? Nada assim?

Walter era o delegado do vilarejo e era um oficial capaz, mas Arald achou que devia fazer a oferta. Richard estava balançando a cabeça. — Ele só queria que eu viesse avisá-lo, meu lorde. Ele disse que teria esses três cercados ao amanhecer. Um dos guardas é um caça... — Ele parou. Ele estava prestes a dizer “caçador”, mas achou que não seria muito político dizer isso na frente do Barão. — Um rastreador — ele alterou. — Ele conhece uma trilha pela floresta por onde podem chegar ao Rio Stiller antes do amanhecer, na frente dos ladrões.

De novo, Arald trocou um olhar com Gilan. — Parece que não vamos

precisar de suas habilidades nessa, Gilan — ele disse, confortando o Arqueiro.

Gilan assentiu com a cabeça. Estava olhando pela janela. Não podia ver o sol, Mas as sombras do lado de fora diziam a ele que devia estar próximo à linha do horizonte. — É muito tarde para segui-los agora, de qualquer maneira. — Ele disse. — Estará escuro logo. E como você disse, o delegado parece ter tudo na palma da mão.

O assunto parecia resolvido, pensou. Se o delegado e seu pelotão falhassem em pegar os ladrões no Rio Stiller, então Gilan talvez devesse entrar na perseguição. Mas isso parecia improvável.

Arald sorriu para o sentinela atento em pé na frente de sua mesa. — Obrigado, Richard. Imagino que você queira se juntar ao pelotão e procurar os homens?

Richard se permitiu um fraco sorriso. — Eu quero, meu lorde. Conheço o velho Ambrose toda a minha vida. Mas não sei o caminho da trilha que eles pegaram. Vou ficar, caso precisem de mim no vilarejo.

Arald apertou os lábios, pensando. — Não é uma má ideia — disse. Com a guarda ausente, apenas cinco moradores em boas condições físicas restavam no pelotão, e um oportunista talvez pudesse causar problemas no vilarejo. — Muito bem, Richard. Não vamos retê-lo por mais tempo.

O sentinela deu um rápido inclinar de cabeça em saudação, virou-se e deixou a sala, acompanhado pelo ainda irritado funcionário. Enquanto as portas eram fechadas atrás deles, Arald olhou a pilha de notas na mesa a sua frente. — Bem, eu acho que isso conclui nossos negócios, Gilan — ele disse. — Você vai se juntar a nós para o jantar? Minha mulher ficaria encantada em ouvir as últimas fofocas do Feudo de Whitby.

Gilan hesitou. Estritamente falando, ele deveria ter esperado jantar com o Barão em sua primeira noite em Redmont. Mas o convite de Jenny tirou o protocolo de sua cabeça. Ele notou que o Barão sorria para ele. — Teve uma proposta melhor, talvez? — O Barão disse maliciosamente.

Gilan se sentiu ruborizar. — Hmm... bem, senhor... de fato, a Jenny me perguntou...

O Barão levantou a mão para silenciá-lo. Ele conhecia Jenny, é claro. Ela tinha sido uma protegida em seu castelo e fora aprendiz do Mestre Chubb, seu chef. Era tão boa em seu ofício quanto Chubb. E era loura, cheia de vida e bonita. Aos olhos Barão, isso constituía uma oferta muito melhor que jantar com ele e a esposa. Por um momento, ele se sentiu mais velho. — Não diga mais nada — cortou, magnanimamente. — Teremos muitas oportunidades para jantar juntos enquanto você estiver aqui.

— Obrigado, meu lorde — Gilan disse. — Bem, definitivamente faremos isso outra noite. Na verdade, posso convidar você e Lady Sandra para serem meus convidados no restaurante da Jenny durante a semana?

Arald sorriu de prazer com o pensamento. Chubb era um chef mestre sem dúvida, mas Jenny trouxera uma onda de novas ideias imaginativas e aventureiras para sua cozinha e a perspectiva de uma refeição dela era tentadora demais para se recusar. Fora que Lady Sandra adoraria sair do castelo num anoitecer. Gilan, por sua parte, sabia que convidados tão importantes no restaurante não faria mal aos negócios de Jenny.

— Durante a semana, então — Arald disse. Então, não pôde deixar de sorrir. — Aproveite sua noite.

— Obrigado, meu lorde — Gilan disse, indo embora. Quando se virou em direção a porta, Arald acrescentou em tom baixo — E um bom jantar.



TOMAS SE APOIOU NO BATENTE DA PORTA DA COZINHA. A larga janela que dava para a estrada do vilarejo permitia que qualquer transeunte os visse. Ele gesticulou para Jenny. — Puxe a cortina.

Ela passou por ele e fechou a cortina, obstruindo a visão da rua. Satisfeito, Tomas andou pela cozinha e ficou abrindo e fechando panelas e gavetas. Nuttal e Mound se sentaram nas cadeiras.

Os olhos de Tomas pousaram na torta de ameixa. — O que é isso?

— É uma torta de ameixa — ela disse.

Havia um tom de aviso em sua voz que dizia a ele para manter as mãos longe, mas Tomas ignorou esse aviso. Pegou o prato de torta e pôs na mesa da cozinha. Sentando-se, sacou sua adaga, cortou um largo pedaço e encheu a boca. Mastigou por alguns segundos, então um olhar de desgosto apareceu em seu rosto e ele deixou um pedaço cair da boca na mesa da cozinha. Tossiu.

— Não está doce o bastante — exclamou com raiva. — Devia ser mais doce que isso.

Os olhos de Jenny se estreitaram. Uma coisa era invadir sua casa e aprisioná-la. Mas uma crítica imbecil dessas levava as coisas a um novo patamar. — O recheio é de ameixas — ela disse. — Elas devem ser azedas. É como o gosto da ameixa é.

Tomas negou com a cabeça. — É uma torta. Deveria ser doce.

— O que você sabe sobre isso? É uma torta e é isso que deve ser... uma torta! E assim é!

Gilan amava sua torta porque ela não a fazia muito doce, deixando o sabor das ameixas transparecer.

Tomas olhou a jovem nervosa. Garotas bonitas não deviam discutir com superiores, pensou. E ele estava convencido de que era superior, pela simples razão de que era homem. Ela precisava de uma lição. Precisa ser derrubada de um degrau ou dois. Jogou a torta para fora da mesa com as costas da mão. A torta se quebrou em muitos pedaços e ele esmagou dois com o pé.

— Ei! — disse Mound, meio levantando da cadeira, irritado com o

comportamento egocêntrico do líder. — Eu não teria me importado em comer um pedaço!

Tomas o olhou. — Ela não estava boa — ele disse. — Precisava de açúcar.

Nuttal, sempre ansioso diante de uma briga, levantou-se e se afastou da mesa.

— Sua caveira! — Jenny gritou para Tomas, os olhos piscando. — Quando Gil...

Ela estava prestes a dizer “Quando Gilan chegar aqui, ele vai fazer você pagar por isso!”, mas se controlou a tempo. Não devia dar dica alguma sobre a chegada do jovem Arqueiro em menos de uma hora.

Tomas inclinou-se para a frente, a testa enrugada com expressão pensativa. Ela ia dizer algo e então parou, pensou. Com sua experiência, quando as pessoas fazem isso estão escondendo coisas. — Continue — ele disse. — Quando... o quê?

Jenny balançou a cabeça. — Nada — ela disse, tentando soar casual. — Nada importante.

— Então você pode dizer o que é — disse ele numa voz sedosa, indo para perto dela.

— Não é nada — ela insistiu.

Antes que ela pudesse se afastar, ele agarrou com ambas as mãos, torcendo a pele de seus braços. O efeito era doloroso e ela gritou. Tomas diminuiu a pressão.

— Solte-a — disse Mound. Ele encarou Tomas através da mesa. Não era totalmente contra tortura, se isso pudesse prover informação útil. Mas achou que Tomas estava gostando demais disso. O ladrão barbudo olhou para ele.

— Para trás, Mound! Não seja mole! Tem alguma coisa que ela não está nos contando e quero saber o que é!

— Mesmo assim... — Mound disse e fez um gesto inútil para as mãos de Tomas. Mas ele não conseguia encontrar argumento válido para parar Tomas.

Um sorriso cruel apareceu nos lábios de Tomas e ele voltou a apertar o braço de Jenny. — Agora, senhorita, você vai me dizer...

Jenny mostrou os dentes, olhando em fúria para ele, determinada a nada dizer. Então Nuttal interferiu.

— O que é isso?

Eles olharam para ele, que rondava a cozinha, examinando tachos e panelas, quando seu olhar caiu sobre o bilhete. Ele não sabia ler, mas reconheceu o carimbo da folha de carvalho no alto da página.

Ele bateu nela com o dedo indicador. — Essa é a marca dos Arqueiros, é sim — ele disse. Deu a folha a Mound, o único dos três que sabia ler. — O que diz?

Tomas largou o braço de Jenny e foi olhar por trás do ombro de Mound, conforme o grande homem lentamente lia a nota, seus lábios dizendo silenciosamente as palavras. Então ele leu e voz alta.

— Querida Jenny, eu ficaria encantado em jantar com você nessa quinta-feira. Vou para sua casa cerca de seis horas da noite. Já estou imaginando. — Ele olhou para cima. — Está assinado “Gilan” — ele disse.

Tomas soltou várias maldições. — Gilan! — ele disse. — Ele substitui os Arqueiros locais quando têm que viajar.

Nuttal estava carrancudo. — Mas você disse que ele só viria na próxima semana.

Tomas desdenhou a crítica. — E foi isso que eu disse. Por isso roubamos o ourives hoje! — Ele olhou nervoso para Jenny. — Esse Gilan, é um amigo seu, não é?

Ela tentou demonstrar que o assunto era sem importância. Ela encolheu os ombros. — Eu só conheço ele, é tudo. Às vezes ele aparece.

— E ele “simplesmente aparece” como hoje à noite? Às seis! — Tomas gritou. — E quando você mencionaria isso?

Jenny nada disse. Não tinha resposta a dar, a não ser, *por que deveria?* E isso só serviria para enfurecer Tomas.

— Nós temos que sair daqui! — Nuttal interrompeu. Seus olhos estavam vagando pela cozinha como se ele esperasse ver Gilan entrando a qualquer momento. — É melhor correremos!

— Não seja um idiota! — Tomas voltou sua raiva para o baixinho, para alívio de Jenny. — Não podemos sair agora, em plena luz do dia. Seríamos vistos! — Ele se voltou para Jenny. — Não vou esquecer isso — disse a ela, ameaçador.

Xingou de novo e Jenny se encolheu.

— Deixe-me pensar... — ele murmurou. Mas foi Mound que veio com a resposta.

— Faremos como tínhamos planejado — ele disse. — Esperamos algumas horas depois do anoitecer e então fugimos.

— E damos adeusinho ao Arqueiro, conforme formos saindo? — Tomas disse sarcasticamente.

Mound enfrentou seu olhar, mostrando ao outro que não estava intimidado. — Somos três. Ele é só um.

— Mas é um Arqueiro! — A voz de Nuttal subiu para um guincho e Mound o acertou com um olhar.

— Certo. Mas ele não espera que estejamos aqui. Ele espera entrar e ter um jantarzinho com a namorada.

— E quando ele chegar?

— Quando ele chegar, acerte-o na cabeça antes que ele perceba o que está acontecendo. Então tudo volta ao normal — Mound continuou.

Tomas começou a balançar a cabeça. Acertá-lo na cabeça. Isso parece inofensivo, Jenny pensou. Mas ela sabia que não era.

Mound confirmou alguns segundos depois, quando Nuttal continuava seu protesto choramingando. — Mas ele é um Arqueiro! — repetia freneticamente.

O grandão pôs a mão em seu ombro. — Sim, e dois segundos depois de entrar por aquela porta vai ser um Arqueiro morto.



O TEMPO SE ARRASTAVA. CADA MINUTO PARECIA MEIA hora. Jenny tinha um relógio de água na cozinha e olhava para ele constantemente. O nível parecia inalterado, até que se levantou para se certificar de que a água estava pingando livremente do vaso superior para o inferior.

Mal havia passado quinze minutos das cinco e Gilan só viria às seis. De alguma forma, pensou, tinha que impedi-lo de cair na armadilha. Embora hábil, Gilan teria pouca chance de evitar a emboscada. Ela olhou para a porta. Os ladrões haviam discutido seu plano. Dez minutos antes do marcado, colocariam Jenny, amarrada e amordaçada, numa cadeira de frente para a porta. Mound ficaria ao lado na porta, Tomas e Nuttal se esconderiam na sala ao lado. Quando Gilan abrisse a porta, veria Jenny imediatamente. Seu primeiro instinto seria correr para libertá-la e quando o fizesse, Mound o atingiria. Ele tinha um porrete pesado de madeira dura com pregos de ferro na ponta. Um golpe esmagar o crânio de Gilan, Jenny sabia. Em seguida, Tomas e Nuttal terminariam o trabalho com suas adagas.

Em sua mente, ela podia ver Gilan de braços no chão, o sangue escorrendo da cabeça. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Então ela sentiu raiva, depois ódio enquanto olhava os homens. Mound e Tomas jogavam dados na mesa. Tomas se gabava, Mound ficava em silêncio. Ele era o mais perigoso dos três, pensou Jenny. Se pudesse encontrar uma maneira de detê-lo teria boas chances de salvar a vida de Gilan.

E a dela, percebeu com um estremecimento. Sua própria vida estava em perigo. Seu olhar voltou para a Mound. Poderoso. Pensativo. Imperturbável. Como detê-lo? Não podia esperar muito. Logo a amarrariam. Olhou para o relógio, um minuto se passou quando ouviu o *plop* da água caindo no cilindro inferior. Quase cinco e meia.

Ela olhou de novo para Mound. Ele estava sentado perto do forno, onde a perna de carneiro chiava quietamente. Pela primeira vez em uma hora, tomava consciência do cheiro delicioso do cordeiro assando. Olhou então o banco, ao lado do forno. O pesado espeto girava, e o que ela tinha usado para a massa da

torta agora arruinada estava em seu suporte no banco. Alguns centímetros além estava seu conjunto de facas, todas bem afiadas. Se conseguisse pôr as mãos numa delas, pensou, podia mostrar a esses bandidos uma coisa ou duas. Mas ela sabia que eles nunca a deixariam chegar perto.

O espeto era outra coisa. Ele e a frigideira de ferro pesado pendurada num gancho da parede. Se pudesse achar um jeito de distrair a atenção dos ladrões por alguns segundos...

Ela nem pensou no fato de que estava planejando lidar com três criminosos armados com utensílios de cozinha. O instinto de proteção de Jenny havia sido despertado. Se não fizesse algo, Gilan morreria. E não poderia viver com isso. Depois, com outro choque, lembrou que *não* viveria para sofrer com isso.

Plop! Outra gota de água. Outros trinta segundos desapareceram.

— Algum sinal dele? — Tomas perguntou, olhando para cima. Nuttal andou até a janela da cozinha, abriu uma fresta da cortina e olhou para a rua quase escura.

— Nada — disse ele, deixando a cortina cair novamente. Jenny prendeu a respiração, desejando que ele se afastasse da janela. Uma ideia foi se formando em sua mente, mas se todos estivessem agrupados perto do forno, sua tarefa seria mais difícil, mas Nuttal retornou a seu lugar. Hora de agir, pensou.

— O cordeiro está pronto. — disse ela. Os três olharam para ela. Tinha ficado em silêncio nos últimos vinte minutos e por um momento nenhum deles entendeu o que ela estava falando. Ela fez um gesto para o forno.

— Há um pernil de cordeiro assando. Eu devo tirá-lo, ou ficará queimado e seco.

— E o que temos com isso? — Disse Nuttal em sua voz chorosa.

Mound olhou para ele. — Eu tenho. Estou com fome e precisamos de comida para a estrada. Uma perna de cordeiro assado cairia muito bem.

— Oh — disse Nuttal, parecendo um tanto cabisbaixo. — É. Acho que sim.

Jenny olhou para Tomas. — Se eu não tirar agora, vai ficar horrível. — O cordeiro poderia facilmente ficar mais uns trinta minutos assando lentamente. Mas eles não sabiam disso.

Tomas zombou dela. — Horrível como a torta de ameixa? — Então ele fez um gesto em direção ao forno. — Sim. Vá em frente, se quiser.

Ela se levantou, pegou um pano e abriu a porta do forno. O rico aroma do cordeiro encheu a sala. Casualmene ela apanhou o conjunto de pinças de madeira no banco, mantendo prontos debaixo do braço enquanto alcançava o

assado com as mãos protegidas do calor pelo pano de cozinha. Então pegou a grande assadeira de ferro com o escaldante pernil.

Mound virou para olhar, a gordura chiou e pulou. Inconscientemente, passou a língua nos lábios. Não tinha comido durante todo o dia, percebeu.

Tomas observava com igual interesse e apetite. Quando Jenny se endireitou, deixou as pinças de madeira caírem. Elas bateram no chão e ela fingiu um momento de confusão.

— Oh! Droga! — Disse. Ela começou a se inclinar como se para recuperá-los, então pareceu perceber que ela ainda estava sobrecarregada com a assadeira. Ela hesitou incerta. Como esperava, Mound se levantou e começou a se inclinar para pegar as pinças, mas ela foi em direção a ele.

— Eu pego — disse. — Segure a panela um segundo.

Ela empurrou a panela, e sem pensar, ele a segurou com as duas mãos. Uma reação natural. Levou um segundo antes de que ele registrasse tudo e o ferro ardente queimou suas mãos. Ele gritou em agonia e deixou a panela cair, enfiando as mãos nas axilas para tentar aliviar o ardor das queimaduras. Chocou-se com a mesa, empurrando-a na direção de Tomas, que estava começando a se levantar.

Jenny correu e agarrou o pesado espeto no banco.

Mound, com as mãos enfiadas nas axilas, estava completamente vulnerável quando ela avançou e bateu com a parte pesada de madeira na lateral de sua cabeça.

Crack! Mound olhou para ela, seus olhos vidrados com o golpe. — Você... — ele começou, mas ela deu com o espeto no outro lado da cabeça dele. *Crack!* Seus olhos rolaram para cima e ele caiu inconsciente. Mas ela sentiu o pânico invadi-la quando o cabo do espeto voou para longe, deixando-a desarmada. Tomas rodeou a mesa, a adaga já desembainhada na altura da cintura. Ela viu a fúria em seus olhos e percebeu que ele a mataria ali se não agisse. O banco, com as facas e a frigideira, estava fora de alcance. Mas havia outra arma em potencial a seus pés.

Inclinou-se rapidamente, no mesmo momento em que Tomas avançou. O punhal passou um pouco acima dela quando se abaixou inesperadamente. Então Tomas, passando por cima do corpo de Mound, pisou na gordura do cordeiro e seus pés escorregaram. Enquanto lutava para recuperar o equilíbrio, Jenny pegou a ponta do pesado pernil e bateu-a com toda a força entre as pernas bem separadas do homem. Seus olhos se arregalaram de surpresa com o choque e a dor repentina de dor, o ar foi expulso de seus pulmões num explosivo *whoof*.

O punhal caiu de sua mão. Jenny, ainda segurando o pernil com as duas mãos, girou num círculo completo para ganhar impulso e deu com a extremidade mais grossa do assado na mandíbula de Tomas. O barbudo, o rosto lambuzado de gordura quente, se estatelou na mesa, deslizou, foi parar do outro lado, derrubando uma cadeira, e caiu ao chão, desmaiado.

Tudo tinha acontecido em poucos segundos. Nuttal, incapaz de reagir, ficou parado de olhos arregalados olhando a cena. Então, a mão caiu no próprio punhal e começou a caminhar para Jenny.

Ela atirou o pernil nele, mas Nuttal conseguiu se desviar. Quando se endireitou, viu que isso dera tempo a Jenny para alcançar as facas. A primeira, uma lâmina pesada de talho, obrigou-se a se abaixar novamente, apenas para perceber que uma faca de legumes vinha em seguida. Esta ricocheteou na parede, pegando então sua orelha. O sangue escorria de seu pescoço.

Um garfo de dois dentes voava em sua direção, mas cravou-se na parede. Nuttal olhou para ele, depois para Jenny, viu que estava prestes a lhe atirar uma machadinha. E havia ainda quatro facas na prateleira.

Ele correu para a porta — e na hora certa. A machadinha zumbiu e bateu na parede ao lado do garfo, exatamente onde ele estivera em pé. Sempre choramingando, abriu a porta da frente e correu para fora. Diretamente sobre Gilan, que estava subindo o caminho. Nuttal atirou-se sobre o Arqueiro, sua adaga movendo-se para uma estocada mortal.

Como todos os Arqueiros, Gilan tinha reflexos soberbos e reagiu instantaneamente. Desviou com o braço direito a mão que segurava o punhal e, no mesmo movimento, ergueu a palma aberta da mão esquerda, que fez colidir com a mandíbula de Nuttal. A cabeça do baixinho foi arremessada para trás. Seus calcanhares deixaram o chão alguns centímetros e ele caiu para trás sobre os degraus da frente da casa. Gilan não lhe deu atenção. Saltou os três degraus, pois percebeu que a bela menina que significava muito para ele estava em perigo. Empurrou a porta e pulou no meio da cozinha, sua pesada faca saxônica na mão como que por magia. Agachou-se, os olhos correndo de um lado para outro, em busca de perigo.

E viu Jenny perto da mesa da cozinha, o rosto entre as mãos, chorando. Aos pés dela estavam as formas imóveis de dois homens. Um grande e pesado, o outro menor, de barba cerrada. Ambos estavam mortos ou inconscientes, Gilan viu. De qualquer forma, não ofereciam ameaça. Ele embainhou a faca saxônica.

— Jenny?

Ela olhou para cima, viu-o e correu para seus braços. Ele a apertou,

curtindo a sensação, sentindo o aroma fresco de seu cabelo. Ela chorou copiosamente, grandes soluços que faziam seu corpo inteiro tremer.

— Tudo bem, tudo bem. — ele disse, acariciando seus cabelos suavemente enquanto a segurava. — Está tudo bem agora.

Ela se afastou do abraço para olhá-lo. Seu rosto estava riscado de lágrimas, os olhos azuis avermelhados. Ele pensou que ela nunca lhe parecera tão bonita.

— Você só deveria estar aqui às seis — disse ela.

— Terminei cedo no castelo e vim direto para cá. E estou feliz por isso.

— Eu também — disse ela e escondeu o rosto no pescoço dele, mais uma vez. Novamente, Gilan acariciou seus cabelos com ternura.

— Vamos, meu doce — disse ele. — Não há mais necessidade de ter medo.

— Eu não estou com medo — disse ela. — Eu estou furiosa.

— O que aconteceu aqui? — perguntou, para, em seguida, somar dois mais dois. — São estes os homens que roubaram o joalheiro? Você os pegou?

Ela assentiu com a cabeça, fungando. — Eu tinha planejado um belo jantar para dois e estes três estragaram tudo — disse ela. — Destruíram a sua torta de ameixa. — Ela indicou com pena os restos de recheio esmagados no piso. — E então arruinaram o pernil de cordeiro também.

Gilan olhou interrogativamente para os dois homens no chão. O barbudo estava com os joelhos dobrados até o peito, gemendo fracamente. Manchas de gordura tinham endurecido em sua barba e o parecia desalinhado.

— Então, ficaram com nosso jantar? — Gilan perguntou.

Jenny fungou, limpando-o nariz com as costas da mão. — É isso mesmo.

— Bem — ele disse. — Acho que eles não gostaram.

A DANÇA DE NÚPCIAS





WILL ESTAVA DEBRUÇADO SOBRE UMA PILHA DE DOCUMENTOS ESPALHADOS SOBRE a mesa, quando Halt entrou em sua cabana entre as árvores.

— Bom dia — disse o jovem, sem olhar. — O café está pronto.

Ele não foi surpreendido pela chegada de Halt. Ouvira o tropel de Abelard no chão macio alguns minutos antes, seguido por um relincho de saudação de Puxão ao amigo. Halt verificou a xícara de café de Will, que estava três quartos cheia e não precisaria ser reabastecida. Ele se serviu de um copo e sentou-se no lado oposto da mesa.

O Arqueiro barbudo olhou interrogativamente para os papéis à frente de seu antigo aprendiz. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para poder lê-los de cabeça para baixo. Então assentiu para si mesmo quando decifrou o conteúdo no topo da folha.

— Está trabalhando na série de acidentes no castelo, pelo visto. — disse ele.

Will olhou para ele e balançou a cabeça. — Sim. Desmond pediu-me para olhar isso. Ele está preocupado com que eles não sejam realmente acidentes. Ele acha que pode ter sido intencional.

— Ele pode estar certo. Houve muitos para ser apenas uma coincidência. Houve outro noite passada, no salão de jantar.

Will levantou uma sobrancelha para isso. — O que aconteceu dessa vez?

Nos últimos seis dias, uma série de eventos potencialmente perigosos ocorrera ao redor do castelo. Uma pilha de tijolos, de alguma forma, conseguira cair das ameias superiores. As pedras estavam cortadas e empilhadas, prontas para reparar danos na parede, mas o pedreiro jurava que estavam bem para trás da borda. Depois falhou a justa da Escola de Guerra, um braço oscilante com um saco de areia de contrapeso, em que os alunos praticavam suas habilidades de duelo. O braço oscilante, atingido pela lança de um estudante, de repente voou sem rumo do suporte e foi girando através do campo de torneios, atingindo dois aprendizes do segundo ano antes de cair no chão. Em seguida uma cortina pesada, usada para dividir parte do Grande Salão no tempo frio,

tinha caído do trilho de suporte, desabando no chão e prendendo uma criada embaixo. A cortina tinha vários metros de altura e quatro de largura, tecida em material de grande espessura, com peso considerável. Felizmente, a serva saiu do incidente sem lesão grave, embora tenha torcido dolorosamente o joelho direito e ficado confinada à enfermaria por dois dias.

Como disse Desmond, principal secretário do Barão, era muita coisa para ser posto de lado como mera coincidência. Agora, de acordo com Halt, houve outro evento.

— Foi na sala de jantar — disse ele. — Aparentemente, quando os serviçais trouxeram um tonel pesado de sopa para a mesa da frente, ela entrou em colapso sob o peso e tombou. Um dos cavaleiros foi escaldado e um funcionário queimou a mão no tonel quando tentou impedir que caísse.

— Podia ter sido pior, claro — observou Will e Halt concordou.

— Sim. Todos estes “acidentes” podiam ter sido. Tivemos sorte até agora. Mas acho que há alguém por trás de tudo e ele ou ela tem que ser detido.

Will reuniu os relatórios na frente dele em um belo monte, então colocou um peso de papel de granito sobre eles.

— Vou subir e dar uma olhada ao redor do castelo — disse ele. — Vamos ver o que posso encontrar. Você quer ir comigo?

Halt balançou a cabeça. — Vou sair com o chefe dos correios — disse ele. — Estes assaltos estão se tornando um incômodo.

Os dois Arqueiros estavam em fase bem ocupado. Além dos percalços no castelo, uma série de roubos, com uma gangue de bandidos que parava as carroças de correio e retirava qualquer coisa de valor que carregassem. Uma quadrilha estava assaltando as carroças dos correios, e Halt seguiria a trilha com o chefe naquela manhã para ver se havia algum meio de pará-los.

— Você está esperando problemas? — Will perguntou.

— Não. Não há valores na carga de hoje. Tenho certeza que os bandidos recebem informações privilegiadas sobre as remessas e atacam apenas quando vale a pena.

— Então, se nada acontecer hoje você vai confirmar isso?

Seu antigo mentor encolheu os ombros. — Não será uma prova absoluta, mas uma indicação correta.

Will se levantou e se dirigiu para a porta. — Bem, é melhor eu me preparar para ir. Vou conversar com Desmond e dar uma olhada nesta mesa de jantar.

— Como está indo o seu discurso? — Halt perguntou, escondendo um sorriso. Como padrinho no casamento de Horace com a princesa Cassandra,

Will faria um discurso. A primeira versão havia sido queimada em batalha com moondarkers.

— Não tive a chance de trabalhar nele ainda. Eu vou começar em alguns dias — disse Will.

Halt acenou em adeus, sua cadeira inclinada nas pernas traseiras enquanto esvaziava o café. Will franziu a testa para ele. — Quando eu era seu aprendiz, você costumava me dizer para não fazer isso. Dizia que soltaria as pernas da cadeira.

— E é isso mesmo — Halt disse, sorrindo satisfeito. — Mas é sua cadeira agora, então por que eu deveria me importar?



— Esta foi cortada ao meio — Will disse, agachado ao lado da mesa em ruínas da sala de jantar. Ele estava estudando as pernas de cavalete que haviam apoiado uma extremidade. Uma delas estava quebrada, na verdade estilhaçada de forma irregular na metade da largura, onde tinha quebrado. Mas a outra metade tinha sido cortada por alguma coisa muito precisa. Ali havia uma linha limpa e reta na madeira.

Desmond, que observava por trás dele, balançou a cabeça. — Foi mesmo. E quem quer que o tenha feito não parece se importar se descobrimos isso. Não tentou fazer parecer acidental.

Will ficou de pé, acenando para um funcionário que esperava nas proximidades para remover o cavalete arruinado e substituí-lo por um novo. Ele e Desmond se afastaram para continuar a conversa em particular. — Então, agora — disse — suponho que você terá que inspecionar todos os cavaletes antes de cada refeição para ter certeza de que um outro não vá ceder.

Desmond balançou a cabeça em desespero. — O que vai ser um maldito incômodo! E estamos com falta de pessoal no momento. Metade do pessoal do castelo está ajudando na colheita e temos o casamento chegando também.

Will olhou para trás, pensativo, o cavalete em ruínas jogado de lado enquanto os serviçais do refeitório o substituíam.

— É quase como se alguém estivesse tentando deixar sua vida mais difícil — disse ele. — Quero dizer, esses acidentes são triviais. Podiam ter causado maiores prejuízos. Mas o principal problema até agora é que eles estão forçando você a ser mais vigilante, a inspecionar o mobiliário e as ameaças regularmente.

— É como eu disse, estou com falta de pessoal — Desmond concordou.

— Teve problemas com membros da equipe ultimamente? — Will perguntou. — Alguém foi punido ou demitido? Pode ser alguém com rancor contra você ou Redmont como um todo.

Desmond coçou o queixo, pensativo. — Ninguém me vem à mente — disse ele, em seguida, adicionando como um pensamento lhe ocorreu: — Tem Robard, é claro, mas eu tenho certeza de que ele não...

— Robard? — Will o interrompeu. — Quem é ele?

— Um secretário assistente que estou treinando. Ou melhor, estava. Tive que rebaixá-lo. Voltou a trabalhar como garçom na sala de jantar por alguns meses para aprender uma lição. Na verdade, — ele continuou — eu estava quase o demitindo, mas o Barão interveio em seu nome. Disse que qualquer um pode cometer um erro. Ele sugeriu que eu lhe desse alguns meses de trabalho duro e então o reintegrasse.

— O que ele fez de errado? — Will perguntou.

Desmond deu de ombros. — Bem, nós suspeitamos de que ele estivesse roubando. Nada sério, na minha opinião. Nada muito valioso. Apenas itens pequenos que pareciam extraviar-se quando a última pessoa vista com eles era Robard. Eu não pude provar nada e foi por isso que o Barão sugeriu que desse o benefício da dúvida. Além disso, ele vinha tratando muito mal a equipe de aprendizes do castelo — intimidando-os, sempre criticando seu trabalho, nunca mostrando sinal de encorajamento. Sentimos que ele precisava de uma lição.

— E ele está ciente do plano para reintegrá-lo depois de alguns meses?

— Aaah... bem, não. Ele não sabe, na verdade — Desmond parecia desanimado. — Talvez eu devesse ter dito que o rebaixamento seria temporário, mas pensei que seria melhor se reintegrá-lo parecesse uma recompensa por um comportamento melhor. Um gesto espontâneo, por assim dizer.

— Então, ele pode muito bem estar se sentindo lesado. Afinal, mesmo se ele for culpado, você não pôde provar nada, então ele podia pensar que você foi duro demais.

— Isso é verdade, eu suponho. — Desmond estava obviamente preocupado com a ideia.

Ele sempre tivera um fraquinho por Robard, apesar do espírito agressivo do jovem. O secretário chefe esperava que, quando amadurecesse, superasse o mau comportamento. Agora, o pensamento de que seu aprendiz estivesse, possivelmente, por trás dos acontecimentos potencialmente perigosos que aconteciam ao redor do castelo levou-o a duvidar de seu julgamento.

— Parece que é melhor eu ter uma conversa com ele — disse ele relutantemente.

Will olhou para ele astutamente por um momento ou dois. Ele adivinhou o que se passava pela mente do homem mais velho. — Você não gostaria que eu fizesse isso? — perguntou ele. — Afinal, não tenho história prévia com ele. — E, acrescentou silenciosamente, é menos provável que eu pegue leve.

Desmond olhou para ele com gratidão. — Você poderia? — disse. — Eu realmente ficaria grato se você puder fazer isso, Will.

Will sorriu. Lembrou-se de seu tempo de protegido no castelo Redmont... Desmond era uma pessoa gentil que não gostava de conflitos de espécie alguma. A necessidade de punir um aprendiz privilegiado seria muito desagradável para ele.

— Terei prazer em ajudar — Will disse. — Diga-lhe que estarei às duas horas, esta tarde, no escritórios do barão.



Robard olhou ao redor, inquieto, quando entrou no escritório. Will se sentara à mesa, de costas para a janela grande, de modo que fosse mostrado em silhueta contra o brilho da luz exterior. Foi por isso que escolheu o início da tarde para o encontro. Ele usava a capa com o capuz para cima, de modo que seu rosto estava obscurecido na sombra e a cabeça estava inclinada sobre uma pequena pilha de papéis sobre a mesa diante dele.

— Sente-se — disse ele, mantendo sua voz neutra, nem amigável nem acusadora.

Havia uma cadeira de espaldar reto na frente da mesa e Robard caminhou até ela e sentou-se. Will, observando-o sob os supercílios abaixados, viu que o rapaz estava nervosamente atento. Teve que admitir, no entanto, que isto não seria indicação de culpa. A convocação para uma conversa com um Arqueiro era suficiente para deixar nervoso qualquer serviçal do castelo.

Tinha visto Robard antes em várias ocasiões, geralmente em jantares formais no castelo. Era um jovem atarracado, um pouco abaixo da altura média. Em poucos anos, provavelmente passaria de atarracado para gordo. Já havia sinais na densidade das bochechas e nos começos de uma dobra extra de carne macia. Um aprendiz de secretário não tinha muitas tarefas físicas árduas para realizar e esse trabalho era uma oportunidade para estar em lugares com boa comida e bebida.

Em ocasiões anteriores, Will se lembrou, Robard tinha demonstrado extrema autoconfiança, beirando a arrogância. Esses traços não estavam em evidência hoje, no entanto. Depois de deixar o jovem em silêncio por vários

minutos, finalmente pousou a caneta com que fazia anotações totalmente sem sentido na folha de papel diante de si. Tinha pegado algumas folhas com o secretário de Arald, e esta descrevia o conteúdo do celeiro do castelo no primeiro trimestre do ano anterior. Robard não sabia disso, é claro, e agora Will cobria a folha com uma pasta de couro para ocultar seu conteúdo real. Ele olhou para cima e jogou para trás o capuz do manto.

— Você é Robard — disse Will. Manteve a voz baixa, abaixo do volume de uma conversa normal. Descobriu que essa técnica, muitas vezes, causava desconforto entre suspeitos sob interrogatório. Tinham que se esforçar para ouvir o lhes era dito, com medo de que pudessem perder alguma coisa importante. Gritos estrondosos desde o início, por outro lado, muitas vezes serviam para colocar uma pessoa na defensiva.

Robard inclinou-se ligeiramente. — Hum... sim, senhor. É isso mesmo.

— E você sabe por que está aqui. — Era uma afirmação, não uma pergunta. Mas agora um traço de carranca formava-se no rosto suave de Robard, com um lampejo de incerteza.

— Não. Eu não sei.

— Não me faça perder tempo, Robard. — A voz ainda estava baixa e tranquila. Mas a falta de volume de alguma forma a tornava mais ameaçadora. Robard balançou a cabeça e levantou as mãos num gesto defensivo. — Não. Realmente eu... — Will de repente bateu com a palma da mão sobre a superfície da mesa. Vários itens ali saltaram no ar, caindo de volta no lugar. O inesperado e barulhento *CRACK!* fez Robard recuar e agora a voz não era mais tranquila.

— NÃO... DESPERDICE... MEU... TEMPO! — ele gritou.

Robard balançou a cabeça, impotente. — Mas eu...

Will estava de pé, inclinado sobre a mesa e enfiando o dedo na cara do infeliz aprendiz. Emoldurado contra o brilho de luz da janela, era uma silhueta preta, sem rosto e sem expressão. Disparou uma série de acusações rápidas.

— As muralhas. A justa. A cortina — disse ele, espetando o dedo indicador na mesa para enfatizar cada ponto. — Você pode ter acabado com eles. Mas você cometeu um grande erro com o cavalete. Você foi visto.

Robard começou a protestar, mas Will não deu chance e, mais importante ainda, não deixou tempo para ele pensar. — Duas pessoas da cozinha viram você! Eles o identificaram e juram que foi você que danificou o cavalete. Grande erro, Robard. Eles te viram! E vão depor contra você! Você está diante de dez a quinze anos de trabalho duro nos campos.

— Não, eu juro que não sei o que você está falando!

— Você é estúpido? Você não está me ouvindo? Você foi visto! Temos

testemunhas que viram você cortando o cavalete! Nós nem sequer precisamos de um julgamento. Existem duas testemunhas. Temos suas declarações juramentadas! — Bateu com os nós dos dedos na pasta de couro que continha os documentos que fingira estudar.

— Você vai ser enviado aos campos. O Barão Arald ficou furioso. Ele está pronto para dar a ordem agora mesmo! Sua única esperança é confessar e pedir clemência.

A partir daquele corpo um pouco acima do peso e aquelas mãos suaves e sem marcas, Will havia astutamente adivinhado que a perspectiva de um difícil trabalho físico seria a maior ameaça que poderia fazer. E estava certo.

Ele podia ver o pânico nos olhos do homem. — Mas eles não podem ter...

— Eles viram! Eu te disse! Eles viram você! Você não teve cuidado! Você deve ter achado que não havia ninguém na cozinha!

— Mas eu tive! Eu...

Impulsionado pelo pânico e pelas implacáveis acusações de Will, as palavras tinham deixado a boca de Robard antes que tivesse tempo de considerá-las. Tarde demais, percebeu o que tinha dito. Will se recostou na cadeira, a cabeça inclinada para um lado enquanto estudava o aprendiz de secretário.

— Você teve? — repetiu ele. — Você teve o quê?

— Eu... eu... quer dizer... eu não. Eu não tive. — Robard tentou remendar, mas ele sabia que era tarde demais. Ele parecia estar entrando em colapso, encolhendo na cadeira e quase caindo ao chão.

Will continuou, num tom mais calmo e ponderado. — É só admitir, Robard. As coisas serão mais fáceis para você se você jogar limpo. Por que você fez isso?

— Eu estou dizendo que não... — Robard começou, tentando recuperar a aparência anterior de indignação. Mas foi uma tentativa de causar pena e Will rejeitou-a com um movimento curto da mão.

— É uma estranha forma de retribuir às pessoas que se importavam com você — ele disse calmamente.

Robard levantou os olhos para encontrar o olhar firme do Arqueiro. — Se importavam comigo? Eles me humilharam. O Barão me rebaixou para que eu fosse comandado por pessoas que tinham sido subalternos meus. E não gostavam disso!

Observando-o, Will de repente teve um vislumbre de sua amargura. Como assistente de secretário, Robard tinha desfilado, sem dúvida, sua

arrogância entre as pessoas ao redor. Seu senso de autoimportância fez isso. Então, num piscar de olhos, ele se tornara inferior às mesmas pessoas que tinha comandado. Não deve ter sido fácil.

— Por que simplesmente não me despediram? — disse, e sacudia a cabeça tristemente.

— Eles não queriam demiti-lo. Eles planejaram isso para puni-lo e, em seguida, reintegrá-lo, quando achassem que você tivesse aprendido uma lição.

A mandíbula de Robard caiu. — Reintegrar-me? — ele disse, a voz um pouco acima de um sussurro. — Quer dizer que eu poderia ter...? — Ele fez uma pausa, não sabendo o que dizer em seguida.

Will balançou a cabeça. — Se você simplesmente esperasse um mês ou dois, teria estado voltado à antiga posição. E poderia ter aprendido um pouco sobre como tratar aqueles a sua volta.

— Eu não sabia. Eles deveriam ter me dito! — Um lampejo da velha indignação, mais um sinal de arrogância. Tudo o que acontecesse com Robard seria sempre culpa de alguém, nunca dele mesmo, Will percebeu. Era aquele tipo de pessoa.

— Então, você decidiu ensinar ao Baron Arald uma lição — disse Will. — Você arrumou uma série de “acidentes” no castelo, só para se vingar?

Robard abriu a boca para uma negativa. Então, pareceu entender o desespero de sua situação. Fechou a boca, fez uma pausa, depois respondeu em voz baixa — Sim.

Seus olhos baixaram. Não podia encontrar o olhar fixo de Will, acusando-o.

Houve um longo silêncio na sala. Will deixou-o continuar. Então, quando julgou que o silêncio estava suficientemente longo para ser desconfortável, perguntou: — Havia mais alguma coisa?

— Mais alguma coisa? O que você quer dizer?

— Além da justa, a cortina e as outras coisas. Você fez outra coisa que devemos saber?

Por um segundo, Will viu um lampejo nos olhos do rapaz. Ficou desconfiado, mas antes que pudesse ter certeza, Robard desviou o olhar.

— Não — ele murmurou. — Não há mais nada.

— Você tem certeza? — Will pressionou.

Mas Robard continuou a olhar para as mãos em seu colo, enquanto dizia em uma voz quase inaudível: — Tenho certeza. Não há mais nada.

— Hmm — Will disse. Muito deliberadamente, reabriu a pasta de couro e arranhou uma nota. O som áspero e a ação tinham a intenção de transmitir sua

descrença. Fechou a pasta com um clique. — Vamos falar mais sobre isso amanhã. Lembre-se, as coisas vão correr melhor para você se me disser toda a verdade. E eu não acredito que já chegamos a esse ponto.

Deixe-o pensar nisso durante a noite, intuiu Will. Amanhã, ele o interrogaria de novo. Sabia que havia algo mais e estava determinado a descobrir. A sessão de amanhã, prometeu a si mesmo, faria a entrevista de hoje parecer uma conversa amigável. Finalmente, Robard ficou desconcertado com o olhar do Arqueiro, estável e sem piscar.

— O que vai acontecer comigo? — ele perguntou miseravelmente.

Por um segundo ou dois, Will não respondeu. — Isso não cabe a mim dizer — respondeu ele. — Vou relatar a Desmond e ao Barão e eles vão decidir. Possivelmente um tempo nas masmorras. Talvez um trabalho duro nos campos, de cinco a dez anos. Quem sabe?

Ele estava exagerando, é claro, mas ele queria essas possibilidades pesando na mente de Robard durante a noite.

— Mas, na melhor das hipóteses — concluiu ele —, imagino que você terá seu desejo atendido. Você disse que deveriam ter demitido você. Eu suponho que eles o farão.

Os olhos de Robard ergueram-se. — Meu desejo? — disse. — Que desejo é esse?



SEIS HORAS DA MANHÃ. PÉS BATENDO NA TERRA MACIA debaixo das árvores.

Um ruído de alerta de Puxão soou do estábulo atrás da cabana e Will foi imediatamente acordado. Alguém estava correndo entre as árvores, em direção à cabana.

Ele rolou para fora da cama e atirou a bainha dupla com cinto por cima do ombro esquerdo de modo que suas duas facas ficassem facilmente à mão. Os passos estavam mais próximos agora. Uma pessoa, ele pensou. Um homem, provavelmente, a julgar pelo peso dos passos. Ele olhou para a capa pendurada na porta e rejeitou a ideia de colocá-la. Vestido com as calças soltas e uma camisa grande que usava como roupa de dormir, foi descalço para a porta da cabana. Ebony já estava ali. Ela havia abandonado seu cobertor ao lado da lareira e farejava o vão debaixo da porta em busca de alguma identificação da pessoa de fora. Ela olhou para ele, as orelhas em pé alertas e a cauda varrendo pesada e lentamente. Ele colocou um dedo nos lábios, sinalizando para ela permanecer em silêncio.

O aviso de Puxão não tinha indicado qualquer senso de perigo. Era apenas um alerta de que alguém estava chegando. Pelo olho mágico, tão pequeno que era praticamente invisível a qualquer um do outro lado da porta, viu um serviçal do castelo subir os degraus para a varanda. O homem fez uma pausa, segurando as costas e respirando forte por alguns segundos, em seguida, caminhou até a porta e levantou o punho fechado para bater na madeira dura.

Recuou, assustado, quando Will abriu a porta.

— Oh! Arqueiro! Você está acordado! — ele disse, perplexo.

— Aparentemente — respondeu Will. Era o tipo de resposta seca que Halt tinha dado a ele ao longo dos anos, quando ele declarava o óbvio. Inconscientemente, ele havia imitado as maneiras de seu ex-professor. — O que posso fazer por você? — perguntou ele.

Will podia dizer, pelo uniforme, que era um dos serviçais responsáveis pelo refeitório sob as ordens de Desmond. Ele apontou com urgência através

das árvores na direção do castelo. — Você *vai ir* para o castelo — disse ele. Ainda estava aturdido. Primeiro, correria todo o caminho do castelo à cabana, e então porta foi aberta exatamente quando estava prestes a bater. Daí que tinha até esquecido a forma correta de transmitir uma mensagem.

Will levantou uma sobrancelha. — Eu *vou ir*?

O homem sacudiu a cabeça e fez um movimento de desculpas com a mão.

— Minhas desculpas, Arqueiro. Mestre Desmond perguntou se você, por favor, por favor, poderia ir ao castelo tão logo seja possível.

— E há razão para tanta pressa? — Will perguntou suavemente.

O serviçal acenou com a cabeça várias vezes antes de responder. — É Robard, senhor, o ex-aprendiz. Ele está morto!

O corpo de Robard estava virado para cima perto da janela de seu pequeno quarto. Da forma que caiu, parecia ter agarrado desesperadamente a cortina pesada na janela. O material grosso estava sobre sua barriga. Havia anéis despedaçados de cortina e madeira espalhados pelo chão em volta dele.

Seus olhos estavam bem abertos, dando a seu rosto um olhar de surpresa assustada.

— O corpo foi movido? — Will perguntou, apoiado em um joelho ainda ao lado do corpo.

— Está do jeito como foi encontrado — Desmond disse. Ele esticou o olhar por cima do ombro de Will. Ocorreu-lhe que tinham adotado posições semelhantes no dia anterior, quando examinaram o cavalete.

Will aproximou-se da boca ligeiramente aberta de Robard e a cheirou experimentalmente.

Ele achou que sentia um leve rastro de algo doce e doentio. Olhou ao redor da sala. Havia um jarro de água sobre a pequena mesa de cabeceira, mas nenhum copo. Ele olhou mais adiante. Nenhum sinal de um copo ou taça em lugar algum. A menos...

Cuidadosamente, levantou uma ponta da cortina embolada e ouviu o barulho de algo batendo no chão. Levantou mais alto a cortina e viu o copo, que havia caído do lado de Robard. A cortina o havia escondido. Havia uma pequena mancha úmida no chão. Cautelosamente, Will pegou o recipiente de vidro e cheirou. O mesmo cheiro doce e esquisito alcançou suas narinas.

— Veneno — disse ele rapidamente, causando um tumulto entre os serviçais que tinham se amontoado na porta do quarto. Ele olhou para Desmond. — Você poderia mandar essa gente embora? — perguntou ele.

Desmond concordou, dando um passo em direção a eles e fazendo gestos

para espantá-los com as duas mãos. — Vão agora. Não há nada para vocês aqui. Vocês todos têm trabalho a fazer e não têm nada a ver com isso!

Relutantemente eles se dispersaram e Desmond fechou a porta. Virou-se para Will, que estava com o copo na mão.

— Será suicídio, o que você acha? — perguntou ele.

Will deu de ombros. — Pode ser. Encontraram alguma nota? Suicidas costumam deixar uma nota. Quem o encontrou?

— Uma das lavadeiras. Robard foi escalado para trabalhar cedo e não tinha aparecido. O chefe enviou alguém da equipe júnior para acordá-lo. Ela o achou da forma como ele está e me chamou. Ela não tocou em nada, eu perguntei. E não disse nada sobre alguma nota.

Will olhou ao redor da sala. Não havia sinal de uma nota. A um canto estava uma mesa simples de madeira com uma cadeira de pinho de costas retas. Will verificou a mesa e encontrou várias folhas de papel espalhadas a esmo na parte superior. Uma delas era uma lista de ingredientes para uma receita de sopa.

Outra era uma nota de serviço para Robard com seus horários para os próximos quatro dias. Havia várias outras folhas, todas amassadas, cada uma contendo esboços variados de uma carta de desculpas ao Barão Arald e Desmond. Estava prestes a se virar quando avistou um outro pedaço de papel meio rasgado embaixo de uma folha maior, num dos compartimentos da mesa de trabalho.

Ele o pegou e examinou. Havia duas palavras, aparentemente nomes: Serafino e Mordini. Nomes de Toscanos, pensou. Muito exóticos. Entregou o pedaço de papel a Desmond.

— Esses nomes significam algo para você?

O secretário abanou a cabeça, seu rosto confuso. — Nunca ouvi falar deles. Usamos alguns fornecedores toscanos de vez em quando, mas não reconheço esses nomes.

Will pegou o pedaço de papel e colocou-o num bolso interior. Ele olhou ao redor e suspirou. — É triste, não é? Nunca vou entender suicidas. Suponho que você pode deixar seu pessoal voltar aqui para levá-lo à enfermaria. Não há mais nada para ver.

— Então você acha que foi suicídio? — Desmond perguntou a ele.

Will apertou os lábios, pensativo. — Eu acho que se parece com suicídio. Mas não gosto do fato de que não haja uma nota. Acho que vou perguntar na vila e ver se alguém ouviu falar desses dois toscanos. — Ele bateu no peito, onde o pequeno pedaço de papel estava guardado.

— Eu me lembro deles — disse Jenny. — Jantaram aqui duas vezes enquanto eles estavam na aldeia. Tinham um quarto na pousada, mas disseram que preferiam minha comida.

— A maioria das pessoas prefere — Will disse e ela sorriu pelo elogio.

— Eu faço o que posso.

— Alguma ideia do que estavam eles fazendo no vilarejo? — Will perguntou.

Jenny balançou a cabeça. — Eu não pergunto às pessoas sobre seus negócios. Só o que eles querem comer. Eles podem saber na pousada, é claro — acrescentou.

Will balançou a cabeça. — É para onde vou agora.

Joel, o estalajadeiro, saiu do quarto dos fundos. Seu cabelo estava desgrenhado e ele afivelava o cinto largo na cintura. Will achou que ele estava cochilando. Deu de ombros mentalmente. Por que não, pensou. Estalajadeiros ficavam horas sem dormir.

Joel estalou os dedos para o garçom no balcão e ordenou café fresco. Ele sabia como o jovem Arqueiro gostava da bebida. Eles se sentaram em uma das mesas de pinho. As tábuas tinham sido serradas originalmente em madeira bruta, mas anos de serviço, sob cotovelos, canecas, pratos e por vezes cabeças esfregadas, haviam tornado a madeira lisa.

— O que posso fazer por você, Arqueiro Will? — ele perguntou, depois de terem trocado cumprimentos. Will olhou para cima quando o garçom colocou uma caneca de café na frente dele. Pingou mel no líquido e tomou um gole. Então inclinou-se para trás com um suspiro de satisfação.

— Seu café ainda é o melhor do feudo, Joel — disse ele. — Eu sei que Jenny adoraria descobrir onde adquire seus grãos.

Joel sorriu. — Tenho certeza que ela adoraria. Mas eu mantenho o segredo sobre meu fornecedor. Não há muitas maneiras de superar Jenny, mas meu café é uma delas.

Will sabia que Joel viajava a alguma distância do feudo a cada mês para encontrar o comerciante que fornecia o grão de café. A identidade do homem e as misturas do grão eram um segredo estritamente guardado. Uma vez, anos antes, Will tinha brincado com a ideia de segui-lo e revelar a identidade do comerciante de café a Jenny. Mas decidiu que não seria justo usar suas habilidades contra o estalajadeiro. Se Jenny quisesse encontrá-lo, tudo bem. Ele percebeu que Joel ainda estava à espera de uma resposta para a pergunta.

— Você teve dois convidados aqui há alguns dias — disse ele. — Toscanos, eu acredito.

Joel concordou imediatamente. — É isso mesmo. Eram compradores de lã. Signore Mordon e Seraf, ou algo do tipo.

— Mordini e Serafino — Will o corrigiu, e Joel concordou balançando sua cabeça.

— Sim. Era esse o nome deles. Eu nunca consigo lembrar os nomes estrangeiros muito bem.

— E eles eram toscanos?

— Eles certamente falavam como toscanos. É um sotaque bastante óbvio, afinal de contas.

Os olhos de Will se estreitaram. O sotaque toscano era acentuado e facilmente reconhecível. O que tornava tudo mais fácil para um não toscano imitá-lo, ele pensou.

— E você disse que eram compradores de lã — perguntou ele.

Joel se permitiu um sorriso. — Na verdade, eles disseram isso. Eu estava apenas repetindo o que disseram. Por que você pergunta? Eles fizeram algo?

Will ignorou a pergunta, estava absorto em pensamentos. — Será que eles fizeram algum negócio? — ele perguntou finalmente.

Joel deu de ombros, com uma expressão sincera. — Eu não sei. Suponho que Barret seria o único a saber.

Barret era o maior vendedor de lã no feudo. A maioria dos agricultores da área enviava sua lã para ele. Ele fazia a negociação e ganhava comissão sobre cada venda.

— Sim, ele saberia. Eu vou perguntar a ele — disse Will.

— Eles nunca se aproximaram de mim, Arqueiro — disse Barret. — Eu os conheci na taverna uma vez e Joel me disse que eles estavam no negócio de lã. Mas eu nunca ouvi isso deles. Não sei por quê. Talvez o meu estoque não seja bom o suficiente. — Ele parecia irritado por ter sido ignorado. Suspeitava que os compradores toscanos tivessem encontrado um preço melhor em outro vilarejo. Se fosse esse o caso, ele teria gostado da chance de pechinchar um pouco. Barret não gostava de perder negócios.

Com o cenho franzido, Will caminhou de volta para a pousada. O comércio estava agora em pleno horário de almoço e a taverna, quase cheia. Ele chamou a atenção de Joel e acenou-lhe para se aproximar — Sobre esses toscanos — disse ele. — Você alugou o quarto deles depois que partiram?

Joel balançou a cabeça. — O movimento tem estado lento na última semana. Trocamos os lençóis das camas. E Anna varreu o pó. Você quer olhar?

— Se você não se importa — disse Will.

Joel cruzou o bar e tirou a chave de uma prateleira na parede.

— Depois das escadas, o segundo quarto à direita — disse ele. — Mas eu tenho certeza de que eles não deixaram nada para trás.

Ele estava certo. O quarto estava limpo e vazio. Não havia nenhum sinal de que tinha sido ocupado por dois homens alguns dias antes. Ou havia? Will cheirou o ar experimentalmente. A janela tinha sido mantida fechada e havia um traço fraco no ar... Algo familiar. Um cheiro um pouco doce. Nada muito desagradável. Era apenas um simples vestígio de um perfume e era difícil de distinguir. Andou ao redor do quarto, testando o ar em diferentes pontos. Em alguns cantos, ele não podia sentir. Era mais evidente nas camas.

— Então — disse a si mesmo, desconfiado — temos dois compradores de lã toscanos que não comprem lã e deixam um cheiro fraco no quarto... estranho.

Ele desceu lentamente as escadas, ainda pensando, e colocou a chave de volta no lugar. Ele acenou em adeus a Joel e saiu para o sol da tarde. Só ele podia identificar esse cheiro, pensou. Mas quanto mais tentava identificá-lo, mais a resposta parecia escapar. Só naquela noite percebeu o que era.

Estava trançando uma corda nova. Notara um ligeiro desgaste na que estava atualmente em seu arco e achou melhor substituí-la antes que se deteriorasse ainda mais.

Formou as alças em cada extremidade, prendendo-as com a rosca do arco. Então enfiou a mão no kit de ferramentas para pegar um pedaço de cera de abelha para terminar o trabalho e ligar os fios individuais para juntá-los num todo, formando uma corda coesa. Quando começou a esfregar a cera na corda, e pequenos flocos caíram no chão, o cheiro agradavelmente doce atingiu suas narinas. Cera de abelha! Isso é o que ele havia notado no quarto. Era usada pelos Arqueiros para fortalecer e impermeabilizar as cordas dos arcos. E era usado em cordas de bestas também.

Sua mente estava flutuava na suspeita de que os toscanos seriam de uma cidade-estado vizinha, cujos habitantes falavam com sotaque similar. Era um sotaque difícil de esconder e por isso a melhor forma para os dois estranhos esconderem a origem seria fingir-se de toscano. Nomes como Serafino e Mordini passariam por toscanos: um Araluen comum não saberia a diferença.

Robard morreu de forma suspeita. Talvez sua morte tivesse sido suicídio, mas não estava convencido. E parecia que sua morte fora por envenenamento, uma especial habilidade dos assassinos genoveses. Anos de treinamento com Halt levou-o a não aceitar o óbvio, quando havia circunstâncias fora do comum. Como Halt tinha repetido em muitas ocasiões: *Melhor suspeitar de algo e não encontrar nada do que não suspeitar de algo e achar alguma coisa.*

— Então — disse ele em voz alta — se são genoveses, o que estão fazendo aqui? — Ebony levantou a cabeça ao som de sua voz. Percebendo que ele não estava falando com ela, deixou a cabeça cair novamente com um suspiro de contentamento.

A resposta mais provável era que eles estavam em Wensley para planejar um assassinato. Era o que faziam genoveses mais frequentemente. Eram assassinos profissionais cujas armas incluíam a besta, uma multiplicidade de afiadas adagas e, por último mas não menos importante, venenos em uma variedade de formas.

— Talvez eles estejam atrás de mim e Halt — refletiu para Ebony.

O cão olhou para ele e bateu com a cauda no chão uma vez.

— Quem está atrás de mim agora? — perguntou uma voz. Ele se virou e viu Halt sorrindo. Arqueiros gostavam de surpreender uns aos outros com seus movimentos silenciosos e habilidades de ocultação. Normalmente, Will era difícil de ser pego desprevenido, mas esta noite estava distraído pensando nos estrangeiros misteriosos.

Halt estava enlameado e cansado após um longo dia na sela com o chefe do correio, sem sucesso. Tinha parado na cabana para redigir o relatório das atividades do dia enquanto ainda estavam frescas em sua mente. Então, tomaria um banho quente, seguido de um jantar com Pauline.

Rapidamente, Will expôs suas suspeitas. Halt ouviu, franzindo a testa.

— É um grande salto para dois comerciantes de lã toscanos se transformarem em assassinos genoveses, tudo por causa de um pouco de cera de abelha — disse ele.

— Só que eles não compraram nenhuma lã e seus nomes estavam na nota de Robard. E ele morreu envenenado — Will acrescentou.

— É verdade — admitiu Halt. — Alguma ideia de onde eles possam estar agora?

Will balançou a cabeça. — Ninguém sabia para onde estavam indo. Mas podem estar acampados em qualquer lugar da floresta.

— O que o faz pensar que você e eu podemos ser suas vítimas? — Halt perguntou.

— Eu realmente não sei —, disse Will. — Foi apenas uma conjectura. Quem mais eles têm razão para odiar aqui?

Algum tempo antes, em Hibernia, os dois Arqueiros encontraram três mercenários genoveses. No fim havia três assassinos mortos, embora Halt quase tivesse perdido a vida no processo. Mas Halt recusou a ideia de vingança.

— Não é uma questão de quem eles odeiam — disse ele, com seu

desprezo habitual para a forma de agir dos genoveses. — Não é seu estilo. Eles matam por dinheiro, não por vingança. Você tem que encontrar alguém que odeie e alguém que pague.

Houve um breve silêncio enquanto refletiam sobre a situação. Então, vendo que nenhuma resposta parecia vir-lhe à mente, Will perguntou sobre as atividades de Halt.

— Nada — o Arqueiro de barba grisalha disse com desgosto. — Percorri quilômetros, através de rios, através de vales, choveu por duas horas, fiquei encharcado e nenhum sinal de bandidos.

— Talvez eles tenham te visto — disse Will, e foi recompensado com um olhar gélido do mentor. Quando um Arqueiro não quer ser visto, ele não é visto.

— Desculpe — Will acrescentou mansamente. — Quando é a próxima viagem?

— Em dez dias — disse Halt. — E é muito longe. Não posso fazê-la e voltar para o casamento.

— Pauline não vai gostar disso. — Will sorriu e Halt olhou para ele.

— Ela já deixou isso bem claro — disse ele. — Algum progresso com o discurso?

Will fez uma careta. — Tenho estado um pouco ocupado. Vou chegar lá.

Halt levantou uma sobrancelha. — O tempo está passando — disse, suavemente. O casamento aconteceria naquele mês. Dignitários já estavam começando a chegar a Redmont.

— Por que o casamento não é realizado no Castelo Araluen? — Will perguntou. Ele estava pensando sobre isso há algum tempo.

— Aparentemente, o salão está sendo reformado e não estará pronto a tempo. Além disso, Evanlyn acha que seria mais informal e amigável aqui. *Um pouco menos magnífico* foi a frase que ela usou. Extraoficialmente, Duncan gostou da ideia de ter Jenny e Mestre Chubb fazendo a comida.

— Ainda assim, ele podia tê-los no banquete em Araluen — disse Will, mas Halt balançou a cabeça gravemente.

— Isso tiraria o chef de seu lugar. Não é sábio um Rei irritar seu chef. Muito fácil deixar escapar algo desagradável na comida e...

No mesmo instante, ambos perceberam a importância do que diziam. O Rei estaria aqui em Redmont no fim do mês juntamente com outros nobres e governantes de vários países estrangeiros.

— O que você acha? — Will perguntou. Não havia necessidade de soletrar o significado. Seus pensamentos estavam em sintonia.

— Acho que é tudo circunstancial e vago — disse Halt. — Mas acho que você deve investigar completamente.



DURANTE OS DIAS SEGUINTEs, WILL CRUZOU os arredores em busca de vestígios dos dois comerciantes estrangeiros. Perguntou em aldeias e vilas, mas os homens não tinha sido vistos. Passou pente fino em bosques e florestas. Nada encontrou.

Depois de vários dias, a urgência passou e começou a pensar que tinha exagerado. Quando se obrigou a pensar nisso, pôde chegar a uma meia dúzia de explicações plausíveis para a evidência que descobrira, nenhuma das quais envolvia assassinato.

Além disso, as coisas em Redmont ficavam cada vez mais agitadas com a chegada de personalidades locais e do exterior. O primeiro deles foi Erak, Oberjarl dos escandinavos. De maneira típica, Erak evitava viajar por terra a cavalo, e navegou pelo rio Tarbus com seu velho navio, o *Wolfwind*.

Quando ele se aproximou do pequeno cais na periferia da Vila Wensley, seus homens içaram uma grande bandeira no mastro. Will não pôde reprimir um sorriso quando a reconheceu. Era o estandarte pessoal de Evanlyn ou, mais corretamente, da princesa Cassandra, com um falcão inclinado. Erak usara este estandarte a muitos anos antes, quando trouxera Cassandra, Halt, Will e Horace ao Castelo Araluen. Naquela época, ver um wolfish em Araluen enchia de medo o coração de todos. Agora, com um tratado em vigor há muitos anos, esses medos eram improváveis.

— Vamos ter que pedir a ele que devolva isso algum dia — Halt disse a Will enquanto eles assistiam à atracação do navio.

Will sorriu. — Alguma vez você convenceu um Escandinavo a devolver alguma coisa?

Halt balançou a cabeça tristemente. E desceram o cais para receber seu velho amigo e aliado, filosoficamente resignados às costelas machucadas que certamente resultariam da saudação entusiasmada de Erak.

Quando recuperou o fôlego, Will comentou o fato de Erak ainda não ter adotado o novo estilo Heron de vela plana para seu venerável navio. Erak sorriu.

— Nós dois estamos muito velhos para mudar costumes — disse ele alegremente. — Além disso, quero que minha boa tripulação dê remadas extras. Eles estão ficando gordos e complacentes.

Alguns dias mais tarde, a cerimônia de saudação foi repetida quando chegou Seley El'then, o Wakir da província Arridi de Al Shabah. Will procurou em sua comitiva um rosto familiar.

— Umar não veio? — Disse, com um pouco de decepção.

Selethen balançou a cabeça. — Infelizmente, ele é muito apreciador das areias de seu deserto. A perspectiva de colocar o pé em um navio foi demais para ele.

— Fico muito triste em ouvir isso — disse Will. Umar e sua tribo Bedullin o haviam resgatado da morte no deserto ardente, quando ele tinha saído em busca de Puxão, perdido numa tempestade de areia.

Selethen sorriu maliciosamente. — Assim como ficou a esposa. Ela estava ansiosa para o casamento. Temo que Umar vá sofrer.

Com toda a animação para acomodar Escandinavos e Arridis, a questão dos comerciantes toscanos saiu da consciência de Will até que, casualmente, ele esbarrou com Desmond uma tarde. O secretário chefe acenou para ele enquanto caminhava pelo pátio para tratar do estábulo que seria usado pelos cavalos Arridi.

— Will! — Desmond disse. — Estou precisando te mostrar uma coisa.

Ele entregou um pedaço de papel que tinha sido obviamente amassado, em seguida desdobrado e alisado. Will estudou com leve interesse. Parecia ser um cronograma da mesa de um banquete.

De um lado havia uma série de anotações. Will leu, franzindo a testa.

Entrada. Serviço de refeição e discursos. Dança. Partida.

A visão da palavra *discursos* trouxe um sentimento de culpa. Ele realmente deveria fazer algo sobre seu próprio discurso, pensou. Olhou mais de perto. Havia uma pequena marca ao lado da palavra *Dança* e ele a estudou por um segundo ou dois. Percebeu que o lado esquerdo da página tinha sido fortemente riscado. Apontou.

— O que é isso? — Perguntou ele.

Desmond assentiu. — Sim. Quis saber também. Então verifiquei e percebi que havíamos mudado o esquema quando ouvimos que teríamos dois barcos lotados de escandinavos. Tivemos que mudar a delegação de Gálica, eles não gostam de nossos amigos escandinavos.

Um entendimento surgiu na mente de Will. — Este é o esquema de assentos para a festa de casamento? — perguntou, e quando Desmond assentiu,

acrescentou: — De onde veio isso? — Enquanto perguntava, teve a sensação de que já sabia.

— Encontramos no quarto de Robard. Num pequeno cesto que ele usava como lixeira. Estava sob a cortina caída, por isso não foi notado. Uma das empregadas encontrou um ou dois dias mais tarde, quando estava arrumando o quarto. Ela a separou e esqueceu de me dar até ontem.

— Por que ele teria isso? — Will questionou.

Desmond deu de ombros. — Não seriam incomum. Mesmo rebaixado, eu ainda o usava para ajudar no planejamento de mesas e arranjos.

Will apalpou o queixo, pensativo. Apesar da garantia de Desmond, suas suspeitas foram despertadas. Ele estudou o desenho e notou outra pequena marca, desta vez entre dois contrafortes na parede leste.

— O que é isso? — Ele perguntou, e Desmond se inclinou para olhar.

Ele deu de ombros, seu rosto em branco. — Não tenho ideia — disse ele. — Pode ser apenas uma marca no papel, uma mancha de algum tipo. É muito fraco.

— É exatamente em frente à mesa da noiva —, Will apontou. Um grande retângulo marcava a posição onde na festa estaria a noiva, em plataforma elevada.

Desmond simplesmente deu de ombros novamente. Ele não parecia pensar em motivos para alarme. Will bateu na folha de papel com as costas da mão.

— Vamos dar uma olhada neste local — disse ele, e se afastou em direção ao portão, Desmond correndo atrás dele.

Serviçais já estavam trabalhando no Grande Salão, construindo a elevada plataforma onde Cassandra, Horace, Duncan, Will e Alyss ficariam sentados. O cheiro de pinheiros recém-cortados enchia o ar.

Will se posicionou entre os dois contrafortes. Estavam a quatro metros de distância e, como ele tinha notado, bem em frente à plataforma.

Desmond, ao lado dele, parecia mais do que um pouco curioso. — O que está preocupando você?

Will fez um gesto na direção da plataforma semiconstruída. — Estou pensando que este seria um ponto de vista ideal, se alguém quisesse prejudicar o Rei. Os contrafortes poderiam muito bem esconder um atacante — respondeu Will.

Mas antes que ele terminasse a frase, Desmond já balançava a cabeça. — Não no dia — disse ele, apontando o desenho. — No dia, esta área terá pessoas e mesas. Pelo menos trinta pessoas terão uma visão clara deste ponto. Acho que

você está imaginando coisas, Will.

Mas Will não estava convencido. — Talvez — disse ele. — Vou ficar com esse esboço, se você não se importa.

Desmond fez um gesto amplo com as mãos. — Fique à vontade. Agora, se não precisa mais de mim, tenho uma ou duas coisas para fazer.

— Só uma ou duas? — Will sorriu. Ele sabia que o mordomo-chefe estava correndo com os preparativos.

Desmond revirou os olhos tristemente. — Digamos uma ou duzentas — disse ele.

Mais tarde, naquela noite, Will sentou-se com uma caneca de café esfriando ao lado dele, enquanto estudava o rude desenho, tentando dar sentido às marcas enigmáticas. Uma pequena cruz ao lado da palavra *Dança*. E outra marca, talvez nada além de um defeito, na parede entre os contrafortes.

Desmond estava certo, pensou. Um besteiro não teria como permanecer invisível ali, com a área cheia de hóspedes alegres e ruidosos. Além disso, mesmo que houvesse um jeito, sua visão da plataforma estaria obstruída por pessoas indo e vindo, cumprimentando uns e outros, passando de uma mesa a outra, e pela procissão constante de serviçais trazendo comida e vinho.

Ele verificou a cópia da distribuição das mesas que Desmond lhe dera e ficou ainda mais tranquilo. A mesa montada entre os contrafortes tinha sido reservada à tripulação dos lobos do mar de Gundar Hardstriker. Com uma grande quantidade de escandinavos excitáveis por perto, não seria o lugar para mostrar qualquer espécie de armamento.

Sentindo-se um pouco melhor, deixou o plano de assentos de lado e pegou caneta e papel. Talvez devesse começar seu discurso, pensou.

— Sua Majestade, Sua Excelência, sua... — Ele fez uma pausa, sem saber que título deveria dirigir a Erak, Oberjarl dos Escandinavos. Nunca tivera que usar tratamento formal com ele.

Sua caneta pairou incerta e uma gota de tinta caiu sobre o papel. Ele olhou. Era como a marca da palavra *Dança*, pensou. Bem fácil uma marca como essa acontecer. Olhou para o esquema, votou ao discurso que tentava conceber. Não conseguia se lembrar de como tinha começado o último. Talvez fosse uma coisa boa, pensou sombriamente. Não foi muito memorável.

Ele fechou o tinteiro e pousou a caneta. — Faço amanhã — disse em voz alta. Ebony levantou a cabeça e olhou para ele com ceticismo. — Faço, sim. — insistiu.

Foi para a cama. Mas um pequeno verme de dúvida ficou corroendo sua mente e ele levou algum tempo para cair no sono.



DOIS DIAS DEPOIS, O ASSUNTO FOI AFASTADO DE SUA MENTE PELA chegada do *Wolfwill*.

O navio elegante, com sua vela triangular enfunada pelo vento, transpôs o último trecho do Tarbus. A notícia de sua aproximação chegou primeiro, e grande multidão estava reunida para saudá-lo.

Erak, ao lado de Will, suspirou enquanto observava a atracação graciosa do navio.

— Os tempos mudam, jovem Will — disse, em tom baixo.

Will olhou para o maciço Oberjarl e viu um olhar de tristeza em seus olhos. Erak sentia falta dos velhos tempos de liberdade, quando ele e sua tripulação percorriam o mundo atacando, pilhando e lutando. Will sentiu que Erak gostaria de voltar a esses tempos num navio como *Wolfwill*. Por mais que amasse seu velho wolfship de vela quadrada, este proketo mais recente, com toda sua velocidade e graça, era algo que nenhum marinheiro de verdade podia olhar sem inveja.

Quando o navio estava a menos de quarenta metros do cais, os espectadores ouviram que uma ordem enérgica era dada por uma figura corpulenta na direção dos remos. Marinheiros agiram rapidamente em obediência e a longa curva foi percorrida rapidamente, o vento soprando a vela enquanto a tripulação a recolhia e dobrava.

Ao mesmo tempo, uma bandeira foi desfraldada no topo do mastro: três cerejas estilizadas em fundo azul claro. Ao veloz *Wolfwill* coubera a maior viagem de todas, trazendo seus convidados da maior distância.

Shigeru, Imperador de Nihon-Ja, havia chegado para o casamento de seu amigo.

Embora sua chegada fosse esperada, a visão da bandeira era a prova concreta. A grande multidão explodiu num coro de aplausos.

Então a pequena figura do Imperador caminhou rapidamente pelo convés principal, tomando posição na proa, observando enquanto o *Wolfwill* chegava suavemente ao cais e alcançava as estacas de madeira.

O navio bateu levemente no cais e os aplausos redobram quando Shigeru saltou agilmente a murada e caminhou pelas tábuas ásperas, ladeado pelo comandante de sua guarda pessoal. A dúzia de guerreiros Senshi que compunham sua guarda foi apanhada de surpresa pela ação impulsiva do Imperador. Cambalearam até terra firme para segui-lo às pressas, formando duas fileiras, marchando atrás dele com a postura rígida peculiar dos Senshi.

O Rei Duncan foi mais rápido do que eles. Vendo Shigeru saltar para terra, caminhou depressa a seu encontro. Parando a poucos metros do pequeno governante Nihon-Ja, Duncan curvou-se profundamente. Um murmúrio de surpresa correu entre os Araluens. A maioria nunca tinha visto seu Rei curvar-se para qualquer homem. Os olhos de Shigeru brilharam e ele, por sua vez, também se inclinou, ainda mais baixo que Duncan. Os dois governantes ficaram assim, curvados, olhando para baixo, por alguns segundos. Então, Shigeru falou.

— Não tenho certeza sobre você, Majestade, mas minhas costas estão me matando.

Duncan sufocou uma gargalhada e respondeu em tom baixo. — Talvez devêssemos nos endireitar, Excelência. Se ficarmos assim por muito tempo, nunca conseguiremos voltar.

Os dois líderes voltaram a ficar eretos e olharam um para o outro. Duncan, alto e de ombros largos, cabelos cor de ferrugem começando a ficar cinza nas têmporas e na barba. Shigeru, bem barbeado e muito menor, mas com forte resistência e irreprimível energia e curiosidade.

— Bem-vindo a Araluen — disse Duncan.

Shigeru assentiu. — É um prazer. Estava ansioso há tempos.

Então ele olhou além de Duncan e seu rosto se iluminou com verdadeiro prazer quando viu uma figura alta se aproximando da multidão.

— *Kurokuma!* — Disse ele, e Horace quase correu os últimos passos, evitando por pouco o sacrilégio de jogar o Rei para o lado enquanto cumprimentava seu amigo. Os dois se abraçaram, a pequena figura do Imperador ofuscada pelo jovem guerreiro.

— Eu estava preocupado com que você não chegasse a tempo. — disse Horace. Havia vestígios de lágrimas em seus olhos quando ele recuou e, um pouco tardiamente, curvou-se ao Imperador. Shigeru sorriu e retomou a saudação formal.

— Nada me impediria de vir — disse ele quando se endireitou. — Meu império está seguro com a supervisão de Lorde Nimatsu e seus guerreiros Hasanu.

Horace sorriu. — É preciso um homem corajoso para discutir com eles — disse ele.

Então, lembrando das boas maneiras, afastou-se para que Seleten inaugurasse os cumprimentos. O Arridi alto fez sua saudação habitual graciosa e cumprimentou o imperador como um velho amigo. Então, era hora de anunciar outro convidado de honra. Um pouco incerto, Horace fez as apresentações.

— Lorde Shigeru, Imperador de Nihon-Ja, por favor, conheça Erak, Oberjarl da Escandinávia.

Erak avançou, pés afastados, polegares enfiados no cinto. A posição de Oberjarl era determinada por eleição, e escandinavos não acreditavam em qualquer direito hereditário de governar. Por esta razão, e para demonstrar sua natureza independente, Erak nunca se referia a Duncan como “Sua Majestade”, chamando-o, em vez disso, de Rei. Ele estava determinado a não mostrar maiores deferências a este governante do leste do tamanho de um esquilo. Fez um aceno superficial com a cabeça, em vez de um arco, e disse rispidamente: — Como está, Imperador?

Os lábios de Shigeru se torceram e ele tentou reprimir um sorriso. Tinha aprendido muito sobre os escandinavos em sua viagem a bordo do Wolfwill. Imitou o aceno de Erak e seu tom ríspido perfeitamente. — Eu vou muito bem, Eraksan. Como está você?

Preparado para uma reação scandalizada, Erak ficou um pouco surpreso pela rápida adaptação do Imperador. Então, riu deliciado, e virou-se para Horace. — Pelas barbas trançadas de Gorlog! Ele vai servir, jovem Horace, ele definitivamente vai servir!

Bem a tempo Horace percebeu que Erak estava prestes a bater nas costas do imperador, e segurou a mão enorme. — Não é uma boa ideia, Erak — disse ele.

Erak ficou intrigado por um momento e então percebeu que seis dos Senshi do Imperador tinham se agachado, as espadas curvas já metade fora das bainhas. — Ah... sim. Entendo. Não gostaria de antagonizar os galos de briga. — Ele se virou e fez um gesto vago na direção do Imperador.

Will deu um passo à frente e por sua vez cumprimentou Shigeru.

— É bom ver você de novo, *Chochosan* — o Imperador disse calorosamente. — Arrissan está aqui também?

— Ela está ajudando a princesa nos preparativos, Lorde Shigeru. Vamos vê-las hoje à noite. Barão Arald organizou um jantar privado para recebê-lo.

Shigeru sorriu. — Estou ansioso para vê-las, *Chocho*.

Atrás dele, Will ouviu Erak perguntar a ninguém em particular — *Chocho*?

O que é esse negócio, *Chocho*?

Seu tom não deixou dúvida de que ele sabia exatamente o que significava *Chocho*. Will adivinhou que Gundar devia ter dito a ele em algum momento. O apelido de Will entre os amigos de Nihon-Ja era *Chocho*, ou borboleta, o que fizera dele alvo contínuo de piadas no passado. Agora, adivinhava, vendo a luz travessa nos olhos de Erak, começaria tudo de novo.

O jantar naquela noite foi uma ocasião feliz, reunindo velhos amigos que não se viam há muitos meses. Mestre Chubb tinha decidido afirmar seu domínio e decidiu que atenderia sem ajuda de Jenny. Tanto admirava a habilidade da ex-aprendiz que de vez em quando gostava de lembrar ao mundo quem lhe havia ensinado o ofício.

Como o Barão Arald observou ao fim da refeição, sub-repticiamente alargando o cinto: — Esse espírito de competição entre Jenny e Chubb é uma das melhores coisas que já me aconteceram.

O grupo se desfez cedo, com a maioria dos convidados feliz ao buscar sua cama. Duncan, o anfitrião oficial, foi o último a sair. Quando ele e Cassandra caminharam para os quartos, Will encontrou-se com eles.

— Majestade, poderia ter uma palavra? — Vendo que a princesa estava prestes a deixá-los sozinhos, acrescentou — Por favor, fique, Evanlyn. Isto diz respeito a você também.

Muitos anos antes, ele desistira do esforço de pensar na velha amiga como Cassandra. Ele a conheceu Evanlyn e assim seria sempre. Eles se sentaram em cadeiras confortáveis. Um dos serviçais perguntou se gostariam de vinho. Duncan assentiu, mas Will pediu café.

— Não posso beber café agora — Duncan murmurou. — Ficaria acordado a noite toda.

— Não tenho esse problema, Majestade — disse Will. E acrescentou, com um sorriso: — Minha consciência clara me deixa dormir em paz.

Evanlyn riu. — Se já houve um Arqueiro de consciência clara, certamente não foi você, seu intrigante. Como está indo seu discurso?

É, parecia que todos tinham ouvido falar de seu discurso original e sua destruição no fogo dos moondarkers.

— Vou trabalhar nele amanhã — disse. — Tenho estado um pouco distraído.

— Então, Will, — o rei disse — o que você quer me dizer?

Rapidamente, Will expôs sua investigação sobre a morte de Robard, os comerciantes toscanos e suas suspeitas de que possam, de fato, ser genoveses. Quando ele terminou, Will percebeu que Duncan e Evanlyn não partilhavam de

sua preocupação.

— É circunstancial, Will, e as chances são de que todas estas coisas sejam coincidência. Robard pode muito bem ter se matado. E os toscanos podem muito bem ser toscanos. — Ele estava prestes a perguntar se havia conversado sobre suas suspeitas com Halt, e se Halt opinara sobre o assunto. Então percebeu que seria um desserviço para o jovem Arqueiro. A opinião de Will era tão válida quanto a de Halt, Duncan percebeu.

Will balançou a cabeça obstinadamente. — Não gosto de coincidências, Majestade.

Duncan assentiu gravemente. — Ainda assim, elas acontecem e com mais frequência do que seria de esperar.

— Tem alguma sugestão, Will? — Evanlyn perguntou.

Ele ia responder, então hesitou. — Bem, acho que nós podemos...

Evanlyn inclinou a cabeça para ele e franziu a testa. — Você não vai dizer “adiar o casamento”, não é? — Ela disse, e ele deu de ombros, impotente.

— Nós vam... — Ele começou, mas ela o interrompeu imediatamente.

— Porque não é definitivamente uma opção. Nós não vamos adiar. Nós não vamos mudar o local. Essa não é a forma como fazemos as coisas.

— Will — disse Duncan, em tom mais racional, — nós realmente apreciamos o quanto você se preocupa com nossa segurança. Mas você tem alguma ideia de quantos alarmes falsos, quantas ameaças a nossa vida nós recebemos a cada ano?

— Não. Eu..

— Devem ser dezenas! — Evanlyn disse a ele. Ela olhou para o pai. — Quando foi a mais recente, pai?

Duncan pensou por alguns segundos. — Pelo que me lembro, há menos de três semanas. Tivemos relatos de que alguns dos ex-companheiros de Morgarath estavam planejando me raptar enquanto eu caçava. Tudo deu em nada, é claro.

— É parte integrante de ser da família real — Evanlyn disse a Will. — Há sempre rumores e suspeitas. A maior parte, de longe mais concreta e detalhada do que este conjunto de circunstâncias que você descobriu. E a grande maioria, noventa e nove de cem, não dá em nada.

— Como Cassandra diz, é tudo parte de ser Rei — Duncan acrescentou. — Temos que viver com isso. Tomamos precauções, é claro, mas não podemos deixar que vagos rumores ou coincidências governem nossas vidas. Se nos curvássemos a isso, nunca teríamos uma vida que valesse a pena.

— Ficaríamos trancados no castelo por dias e noites, como flores de

estufa. — Evanlyn sorriu para ele. — E você sabe que não é meu estilo.

Com isso, Will foi forçado a sorrir de volta. Um sorriso pálido, mas ainda assim um sorriso. A ideia de Evanlyn, ou Cassandra, trancada no Castelo Araluen como frágil flor de estufa era tão estranha à natureza dela que ele nem podia imaginar.

Duncan colocou uma mão em seu ombro. — Nós não estamos ignorando isso, Will. Nunca ignoramos essas coisas completamente. Mas, na escala de credibilidade das ameaças esta é bem baixa. Fique de olho nas coisas, de qualquer forma, e se houver qualquer alteração, qualquer informação adicional, deixe-nos saber.

— E ainda assim nós não vamos adiar o casamento — Evanlyn disse com firmeza. Seu pai sorriu para ela e incluiu Will no sorriso.

— Como ela disser — ele afirmou.



OS DIAS SE TORNARAM MAIS FRENÉTICOS, E DE REPENTE a data tinha chegado. Ele vestiu seu uniforme de gala, desenhado por Crowley anos antes para o casamento de Halt e Pauline. Deu um tapinha nos bolsos do uniforme para assegurar-se de que não faltava nada, e percebeu com um susto que não tinha chegado a reescrever o discurso. Ele rolou os olhos.

— Ah, bem — pensou ele. — Todo mundo me diz que eu devo falar com o coração.

Era um belo dia de sol e o casamento seria realizado ao ar livre no pátio do Castelo Redmont, onde centenas de espectadores podiam assistir. Nas ameias estavam o pessoal do castelo e os aldeões, que teriam mais tarde uma seção especial do pátio, por ordem de Arald, para festejar depois. Bois e javalis já rodavam em espetos sobre fogueiras. O aroma enfumaçado de carne assada espalhava-se pelo pátio.

Arald presidiria a cerimônia. O Rei, é claro, entregaria a filha ao noivo. Shigeru recebera a alta posição de patrocinador do casamento. Quando perguntou educadamente sobre suas funções, Duncan sorriu e encaminhou-o a Lady Pauline.

— Pergunte a ela — Disse ao monarca de Nihon-Ja. — Ela inventou essa posição para mim no casamento dela.

Evanlyn, desprezando a prática tradicional, apareceu na hora certa do casamento. Surgiu do castelo, escoltada pelo rei Duncan e acompanhada por Alyss, sua dama de honra. A multidão soltou um suspiro de admiração.

— Ooooooooohhhhhhhhh!

Duncan sorria orgulhosamente, a filha estava linda. Mais uma vez, tipicamente, ela tinha ignorado a moda, que exigia das noivas vestidos volumosos com caudas longas, camadas e camada de renda. Seu elegante vestido de cetim era simples, justo, o que acentuava seu corpo esbelto, com um pequeno véu nos cabelos claros. Ela parecia pequena e delicada ao lado do pai, alto e de ombros largos.

Will, em pé ao lado de Horace no estrado onde a cerimônia aconteceria,

olhou para Evanlyn, acenou com a cabeça em aprovação e depois só teve olhos para a lourinha que andava graciosamente atrás dela.

Alyss usava uma versão formal do uniforme de Mensageira, que deixava um ombro descoberto. Para se diferenciar da noiva, a cor branca padrão dos Mensageiros tinha sido alterada para azul pálido. Ela está linda, pensou Will, e seu coração cresceu no peito.

Ao lado dele, seu melhor amigo tinha o olhar fixo na noiva. Horace, sendo cavaleiro, usava o traje cerimonial, uma armadura de cor prata reluzente e uma túnica branca com a insígnia da folha de carvalho. Do lado, a espada de aço de Nihon-Ja que lhe tinha sido entregue pelo Imperador meses antes. A sua mão esquerda de Horace apertava o punho da espada, enquanto ele observava a chegada do cortejo.

— Meu Deus, ela é linda — ele sussurrou a Will.

— Realmente ela é — o jovem Arqueiro respondeu. Nenhum deles sabia que falavam de pessoas diferentes. Arald realizou a cerimônia com a mistura certa de solenidade e simpatia. Felizmente, Lady Sandra o advertira a não fazer piadas. Com tristeza, ele concordou. — Temo que meu humor seja muito inteligente para a maioria — ele disse. — Parece passar sobre suas cabeças.

— Tenho certeza de que é exatamente isso que acontece, querido — a esposa respondera, dando um tapinha na mão dele.

Foi uma cerimônia curta e logo ele proferia as palavras finais.

— Eu os declaro marido e mulher. Você pode...

Horace, sem esperar por convite ou permissão, puxou Cassandra em seus braços e beijou-a longa e profundamente. Ela respondeu bem animadamente. A multidão aplaudiu com prazer, assustando as andorinhas aninhadas nos cantos da muralha, que voaram em tributo aos recém-casados. Duncan irradiava orgulho e ao mesmo tempo limpava uma lágrima. Alyss e Will trocavam sorrisos.

—... Beijar a noiva, eu acho — Arald concluiu, sentindo que as palavras eram inúteis à luz dos acontecimentos. Então houve um clamor de parabéns. Em seguida Sir Rodney conduziu a equipe e os estudantes da Escola de Guerra e os outros espectadores a darem três vivas empolgantes ao casal, depois mais três para o rei. Então convocou vivas para Shigeru, Selethen e Erak, até que a noiva colocou a mão suavemente em seu braço.

— Acho que é o suficiente de vivas, querido — disse ela.

Ele pareceu um pouco intrigado. Estava bem animado, percebeu. — Ah, sim, claro. Isso mesmo, minha querida.

Em suma, era uma coisa boa que as senhoras de Redmont estivessem

presentes naquele dia.

Por fim, a festa de casamento foi transferida ao Grande Salão, onde mesas estavam montadas para o banquete. Arald olhou a decoração.

— Esta é a melhor parte de qualquer casamento para mim! — Disse ele com entusiasmo a Lady Sandra. Ela revirou os olhos.

— Esta é a melhor parte de qualquer dia para você — ela respondeu rindo.

Ele considerou a declaração, então balançou a cabeça enfaticamente.

— É, não posso negar — disse, e ela sorriu, sabendo por que o amava.

Horace e Evanlyn lideraram a caminhada. Enquanto Will os seguia, olhava com admiração. O estrado fora encimado por um magnífico dossel de seda branca, apoiado em postes, e havia um quadro de luz três metros acima da plataforma. Era um belo toque de acabamento, pensou.

Todos se sentaram, num barulho prolongado de bancos e cadeiras arrastados no chão de pedra. Então, Shigeru, que tinha permanecido de pé, deu um passo à frente do palanque e falou. Não pela primeira vez, Will ficou surpreso com a profundidade e o timbre daquela voz.

— Meus amigos — disse ele quando o silêncio caiu sobre a sala e todos se esticavam para ver esta pessoa exótica de um outro reino, — Disseram-me que é meu agradável dever como Patrono abrir estas festividades. E também me disseram — ele se virou e sorriu para o rei Duncan — que é meu dever igualmente oferecer um presente valioso a esses jovens.

Duncan assentiu seriamente com a cabeça, mas então deixou um sorriso escapar. O papel do Patrono Patrocinador tinha sido criado por Lady Pauline, sua própria secretária, no casamento dela com Halt, para evitar a situação embaraçosa em que o Rei não teria papel algum a desempenhar.

— Desta forma, eu decidi conceder-lhes o castelo de HashanJi, na província Koto do meu país, com as terras circundantes, florestas de madeira e direitos de caça. — Ele se virou e sorriu para Horace e Evanlyn. — Por estranha coincidência, é bem perto do meu palácio de verão.

Houve um suspiro de surpresa do público, em seguida, um murmúrio suave de conversa correu pelo grande salão. Era um magnífico presente, de fato.

Shigeru ergueu as mãos pedindo silêncio e, gradualmente, o murmúrio cessou.

— Nomeei um mordomo para administrar o castelo em sua ausência. Mas espero que vocês possam visitá-lo. Lá vocês serão conhecidos como Lorde e Lady Kurokuma, é claro.

Ele virou-se para a mesa de casamento e se curvou profundamente.

Depois de um momento, todos começaram a aplaudir. Alguns ficaram de pé, e outros seguiram, até que todo o grupo estava de pé, aplaudindo e torcendo quando a leve figura retomou seu assento.

Horace inclinou-se para Cassandra e murmurou algo. Ela assentiu com entusiasmo e, em seguida, o cavaleiro se levantou, erguendo as mãos em um pedido de silêncio. Enquanto o ruído lentamente morria, ele se virou para Shigeru, curvou-se e falou.

— Esta é uma grande honra, Senhor Shigeru. Minha esposa e eu...

Ele não conseguiu ir em frente. Era antiga tradição que na primeira vez que um noivo usasse a expressão "eu e minha esposa" todos os presentes deviam aplaudir. Ele esperou que fosse feito silêncio novamente, e quando foi possível, sorrindo timidamente, continuou.

—...gostaríamos de pedir que todos os rendimentos futuros do castelo e suas propriedades fossem compartilhados entre as famílias daqueles Kikori que deram suas vidas na guerra contra o traidor Arisaka.

Um momento de silêncio saudou este anúncio. Em seguida, a voz de Sir Rodney cresceu no salão. — Ah, muito bem, Horace! Muito bem, de fato!

E as salvas de palmas começaram novamente.

Duncan levantou-se para falar enquanto surgia uma longa linha de funcionários da cozinha, serpenteando entre as mesas para servir a primeira rodada do banquete. Ele recebeu Horace em sua família e, com um sorriso torto, desejou a ele tudo de bom em sua vida futura com Cassandra. Olhando significativamente o jovem sorridente ao lado dele, ofereceu um pequeno conselho.

—Nunca tente fazê-la mudar de ideia quando decidir fazer algo. — disse ele, balançando a cabeça em desespero fingido. Houve muitas risadas. A maioria das pessoas sabia que a princesa era teimosa e determinada. Então, a multidão aplaudiu o discurso do rei e ele retomou seu assento. Quando a primeira rodada do banquete terminou, os serviçais trouxeram a segunda rodada, e Seleten levantou-se e fez um discurso encantador de parabéns como governante de seu país e seus próprios votos de felicidade. Novamente, a multidão aplaudiu.

O entusiasmo voltou com o orador seguinte, Erak. O enorme Oberjarl tomou seu lugar à frente da plataforma e fez seus votos de parabéns ao casal.

Houve um tempo em que um governante Escandinavo não teria sido um convidado bem-vindo em uma cerimônia Araluense. Mas isso estava há muito no passado e os espectadores sabiam da dívida que tinham com os hoje irmãos do Norte. Gundar Hardstriker e sua equipe, presente na sala, ajudaram a salvar

o Reino da invasão de ferozes tribos Escocesas.

Erak falou de uma batalha anterior, quando um pequeno grupo de Araluens ajudou seus homens numa invasão dos ferozes temujais do oriente. Ele destacou Cassandra, elogiando-a em especial, contando de sua coragem na batalha, mesmo sob ataque direto. Muitos dos presentes conheciam a história, mas não sabiam dos detalhes. Ele esqueceu de mencionar o fato de que, no momento da batalha, ela estava condenada à morte por seu antecessor, Ragnak.

Houve mais aplausos quando ele se sentou, e logo mais serviçais chegaram com mais comida.

Will, que estava gostando mesmo, percebeu que Erak era o último dos oradores do exterior e agora era sua vez. Levantou-se apressadamente.

Alyss, sentada ao seu lado, apertou levemente a mão dele.

— Fique calmo — disse ela. — E fale com o coração.

Ele respirou fundo e avançou para a frente da plataforma. Olhando para o povo reunido, sua mente ficou completamente em branco. Mas logo clareou claro e ele soube o que dizer.

— Eu escrevi um discurso para este momento, mas foi queimado num incêndio há algumas semanas. Isso pode muito bem ser uma coisa boa.

— Ouçam, ouçam! — Veio uma voz rouca da multidão. Uma voz que ele reconheceu muito bem.

— Obrigado por isso, Halt — disse ele, apontando para a mesa onde Halt, Pauline e Crowley estavam sentados. Ele estava feliz que seu antigo mentor tivesse voltado a tempo para o casamento. Ele sabia que sua ausência teria diminuído a felicidade de Horace e Cassandra. Outra onda de riso e ele relaxou. Estes eram todos amigos, percebeu. Não havia motivo para nervosismo.

— Desde então, as pessoas têm vindo me aconselhar a simplesmente falar com o coração. — Ele se virou e sorriu brevemente para Alyss.

— Então, aqui vai o que está em meu coração. Vim para Redmont como um órfão, sem família, sem irmãos ou irmãs. Isso mudou. Ao longo dos anos, Horace tornou-se mais do que um irmão para mim, e Evanl... Cassandra — ele se corrigiu — tornou-se a mais amada das irmãs. Eu confiaria minha vida em suas mãos. Horace salvou minha vida em mais ocasiões do que posso contar. Cassandra salvou minha sanidade. Devo-lhes muito. É uma dívida que jamais poderei pagar. Tudo o que posso dizer é que eu não consigo imaginar um melhor marido para Cassandra do que Horace e não há melhor mulher para Horace do que Cassandra. Amo a ambos. Por favor, um brinde a sua felicidade futura. Cassandra e Horace!

Soou um estardalhaço de bancos e cadeiras sendo empurrados para trás quando todos ficaram de pé, e centenas de vozes repetiram seu brinde: — Cassandra e Horace!

O barulho ecoou por todo o vasto salão e assustou uma andorinha que estava aninhada no alto das vigas. O pequeno pássaro disparou com o susto repentino, fazendo Will capturar seu movimento com o olho. Então, quando o barulho diminuiu, ela empoleirou-se em outra viga. Mas os olhos de Will haviam registrado outra coisa. Era um detalhe tão familiar que ele havia esquecido completamente.

Bem acima do chão, uma galeria de pedra corria em torno das paredes.

Com o coração batendo, Will voltou para a mesa.

Alyss sorriu para ele. — Bem dito — começou, mas viu seu rosto. — O que há de errado?

— Talvez não seja nada — disse ele. — Tenho que verificar uma coisa.

Ele olhou ao longo da mesa. Horace e Evanlyn estavam conversando atentamente com Shigeru. Erak e Duncan estavam igualmente absortos.

Ele tomou uma decisão. Lidaria com isso sozinho.

Alyss apertou sua mão. — Apenas esteja de volta antes da dança de núpcias. — disse ela. Horace seria o próximo a falar, quando a rodada do banquete final chegasse. Em seguida, a dança começaria.

Ele acenou com a cabeça, um pouco distraído. — Estarei.

Discretamente, e Arqueiros podiam ser muito discretos quando queriam, ele se dirigiu para a parede oposta. Halt e Crowley estavam sentados a uma certa distância, para a direita. Como sempre, Halt tinha escolhido ficar em posição tão discreta quanto possível. Levaria tempo para Will fazer seu trajeto até ele através do salão lotado e entre serviçais apressados. Ele viu uma alternativa mais rápida.

A tripulação de Gundar estava sentada na mesa entre os dois contrafortes que Will havia notado no mapa. Estavam a poucos metros de distância e ele se apressou para eles. Nils Ropehandler o viu chegando.

— Bom discurso, menino! — Ele começou. Will tomou uma decisão. Nils era grande e poderoso, mesmo para um Escandinavo. E ele não fazia perguntas.

— Venha comigo! Preciso de você — disse Will com urgência. Nils deu de ombros. — Então eu sou o seu homem. — Empurrou sua cadeira para trás e se levantou.

Enquanto andavam, Will disse: — Você está armado?

Nils balançou a cabeça, sorrindo. — Não nos deixaram trazer armas.

Will percebeu a verdade dessa afirmação. Escandinavos, armas e bebida não eram uma boa combinação para um casamento. Ele, é claro, tinha suas duas facas. Elas faziam parte do uniforme formal que ele usava. Ele procurou a parede entre os contrafortes. Havia uma porta que levava a uma escada, lembrou-se agora. E que levaria à escada da galeria acima.

Um dos marechais do casamento estava perto. Havia seis marechais, estacionados nas saídas ao longo do corredor. Seu papel era puramente cerimonial nestes dias, mas era uma lembrança dos tempos em que, para botar ordem, guardavam assembleias públicas como esta. Para esse fim, o homem carregava uma haste oficial, um bastão de dois metros de madeira negra, bem pesado. Will o tirou das mãos do homem e entregou-o a Nils.

— Aqui. Utilize este.

Nils o levantou experimentalmente. — Não é ruim.

O marechal finalmente se recuperara da surpresa. — O que você acha que está fazendo, Arqueiro Will? — Disse indignado, mas Will o interrompeu.

— Você vai recebê-lo de volta. Não há tempo para explicar!

Em seguida, ele mergulhou através da pequena porta, com Nils atrás dele. As botas de Will eram de sola macia e não faziam praticamente nenhum som nos degraus de pedra nua. Nils, como a maioria dos escandinavos, usava botas de pele de foca, também silenciosas. Sua respiração era alta e tornou-se mais e mais barulhenta à medida que subiam as escadas íngremes.

Do salão, Will ouviu uma explosão de aplausos e percebeu que Horace tinha terminado seu discurso. O item seguinte na agenda era a dança de núpcias. Will já podia ouvir os ruídos da orquestra afinando os instrumentos.

O entendimento o atingiu como um raio. Então era por isso que tinham marcado a palavra *Dança*. Este seria o momento em que Duncan estaria mais exposto à flecha de um assassino.

Ele e Cassandra circulariam sozinhos pelo salão. Por pelo menos trinta segundos, seria um alvo perfeito, sem obstruções.

— Droga, Horace — disse ele com os dentes cerrados. — Só desta vez, não poderia ter divagado um pouco?

— O que tá dizendo? — Nils perguntou. Mas Will apenas fez um gesto para que redobrassem o ritmo.

— Vamos lá!

Ele ouviu a voz de Desmond vagamente através das paredes de pedra, o mordomo anunciando o momento em que o Rei e a noiva iniciariam a dança.

Houve uma longa rodada de aplausos. Will subiu as escadas com mais pressa. Atrás dele, ouvia Nils tropeçando. Em sua mente, podia ver Duncan

estendendo a mão para ajudar a filha a se levantar. Eles se curvavam para o público e caminhariam lentamente para as escadas que levavam à pista. Ele tinha apenas alguns segundos.

Alcançou a porta de madeira e bronze que levava à balaustrada. Silenciosamente, lentamente, abriu a pesada porta, centímetros de cada vez, e olhou ao redor da sala.

Teve um solavanco de pânico no coração quando os viu. Duas figuras, vestidas com capas familiares de cor roxa, estavam agachadas a cerca de oito metros de distância. Um deles levantou a besta. Ficou atrás da balaustrada, diminuindo a chance de ser visto de baixo. O segundo genovês estava agachado um metro atrás dele. Tinha uma besta também. Mas sua não mirava o rei. Ele seria o atirador de reserva, no caso de que algo desse errado.

Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta, enquanto Will deslizava a faca saxônica de sua bainha. Atrás dele, podia ouvir Nils bufarnos últimos metros. As paredes de pedra da escadaria pareciam abafar o som.

Ele teve tempo de perceber que os genoveses não estavam usando bestas-padrão. Estas eram menores, como os arcos da cavalaria dos Arridi. Ele pensou nisso, então rejeitou o pensamento. A distância era longa, mas arcos menores seriam mais do que capazes de acertar seu alvo. Além disso, se os genoveses fossem fiéis a seu estilo, os dardos estariam provavelmente envenenados e um ligeiro ferimento seria fatal. Viu os dedos do atirador se mexerem no gatilho e o punho apertando a besta. E viu quando ele tomou fôlego.

Então seu próprio braço foi para trás e para a frente numa só ação e atirou a faca saxônica, que voou, girando pelo espaço entre eles. Ela era um borrão de luz brilhante no ar.

No último segundo, Will percebeu que o atirador estava apontado para um alvo diferente. A pesada lâmina saxônica, girando, cortou a grossa corda da besta.

A flecha caiu da besta, fazendo barulho no chão de pedra. O atirador recuou de surpresa enquanto tentava entender o que tinha acontecido. Seu companheiro compreendeu mais rápido. Fuga agora era a primeira prioridade e ele virou o arco para a figura que aparecera de repente na porta da escada. Só que a segunda faca de Will já estava a caminho. Ele a lançou no genovês antes mesmo que ele atirasse sua primeira flecha.

E o teria atingido se o primeiro assassino não tivesse escolhido esse momento para se levantar da posição, em linha reta no caminho da faca que girava. Ela o acertou no peito, matando-o instantaneamente, e ele caiu para trás, sobre o companheiro. A seta saiu do trajeto rumo a Will, batendo na porta de

madeira, perto de sua cabeça.

O atirador deixou cair o arco e puxou uma longa adaga da capa. Empurrou o morto para um lado e avançou rapidamente sobre Will, que agora estava desarmado. Ele estava a apenas um metro quando Will sentiu um movimento atrás de si e Nils disse em voz alta: — Abaixese!

Viu a expressão de espanto no rosto do genovês ao deparar-se com o enorme lobo do mar escandinavo que acabara de surgir na porta. Nils, segurando o bastão preto como uma lança por cima do ombro, atirou-a. Seu punho de bronze bateu pesadamente na testa do genovês, bem entre os olhos.

A força do golpe, que concentrava todo o peso de Nils, foi surreal. O genovês voou dois ou três metros para trás e caiu no chão, inconsciente. Sua adaga caiu-lhe da mão. Nils olhou o bastão de novo e assentiu com aprovação.

— Não é mau de todo — disse ele.

Will se levantou e olhou rapidamente para o salão abaixo. Ninguém parecia ter notado o barulho acima deles. A música provavelmente o abafava, pensou. Ele viu que Duncan e Evanlyn já estavam na metade de sua dança. Ele olhou para Nils, que estava sorrindo, contente, então apontou o polegar para o genovês inconsciente.

— Tome conta dele — disse ele. — Tenho que voltar para lá.

— Eu garanto que ele não vai a lugar nenhum. — Nils assentiu alegremente.

Então, antes que Will pudesse sair, ele colocou a mão enorme em seu ombro. — Você sabe, Arqueiro, este não podia ser um casamento melhor. Uma bela noiva. Um noivo bonito. Boa comida, cerveja boa. E para coroar tudo, uma luta. É exatamente como estar em casa.

Will desceu correndo a escada. Tinha menos de trinta segundos para voltar ao salão e levar Alyss para a dança.

Ele pode ter salvado a vida de Duncan, mas se ele perdesse outra dança de casamento com Alyss, a sua própria não valeria a pena.



O GRUPO ESTAVA REUNIDO NO ESCRITÓRIO DO BARÃO ARALD, QUANDO Halt entrou na sala.

— Então, nosso amigo genovês disse alguma coisa? — Duncan perguntou.

Halt tinha recebido a tarefa de interrogar o assassino sobrevivente. Will, com toda a sua experiência e destreza nas batalhas, tinha dificuldade nessas questões por seu rosto jovem e relativamente ingênuo. Já o rosto de Halt, por outro lado, não era nada novo e definitivamente nada ingênuo. Halt tinha a capacidade de fazer uma ameaça e fazer parecer que a cumpriria.

Ele acenou com a cabeça em resposta à pergunta do rei. — Não a princípio. Genoveses são notórios bocas fechadas e não têm medo de ameaças. Sempre esperam pela morte quando aceitam um trabalho.

— Então, como você vai convencê-lo a falar? — Erak perguntou.

— Genoveses não têm medo de morrer. Mas eles têm medo do ofrimento que suas próprias armas podem causar — Halt disse a ele. Ele acenou para Horace, sentado na borda da mesa do Barão, perto de Cassandra. — Peguei uma folha de seu livro, Horace. Ameacei infectá-lo com um de seus próprios venenos. Ele ficou um pouco verde quando eu disse a ele que o único homem em Araluen que poderia produzir um antídoto vivia a oito dias de distância, no norte. Logo ele parecia muito disposto a falar.

— Ele realmente acreditou que você faria isso? — Cassandra perguntou e Halt virou-se para ela.

— Eu tenho um rosto muito sincero. — disse ele com grande dignidade.

— Claro que tem — respondeu Cassandra.

Antes que Halt pudesse continuar, Will fez uma pergunta que o estava incomodando. — Eu estive pensando — ele disse —, por que esperar até a dança do casamento? Afinal de contas, notei a galeria enquanto estava de pé em frente ao estrado fazendo meu discurso. Isso significa que a frente do estrado podia ser vista da galeria. Assim, eles podiam ter atirado enquanto o rei discursava.

— Duas razões — Halt disse a ele, com um leve sorriso. — O alvo ficou exposto por mais tempo durante a dança. E o alvo não era o rei, era Cassandra.

Isso causou uma pequena agitação. Duncan foi o primeiro a se recuperar.

— Cassandra? Cassandra era o alvo? Quem queria matá-la?

— Aparentemente, um homem chamado Iqbal — Halt disse. Ele olhou para Selethen, que estava franzindo a testa para o nome.

— Iqbal? — Disse. — Ele é irmão do Yusal. — E virou-se para o resto do grupo. Alguns não estavam familiarizados com o nome. — Yusal era o chefe Tualaghi que organizou o sequestro de Erak alguns anos atrás — explicou. — Mas Iqbal era prisioneiro na aldeia da montanha de Maashava. Ele foi um dos condenados a trabalhos forçados lá.

Halt balançou a cabeça. — Aparentemente, não mais. Parece que Iqbal fugiu de Maashava há alguns meses. Os Maashavites não informaram sobre isso ainda.

Selethen franziu a testa e murmurou uma maldição. — Isso é típico deles! — Disse, amargamente. — Estão sempre isolados lá em cima nas montanhas! Sempre desconfiados do governo central. devem estar tentando encontrar uma maneira de parecer inocentes.

— É claro — respondeu Halt —, eles podem ter enviado a informação. Mas você esteve fora do país por várias semanas. — Ele olhou para Cassandra. — Este Iqbal está bem irritado com você, Cassandra — disse ele. — Afinal, você frustrou todos os planos dele e reduziu seu irmão à ruína. Ele queria vingança, então contratou os genoveses para te matar. E ele sugeriu que usassem bestas Arridi. O plano era deixar uma para trás.

— O que teria causado muita desconfiança entre nossos países — Selethen disse, pensativo.

— Exatamente — Halt concordou. — Percebi que o nosso amigo Iqbal gostaria de ver sangue entre Araluen e Arrida, o que distrairia você da tarefa de caçá-lo. Em cima disso, mataria Cassandra, deixando Duncan sem herdeiro do trono. O que poderia muito bem desestabilizar a sucessão no país.

— E o plano teria funcionado se Will não tivesse sido tão esperto — disse Horace. Ele olhou para o amigo, agradecido. — Quantas vezes eu disse *obrigado* desde que nos conhecemos?

Will encolheu os ombros, envergonhado pela súbita atenção de todos. — Amigos não têm que agradecer — disse ele.

Mas Cassandra levantou-se. — Com sua permissão, é claro?

Alyss sorriu.

— É claro — disse ela, e a princesa beijou ambas as bochechas de Will.

Ele se lembrou de uma época em que ela teria arrancado os cabelos de Cassandra pela raiz por tal ação. “Percorremos um longo caminho”, pensou.

Duncan se levantou e se aproximou de Will, apertando sua mão. — Minha gratidão também, Will. Eu tenho só uma filha e tê-la comigo é o que mais me importa, especialmente agora que ela tem Horace para mantê-la em ordem.

Cassandra respondeu com palavras nada majestosas. Duncan escolheu ignorá-la. — Eu me pergunto — ele continuou, — se chegará um momento em que não terei de agradecer aos meus Arqueiros por serviços prestados a mim e a minha família...

— Eu duvido, Meu Senhor — Halt disse e houve um murmúrio de risos na sala. Eles podiam rir agora, Halt pensou, mas se Will não tivesse estado tão atento, a atmosfera na sala seria muito diferente. Ele chamou a atenção de seu jovem aprendiz e disse palavras de gratidão. Viu o rosto de Will aumentar de prazer. Elogios vindos de Halt significavam mais para ele do que qualquer agradecimento do rei.

— Tenha certeza, Majestade, que Iqbal não desfrutará de sua liberdade por muito tempo — disse Selethen. — Assim que eu estiver de volta a Arrida, a prioridade será caçá-lo.

— Eu aprecio isso, Selethen — Duncan disse ele. — Eu poderia até mesmo enviar um Arqueiro ou dois para ajudá-lo na busca. Não posso dizer que goste da ideia de alguém tentando matar a minha filha e fugir sem nenhuma consequência.

Os dois homens trocaram um longo olhar. Então Selethen assentiu. Observando-os, ocorreu a Cassandra que ela não gostaria de estar na pele de Iqbal nos próximos meses.

A reunião terminou pouco depois e todos eles voltaram para seus quartos. Quando se aproximavam da escadaria, Alyss pegou a mão de Will e levou-o para um escritório vazio ao lado. Ele sorriu para ela, sem saber o que ela tinha em mente.

— Alyss... — Ele começou, mas ela inclinou a cabeça em sinal de advertência e colocou o dedo indicador sobre os lábios para silenciá-lo.

— É o segundo casamento em que nossa dança tem problemas — disse ela. — No de Halt você teve que sair correndo, nesse, quase não voltou a tempo.

Ela fez uma pausa dramática. E terminou: — É melhor que você esteja lá na nossa.

O HIBERNIANO



Nota do autor: Muitas vezes me perguntam quem foi o mentor de Halt, e como e onde ele fez sua aprendizagem. Esta história fornece a resposta. É definido no tempo logo após a partida de Halt da casa de sua família em DunKilty, em Hibernia.



CROWLEY CAVALGAVA COM O CORAÇÃO PESADO, IGNORANDO-A LUZ do sol brilhante e o canto dos pássaros nas árvores. Era um belo dia de verão no Feudo de Gorlan, mas o jovem arqueiro não tinha olhos para o caminho rico em campos verdes e flores silvestres que o cercava.

Seu cavalo parecia sentir seu mal-estar. Cavalgava pesadamente, cabeça baixa, movendo-se com crescente letargia como se não sentisse a vontade de seu cavaleiro de manter o ritmo em que tinham começado.

Desde que podia se lembrar, Crowley nutrira um único objetivo na vida: tornar-se um Arqueiro do Rei. Era o auge da realização. Quando adolescente, não conseguia ver melhor maneira de servir a seu rei e a seu país, na mais honrosa carreira para um aventureiro e leal cidadão.

Outros podiam se esforçar para serem cavaleiros e guerreiros. Mas Crowley sempre acreditou que o Corpo de Arqueiros era o centro real de poder e influência no Reino, o lugar em que um jovem ambicioso, inteligente e, acima de tudo, talentoso podia realmente deixar sua marca e desempenhar importante papel na história.

Seu mentor, Pritchard, havia reforçado o dedicado senso do propósito na formação de Crowley. Enquanto o jovem desenvolvia sua habilidade em rastreamento, movimento invisível e tiro com arco, Pritchard tinha se esforçado para lembrá-lo da verdadeira razão pela qual ele devia aperfeiçoar essas habilidades.

— Nós não fazemos isso por nós mesmos. Nós não fazemos isso por glória. Treinamos e praticamos para o dia em que o Rei e o povo de Araluen tiverem necessidade dessas habilidades. Como Arqueiros, é nosso dever ser capaz de fornecê-las.

Pritchard se fora, claro. Havia sido expulso do Reino por uma acusação forjada de traição três anos antes, logo depois que ele presenteou Crowley com sua Folha de Carvalho de prata, o símbolo de um Arqueiro graduado. Crowley tinha sido designado para um pequeno e remoto feudo na costa noroeste e a notícia sobre o destino de Pritchard chegara meses após seu mentor ter sido

forçado a fugir. Havia rumores de que ele tinha ido além do mar ocidental, para Hibernia.

Crowley viu-se isolado de várias maneiras. O feudo de Hogarth era remoto e de difícil acesso e as notícias do que se passava no país como um todo eram intermitentes na melhor das hipóteses. Mas ele se sentia emocionalmente isolado também. O Corpo de Arqueiros como ele conhecia, e como Pritchard conhecera, tinha sido subvertido e enfraquecido até se tornar pouco mais do que um clube social dissoluto para filhos de famílias nobres, geralmente os mais preguiçosos ou sem habilidade para se tornarem cavaleiros ou guerreiros. Considerando que os antigos Arqueiros eram aprendizes selecionados para participar do Corpo em cinco anos de rigorosa formação, agora um novo Arqueiro simplesmente comprava a comissão para receber a Folha de Carvalho prata.

Muitos Arqueiros mais velhos tinham deixado o Corpo por desgosto. Os mais enérgicos, como Pritchard, foram forçados a deixar o Reino. Embora o corpo tivesse uma força teórica de cinquenta membros, a formação tinha caído. Mal havia 30 arqueiros devidamente treinados quando Crowley recebeu sua nomeação. Calculou que houvesse 10 ou 12 deles ainda servindo, mas espalhados em partes remotas do Reino.

A chave para o problema era o Rei Oswald. Ele tinha sido um bom rei na juventude, enérgico e imparcial. Mas agora estava velho e fraco e sua mente vagava. Aceitou um grupo de barões ambiciosos no Conselho de Governo. Inicialmente, eles foram designados para cuidar das questões do dia a dia que regem o Reino, aliviando-o dos repetitivos pormenores que vinham a sua mesa todos os dias. Com o passar do tempo, invadiram cada vez mais as decisões importantes, até que Oswald era pouco mais do que um selo impresso.

O Príncipe Duncan poderia ter evitado isso, assumindo como regente no lugar do rei. Mas o conselho, liderado por um barão carismático e intrigante chamado Morgarath, havia minado sua posição com o pai. Oswald acabou convencido pelo conselho de que seu filho estava despreparado para governar, impulsivo e inexperiente demais. Acreditando neles, Oswald enviou o filho a um feudo no extremo nordeste do Reino. Lá, isolado e sem apoio, Duncan definhava.

Não era a vida com que Crowley sonhou. Ele se inclinou e deu um tapinha no pescoço de Cropper. — Mesmo assim, poda ser pior — disse ele, tentando elevar o espírito. Cropper remexeu as orelhas.

É bom ver que você está se sentindo melhor.

— Bem, não faz sentido ficar deprimido —disse Crowley, forçando os

pensamentos escuros para o lado.

Você levou três dias para descobrir isso, não foi?

— Dê o crédito... Talvez eu tenha estado deprimido por três dias, mas superei.

Se você diz.

Crowley viu-se sorrindo. Ter a última palavra com seu cavalo era impossível.

Provavelmente.

— Eu não disse isso em voz alta! — observou, surpreso.

Cropper sacudiu a crina. *Você não precisa.*

Eles avançaram e Crowley viu uma construção algumas centenas de metros à frente. Era maior que as fazendas da região. E havia uma placa oscilante pendurada de uma viga.

— Isso é do que precisamos — ele disse alegremente. — Uma pousada. Exatamente na hora do almoço. E você até espera que tenham maçãs.

Eu só espero que tenham maçãs.

Crowley podia ouvir vozes e gargalhadas da pousada. Normalmente, isso indicava bebida alcoólica em excesso. Sem a mão firme do governo, a embriaguez acompanhava a violência sem sentido pelo Reino. Inconscientemente, soltou a faca saxônica da bainha.

Outra explosão de gargalhadas soou enquanto ele descia da sela e conduzia Cropper ao pátio cercado ao lado, com caixas de feno e bebedouros. Acomodou Cropper e viu outros quatro cavalos no pátio. Três eram grandes montarias da cavalaria, com selas e arreios de padrão militar. O quarto estava amarrado um pouco afastado dos demais.

Crowley fez um sinal para Cropper. — Espere aqui.

E a minha maçã?

Suspirando, Crowley enfiou a mão no bolso e tirou uma maçã, segurando-a na palma para o cavalo. Cropper tomou-a suavemente e mastigou feliz, os olhos se fechando enquanto o suco jorrava em sua boca. Crowley soltou a sela do cavalo alguns graus e virou-se em direção à pousada. Enquanto abria a porta e entrava, uma voz masculina interrompeu a frase e, por um momento, o silêncio pairou sobre a sala.

— E o que temos aqui? — A voz masculina começou de novo. Ajustando os olhos da claridade do sol para o interior escuro, Crowley viu que a voz pertencia a um soldado corpulento apoiado no balcão, armado com uma espada e um punhal pesado.

Ele tinha dois companheiros, igualmente equipados. Atrás do bar, Crowley viu o estalajadeiro, homem pequeno em seus cinquenta anos, e uma jovem garçonete que parecia ter cerca de vinte. Ambos lançavam olhares nervosos aos três soldados.

O Arqueiro notou o brasão sobre a túnica o soldado, uma espada com um raio. Eles da guarnição de Morgarath em Gorlan, pensou Crowley. Ele olhou ao redor da sala. Havia um outro ocupante. Um homem sentado ao fundo, envolto num manto verde escuro. De cabelo e barba pretos, ele estava comendo, aparentemente ignorando os outros clientes.

— Eu disse, o que temos aqui? — O homem repetiu. Havia um tom desagradável em sua voz. Crowley viu que o homem estava vermelho e suado. Muita bebida, pensou. O homem se levantou e ficou olhando para Crowley, que parou a dois metros dele. O homem era mais alto e mais forte, mas carregava boa quantidade de gordura, Crowley avaliou.

— O Nome é Crowley — disse ele. — Arqueiro do Rei do Feudo de Hogarth.

Pelo canto do olho, sentiu um movimento por parte do cliente solitário, havia levantara a cabeça ao ouvir "Arqueiro do Rei".

O soldado fortemente armado reagiu a ela também. Seus olhos se arregalaram em admiração simulada. — Um *Arqueiro do Rei!* — Disse. — Ooooooooooooooh! MUITÍSSIMO impressionante!

Risadas dos amigos.

— Então me diga, Arqueiro do Rei, o que você está fazendo aqui no Feudo de Gorlan? Você não tem coisas mais importantes a fazer no quartel dos Arqueiros, como ficar bêbado e jogar?

Crowley ignorou a provocação, refletindo tristemente que era uma imagem bastante precisa do atual Corpo de Arqueiros.

— Estive no Castelo de Araluen para uma reunião — disse, mantendo um tom agradável. — Agora estou voltando ao meu feudo. Apenas de passagem.

— E nós estamos honrados em tê-lo conosco — disse o soldado com sarcasmo. — Talvez pudéssemos pagar-lhe uma bebida?

Crowley sorriu. — Vou tomar um café — disse ele, mas o soldado balançou a cabeça com veemência.

— Café não é bebida para um convidado tão honrado. Afinal, você é um... Arqueiro do Rei. — As palavras soassem como um epíteto. — Insisto pagar-lhe um copo de vinho. Ou um conhaque. Ou uma bebida digna de uma pessoa tão importante como você.

— Bem, talvez uma caneca de cerveja — disse Crowley.

O soldado assentiu com a cabeça com aprovação. — Muito melhor! — Disse, apontando um pequeno barril. — Estamos bebendo cerveja também. Infelizmente, este está vazio! — Seu rosto escureceu de raiva enquanto jogava o pequeno barril no chão. A garota atrás do balcão soltou um pequeno grito de susto. O soldado ignorou-a. Seus olhos estavam fixos em Crowley, e disse ao hospedeiro. — Estamos sem cerveja aqui, estalajadeiro. E meu amigo Arqueiro do Rei gostaria de um copo.

— Esqueça — disse Crowley. — Vou tomar café.

— Não. Você vai tomar uma cerveja. Estalajadeiro?

O pequeno homem pegou nervosamente um molho de chaves. — Vou buscar outro barril na adega — disse.

Mas o soldado, ainda com os olhos fixos em Crowley, moveu a mão para pará-lo. — Fique onde está. A garota pode ir pegar.

O estalajadeiro acenou, nervoso. — Tudo bem. — Entregou a chave à garota. — Pegue outro barril, Glyniss — disse. Ela olhou para ele, receosa. — Pode ir. Faça como eu disse.

Ela pegou o saca-rolha, um pesado bastão de madeira usado para abrir o tampão de barris grandes, e relutantemente, passou entre os dois soldados. O que estava sentado num banco riu e fingiu dar-lhe um bote. Ela recuou, com um grito de susto. Então, tentou passar pelo soldado que estava falando, que tomou-lhe a chave. — Por favor? — ela disse.

Ele riu e a manteve fora de seu alcance. — O quê? Você quer isto? Então pegue-as.

Assim que ela tentou ele atirou-a sobre a cabeça dela, para outro soldado.

— Por favor. Preciso da chave.

— Claro. — Sorrindo, o soldado a empurrou com a bota e ela tropeçou, caindo sobre o homem corpulento.

— Oho! Você acha que pode se jogar em mim e pegar, não é? —. Ele tentou dar um beijo na garota, mas ela virou a cabeça. Ele riu de novo.

Nos cinco anos de aprendizado de Crowley, sua maior luta fora controlar o gênio. “É esse seu cabelo vermelho”, Pritchard costumava dizer. “Nunca conheci ruivo que não tivesse temperamento forte.”

Vendo a estupidez do soldado, sentiu a familiar ebulição no peito. Pegou o braço do soldado e torceu-o dolorosamente, forçando-o a soltar a menina. O rosto do soldado ardeu de raiva.

— O que, seu insignificante?! Vou te quebrar ao meio!

Tentou dar um gancho em Crowley, que se esquivou com facilidade,

plantando em seguida um curto e poderoso soco na barriga macia do homem.

Houve um grunhido agonizante enquanto o soldado se dobrava. Ele se agarrou ao manto de Crowley, tentando se equilibrar, mas o arqueiro recuou, esbarrando numa coluna de madeira. Tropeçou, e isso quebrou sua concentração por alguns segundos. Antes que pudesse se recuperar, os outros dois soldados estavam sobre ele. Um deles pôs um punhal em sua garganta. O outro retirou o arco de seu ombro e o jogou longe.

O grandão voltou a ficar de pé. — Seu pequeno rato de esgoto — gritou, cuspendo no Arqueiro. Então, acenou para um colega. — Amarre as mãos dele! Crowley, um punhal ainda em sua garganta, não podia oferecer resistência: suas mãos foram atadas atrás do pilar de madeira. O grandão pegou a faca do companheiro e a encostou no nariz de Crowley.

— Agora, o que faremos com você, Arqueiro do Rei? — disse. — Acho que podemos apenas cortar seu nariz. Aprenderá a não enfiá-lo em nossos negócios. Sim. Acho que é isso que vamos fazer, o que vocês acham?

A garota deu outro grito de medo. Antes que pudessem responder, outra voz respondeu.

— Eu acho que você devia soltá-lo.



A VOZ ERA PROFUNDA E CONFIANTE, COM UM DISTINTO sotaque Hiberniano.

Crowley virou os olhos na sua direção. O estranho do fundo da sala havia se levantado e aproximava-se deles. Em suas mãos estava um enorme arco, semelhante ao que havia sido tirado de Crowley. Havia uma flecha na corda. Até agora, o estrangeiro não a tinha puxado, mas segurava a arma com tamanha familiaridade que Crowley pensou que ele poderia puxar, mirar e atirar no tempo de um batimento cardíaco.

A faca foi retirada do rosto de Crowley e o soldado avançou na direção do Hiberniano. Instantaneamente, o arco subiu e ouviu-se um ligeiro raspar de madeira sobre madeira enquanto a flecha era puxada. O soldado viu que a morte o olhava.

— Você não quer me matar — disse. Todo o seu sarcasmo desaparecera. O arqueiro ergueu uma sobrancelha, intrigado. Os outros dois soldados desembainharam as espadas. Crowley viu que avaliavam suas chances de alcançar o homem antes que ele atirasse.

— Por que não? — As palavras com o sotaque hiberniano tinham um tom de zombaria divertida.

— Sou um soldado do Barão Morgarath, em missão oficial...

— Você quer dizer que é seu dever embriagar-se e irritar as pessoas em tavernas? — O estranho perguntou ironicamente.

O soldado franziu a testa, não sabendo como responder. E vociferou. — Se você me matar, será chicoteado, esfolado e enforcado.

O estranho franziu os lábios, pensativo. Crowley estudava o arco. A força necessária para tracioná-lo tinha de ser de pelo menos trinta e seis quilos, pensou. No entanto, o Hiberniano de cabelos escuros já estava segurando tracionado por algum tempo, sem mostrar sinal de tremor. Crowley se perguntava por quanto tempo ele poderia sustentar esse impasse.

— E qual é a pena se eu te machucar muito? — O estranho perguntou.

— O quê...? — começou. Naquele instante, o estranho atirou na perna

esquerda do homem.

O soldado soltou um grito agudo e desabou no chão. Seus companheiros ficaram chocados de surpresa por um momento. Então atacaram. O estranho jogou o arco para trás e tirou da capa uma curta e pesada espada. Crowley a reconheceu como uma faca saxônica idêntica à sua. O primeiro soldado tentou uma estocada contra o estranho, que a aparou facilmente e deu-lhe um gancho de esquerda no queixo, mandando-o cambaleante sobre o companheiro.

O segundo homem empurrou o companheiro e atacou o Hiberniano. Aço tocou aço enquanto o Hiberniano bloqueava o golpe. Ao mesmo tempo, Crowley sentiu sua própria faca saxônica deslizando da bainha. Olhou e viu que a menina a tinha sacado e estava cortando a corda que prendia suas mãos.

Crowley acenou em agradecimento e pegou o bastão saca-rolhas de sua outra mão. — Obrigado — disse. Girou o bastão e bateu na nuca do soldado que atacava o Hiberniano, que mantinha seu ar divertido. O soldado caiu sem sentidos.

Crowley olhou para cima e encontrou os olhos escuros do desconhecido.

— Obrigado — disse o Hiberniano, devolvendo sua faca saxônica à bainha. Ele acenou para o homem inconsciente no chão entre eles. — Eu não sabia bem o que fazer com ele.

Crowley sorriu. — Tenho certeza de que você já tinha pensado em algo — disse ele. — Mas o bastão foi conveniente.

O Hiberniano olhou para o pesado bastão. — Um saca-rolha, hein? Certamente parou nosso amigo aqui. — disse, sem sorrir. Ele viu que o outro se recuperava do soco no queixo e tentava pegar a espada caída. Estendeu a mão. — Posso?

Crowley entregou-lhe o bastão e o estranho foi até o soldado que pegara o punho da espada. Colocou o pé sobre a lâmina, esmagando junto os dedos do soldado. Quando o homem gritou, o Hiberniano bateu-lhe na cabeça com o bastão. Crowley estremeceu com o impacto enquanto o homem caía desmaiado. — Era realmente necessário? — Perguntou ele.

O Hiberniano olhou para ele. Ainda não sorria. — Não. Mas foi muito gratificante. — Ele entregou o bastão à menina. — Acho que podíamos tomar aquela cerveja agora, Glyniss — disse. Ela assentiu e foi para o porão.

Crowley estendeu a mão direita. — Obrigado pela ajuda — disse ele. — Sou um pouco afeiçoado a este nariz.

— Há muito aí, realmente, a que se afeiçoar — respondeu o estranho, ainda sério. Crowley pensou no assunto. Ele gostava de seu nariz, tão nobre em seu formato de bico de falcão. Aquilino, alguém sugerira uma vez. Em

momentos mais honestos, admitia que fosse um pouco grande. Percebeu-se vesgo a inspecionar o nariz enquanto o outro o observava com olhar firme. Recuperou a compostura e estendeu a mão.

— De qualquer forma, obrigado — disse ele. — Sou Crowley Meratyn, arqueiro do feudo de Hogarth.

O estranho apertou a mão dele. — Halt O'Ca... — Ele começou, em seguida, se corrigiu. — Halt. Meu nome é Halt. Estou viajando.

Crowley não deu sinal de perceber a hesitação. Sorriu. — Acho que você é de Hibernia, não? — Perguntou, e o estrangeiro assentiu.

— Clonmel — disse ele. — Decidi que era hora de ampliar meus horizontes. — Uma voz fraca do chão os interrompeu. — Por favor, arqueiro, essa perna está doendo terrivelmente.

Era o grandão que tinha começado toda a confusão. Recostara-se na perna de uma mesa e tentava estancar o sangue.

— Imagino que esteja — disse Crowley. Ele se ajoelhou ao lado do homem, examinando a ferida, então olhou para Halt. — Você quer reutilizar esta flecha?

— Não a haste. Pode quebrá-la. Vou reutilizar a ponta e as penas.

A maneira mais fácil de remover uma flecha era quebrar a haste perto do orifício de entrada e puxar a ponta na saída. Crowley fez isso, ignorando o choramingo do homem. Estancou o sangue com um pano molhado em água quente, que o estalajadeiro trouxera de uma chaleira. Enfaixou a perna firmemente e lavou as mãos.

— Isso deve bastar por um tempo — disse. Olhou para os dois soldados inconscientes, amarrou suas mãos atrás das costas com algemas de dedo.

Halt olhava com interesse. — Essas algemas são úteis — disse. E ajudou Crowley a encostar os dois num dos bancos.

— Eu estive pensando... — Crowley disse, enquanto trabalhavam. — Vi a maneira como você se portou. Poderia ter matado os dois, sem problema. E a beleza chorona ali também. — Apontou o soldado ferido.

Halt encolheu os ombros. — Sou novo no país — disse. — Achei que seria difícil explicar dois ou três cadáveres a seu barão. Barões podem ser muito mal humorados sobre esse tipo de coisa, como eu descobri.

— Isso é verdade. Ainda assim, saberei o que ele terá a dizer quando levar estes três de volta para ele com um relatório. — Halt levantou uma sobrancelha. — Você vai levá-los de volta a este Barão, Moga... — Ele hesitou no nome.

— Morgarath — Crowley o corrigiu. — Sim. Ele é prepotente, mas mesmo ele precisa tomar conhecimento de um relatório oficial e da queixa de

um Arqueiro do Rei.

— Bem, se você não se importa, eu poderia ajudá-lo você a manter um olho nestes três. Estou interessado em ver que tipo de homem é este Morgarath.

— Eu poderia te dizer — Crowley disse pesadamente —, mas provavelmente é melhor que você veja por si mesmo. Venha, com certeza. O Castelo de Gorlan fica a um dia e meio de viagem daqui e há algumas coisas que eu quero conversar com você.

Halt assentiu. — Vou esperar ansiosamente — disse. — E aqui está Glyniss com nossa cerveja, bem na hora.



ELES PARTIRAM NAQUELA TARDE, APÓS CROWLEY comer. Ele removera as algemas de dedo dos dois homens, amarrando firmemente os três pelas mãos para que pudessem cavalgar com mais facilidade. Prendeu os cavalos juntos e passou uma corda em torno dos homens, para o caso de que ficassem tentados a escapar.

Seu mau humor da manhã tinha passado e ele agora se sentia positivamente alegre enquanto cavalgavam. Halt olhou-o quando ele começou a assobiar uma alegre melodia.

— O que você está fazendo? — perguntou.

Crowley deu de ombros e sorriu. — Estou de bom humor — explicou.

As sobrancelhas de Halt subiram. Crowley havia notado que o Hiberniano parecia usar essa reação facial com frequência. — Então você está de bom humor. Por que você está fazendo esse som estridente?

— Estou assobiando. Uma canção alegre.

— Isso não é assobiar. É gritar. Na melhor das hipóteses, é estridente — Halt respondeu. Crowley virou-se na sela para encará-lo com alguma dignidade. — Só para constar, meu assobio tem sido amplamente elogiado no feudo de Hogarth.

— Um lugar que deve ser melancólico, se as pessoas consideram este ruído estridente um som musical.

O soldado corpulento começou a reclamar da dor. Os três soldados iam à frente de Crowley e Halt, que instigou seu cavalo para alcançar o homem. — Primeiro é o som estridente dele, agora é a sua lamentação — disse ele. — Será que estes ruídos não vão parar? Qual é o seu problema?

— Minha perna dói — lamentou o soldado.

— Claro que dói — Halt disse. — Eu transpassei essa perna com uma flecha. Você esperava que não doesse?

O soldado foi pego de surpresa por esta resposta pragmática. Crowley, ouvindo, sorriu para si mesmo. Pelo que tinha visto de Halt até agora, se o soldado esperasse simpatia estava falando com o homem completamente

errado.

— Preciso descansar — o homem reclamou. — O cavalo está sacudindo a minha perna.

— Não — Halt disse. — Você precisa se calar. Mas se você não conseguir eu dou um jeito de tirar sua atenção da perna.

O soldado olhou para ele com medo, desconfiado de que Halt não estava propondo aliviar sua dor. — O que você vai fazer? — perguntou.

— Dar uma flechada na perna boa — Halt disse. — Isso vai espalhar a dor pelo corpo.

— Você mataria um homem indefeso? — O soldado se encolhia.

Halt o encarou. — Nunca se esqueça de que você ameaçou cortar o nariz do meu amigo, que tinha as mãos atadas atrás. Não espere simpatia de mim.

O soldado abriu a boca para responder, olhou para Halt e fechou-a novamente. Convencido de que ele entendera o recado, voltou para o lado de Crowley.

O arqueiro olhou alegremente para ele. — Então, sou seu amigo, não sou? — Perguntou ele.

Halt olhou para a frente por alguns segundos antes de responder.

— Contanto que você não comece a assobiar de novo.

Acamparam naquela noite em uma pequena clareira ao lado de um córrego de água limpa e fria. Enquanto Halt desaparecia na floresta com seu arco, Crowley desatava os presos, um por vez, amarrando-lhes as mãos com as algemas de dedo. Sentou-os um ao lado do outro, encostados a uma árvore caída. Encontrou cobertores em seus alforjes e cobriu-os.

— Você não vai nos dar algo para comer? — Um deles perguntou em tom ofendido.

Crowley balançou a cabeça. — Temo que não. Uma noite sem comer não vai matá-lo.

Pôs água numa caneca e deixou-os beber o quanto quiseram. Quando ele terminou com os homens, acendeu o fogo. Ele tinha batatas em seu kit de cozinha e colocou-as para ferver. Quando a água começou a borbulhar, Halt reapareceu carregando um coelho gordo, já descascado e limpo.

— Maravilha! — Crowley disse alegremente. — Nada como um coelho fresco para tirar as dores.

O soldado que havia falado anteriormente olhou para cima esperançoso. — Podemos...

— Não — disseram Halt e Crowley juntos. Rapidamente cortaram o coelho, jogaram os pedaços na farinha com algumas ervas secas misturadas e

depois na manteiga derretida na frigideira de ferro. Quando começaram a chiar, Crowley suspirou feliz. Ele gostava de comida.

— É uma maneira muito melhor de preparar do que num espeto — comentou. — No espeto leva muito tempo para cozinhar.

Quando os pedaços de coelho estavam dourados e macios, Crowley acrescentou verduras, cobrindo-as para que murchassem rapidamente. Então ele e Halt desfrutaram sua refeição juntos, sentados um diante do outro, em silêncio sociável. De tempos em tempos, um dos prisioneiros gemia quando o delicioso cheiro de coelho frito chegava até eles. Crowley e Halt ignoravam o som.

Quando terminaram a refeição, lamberam os últimos vestígios dos dedos, enxugando-os na relva. Crowley fez café e observou enquanto Halt acrescentava grande dose de mel em seu copo.

— Isto não estraga o gosto? — Perguntou ele.

Halt olhou para ele, ponderou a questão, então, respondeu. — Não.

Crowley sorriu da resposta monossilábica. — Você não fala muito, não é?

Mais uma vez, aqueles olhos escuros se levantaram. — Eu digo o que precisa ser dito.

Crowley deu de ombros bem-humorado. — Provavelmente uma boa coisa. Tenho tendência a falar demais às vezes.

— Eu notei.

— Isso te incomoda? — Crowley perguntou. Ele sentia uma apreciação instintiva por este estranho e achava que Halt também o apreciava.

Halt encolheu os ombros. — Te impede de assobiar.

Crowley bufou de rir da resposta. Halt mantinha uma fachada séria, mas Crowley podia detectar, no fundo, uma veia de humor impassível no homem.

— Você disse que queria falar sobre uma coisa — disse Halt.

Crowley concordou, reunindo seus pensamentos antes de começar. — Parece que estamos partilhando muitas habilidades — disse ele. — E as mesmas armas. Percebi que você carrega uma faca saxônica e uma faca de arremesso como as minhas. Gostaria de saber como você as conseguiu.

Crowley, é claro, carregava suas duas facas no cinto duplo de arqueiro. As de Halt estavam em bainhas separadas, colocadas juntas no lado esquerdo do cinto. Ele olhou para elas, no lugar em que o cinturão estava estendido sobre uma rocha ao lado da fogueira.

— Meu mentor me deu — disse ele. — Ele era um Arqueiro, como você.

Crowley se surpreendeu com aquela informação. — Um Arqueiro? — disse. — Em Hibernia? Qual era o nome dele?

— Ele disse que era Pritchard. Era um homem surpreendente.

— Ele era de fato — afirmou Crowley e foi a vez de Halt o olhar surpreso.

— Você o conhecia?

Crowley concordou avidamente. — Fui aprendiz dele por cinco anos. Ele me ensinou tudo o que sei. Como você chegou a conhecê-lo?

— Ele apareceu na Du...Droghela três anos atrás. Tomou-me sob sua proteção e me ensinou movimento silencioso, técnicas de faca, rastreamento e o resto. Eu já sabia atirar, mas ele aperfeiçoou minha técnica.

Crowley notou a hesitação quando Halt mencionou o nome do lugar onde conhecera Pritchard. Mas deixou passar. — Sim. Ele era muito exigente com a técnica.

— E a prática — Halt concordou.

Crowley sorriu com a lembrança de seu antigo professor. — Ele tinha um ditado. *“Um arqueiro comum pratica até que acerte. Um Arqueiro...*

— Pratica até que nunca erre. — Halt terminou a frase e ambos sorriram. Ficaram em silêncio por alguns momentos.

— O que aconteceu com ele? — Crowley perguntou. — Ele ainda está em... Droghela, você disse?

Halt balançou a cabeça. — Ele seguiu em frente. Tive alguns contratempos por lá e precisei sair. Decidi vir para Araluen para tentar encontrar um Arqueiro, quem sabe me juntar ao corpo e completar minha formação. Pritchard mudou-se para um dos reinos ocidentais em Hibernia. Ele disse que não podia voltar aqui.

Crowley assentiu com tristeza. — É isso mesmo. Foi expulso do país sob acusações totalmente forjadas, claro. Mas, infelizmente, isso é o que está acontecendo com o corpo dos arqueiros nestes dias. Tudo mudou para pior.

— O que você quer dizer? — Halt disse. — Você parece muito bem, como os arqueiros que Pritchard mencionou.

— Fico contente de ouvir isso — respondeu Crowley. — Mas as coisas mudaram.

Ele pegou sua aljava. Notou que as caudas das flechas estavam se soltando e começou a repará-las. Halt assistia, depois vasculhou seu próprio alforje e passou-lhe um molde de penas de flechas.

— Aqui. Utilize isto. Vai facilitar seu trabalho.

— Obrigado — disse Crowley, arrancando as velhas penas do eixo. Colocou o molde de penas, que seguraria o eixo e a nova cauda no lugar até que a cola estivesse seca e começou a reparar a primeira flecha. Após um minuto ou

dois, respondeu à pergunta anterior de Halt.

— As coisas mudaram — repetiu ele. — Hoje, o Corpo de Arqueiros é pouco mais que um clube social para beber formado por nobres preguiçosos. Não há formação, não há aprendizagem. Agora você compra sua entrada. Sou um dos poucos arqueiros remanescentes devidamente treinados. E eles estão tentando me tirar.

— Por que fariam isso? — Halt perguntou.

Crowley deu de ombros. — Acho que sou um constrangimento para eles. Acabei de ir ao Castelo de Araluen apenas para ganhar um tapinha no ombro por minhas "queixas ridículas". Já aconteceu com outros antes de mim. Pritchard foi um dos primeiros. Mas, desde então, outros foram expulsos também. Há talvez uma dúzia de Arqueiros devidamente treinados no Reino estes dias e estamos muito espalhados.

— Mas por quê? Quem quereria destruir uma força tão eficaz? O Rei não pode fazer alguma coisa? Vocês são os Arqueiros do Rei, afinal de contas.

Crowley sorriu tristemente. — O Rei não sabe o que está acontecendo. E quanto a quem quereria destruir os Arqueiros, a resposta é simples. Há um grupo de barões no Conselho Real que tem o velho Rei sob sua completa influência. Ele está doente e senil e não tem ideia do que está acontecendo. Minha opinião é que eles estão planejando assumir o trono. Eles o levaram a exilar o Príncipe Duncan na costa nordeste. O Rei está impotente e eles impedirão que qualquer grupo coeso tente apoiar o príncipe Duncan quando chegar a hora de assumir o trono.

— Quem está por trás disso tudo? — Halt perguntou.

Crowley fez um gesto para os três homens amarrados a poucos metros de distância. — Você vai encontrá-lo amanhã — disse ele. — Não posso provar, mas tenho certeza de que é Morgarath.



HALT FREOU SEU CAVALO QUANDO ATINGIRAM O PICO do ultimo monte e o Castelo de Gorlan surgiu.

Ele era espetacular. Não havia outra palavra para isso. Altas e graciosas torres superadas por torres pontiagudas ascendiam para o céu. Revestidas de mármore branco, brilhavam ao sol do meio da manhã. Várias torres eram ligadas por graciosas passagens em arco, os balaústres em belo acabamento esculpido, que se repetia em varias sacadas.

De uma dúzia de pontos, longos e brilhantes estandartes coloridos flutuavam à leve brisa, alguns deles de três a quatro metros de comprimento.

Na base da colina à frente deles, inclinando-se para o castelo, um parque bem cuidado. A grama verde e as árvores decorativas bem tratadas eram intercaladas com elegantes estátuas branco-brilhante. Vias pavimentadas serpenteavam pelo parque, com bancos e mesas fincados entre os arvoredos. Pinturas de arquibancadas e justas enfeitavam a parede externa e a porta levadiça. O complexo do enorme castelo era cercado por um fosso seco. A ponte estava baixada e a porta levadiça, aberta.

— É uma coisa, não é? — Crowley disse.

— Nunca vi nada parecido — disse Halt. Era verdade. Ele já tinha visto castelos, e de fato tinha vivido em um deles parte de sua vida. Mas eram sombrios, pesados, focados na força e na invulnerabilidade e não na pura beleza, como este. Ainda assim, percebia a espessura das paredes, disfarçada pelas linhas graciosas. Gorlan seria um osso duro de roer, pensou, apesar de sua beleza quase etérea.

— Deixa até o Castelo de Araluen na sombra — Crowley continuou. — E isso não é fácil, acredite. Pena que pertença a Morgarath — acrescentou, com expressão amarga no rosto.

Halt olhou para ele, em silêncio. Faria seu próprio julgamento do Barão de Gorlan.

Não teve que esperar muito. Eles cavalgaram até o castelo, a posição de Crowley como arqueiro garantindo-lhes a permissão. Ele entregou os

prisioneiros na portaria e pediu uma audiência com o Barão. Foram conduzidos a uma pequena antecâmara, ao lado do Grande Salão em que Morgarath conduzia seus assuntos oficiais. Crowley fez uma careta. Era sua primeira vez no interior das muralhas de Gorlan e a prática de fazer negócios num grande salão de audiências cheirava a suposto comportamento real. A maioria dos barões trabalhava com suas equipes em escritórios. O vasto salão de audiências de Morgarath lembrava o do Rei no Castelo de Araluen. Ou, mais corretamente nestes dias, do Conselho Real, Crowley pensou.

Tiveram que esperar por quarenta minutos, bem pouco, concluiu o arqueiro, já que haviam chegado sem aviso prévio – e então foram conduzidos ao salão. O teto era alto, apoiado por arcos abobadados. No lado oriental do muro havia janelas de vidros multicoloridos. O sol brilhava através delas, criando padrões exóticos no interior do salão. Passaram por altas portas duplas, abertas por soldados com o mesmo brasão dos três homens na taverna. Morgarath sentava-se na outra extremidade do salão, em grnde cadeira que parecia um trono, sobre um estrado que o deixava um metro acima do piso. Crowley e Halt marcharam pelo comprimento da sala, as botas macias produzindo um som fraco no chão de pedra.

Halt parou ao pé do estrado, relaxado, enquanto estudava o barão.

Morgarath sentava-se casualmente, com a perna estendida sobre um braço da cadeira. Brincava com um punhal de lâmina larga, admirando o cabo entalhado de prata. Olhou para eles com total desinteresse. Mesmo sentado, era evidente que Morgarath era um homem excepcionalmente alto. Bonito, rosto comprido e queixo forte, não usava barba ou bigode e seu cabelo era longo e reto em cor louro claro. Sua pele era pálida e ele estava todo vestido de preto. Um pesado cordão de prata pendia em seu pescoço.

Mas sua característica mais surpreendentes eram os olhos. Halt teria esperado pálidos olhos azuis, mas estes olhos eram de um preto profundo. Olhos mortos, Halt pensou.

Morgarath colocou o punhal sobre uma pequena mesa lateral.

Movimentou o pé para cima e para baixo enquanto estudava os dois homens diante dele. Suas ásperas roupas de viajante estavam em desacordo com a elegância do salão e ele franziu a testa.

— Seu nome? — Disse a Crowley. Sua voz era profunda e ressonante. Ele não parecia falar alto, mas a voz encheu a sala. Crowley se mexeu desconfortavelmente. A desaprovação do Barão era dolorosamente óbvia.

— Crowley, senhor. Arqueiro do Rei Número Dezessete, ligado ao feudo de Hogarth.

— A forma correta de me tratar, arqueiro, é *meu lorde*. Não *senhor*.

Crowley ficou vermelho. Morgarath estava errado. Como arqueiro cumpridor do mandado do Rei, Crowley era um oficial sênior e tinha direito a se dirigir aos barões como *senhor*.

Apenas o rei ou membros da família real mereciam o título de *meu lorde* e era geralmente reservada para ocasiões formais. Morgarath parecia ter uma ideia exagerada de sua própria importância. Não havia sentido, no entanto, em discutir com o homem em seu próprio castelo.

— Desculpas, meu lorde — disse ele secamente. Morgarath sustentou seu olhar por alguns segundos, medindo-o. Virou os olhos negros para Halt.

— E você é... ? — Estava intrigado. Parecia estar equipado como um Arqueiro do Rei, um arco e duas facas. Mas havia pequenas diferenças. Sua capa era verde escuro, e não em verde e cinza, como a dos Arqueiros. E as facas estavam em duas bainhas separadas.

— Meu nome é Halt. — O sotaque Hiberniano era inconfundível.

Morgarath ergueu as sobrancelhas. — Só Halt? Nenhum segundo nome? Seus pais eram muito pobres para pagar um? Ou você não sabe quem eram eles?

Halt considerou o homem sem reagir ao insulto implícito em suas palavras. — Minhas desculpas. Meu nome completo é Halt... Arratay. — No calor do momento, surgiu o pseudônimo que usaria pelo resto da vida. Ele sorriu interiormente para a piada inerente ao nome, que Morgarath não conseguiu reconhecer. “Arratay” era uma corruptela da palavra gaulesa *arretez*, que significava “Halt”. Em outras palavras, ele disse ao sarcástico nobre que seu nome era Halt Halt.

— Sou forasteiro, da corte do Senhor Dennis O'Mara, Duque do Condado de Droghela no Reino de Clon...

Ele não foi além porque Morgarath levantou a mão, indiferente. — Perguntei seu nome, Hiberniano. Não a história da sua vida. — Halt inclinou-se ligeiramente. Morgarath voltou sua atenção para Crowley. — Agora, o que é isso tudo, Arqueiro? ouvi que você prendeu três dos meus homens?

— Isso mesmo, senhor. Eles estavam bêbados e causando perturbação em uma taverna, aterrorizando o estalajadeiro e sua garçonete.

— Aterrorizando-os? — Morgarath disse, levantando suas sobrancelhas. — Ameaçando a vida deles? Cortando partes de seus corpos com facas afiadas? Torturando-os com agulhas incandescentes?

Crowley se mexeu desconfortavelmente. — Talvez *aterrorizando* seja uma

palavra muito forte, senhor... meu lorde. Intimidando-os pode ser a melhor palavra. Eles estavam intimidando e causando perturbação. A menina estava assustada, senhor.

— Parece nada além que bom humor para mim, arqueiro.

— Pode-se ver dessa maneira, meu lorde. Mas quando eu lhes disse que parassem, um deles me ameaçou com uma faca. Amarraram minhas mãos e ameaçaram cortar meu nariz.

— Depois que você o feriu, eu acredito.

— Eu bati nele, sim. Mas em retaliação. Ele incomodava a garota e eu o empurrei para longe. Ele deu um soco em mim. Eu me esquivei e o soquei. Então seus companheiros me agarraram, ele puxou um punhal e ameaçou cortar meu nariz.

— Então, como você escapou deste perigo terrível? O que o convenceu a parar?

— Eu atirei nele — disse Halt, interrompendo. O escárnio de Morgarath estava começando a irritá-lo. O Barão agora virou seus olhos zombeteiros para Halt.

— Você atirou nele? Onde?

— Na taverna — Halt disse. O comentário espirituoso cortou o ar de desdém de Morgarath e Halt viu um repentino surto de raiva por trás daqueles olhos negros.

— Eu quis dizer — disse Morgarath, com precisão fria — em que lugar do corpo?

— Minhas desculpas. Atirei na perna dele. Ele disse que você ficaria com raiva de mim se eu o matasse.

Morgarath fitou o Hiberniano por alguns segundos. Os olhos calmos de Halt estavam firmes. Foi Morgarath que olhou para o lado, fingindo desinteresse.

— Então foi bom que você não tenha o matado. — disse ele.

— Também achei, meu lorde.

— Ainda assim, um ferimento na perna parece uma punição severa por simplesmente irritar um estalajadeiro e uma garota.

Crowley limpou a garganta e interrompeu. — Desculpe-me, meu lorde. O tratamento dos homens com o estalajadeiro e sua garçonete foi intolerável. Mas atacar um oficial do Rei é questão muito mais séria.

— Eles ofenderam sua dignidade, não foi, arqueiro? — Morgarath zombou.

Crowley balançou a cabeça. — Não é uma questão pessoal, senhor. Eles

mostraram desrespeito ao uniforme e ao Corpo e ameaçaram um oficial superior.

— E você espera que e os puna, é isso?

Crowley deu de ombros. — Achei melhor comunicar-lhe o fato, senhor. São seus homens. Caso contrário eu teria que informar ao Corpo dos Arqueiros.

As sobrancelhas de Morgarath caíram. Este era o problema, claro. Ele não tinha ideia de como este Crowley era considerado pelos superiores. Os idiotas que dirigiam o Corpo de Arqueiros eram um bando arrogante. Ainda que eles estivessem tecnicamente aliados a Morgarath e ao Conselho Real, tendiam a defender sua dignidade, se seu orgulho fosse ferido. Se sentissem que sua organização tinha sido desrespeitada, podiam retribuir. E ineficazes como eram como guerreiros, tinham muita influência. Pertenciam a algumas das famílias mais importantes do Reino e Morgarath ainda não estava em posição forte o suficiente para afastá-los. Forçou um sorriso.

— Aprecio sua descrição, Arqueiro Crowley. Como você disse, é melhor manter essas questões entre nós. Vou mandar açoitá-los.

Crowley foi surpreendido com essas palavras. — Não há necessidade disso, senhor! O rebaixamento e alguns meses de deveres desagradáveis seriam suficientes.

— Você tem um coração mole, Arqueiro. Acho que o açoite será merecido. Cinquenta chibatadas, pelo menos. Afinal, eles ofenderam o Corpo de Arqueiros e não podemos permitir. O que você acha, Halt Arratay?

Halt teve se policiar para não sorrir ao uso involuntário de Morgarath do ridículo nome. Percebeu que o barão, ao propor punição cruel, tentava minar a determinação de Crowley, num sádico jogo. Crowley era um homem decente e o pensamento de que causaria o esfolamento de três homenso enojaria. Halt, no entanto, não sentiu tal escrúpulo.

— Açoite-os da forma que quiser, meu lorde. Um bom açoite nunca fez mal a ninguém, e certamente não aos açoitadores...

Crowley olhou rapidamente para ele. Halt dirigiu-lhe um aceno de cabeça quase imperceptível. Crowley não tinha certeza do que Halt estava fazendo, mas seguiu-o.

— Como achar melhor, meu lorde — disse. Morgarath considerou os dois homens diante dele em silêncio por algum tempo. Então, coçou o queixo lentamente.

— Isso mesmo. Como eu achar melhor. Muito bem. Você pode ter certeza de que assistirei à punição e será adequada aos crimes. Isso é tudo. Saiam daqui.

Ele fez um gesto, espantando-os com uma mão lânguida, e pegou de novo o punhal. Halt e Crowley se viraram e saíram rapidamente. À medida que caminhavam, Morgarath abandonou o fingido interesse pelo punhal e seguiu-os com o olhar, sem piscar. O Arqueiro era previsível, pensou, um dos últimos de uma espécie que está desaparecendo rapidamente. O Hiberniano era diferente. Ousado, criativo e difícil de engolir.

Rodeado por paus-mandados e bajuladores, Morgarath precisava de alguns tenentes de vontade forte. O Hiberniano poderia ser uma pessoa útil para ter a seu lado.

Crowley e Halt passaram a noite no Castelo de Gorlan, comeram no salão principal com os membros superiores do castelo e os cavaleiros da Escola de Guerra, que os ignoraram. Morgarath ficou em seus aposentos.

Receberam cômodos confortáveis numa das torres. Os quartos eram grandes, arejados e bem decorados. Depois de apagar a vela, Halt ficou de olhos abertos, pensando sobre os acontecimentos do dia. Muito depois da meia-noite, ouviu uma batida leve na porta. Escorregou da cama. Suas facas estavam na mesa ao lado de seu travesseiro. Pegou a saxônica e moveu-se calmamente para a porta. Abrindo-a, encontrou um serviçal do castelo, que recuou com medo quando a luz de sua vela se refletiu na lâmina.

— Lorde Morgarath deseja falar com você — disse o serviçal nervosamente.

— Espere aqui — Halt disse a ele. Vestiu-se apressadamente, refletindo se deveria deixar as facas para trás. Mas deu de ombros e afivelou o cinto de couro pesado, recolocando a faca saxônica em sua bainha. Seguiu o serviçal a um piso inferior. Chegaram à torre central, e subiram novamente. Após quatro lances, chegaram aos aposentos privados de Morgarath. O serviçal bateu apreensivo na porta. Vagamente, ouviram a voz Morgarath.

— Entre.

O Barão estava sentado atrás de uma mesa, folheando pergaminhos. Uma vela acesa iluminava o quarto solitário. Morgarath olhou para o serviçal.

— Saia — disse e o homem correu.

O Barão apontou uma cadeira.

— Sente-se — disse. — Você me interessa, Halt.

Halt encolheu os ombros. — Não sou uma pessoa muito interessante, meu lorde.

Morgarath balançou a cabeça. — Oh, mas você é. Um homem que conhece a própria mente e não tem medo de falar. Valorizo isso. Você é cheio de recursos e, pelo que ouvi, é um lutador experiente.

Halt não disse nada.

— Eu poderia usar um homem como você.

Um leve sorriso tocou os cantos da boca Halt. — Eu não tenho certeza se gosto da ideia de ser usado, meu lorde.

Morgarath balançou a cabeça. — Uma figura de linguagem. Deixe-me colocar de outra maneira. Eu gostaria de ter você trabalhando para mim. Pago bem e, como você pode ver, as condições aqui em Gorlan são extremamente agradáveis. Muitos homens ficariam honrados em trabalhar para mim.

— Infelizmente, senhor, eu acho que não sou digno de tal honra. — Não havia nenhum sinal arrogância na voz de Halt.

— Quem não está comigo normalmente está contra mim, Halt—, disse Morgarath.

Halt reconheceu a advertência implícita nas palavras, mas não se abalou. Permaneceu em silêncio, encontrando o olhar de basilisco de Morgarath sem qualquer sinal de hesitação ou incerteza. Morgarath tentou uma última vez. — Eu prefiro tê-lo como um aliado do que como um inimigo — disse.

Halt se levantou bruscamente, empurrando a cadeira para trás com um leve arranhar.

— Essa escolha pode não ser sua — disse ele. E antes que o furioso Barão pudesse responder, Halt girou nos calcanhares e saiu da sala.



CROWLEY E HALT DEIXARAM O CASTELO NA MANHÃ SEGUINTE. Halt não fez menção ao encontro com Morgarath e cavalgaram em silêncio. Por fim, Crowley quem falou primeiro.

— Eu me pergunto o que ele vai fazer com eles.

Halt olhou de soslaio para ele. — Quem vai fazer o que com quem?

— Morgarath. Como ele vai punir os três homens armados que nós trouxemos.

Os lábios de Halt se apertaram com desdém. — Eu duvido que ele faça algo com eles. Suspeito que têm sua plena aprovação.

Crowley franziu a testa para a declaração. — Por que encorajá-los a isso?

— Ele é um tirano. Tiranos gostam de ver seus súditos com medo. Ajuda a mantê-los na linha.

Crowley assentiu com tristeza. — Suponho que você esteja certo. — Ele suspirou profundamente e Halt olhou para ele novamente. — Qual é o problema? Você é normalmente um sujeito tão alegre.

Crowley se permitiu um sorriso fraco.

— Só estava pensando no péssimo estado do Reino — disse. — Homens como Morgarath tratando seus próprios súditos tão mal, o Conselho Real tentando de todas as formas prejudicar o Rei e o Corpo de Arqueiros reduzido a um grupo de inúteis. Onde tudo isso vai parar?

— Você é um Arqueiro e não é inútil — Halt apontou. — Pode ser preguiçoso, claro. E disse que há outros como você

— Apenas uns poucos — disse ele. — Uma dúzia, no máximo. E estamos muito espalhados. O Comandante do Corpo vê isso. Vão se livrar de nós, um por um, com denúncias forjadas, como fizeram com Pritchard e os outros.

— Por que não agir primeiro? — Halt disse. — Reúna os outros e revidem. Pelo que você diz, não vão resistir muito.

— Acho que isso que Morgarath espera que façamos — disse Crowley. — Os últimos vestígios do antigo Corpo de Arqueiros totalmente destruídos.

Se nos rebelássemos, tecnicamente estaríamos nos rebelando contra o Rei.

— É um problema — Halt disse, pensativo. — Junte todos eles e serão acusados de traição, permaneçam separados e poderão tirar um de cada vez.

— Bem, não é problema seu, de qualquer maneira. Tem ideia do que vai fazer?

Halt encolheu os ombros. — Como eu disse, queria me unir aos Arqueiros. Mas isso não parece ser uma opção agora. Acho que vou para o sul e depois para o leste e atravessar para Gália.

— Bem, podemos cavalgar juntos por um tempo. A estrada para o sul é mais à frente neste caminho. Ficarei contente de ter uma companhia alegre.

— É a primeira vez que alguém diz isso sobre mim — respondeu Halt.

Eles chegaram à bifurcação quarenta minutos depois. A estrada sul ramificava-se para a esquerda, atravessando campos ondulados e terras agrícolas. A estrada para o norte, que Crowley seguiria, entrava numa grande floresta a meio quilometro de distância. Os dois homens apertaram as mãos.

— Obrigado por sua ajuda — disse Crowley.

— E minha companhia alegre — Halt acrescentou, serio.

Crowley sorriu. — Sim. Isso também. Espero que as coisas saiam bem para você.

— O mesmo para você — Halt disse e o arqueiro encolheu os ombros com alegria fingida.

— Oh, eu estarei bem, tenho certeza.

Houve uma pausa desconfortável. Os dois homens haviam desfrutado a companhia um do outro e se identificavam. Mas não tinham uma longa história de amizade para suavizar a partida. Finalmente, Halt quebrou o silêncio e virou o cavalo para o sul.

— Bem... acho que nos vemos por aí. — disse ele e Crowley levantou a mão em saudação.

— Nos vemos.

Por que dissemos que nos veríamos?, Halt se perguntava. Seu caminho descia uma longa ladeira, então subia uma encosta. Ele alcançou o pico e virou-se na sela, procurando Crowley. Mas o arqueiro já havia desaparecido na densa floresta. Halt apertou os lábios. Ele tinha a vaga sensação de que deveria ter oferecido ajuda ao Arqueiro. Sentia que estava deixando Crowley na mão. Estava prestes a incitar seu cavalo de novo quando se lembrou do molde de penas de flecha que havia emprestado a Crowley, mas o Arqueiro não o devolvera. Podia se virar sem ele, mas o processo de empenar uma flecha era bem mais demorado. Ele estalou a língua, virou o cavalo e voltou a galope atrás

de Crowley.

Nas sobras da floresta não havia sinal de Crowley. Ele bateu no cavalo com os calcanhares, pedindo mais velocidade. Os cascos eram amortecidos pela superfície macia da estrada coberta de folhas. Quando se aproximaram de uma curva, Halt ouviu fracos sons de aço sobre aço. Sentiu um aperto no estômago. Deslizou o arco do ombro e jogou para trás a ponta do manto para deixar a aljava livre.

Sessenta metros depois, viu Crowley cercado por um grupo armado. Enquanto registrava a cena, contou quatro atacantes e um quinto a poucos metros, fora da luta, encolhido de joelhos, segurando o lado. O cavalo de Crowley mancava desajeitadamente, bem distante da estrada.

Sem pensar, a mão de Halt voou para a aljava, e duas flechas partiram. Os atacantes de Crowley só sentiram outra presença quando dois homens gritaram de dor, as cotas perfuradas como pano.

Um caiu. O outro gemia. Os demais se voltaram para os companheiros. Foi um erro fatal. A faca saxônica de Crowley surgiu em sua mão e um homem recebeu um corte profundo. O outro foi jogado ao chão pelo cavalo de Halt, que arremetera a montaria.

Halt desmontou, largou o arco e sacou a faca saxônica.

Havia uma mancha de sangue na testa de Crowley.

— Você está bem? — Halt perguntou.

O Arqueiro assentiu sem fôlego. — Graças a você, sim — disse ele. Ele olhou para o homem que acabara de perfurar. Estava deitado de costas, olhos abertos, olhando para o céu. — Você o reconhece?

Halt olhou para baixo. Viu o símbolo familiar do raio na túnica do homem e olhou mais atentamente para seu rosto. Era o grandão ferido na perna na taverna. Olhou rapidamente os outros. O homem dobrado sobre os joelhos, chorando de dor também estivera na taberna, assim como o primeiro que Halt abatera.

— Morgarath tem uma estranha ideia de punição — disse.

Crowley deu-lhe um sorriso cansado. — O que devemos fazer com eles?

— Deixe-os — Halt disse brevemente. — Não adianta levá-los de volta a Morgarath. Ele, obviamente, mandou-os atrás de você. Cinco deles desta vez— acrescentou.

— Provavelmente, pensou que você ainda estaria comigo — disse.

— Percebe que Morgarath não pode se dar ao luxo de deixar você viver agora, não é? — Disse. — Provavelmente acusar você de matar soldados leais.

— Esse pensamento me ocorreu.

— Então venha comigo. Vamos para Gálica. Há sempre trabalho para bons homens de combate lá. E posso ver que você é um bom homem de combate. — Halt indicou os corpos espalhados pela estrada. Mas Crowley já estava balançando a cabeça antes de Halt terminar de falar.

— Estava pensando sobre o que você disse, sobre organizar os Arqueiros restantes. Decidi que é o que vou fazer.

— Você não está preocupado em ser declarado traidor? — Halt perguntou.

— Estou indo para nordeste encontrar o príncipe Duncan. Como herdeiro do trono, se ele me der autorização para reunir os arqueiros restantes e reformar o Corpo, não posso ser acusado de traição. E ele pode achar útil ter uma dúzia de homens altamente treinados a seu serviço.

Halt considerou as palavras de Crowley durante alguns segundos, depois assentiu. — Esse pode ser o melhor plano de ação. — disse ele. — E eu gosto da ideia de reformar o Corpo de Arqueiros. Mas uma dúzia de homens não é muito.

— Uma dúzia de Arqueiros — Crowley corrigiu-o. — E isso pode não ser muito, mas é um começo. — Fez uma pausa e acrescentou: — Seriam treze se você considerasse se juntar a nós. Tenho certeza de que o príncipe Duncan pode ser persuadido a lhe dar um lugar no Corpo.

Halt fez uma carranca. — Eu não colocaria muita confiança em príncipes — disse.

— Nesse você pode confiar. É um bom homem — Crowley disse. Mas o Hiberniano relutava.

— Todos são bons homens, até sentirem o gostinho do poder.

— Este não. Você pode confiar em Duncan, acredite em mim.

Um longo olhar entre eles.

— Se você diz...

Crowley foi enfático. — Sim. Eu digo. Você confia em mim?

Halt olhou fundo nos olhos castanhos de Crowley e nada viu além de honestidade e dedicação, nenhum sinal de fraude ou safadeza. Relembrou a sensação de estar deixando Crowley sem apoio ao cavalgar para longe.

O Arqueiro ruivo sentiu que Halt estava vacilante.

— Todos os nossos serviços de apoio continuam no lugar, nossos treinadores e criadores de cavalos e armeiros — disse ele. — Estão apenas esperando a chance de serem reativados. Em poucos anos, poderíamos construir uma força. Eu ficaria feliz em ajudá-lo a completar sua formação, nem há muito para você aprender. Já é um atirador muito melhor do que eu.

Halt não disse nada. Crowley jogou sua última carta, com um sorriso malicioso.

— E você não gostaria de uma oportunidade de remodelar o nariz magro de Morgarath?

Halt sorriu também. Um leve sorriso, mas um sorriso. Nele, equivalia a alegria desenfreada.

— Bem, isso é que é uma oferta atraente — disse, e desta vez Crowley deu uma gargalhada.

— Então você vem?

— Você diz que este Duncan é um homem confiável?

— Digo.

— Um líder que um homem ficaria orgulhoso de seguir?

— Certamente digo. Você tem a minha palavra sobre isso.

Houve uma longa pausa. Crowley percebeu que falara o suficiente e esperou Halt tomar a decisão.

Finalmente, o Hiberniano concordou lentamente.

— Então... por que não? Eu realmente nunca gostei de Gálica.

Estendeu a mão e Crowley a apertou. Um sentiu no outro um firme propósito. E o início de uma parceria longa e notável.

— Bem vindo ao Corpo — disse Crowley.

O LOBO



Nota do autor: Esta história surgiu depois de ter recebido e-mail de Laurie, leitora da Nova Zelândia. Ela apontou que a vida de trabalho prático para cavalos Arqueiros não poderia ser muito maior do que 16 ou 17 anos e queria saber o que acontecia depois disso. Eu não podia suportar a ideia de Will sem Puxão, por isso criei o programa de melhoramento engenhoso mencionado aqui.



O LOBO ERA UM DOS GRANDES.

Um macho adulto no auge da vida e provavelmente o animal dominante da matilha. Meses antes tinha ficado preso pela perna dianteira em uma armadilha de caçadores. A mandíbula de aço o prendeu firmemente, e modo que não importava o quanto lutasse e torcesse, não conseguia se libertar. Como sua liberdade era questão vital, tomou a única saída disponível. Roeu o membro quebrado até cortar a carne e os tendões restantes, deixando metade da perna na armadilha. Então, com um rastro de sangue, mancou desajeitadamente para a parte mais escura da floresta, encontrando um lugar seguro embaixo de um grade afloramento de rocha, coberta de arbustos, onde ele podia esperar a recuperação.

Ou a morte.

Atormentado pela dor e tremendo pelo choque, ele não fazia ruído algum. Seu instinto dizia que um gemido ou um choro denunciaria o animal ferido e vulnerável. Da mesma forma, não fez tentativa alguma de se juntar à matilha que liderava. Sabia que a ferida faria com que fosse expulso. Lobos normalmente são sociáveis e carinhosos com os membros do bando, mas as leis da sobrevivência do mais apto é dura: um animal ferido atrasa a todos e é incapaz de participar da caça, colocando todo o bando em perigo. Ele sabia que seria expulso, ou até mesmo morto pelos outros, se se aproximasse deles.

Então, ficou deitado silenciosamente em seu esconderijo, lambendo constantemente a ferida até parar o sangramento e se recuperar, embora soubesse que a dor da perna decepada nunca o deixaria, sem falar que a perda de velocidade e agilidade trariam outro perigo em potencial, o da fome.

Ele não podia mais caçar como estava acostumado. Tentou perseguir um pequeno cervo quando a perna parou de sangrar. Neste momento, seus flancos estavam magros e as costelas visíveis debaixo da pelagem grossa. Mas o veado fugiu dele com desprezo aparente, saltando de lado para evitar sua corrida desajeitada. Quando tentou segui-lo, foi se arrastando. E a distância foi aumentando. As manchas brancas na cauda do cervo ficaram visíveis entre as

árvores por alguns minutos, antes sumissem de vista.

Coelhos, que ele costumava caçar com facilidade, estavam além de suas habilidades agora. Sua maneira de caçar não servia mais. Ficou esperando em emboscada nos lugares a que os animais iam para beber. Ficava deitado imóvel por horas esperando que estivessem ao alcance de seu bote desajeitado. As vezes era bem sucedido, mas na maioria das vezes, não. E a cada ataque era forçado a abandonar seu esconderijo e procurar outro. Virou um andarilho, movendo-se de território para território, quase sempre forçado a satisfazer a fome com pequenos animais lentos. Nunca tinha o suficiente e a fome aumentava; quebrou a regra fundamental pela qual sempre viveu e foi até a terra habitada pelo homem.

Agora ele descobria um novo tipo de presa. Animais domésticos e pássaros criados por fazendeiros não tinham as habilidades de sobrevivência dos animais selvagens. Pegava patos, galinhas e carneiros com relativa facilidade.

Enquanto recuperava as forças, o lobo se adaptou um pouco à falta da pata dianteira. Ainda era desajeitado e lento se comparado ao passado de quatro patas, mas estava mais do que capacitado para capturar presas fáceis. Estava mais encorpado. Seu pelo cresceu grosso e pesado mais uma vez. Mas, sem saber, teria um preço a pagar por essa nova forma de caça.

Finalmente, ele arriscou um ataque à que era certamente a presa mais fácil de todas.

Pequena e desajeitada em seus movimentos, a criança encontrara aberta a porta de casa e fugira para o perigoso mundo exterior. Estava sentada, olhando com incerteza ao redor, quando o lobo a viu. Devagar, o grande predador se aproximava do pátio da fazenda, dentes à mostra. O bebê o viu e reconheceu o perigo. Qualquer animal, mesmo um tão estúpido como a galinha, tenta escapar, mas o pequeno humano simplesmente começou a chorar.

O lobo reconheceu aquele som. Era um som de desespero e vulnerabilidade. Ele rastejou para perto, barriga no chão, rosnado profundo e potente saindo da garganta.

Mas outros ouvidos estavam atentos ao choro da criança. A mãe ouviu seu filho e foi procurá-lo. E achou o lobo, enorme, preto e ameaçador, movendo-se em direção a sua vítima.

Ela gritou. O som penetrou nas orelhas do lobo, assustando-o. Ele nunca tinha ouvido esse som antes. Misturava raiva, medo e desafio em uma nota complexa. Ele olhou e viu uma figura correndo até sua presa, uma figura sobre duas pernas, que parecia muito mais alta e maior do que a outra. Na cabeça do

lobo, criaturas dominantes corriam do confronto. Vítimas corriam para fugir. Agora, um novo e desconhecido animal corria em sua direção, pronto para atacar, e ele hesitou.

A mulher não tinha arma. Mas quando viu a porta aberta e ouviu o bebê chorando, estava colocando uma grande frigideira de ferro sobre a grelha do forno. Quando saiu correndo para o quintal, ainda carregava a frigideira na mão, sem mesmo estar consciente disso. Ela a jogou no vulto preto que se aproximava de seu filho.

A panela rodou pelo ar, acertou o lobo no lado esquerdo do quadril e caiu com um ruído surdo no chão duro. O lobo uivou brevemente de dor, virou-se e correu mancando de volta para a floresta que contornava a fazenda.

A mulher pegou a criança chorando, enquanto o marido aparecia correndo do campo que estivera arando. Ele tinha ouvido o grito dela e temeu o pior. O alívio o invadiu ao ver que o filho e a esposa estavam bem. Ela correu para ele quando o viu saltar o muro para o quintal. Ele reuniu os dois sob seus braços.

— Um lobo — Ela disse. — Um enorme. Ele quase pegou o Tom. — Ela estava atormentada pelos pensamentos do que podia ter acontecido e abrigou o rosto no peito dele. Pensativo, balançando a cabeça, passou a ela o conforto possível. Alguma coisa vinha pegando seus animais nos últimos dias. Agora ele sabia o que era. Uma raposa ou uma doninha ele podia controlar. Até mesmo um lince. Mas um lobo era outra história. E se esse estava atacando humanos, devia ser um renegado.

— Vou chamar um Arqueiro — ele disse.

Will gostava de lobos de um modo geral. Eram corajosos e leais à matilha e normalmente não causavam problemas para humanos. Mas se, como o fazendeiro presumia, este fosse um renegado, devia ser tratado como tal.

Por acaso, Will, em uma de suas patrulhas regulares, estava a menos de uma hora de distância da fazenda dos Complepes. O fazendeiro o achou perto de um vilarejo e o levou para estudar a cena do ataque. Will examinou as marcas na fazenda. Estavam relativamente frescas e fáceis de seguir, mas franziu a testa ao perceber nelas uma irregularidade.

— Você disse que ele correu desajeitadamente? — ele perguntou a mulher.

Ela deu de ombros. — Eu estava mais concentrada em olhar o Tom, mas sim, ele parecia um pouco torto.

Will coçou o queixo quando olhou para as pegadas mais uma vez, desenhando as ciosamente com uma vara.

— Nunca vi lobos aqui em vinte anos ou mais — O fazendeiro disse. — Normalmente eles mantêm distância.

— Bem, essa pode ser a razão pela qual ele veio para cá —disse, tocando a vara em uma das marcas mais fracas. — Ele parece estar aleijado, perdeu uma perna. — Olhou para a mulher novamente. — O que ele estava fazendo quando você o viu pela primeira vez?

— Ele estava rastejando e rosnando — ela disse, e seus olhos se arregalaram lembrando o horror do momento. — Ele jogou a cabeça para trás e uivou. Seus dentes eram brancos e espumava pela boca. Ele veio até Tom como um relâmpago...

Will a interrompeu com uma mão levantada. — Mas você não disse que ele estava mancando?

Ela hesitou, parecia confusa. — Bem, talvez ele estivesse... mas ele estava mancando rápido. Muito rápido. E rosnando e uivando e rasgando o chão com as garras.

— Hmm. — Will considerou atenciosamente. Ele não acreditava que ela mentisse conscientemente, mas não estava convencido de que a história fosse precisa. Ele sabia que o instinto protetor de mãe teria sido despertado no momento em que viu a ameaça ao filho. E seu instinto teria aumentado a ameaça umas dez vezes. O lobo podia estar deitado no chão, abanando o rabo e pedindo carinho na barriga que ela o teria visto rosnando e babando.

A mulher percebeu sua dúvida. — Estou contando a verdade, Arqueiro.

Seu marido ficou a seu lado. — Minha Agnes não mente. Ela é uma mulher honesta — Ele disse severamente.

Will acenou com a cabeça educadamente. — Eu tenho certeza disso. Me desculpe se eu a ofendi, Senhora Complepe — ele disse. — Eu certamente não quis fazer nenhum insulto.

Ela acenou com a cabeça, parecendo amolecida por seu pedido de desculpas. Simples fazendeiros nunca esperariam pedidos de desculpas de figuras importantes como Arqueiros. — Nenhuma ofensa foi feita, eu tenho certeza —, disse ela, ensaiando uma reverência em sua direção.

Ele olhou para onde o sol estava se pondo ao redor da fazenda. — Bem, não tem muita coisa que eu possa fazer esta noite. Vou achar um lugar para acampar e começo a rastreá-lo amanhã de manhã.

Ele se moveu em direção a Puxão.

Agnes Complepe colocou as mãos no rosto com preocupação. — Você não vai se arriscar a acampar aí fora com esse lobo à solta, vai?

Will sorriu para ela. — Tenho certeza de que estarei suficientemente

seguro. Meu feroz cavalo vai cuidar de mim — ele disse. Se sua história fosse exata a metade, havia uma grande diferença entre atacar um bebê indefeso e um Arqueiro armado.

— Você é bem-vindo para passar a noite conosco, Arqueiro — O marido disse. Ele indicou a pequena fazenda. Will hesitou. Com três adultos e um bebê, aquilo estaria lotado. E ele suspeitou que os Complepes provavelmente preparariam um dos mais caros animais que tinham como refeição. Ficaria apertado e abafado e ele preferia passar uma noite ao ar livre, com Puxão de companhia. Agnes sentiu sua relutância.

— Pelo menos podemos lhe dar uma refeição — ela disse. — Tenho um ensopado de cordeiro fervendo no fogo. E pão fresco.

— Minha Agnes é a melhor cozinheira da região — o fazendeiro disse.

Will sorriu e a expressão de seu rosto mudou. — Bem, essa é uma oferta que eu estou tentado a aceitar — disse. — Não posso recusar um ensopado de cordeiro da melhor cozinheira da região.

Puxão sacudiu a cabeça e abaixou a crista.

Você nunca recusa um ensopado de cordeiro de ninguém.



WILL ACORDOU COM A PRIMEIRA LUZ DA MANHÃ. FEZ UM RÁPIDO CAFÉ DA MANHÃ com café, torradas e mel selvagem. A noite estivera clara, então ele nem se preocupara em montar barraca. Dormiu no saco de lona que fazia parte do novo equipamento dos Arqueiros. Impermeável do lado de fora, por dentro tinha um colchão de lã fino mas confortável e um cobertor. Era muito superior ao antigo sistema, com cobertor estendido no chão. Para o caso de chuva, tinha capuz à prova de água que podia ser erguido para manter o ocupante seco.

Puxão o olhou com curiosidade enquanto desmontava o acampamento.

Então, vamos caçar o lobo esta manhã?

— Não imediatamente — Will disse enquanto amarrava o saco de dormir atrás da sela de Puxão. — Quero fazer umas perguntas em outras fazendas primeiro.

Havia a chance de que o ataque à fazenda dos Complepes fosse uma anormalidade, pensou. depois de visitar as outras fazendas da área, soube que não era o caso. Dois fazendeiros reportaram perda de estoque nas semanas anteriores. Um pensou ter visto um cachorro grande na área. O terceiro fazendeiro não notara perda alguma, mas sua fazenda era mais afastada para leste.

— Talvez o lobo não tenha alcançado essa distância ainda — Will disse a Puxão.

O cavalo balançou a crina. Isso deve ter sido um encolher de ombros na linguagem corporal dos cavalos, pensou Will.

No início da tarde, ele refez os passos para a fazenda dos Complepes e estava seguindo o rastro do lobo.

Eles eram bem óbvios nos primeiros cem metros. Mas então, o pânico havia terminado e o lobo recuperou sua astúcia, voltando a suas maneiras naturais. Sem perna ou não, era um oponente inteligente e cheio de recursos. Recuara varias vezes e seguia por caminhos difíceis, onde ficavam pequenos rastros de sua passagem. Mas Will era um rastreador habilidoso, como todos os Arqueiros, e rapidamente descobriu uma direção básica nos movimentos do

lobo; quando perdia a trilha, podia agora seguir a direção geral enquanto procurava novos rastros.

— Eu gostaria de não ter que fazer isso — disse quando desceu da sela pela décima vez para estudar o solo adiante.

Pouco tempo antes, o lobo se desviara para a direita, por uma formação rochosa. Will continuou seguindo a direção original com pequeno desvio para a direita. Halt levantaria a sobrancelha por ter ele tomado um atalho, confiando na sorte de cruzar de novo com o lobo na trilha. O normal seria seguir em frente devagar, avançando num arco crescente até avistar sinais da pista do lobo. Mas agora Will tinha certeza da direção que o lobo seguia e achou que teria sorte.

— Provavelmente ele tem uma toca em algum lugar por aqui — ele disse a Puxão. O cavalo não disse nada. Puxão sabia que ele estava pegando um atalho e queria que Will soubesse que ele sabia.

— Você é tão ruim quanto Halt — disse Will, então emitiu um som baixo de triunfo quando reencontrou os sinais de pegadas na terra à frente deles. Então outro.

— Eu te disse — resmungou. Puxão continuou em silêncio. Alguns metros adiante, viram um tufo de pelo preto preso numa videira espinhosa e Will sabia que estava no caminho certo mais uma vez.

De fato, o lobo tinha uma toca na área. Ficava numa pequena colina rochosa que comandava a visão da paisagem em volta. Uma plataforma de pedra se projetava e fornecia proteção para o buraco que o lobo usava como base. Ele havia retornado no dia anterior e passado a noite. Então, no início da manhã, seu estomago roncava de fome, e ele saiu para vasculhar a área em busca de comida.

Na verdade, não demorou muito até saber da presença de dois desconhecidos. Sentiu o perigo e o instinto lhe dizia para não deixar que descobrissem sua casa.

Movendo-se com cuidado apesar de manco, fez um arco que o deixou atrás das duas criaturas. Notou o rumo que seguiam e confirmou que estavam indo em direção a sua casa. Refez seus passos. Havia um bosque profundo adiante deles que lhe daria cobertura. Poderia armar uma emboscada lá.

Ele se moveu pelo bosque, a barriga quase no chão e se contorceu até a trilha por onde viriam as duas criaturas. O vento estava atrás deles e logo ele captou seu cheiro. Era um cheiro que ele só havia experimentado recentemente, o de humanos. Satisfeito porque eles não podiam farejá-lo, ficou imóvel, e seus olhos cor de âmbar nem piscaram quando eles aparecera em seu campo de

visão.

Por um momento, seus olhos se estreitaram. Sentia dois cheiros diferentes, mas só podia ver um intruso. Era grande e andava sobre quatro patas. Ele vira uma pequena criatura perto dele mais cedo, quando notara sinais deles a distância. Podia cheirar a segunda presença, mas não podia vê-la.

A criatura de quatro pernas parou e o lobo emitiu um quase imperceptível grunhido de surpresa quando percebeu que a pequena criatura estava em cima da maior. Conforme observava, ele desceu e, avançando alguns passos, inclinou-se estudando o chão. O animal maior o seguiu, alguns passos atrás.

O animal maior representava perigo maior, o lobo decidiu. Ele se abaixou mais no chão, escondido pelos arbustos e as sombras.

O menor estava fazendo ruídos agora. Uma coisa estranha para fazer quando se está seguindo um inimigo perigoso, o lobo pensou. E definitivamente eles eram seus inimigos e decididamente perigosos.

— Aqui vamos nós de novo, Puxão — Will disse, riscando a impressão de uma pata canina na terra. — Continua seguindo para noroeste.

Puxão emitiu um ronco baixo. Levantou a cabeça e farejou o ar, tentando discernir os cheiros que podiam explicar o forte senso de perigo que estava sentindo. Ele não gostava daquela situação. Não gostava quando Will seguia a pé na frente quando talvez houvesse perigo adiante. Ele nunca gostou disso. Puxão queria Will seguro em sua sela, onde a velocidade e agilidade de Puxão o protegeriam de um ataque surpresa.

— Você está com um ar de preocupação — Will disse a ele. Ele ouvira os sons de Puxão e sabia exatamente o que seu cavalo estava pensando. — Apenas se acalme. Estou seguro o bastante. Essa trilha é de meio dia atrás. O lobo está longe de nós.

A trilha era antiga. Mas Will não tinha como saber que o lobo saíra da toca de novo, descobrindo que eles se aproximavam e tinha agora a intenção de proteger seu território.

Os músculos tensos do lobo tremiam de expectativa, então ele se acalmou e ficou imóvel novamente, seus olhos não piscavam, presos nas duas figuras. O animal menor estava quase nivelado com ele agora. Ele sabia que se o atacasse o maior correria para defendê-lo. Melhor tomar conta do grande primeiro.

A figura abaixada se moveu, passando pelo esconderijo, e seu companheiro de pernas longas avançou junto, até quase estar ao nível em que o lobo estava escondido. Apesar de tentar se controlar, outro tremor de expectativa percorreu o corpo do lobo.

Puxão olhou para cima de repente. Ouviu alguma coisa. Ou sentiu alguma coisa. Ele não tinha certeza. Mas tinha alguma coisa perto. Algo ruim. Ele roncou um aviso de novo.

Will olhou para ele e sorriu. — O que é agora? — ele perguntou. — Não pode ser o nosso amigo lobo. Ele definitivamente está adiante daqui. — Ele apontou a direção em que o lobo tinha seguido e foi em frente.

Orelhas em pé e sentidos gritando um aviso, Puxão seguiu, pisando nervosamente.

Uma gralha azul disparou de um arbusto baixo com um bater de asas. Ambos, Will e Puxão se mexeram nervosamente. Então Will riu do velho companheiro.

— Feliz agora? Não era nada além de uma grande gralha azul. — ele disse.

Puxão balançou a crina nervosamente. Ele tinha certeza de que havia algo...

O lobo atacou. Puxão tomou consciência, de repente, de um violento movimento atrás de uma moita. Virou nos cascos traseiros para enfrentar o perigo.

Mas o lobo, agora livre dos arbustos, prontamente saltou em sua garganta, com os dentes arreganhados.

Percebendo o perigo, Puxão inverteu seu giro desajeitadamente, afastando-se dos dentes cortantes.

O lobo bateu em seu lado direito, surpreendendo-o por um segundo, e Puxão sentiu os dentes rasgando-o abaixo do ombro, entrando profundamente em seus músculos e provocando uma cascata de sangue quente em sua pata dianteira. O lobo pendurou-se, seus dentes rasgando e dilacerando mais e mais profundamente os músculos conforme sacudia a cabeça selvagemente.

Puxão relinchou. Quando suas patas dianteiras voltaram à terra, tentou levantar os cascos traseiros para chutar o atacante. Mas a pata dianteira direita estava muito ferida, músculos e tendões torcidos e dilacerados e ele falhou.

Cambaleou para longe, tropeçando como se não aguentasse o peso. Finalmente o lobo reduziu a pressão terrível das presas. Atingiu o chão, rolou e se abaixou diante de Puxão, dentes à mostra para outro ataque.

A flecha de Will acertou-o de lado com toda a força do arco de oitenta quilos de tração, de uma distancia menor que quatro metros. A flecha rasgou o corpo do lobo, dilacerando órgãos, rompendo rios de sangue e destruindo seu coração no caminho, matando-a besta instantaneamente. Ele caiu no chão, olhos vidrados e sem vida, com nove centímetros de flecha saindo pelo outro

lado.

— Puxão! — O grito de Will foi quase um choro. Primeiro, ele pensou que Puxão tinha escapado do ataque do lobo. Agora via a carne rasgada no ombro de seu cavalo, o reluzente branco de ossos e tendões expostos e o sangue brilhante fluindo da pata dianteira direita de Puxão. Will jogou o arco de lado e correu para seu cavalo, lágrimas escorrendo do olhos.

Ele jogou abraçou o pescoço de Puxão e com a mão esquerda tocou a terrível ferida. Puxão equilibrava-se em três patas, evitando peso no membro ferido. Relinchou de surpresa quando o choque passou e sentiu o primeiro latejar de dor.

— Oh Deus, Puxão! Oh Deus! — Will ficou momentaneamente impotente diante da visão de seu cavalo ferido. Em todos aqueles anos juntos, ele nunca tinha visto Puxão tão machucado.

Agora, diante desse terrível talho pulsando em vermelho, sua mente congelou, recusando-se a pensar no que fazer em seguida.

Então seu treinamento venceu. Ele tinha um estojo médico no alforje. Bateu gentilmente no pescoço de Puxão, alcançou o alforje.

— Firme, garoto. Firme. Fique calmo. Você vai ficar bem.

Will abriu o estojo médico e o estudou por alguns segundos. Precisava de bandagem para estancar o sangue e de outra bandagem de maior pressão para segurar no lugar. Achou ambos os itens e os deixou prontos. Antes de colocar a bandagem, tinha que limpar o ferimento. Pegou um pedaço de pano e um pequeno frasco de pomada que limparia a ferida e entorpeceria a dor.

Will não gostava de lidar com medicamentos; esse era derivado de ervas e o cheiro lembrava um episódio desagradável de muitos anos antes. Mas ele sabia que era um tratamento altamente efetivo para qualquer ferida. Também pegou o cantil na sela e o destampou, derramando grande quantidade de água na ferida. O sangue continuava a fluir conforme a água o levava, a cor diluía, rosa primeiro, vermelho vivo de novo. Secou a ferida com linho, tentando ser o mais gentil possível, mas sabia que precisava empregar certa firmeza. Puxão recuou uma vez, depois continuou parado.

— Bom garoto. É isso. Você vai ficar bem — Will murmurou. Seus olhos se estreitaram.

Quando limpou o sangue pôde ver o quão fundo os dentes do lobo dilaceraram a carne de Puxão. Não era uma ferida superficial, percebeu. Ele talvez pudesse fazer os primeiros socorros, mas Puxão precisaria de ajuda além de suas habilidades.

Ele afastou os pensamentos negativos, passou boa quantidade do creme

analgésico na ferida. Puxão tremeu um pouco, mas não fez reclamação. Logo as propriedades analgésicas do creme faziam efeito. Cobriu a ferida com a bandagem e prendeu bem. A bandagem lentamente ia ficando vermelha de sangue. Mas então a mistura coagulante na pomada começou a fazer efeito e o fluxo de sangue diminuiu.

Will deu alguns passos para trás e analisou seu trabalho. Então seus olhos ficaram marejados de lágrimas novamente e ele abraçou seu cavalo cuidadosamente, apoiando a cabeça no pelo desgrenhado e áspero.

— Oh Deus, Puxão, fique bom, por favor.

Puxão se deslocou desajeitadamente. A dor no ombro direito diminuiu muito com a aplicação da pomada. Mas quando tentava colocar peso na pata, ela voltava.

— Tenho que te levar à fazenda mais próxima — Will disse, pensando desesperadamente. Seria uma longa caminhada, com Puxão mancando em três patas, mas Will já sabia que precisaria da ajuda de um especialista e não podia deixar Puxão sozinho nessa floresta. Pegou as rédeas de Puxão e começou a liderar o caminho de volta para a segunda fazenda que visitara mais cedo. Era o local mais próximo e ele se lembrou do grande celeiro no qual Puxão poderia descansar enquanto Will buscava ajuda.

Com alguma sorte, o fazendeiro talvez tivesse um cavalo para emprestar. O pensamento o entristeceu. Muitas vezes tinha ido buscar ajuda. Mas sempre fazia isso com Puxão. Agora teria que deixar seu pequeno cavalo para trás, enquanto montava um cavalo estranho para trazer a ajuda especializada de que Puxão precisava.

Essa compreensão só serviu para aumentar seus medos, Puxão mancando atrás dele.



— É UMA GRANDE FERIDA, JOVEM WILL, NÃO SE ENGANE.

O velho Bob estava agachado ao lado de Puxão, estudando a profunda ferida no ombro. Tinha demorado um dia e meio para buscar o velho criador de cavalos. Seu coração estava partido quando montou um cavalo emprestado, deixando Puxão aos cuidados do fazendeiro.

O alívio chegou quando voltaram, e pela porta aberta do celeiro viu Puxão de pé sob uma tenda, orelhas levantadas, relinchando uma saudação para ele. Talvez desse tudo certo, ele pensou. Afinal, diziam que o velho era praticamente um feiticeiro quando se tratava de cavalos.

Agora, no entanto, o velho Bob estava de pé, balançando a cabeça, em dúvida. — É uma grande ferida, jovem Will, não se engane.

O coração de Will afundou. Sentiu um caroço enorme se formando em sua garganta.

— Ele não vai...? — Não conseguia terminar a pergunta.

Bob olhou para ele, balançando a cabeça quando entendeu o que Will estava tentando perguntar.

— Morrer? Não. A pomada fez um bom trabalho, impedindo a infecção. Você agiu bem. A questão é, será que ele se recupera completamente? Aquele músculo do ombro está muito danificado e ele não é mais um cavalo jovem.

— Mas... o que vou fazer se ele não... ? — Novamente, era um pensamento que Will não pôde terminar.

O Velho Bob bateu em seu braço gentilmente. Ele sabia muito bem do vínculo que se formava entre um Arqueiro e seu cavalo. Lembrou-se do primeiro dia que Will e Puxão tinham se conhecido e o relacionamento quase instantâneo que tinham desenvolvido.

— Não vamos nos preocupar com isso antes do necessário — disse ele. — Eu realmente não posso dizer aqui. Precisamos levá-lo de volta para os estábulos, onde posso trabalhar com ele. Ajude a levá-lo para a carroça.

Bob tinha uma carroça especialmente concebida para o transporte de cavalos feridos.

Tinha altos lados e uma rampa na parte de trás. Will levou Puxe até a rampa, indo devagar enquanto o pequeno cavalo pulava em sua única pata dianteira boa até a madeira inclinada. Quando ele estava na carroça, eles passaram uma tipoia de lona sob sua barriga. A tipoia então foi amarrada aos lados altos da carroça e tencionaram enquanto apoiava a maior parte do peso do Puxão, aliviando-a tensão seus pernas ilesas. Enquanto tomava seu lugar ao lado de Bob no banco da carroça, Will sentiu uma cutucada familiar contra a parte de trás do seu ombro, enquanto Puxão intrometia-se afetuosamente. Will o alcançou e acariciou o focinho do cavalo no momento em que Bob estalou a língua para o cavalo corpulento da carroça e eles balançaram para frente.

— Há quanto tempo você e Puxão estão juntos? — Bob perguntou.

Will pensou por um momento. — Deve ter uns quinze anos — disse Will, sorrindo para si mesmo enquanto repassava na mente o longo período que passaram juntos. Eles tinham visto tanto, pensou, desde as montanhas de Picta ao ermo deserto ardente de Arridi...

— Hmm — Bob disse, pensativo, e Will olhou para ele, preocupado com o tom do velho criador de cavalos.

— O quê? O que é?

Mas Bob balançou a cabeça, sem vontade no momento de dizer algo mais sobre o assunto. — Nada — disse ele. — Apenas perguntando.

Mas Will sentia que havia algo atrás da pergunta, e não tinha certeza se ia gostar.

De volta à fazenda de Bob, eles ajudaram Puxão a descer cuidadosamente da carroça e o levaram, mancando em três pernas, a uma tenda quente e seca no celeiro. Lá, Bob gentilmente removeu o curativo, cantando desculpas enquanto o fazia, e tomando cuidado para evitar que o pequeno cavalo sentisse dor desnecessária.

Will observou na agonia da incerteza. Nada havia que ele pudesse fazer para ajudar Bob, nada que pudesse fazer para diminuir a dor de Puxão. Obrigou-se a ficar em silêncio, embora a tentação fosse questionar o velho e mirrado tratador de cavalo a cada mudança de expressão ou comentário murmurado. Agora que o sangramento forte havia parado, podia ver como as presas do lobo tinham penetrado profundamente na carne de Puxão. Houve o som de um pano se rasgando. Bob torcia a boca, enquanto examinava e avaliava.

— Tenho que suturar isso. — disse. — Mas precisamos limpar a ferida completamente primeiro. Não quero que fique alguma infecção lá dentro.

Ele começou a aplicar pomadas e unguentos na carne crua, enxugando

delicadamente, falando com o cavalo neste meio tempo. De tempos em tempos, Puxão tremia, e imediatamente as mãos suaves paravam o que estavam fazendo e acalmavam o pequeno cavalo, acariciando seu nariz e pescoço. O Velho Bob olhou em volta e viu a expressão do rosto de Will.

— Não há nada que você pode fazer aqui no momento, jovem Will — disse ele. — Por que você não vai para a minha cabana e prepara alguma coisa para a ceia? Eu estarei por aqui mais uns quinze minutos e então você poderá voltar e ver Puxão.

— Eu prefiro ficar — disse Will sem jeito, e Bob assentiu, sorrindo para ele.

— Eu sei que você prefere. Mas com todo o respeito, você está me distraindo. Toda vez que Puxão faz um som ou estremece, você chega para a frente. Só me deixe fazer o meu trabalho e torne-se útil aprontando a ceia. Tudo bem?

Will hesitou. Ele estava relutante em deixar Puxão, mas o pensamento de que estaria distraindo Bob, que poderia levá-lo a cometer um erro, resolveu a questão. Ele balançou a cabeça e afastou-se, dando antes um tapinha no focinho Puxão.

— Eu não vou estar longe — disse ele.

Puxão bufou. Sua reação normal teria sido a abanar a cabeça e a juba violentamente. Mas tal movimento teria causado dor em sua ferida.

Eu sei. Agora vamos deixar Bob continuar com o trabalho... largue esse ar de preocupação.

Era a expressão que Will usara com Puxão. O Arqueiro jovem sorriu, vendo que agora era aplicada a si mesmo.

— Eu voltarei — disse, e saiu do celeiro. Quando alcançou as grandes portas duplas, ouviu Bob dizer suavemente: — Pensei que ele nunca sairia.

Puxão respondeu com outro grunhido.



NO INÍCIO DA MANHÃ SEGUINTE, ENCONTROU BOB NO CELEIRO, onde ele dormia no feno ao lado de seu cavalo. Bob tinha ouvido no meio da noite Will levantar e deixar a cabana e imaginou aonde ele fora.

Sabendo que Will queria desesperadamente cuidar de seu cavalo, Bob lhe permitiu verificar qualquer sinal de inflamação ou infecção na ferida. Felizmente não havia nenhum.

Em seguida, supervisionou o Arqueiro enquanto ele colocava um curativo novo. O retalho de pele rasgada tinha sido cuidadosamente costurado de volta no lugar e agora havia apenas um ligeiro fluxo de sangue a ser estancado.

Quando isso foi feito, deixou cair a mão no ombro de Will.

— Venha agora — disse ele. — Café da manhã e depois vamos conversar.

Sentaram-se do lado de fora da cozinha de Bob à luz do sol da manhã. Mas o sol não fez com que o ânimo de Will melhorasse. Ele tomou um gole de café sem o habitual prazer e melancolicamente partiu pedaços de pão doce num prato.

— Não vou mentir para você, rapaz — disse Bob. — Puxão está ferido. É uma ferida terrível. É muito pior do que uma mordida simples. O lobo, quando mordeu, sacudiu a cabeça, puxou com todo o peso do corpo e cortou profundamente músculos e tendões.

— Mas ele vai se recuperar? — Will perguntou e seu coração afundou quando o treinador hesitou, o olhar correndo para longe.

— Eu espero que sim. Mas não saberemos ates de quatro ou cinco dias, no mínimo. — Viu o medo nos olhos do jovem e apressou-se a lhe dar um pouco de tranquilidade.

— Ele não vai morrer, Will. Ele vai se recuperar. Mas a perna nunca poderá ser curada adequadamente. Eu apenas não sei. Eu vou fazer tudo o que puder por ele, é um cavalo forte e saudável.

— Então, nós apenas temos que sentar e esperar? — Disse Will.

Mas Bob já estava balançando cabeça antes que Will terminasse a frase.

— *Eu* tenho que sentar e esperar. Você tem trabalho a fazer no Redmont.

— Bob olhou para o jovem astutamente. Na verdade, ele não fazia ideia se Will teria algum trabalho urgente em Redmont. A probabilidade era alta de que teria, já que os Arqueiros eram constantemente chamados. Mas ele sabia que a pior coisa para Will seria ficar sentado pensando nos próximos quatro ou cinco dias. Seria melhor levá-lo de volta ao trabalho, para sua mente não ficar diante da situação presente.

— Eu não tenho um cavalo. O que posso fazer sem um cavalo? — Will olhou para suas mãos sobre a mesa. Ele tinha um monte de trabalho urgente à espera em Redmont. Mas é o Puxão! Ele olhou para Bob.

Bob sorriu tranquilizador. — Eu vou te emprestar um cavalo. Eu tenho muitos cavalos de Arqueiros aposentados aqui. Não tão ágil como Puxão, talvez, mas bom o suficiente para alguns dias.

Ele viu Will vacilar e reforçou seu argumento. — Will, não há nada que você possa fazer aqui. Você ficará sentado olhando Puxão e se preocupando com ele. E ele vai saber que você está preocupado e isso vai afetá-lo. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Pode retardar a cura.

Fez-se o truque. O pensamento de provocar efeito adverso na convalescença de seu cavalo foi suficiente para Will. Ele tomou uma decisão.

— Vou arrumar meu equipamento. Preciso de um cavalo, tem um pronto?

Bob inclinou-se sobre a mesa e apertou o braço de rapaz.

— Bom garoto. E imagino que você queira dizer adeus a Puxão.

Custou enorme esforço deixar Puxão no celeiro. Will ficou acariciando-o por alguns minutos, falando suavemente com ele. Bob manteve-se distante, dando-lhes privacidade. Então, finalmente, sentindo que Will não sabia como se afastar, tossiu para atrair sua atenção.

— Hora de ir, Will. Cormac está pronto e esperando por você.

Will abraçou Puxão uma última vez, tocando suavemente a ferida enfaixada com o dedo indicador.

— Estarei de volta em cinco dias — disse ele. Puxão balançou a cabeça, numa ação suave.

Eu não vou a lugar nenhum.

Os olhos de Will se encheram de lágrimas e Puxão o cutucou com a cabeça.

Isso foi uma piada.

Will cobriu os olhos com a mão, virou-se rapidamente e saiu do celeiro para o sol brilhante.

Cormac era castanho, juba e cauda de cor clara. Um pouco mais alto do que Puxão, mas com a mesma pelagem felpuda e aspecto muscular sólido dos cavalos que os Arqueiros compartilhavam. O Velho Bob tinha colocado a sela e a rédea de Will nele e amarrado o equipamento de acampar do Arqueiro na parte de trás da sela.

Will calculou que esse cavalo seria alguns anos mais velho do que Puxão. Mas parecia em forma e cheio de energia e era vagamente familiar. Tinha a sensação de tê-lo visto antes em algum lugar.

— Will, este é Cormac. Cormac, este é Will — disse o Velho Bob, e entregou as rédeas a Will. Ele bateu no pescoço de Cormac carinhosamente. — Ele é um bom cavalo. Vai atendê-lo bem por alguns dias. Talvez não seja tão rápido como era há cinco anos, mas ainda pode correr o dia todo para você e no dia seguinte também.

— É a sua maneira de treiná-los, Bob — disse Will, tentando sorrir.

Bob percebeu e deu um tapa no ombro dele. — Esse é o espírito, Will! Bem, temos que ir. Tenho certeza de que você tem trabalho importante a fazer. E não tenha medo, vou cuidar bem de Puxão.

Will assentiu em agradecimento e foi colocar o pé no estribo. Então, ele hesitou.

— Preciso da frase de permissão? — Perguntou.

Bob riu. — Não. Eu disse a você, Cormac está aposentado. Uma vez aposentado, não precisam mais de pedido de permissão.

Will virou-se na sela, um pouco desconfiado. Sentou-se por um segundo ou dois, esperando para ver se Cormac reagiria.

Mas o cavalo simplesmente virou a cabeça e olhou curiosamente para ele.

Bob soltou uma gargalhada.

— Não confia em mim, né? Eu disse a você. Ele está aposentado. Agora vá!

Will tocou os calcanhares levemente dos lados de Cormac e o cavalo respondeu imediatamente, afastando-se a trote. Seu andar era um pouco diferente de Puxão, mas era suave e uniforme. Ele estava excitado ao trotar, como se se sentisse feliz de estar de volta ao trabalho.

— Vejo você em cinco dias — disse por cima do ombro.

Bob fez um gesto em reconhecimento, então assentiu com aprovação para ele. Will compeliu Cormac em um galope suave e fácil.

A cauda do cavalo subia enquanto ele corria.

Isso é divertido.

— Fico feliz que você pense assim... — começou, e depois parou,

surpreso por estar falando com sua montaria temporária. Talvez todos os cavalos dos Arqueiros respondessem desta forma.



OS CINCO DIAS SEGUINTE PASSARAM NUM BORRÃO. SE TIVESSEM PEDIDO a ele para contar o que aconteceu ou o que tinha feito, Will não saberia responder.

Halt e Lady Pauline estavam fora de Redmont, atendendo a problema diplomático em um dos castelos subordinados ao feudo. O prefeito de uma das maiores cidades da Celtica tinha fugido com o tesouro da cidade e estava reivindicando imunidade diplomática ao feudo Redmont. O Rei Celta tinha enviado soldados atrás dele para trazê-lo de volta. Isso era compreensível e embora o Barão Arald não tivesse a intenção de proteger o ladrão, a ação do Rei Celta era tecnicamente uma violação do tratado entre Araluen e Celtica. Nenhum país tinha o direito de enviar tropas armadas além da fronteira. O Barão Arald tinha enviado Halt para escoltar o meliante de volta a Celtica e Lady Pauline para garantir que as tropas celtas não colocassem as mãos no criminoso até que ele estivesse de volta a sua jurisdição.

Halt poderia tê-los convencido, é claro, mas seus métodos eram um pouco mais diretos que os de Pauline, e Arald esperava evitar o acúmulo de um incidente diplomático sobre do outro.

Com Lady Pauline tão ocupada, coube a Alyss participar da reunião bianual do Serviço Diplomático no Castelo Araluen. Will encontrou uma nota em relação a isso sobre a mesa da pequena cabana na floresta.

Mas se Will pensou que passaria uma semana solitária na cabana preocupado com Puxão, foi rapidamente desiludido. Um relatório chegou sobre um bando que atacava viajantes solitários na parte norte do feudo. Assim, Will partiu numa carroça emprestada, disfarçado de vendedor ambulante de artigos domésticos. Percorreu a região em que os bandidos operavam, vendendo seus produtos em fazendas distantes e faturando uma quantia considerável de dinheiro no processo. Os bandidos estavam observando, como ele sabia que estariam, e quando acharam que ele arrecadara o suficiente o pararam num trecho solitário da estrada que tinha uma charneca de cada lado.

Havia quatro deles, então Will estava seriamente inferiorizado.

Ele lhes deu um aviso, identificando-se como Arqueiro do Rei, mas

escolheram atacá-lo. Em poucos segundos, três estavam no chão, cuidando das feridas de flecha em braços e pernas. O quarto, olhos arregalados de terror, jogou a espada no chão e caiu de joelhos, implorando misericórdia.

Will permitiu que colocassem bandagens nas feridas, em seguida amarrou-lhes as mãos em fila atrás da carroça, para a volta ao Castelo Redmont para julgamento. Um deles pediu gentileza no tratamento.

— Por favor, Arqueiro, estamos feridos. Não podemos andar na carroça?

Will olhou para ele friamente. Em seu atual estado de espírito, tinha pouca simpatia por bandidos que deixavam suas vítimas sangrando à beira da estrada. — Estou lhes fazendo um favor — disse ele e quando o homem franziu a testa, pronto para mais uma pergunta, ele acrescentou: — Estou deixando você desfrutar do ar fresco e dos espaços abertos. Você vai ver pouco disso nos próximos dez anos.

Assim o tempo passou e no quinto dia ele estava a galope sobre Cormac de volta à fazenda onde Bob treinava cavalos para o Corpo de Arqueiros.

O cavalo sacudia a cabeça, aproveitando a liberdade da estrada e a oportunidade de esticar as pernas. Cavalos de Arqueiros adoravam correr.

Eu gostei de voltar ao trabalho. Eu ficaria feliz em continuar servindo a você.

Will sorriu. — Você tem sido um bom companheiro e eu sou grato — disse ele, acariciando o pescoço do animal carinhosamente. — Mas eu espero que Puxão esteja se curando.

Cormac sacudiu a cabeça. *Eu posso entender isso. Mas se você precisar de mim...*

— Eu virei a sua procura — disse Will. Quando seguiram a longa trilha que levava à cabana de Bob, Will ansiosamente examinou o celeiro. No começo, não viu nada, então seu coração saltou quando percebeu um vulto cinza familiar, correndo, para sua alegria, sob o sol fresco do outono.

— Puxão — gritou com entusiasmo e tocou os calcanhares nos flancos de Cormac.

O cavalo castanho respondeu imediatamente e partiu a galope. O cavalo cinza ouviu os cascos repercutindo e girou para correr na direção deles, cortando em diagonal o grande celeiro.

Will freou, esperando por ele.

A marcha, o movimento, a forma como o pequeno cavalo sacudiu a cabeça. Era tudo tão familiar. Will realmente riu alto com a visão de seu cavalo enquanto ele, resfolegando, vinha até a cerca que delimitava o celeiro.

Então, Will franziu a testa. Era parecido com Puxão, mas não era ele. Este cavalo era consideravelmente mais jovem. Não havia nenhum sinal dos pelos brancos que tinham começado a aparecer no focinho de Puxão nos

últimos anos. E agora que eles estavam mais perto, Will podia ver uma mancha pequena em forma de diamante na penugem mais escura na pequena perna dianteira esquerda do cavalo, perto do casco. Não era Puxão. No entanto, em muitos aspectos, *era*.

O cavalo relinchou uma saudação, sacudiu a juba exatamente como fazia Puxão. Cormac devolveu a saudação. O cavalo cinza olhou com expectativa para Will, mas Will estava confuso demais para falar. Finalmente, jogando a cabeça, o cavalo cinza virou-se e galopou, voltando da mesma forma como tinha vindo.

Você feriu seus sentimentos.

Will não respondeu. Ele bateu os calcanhares nos lados de Cormac e galopou pela trilha até a cabana de Bob.

Aqui, outra surpresa aguardava. Outro cavalo castanho estava parado do lado de fora da cabana, quase idêntico a Cormac. Mas ele era mais jovem, Will percebeu, muito mais jovem. Os dois cavalos cumprimentaram-se como velhos amigos e Will percebeu onde ele tinha visto Cormac antes.

— Você era o cavalo de Crowley — ele disse para Cormac. — Mas seu nome era Cropper.

Quando ele disse o nome, o cavalo do lado de fora da cabana levantou a cabeça em reconhecimento.

— Este é o Cropper agora — disse Crowley enquanto saía da cabana e caminhava em direção a eles. — Essa é a forma como nós fazemos. Quando se aposenta um cavalo, mudamos seu nome e damos o nome antigo ao novo cavalo.

Cormac trotou ansiosamente em direção ao Comandante dos Arqueiros, que ele acariciou o focinho do cavalo carinhosamente. — Olá, velho amigo — ele disse suavemente. Então olhou para Will. — Desmonte, Will. Precisamos conversar.

Will desceu da sela, um vago sentimento de inquietação crescente dentro dele.

— Crowley — ele disse. — O que você está fazendo aqui? Como está o Puxão?

Crowley colocou uma mão reconfortante no ombro do jovem Arqueiro.

— Puxão está indo bem — disse ele. — Ele está muito melhor do que quando o vi pela última vez. Na verdade, aí vem ele.

Ele apontou e Will virou-se para ver o Velho Bob conduzindo o cavalo para fora do estábulo em direção à cabana. À primeira vista, ele parecia totalmente recuperado.

— Puxão! — Ele chamou, e o cavalo olhou para cima e relinchou ansiosamente. Bob soltou a rédea e fez um gesto na direção de Will. Sem precisar de um segundo pedido, Puxão trotou em direção a seu mestre e o coração de Will de repente afundou.

— Ele está mancando — disse ele. O tremor tornou-se evidente quando Puxão aumentou o ritmo.

Crowley concordou. — Ele está. Bob fez tudo o que pôde, mas a lesão muscular era grande demais para cicatrizar completamente. Receio que ele sempre manque, Will.

Puxão bateu a cabeça contra o peito de Will em sua forma familiar, então ele começou a checar os bolsos, procurando a maçã que sabia que estaria lá. Will o ajudou a encontrá-la e o pequeno cavalo a mastigou alegremente. Mas a cabeça de Will ainda estava girando enquanto absorvia a última declaração de Crowley.

— Ele sempre vai mancar? — Disse. — Mas como eu posso...? — Ele não conseguiu terminar a pergunta. De repente, percebeu o que estava por vir. O discurso sobre os cavalos aposentados de Arqueiros; os dois cavalos castanhos, praticamente idênticos, e o jovem cavalo cinza que tinha visto no celeiro... todos esses fatos se uniram para formar uma óbvia e terrível conclusão.

— Nós vamos ter que aposentá-lo — disse ele, estupidamente. Não foi uma pergunta e ele viu Bob e Crowley balançando a cabeça em confirmação.

— É a nossa forma de fazer as coisas, Will — Crowley disse. — Nossos cavalos só podem nos servir por quinze ou dezesseis anos. Em seguida, começam a perder velocidade, agilidade e resistência, das quais dependemos tanto. Portanto, isso aconteceria em futuro próximo de qualquer maneira. A lesão só trouxe o inevitável um pouco mais cedo.

—Mas... este é o Puxão! —Will disse, com os olhos cegos pelas lágrimas. — Este não é um cavalo comum! Ele é Puxão! — Ele tomou uma decisão repentina e ergueu a cabeça desafiadoramente, com raiva, enxugando as lágrimas com as costas da mão. — Não me importo se ele manca. Não me importo se ele não é tão rápido ou tão ágil como costumava ser! Ele é meu cavalo e eu vou ficar com ele! — Ele ia pegar as rédeas de Puxão, mas Crowley segurou sua mão suavemente e o parou.

— Isso não é possível — disse ele. — Não é o costume dos Arqueiros.

— Então vou me aposentar também. Se não posso ter Puxão, já não quero ser Arqueiro!

Todos olharam com surpresa quando Puxão recuou, suas orelhas

achatadas contra a cabeça.

Não se atreva a dizer isso! Não depois de tudo que fiz por você!

— Puxão? — Will disse, perplexo com a raiva do cavalo. Mas Puxão balançou a cabeça, sacudindo a juba.

Se aposente se quiser! Mas não me faça a razão disto!

— Mas... eu preciso de você, Puxão. Eu não consigo imaginar prosseguir sem você — disse Will.

O Velho Bob e Crowley trocaram um olhar. Eles estavam familiarizados com o vínculo misterioso que se formava entre um Arqueiro e seu cavalo. Ambos sabiam que uma estranha forma de comunicação crescia ao longo dos anos. Crowley a experimentou com Cropper. Eles se retiraram para permitir que Will falasse com o cavalo sem constrangimento ou embaraço. Puxão se expressou mais uma vez, agora suavemente, sem raiva.

Você não entende? Eu não posso servi-lo adequadamente deste jeito. Eu não posso mantê-lo seguro. Isso é um trabalho para o novo Puxão. Mas você tem que dar a ele uma chance.

— O novo Puxão? — disse Will.

Crowley, sentindo que era a hora certa, acenou para Bob. O velho criador de cavalos virou-se e caminhou de volta para o estábulo. Quando ele saiu, Crowley respondeu à pergunta.

— Bob é apenas um dos criadores de nossos cavalos, Will. Temos muitos deles e fazem um trabalho incrível. Acompanham as linhagens de todos os nossos cavalos e os registros de criação de nossos rebanhos. Puxão vai entrar em processo de criação agora, assim como seus antecessores. Ele vai ser bem tratado e estará seguro. E vai garantir que, no futuro, haja outros cavalos como ele próprio disponíveis para Arqueiros. Você viu o pequeno cavalo cinza no celeiro da frente?

Will assentiu. — Eu pensei que era Puxão por alguns minutos.

— E deveria. O pai dele era o avô de Puxão. E a mãe era uma égua cujas características eram quase idênticas às da mãe de Puxão. Quando Bob viu este potro, colocou-o de lado especialmente para você. Claro, não tínhamos ideia de que você precisaria dele tão cedo. Normalmente, teríamos preparado você para isso por um ano ou dois. Mas aconteceu. É por isso que Bob me chamou, para eu explicar. Mais cedo ou mais tarde, todos temos que atravessar isso.

Ele olhou com simpatia para o jovem Arqueiro e seu cavalo. Will aproximou-se de Puxão. Seu braço esquerdo estava em volta do pescoço do cavalo e a mão direito acariciava seu focinho macio.

— Eu não poderia deixa-lo em Redmont de alguma forma? — Will perguntou.

Crowley sorriu. — Nós todos perguntamos isso. Mas pense nisso. Ele não é um animal de estimação. Ele é necessário aqui no programa de melhoramento. Ele é um dos nossos melhores cavalos. Acima de tudo, não seria justo com seu novo cavalo. Você não faria a ligação corretamente com ele. E não seria justo para Puxão também. Ele teria que ver você sair em missões sem ele.

E você sabe que eu tenho uma grande preocupação.

Apesar de tudo, Will não pôde deixar de sorrir. — Então, qual vai ser seu novo nome? — Perguntou ele.

Puxão hesitou, com a cabeça de lado. *Eu sempre fantasiei em ser Belerofonte.*

— Belerofonte? — Will disse, surpreso. Era uma escolha inesperada.

Crowley sorriu. — Não é ruim. Devemos mencionar isso a Bob. E lá vem ele agora.

Will se virou e viu que Bob se aproximava, trazendo o cavalo cinza que tinha visto antes.

Agora, porém, o cavalo estava selado e com os arreios. Cada centímetro do cavalo era familiar, mesmo sua postura ou o modo de andar. Com exceção do pequeno pedaço de pelos pretos na perna e a falta de pelos brancos ao redor do focinho, era idêntico a Puxão, que servira a Will nos últimos quinze anos.

Bem, este é decididamente um cavalo bonito.

— É claro que você acha... — disse Will. Então, quando Bob entregou-lhe as rédeas, ele avançou e acariciou o focinho do jovem cavalo. O cavalo moveu a cabeça em apreciação, em seguida, esfregou-a cabeça contra os bolsos de Will, em busca de maçã. Era uma ação tão familiar, uma ação tão Puxão que Will ficou surpreso por um segundo ou dois. — Sinto muito — disse ele. — Dei minha última maçã para... — Ele hesitou, então disse, com um sorriso — Belerofonte.

Bob procurou em seu próprio bolso e jogou uma maçã para ele. — Pensei que você pudesse precisar — disse.

Will estendeu a maçã na palma da mão para o cavalo, que a pegou suavemente, os lábios fazendo cócegas em Will, depois a mastigou feliz.

— Por que vocês dois não se conhecem um pouco? — Bob disse, apontando para a sela. Will assentiu. De repente, estava ansioso para saber o quanto seria realmente parecido com Puxão este novo cavalo.

— Boa ideia — disse ele. Colocou o pé esquerdo no estribo e virou-se facilmente sobre as costas do cavalo. Crowley e Bob trocaram sorrisos

perversos.

— Agora — Will disse, — vamos ver...

Ele não foi muito longe. O cavalo debaixo dele de repente explodiu em movimento: saltou, tirando as quatro patas do chão ao mesmo tempo, torcia-se e girava no ar, levantando as pernas traseiras enquanto os membros dianteiros voltavam ao solo. jogou Will sobre seu pescoço, e o Arqueiro virou uma cambalhota, sentindo alguns segundos de gravidade zero, caindo então no chão empoeirado, expulsando todo o ar dos pulmões. Ficou gemendo, tentando desesperadamente respirar novamente. O cavalo ficou parado a seu lado, a cabeça inclinada, olhando com curiosidade.

Bob e Crowley riam descontroladamente, enquanto Will permanecia no chão, apoiado nos cotovelos, gradualmente enchendo os pulmões de ar.

— Este não é aposentado, Will do Tratado! — Bob disse alegremente. — Você precisa pedir permissão a ele, igualzinho como foi o velho Puxão aqui.

Will olhou para cima, a mente piscando, trazendo de volta um incidente idêntico muitos anos antes.

Ele percebeu que o antigo Puxão, agora Belerofonte, estava olhando para ele, sacudindo cabeça.

— Ele dá coices assim como você! — disse Will sem fôlego.

Você nunca vai aprender, não é?

Quando eles galoparam para casa mais tarde naquela manhã, Will continuou a se surpreender com a semelhança entre os dois cavalos. Era como se, de repente e inexplicavelmente, Puxão tivesse rejuvenescido, e ele percebia agora que Crowley e Bob estavam certos. Nos últimos tempos, Puxão tornara-se gradativamente mais lento, um pouco menos seguro... Este novo Puxão era um lembrete de como o cavalo tinha sido em seus primeiros dias juntos.

Ele pensava nesses tempos. Puxão avançando para protegê-lo quando o javali investira contra ele. A desesperada corrida com o garanhão Bedullin, Tempestade de Areia, quando Puxão mostrou uma velocidade flamejante que ele nunca tinha visto igual. Enquanto pensava, o novo Puxão balançou a cabeça, sacudindo a juba.

Eu teria vencido Tempestade de Areia.

Will olhou o cavalo com surpresa. — Como você sabe sobre Tempestade de Areia? — questionou.

Mais uma vez, o cavalo sacudiu a juba.

Se você estiver pensando em algo eu saberei. Agora, você quer manter este ou devemos esperar mais um pouco?

— Você fala como Puxão — Will disse ele.

Eu sou Puxão.

— Sim — respondeu Will, pensativo. — Eu acredito que você é mesmo.

E JÁ ERA HORA TAMBÉM...



WILL OLHOU PARA BAIXO E SE INSPECIONOU UMA ÚLTIMA VEZ. Seu casaco estava limpo e passado. A gola aberta de uma camisa de seda branco imaculado aparecia acima, e a folha de carvalho de prata que indicava sua posição era apenas visível no V formado pela gola. Suas calças estavam livres de manchas. As botas, impecáveis e recém-banhadas em óleo. Elas nunca ficavam brilhantes. Um Arqueiro nunca lustra suas botas. Botas lustrosas podem refletir flashes de luz e tornar mais fácil para alguém detectar um Arqueiro escondido. Afivelou o cinto largo de couro. Como as botas, a fivela era reta, de um preto desbotado, e os punhos das duas facas apareciam sob o couro liso. Somente as lâminas refletiriam alguma luz se ficassem expostos. Eram mantidas cuidadosamente afiadas, num grau de aço muito fino, porém mais duro do que o das espadas dos cavaleiros do Reino.

Ele desejou ter um espelho. Este era um dia importante, afinal de contas. Mas os espelhos eram muito caros. Só alguém rico como o Barão Arald podia se dar tal luxo. O salário de um Arqueiro não permitia esse tipo de coisa.

Ebony estava deitada à porta, o queixo sobre as patas estendidas, os olhos cravados nele. Ele olhou para ela e estendeu as mãos.

— Como estou? — Disse.

Ela bateu a cauda duas vezes no chão, sem tirar os olhos dele.

— Isso quer dizer bom? — Ele perguntou. *Thump, Thump*, fez a cauda novamente.

Will olhou para fora da janela. O sol estava bem baixo, sob as copas das árvores que rodeavam a pequena cabana.

— Hora de ir — disse. Puxou a cortina que cobria seu guarda-roupa simples e tirou a capa.

Desta vez, Ebony mostrou algum interesse. Sua cabeça inclinou-se para um lado e ela o olhou com curiosidade. Ele não tinha escolhido a capa diária, rotineira, mas a do uniforme formal, com as representações estilizadas de flechas cruzando em diagonal nas costas. Ele a colocou em torno dos ombros e sorriu para ela.

— Dia especial — disse ele. Ebony deixou a cabeça cair nas patas novamente. Ele foi até a porta e fez um gesto para ela sair do caminho. Com um suspiro, Ebony se levantou e deu alguns passos para o lado, ele abriu a porta e saiu para a varanda.

Ele parou e olhou de novo para ela.

— Você vem? Você *está* convidada, afinal de contas.

Abanando-o rabo, mais uma vez, ela se esgueirou pela porta aberta e se juntou a eleana varanda. Olhou para ele, como fazem os pastores das fronteiras

constantemente, olhando o mestre para saber a direção.

Onde nós vamos agora?, seu olhar dizia. Will não respondeu, mas deixou escapar um assobio baixo. As orelhas de Ebony ergueram-se ao som. Poucos segundos depois, ouviram o suave *clipe clop* dos cascos de Puxão vindo para a frente da pequena cabana. Ele estivera descansando no estábulo. Mas nunca era necessário amarrá-lo, então podia responder ao assobio imediatamente.

Ao contrário de Ebony, Puxão parecia saber aonde estavam indo. Ele olhou para Ebony, a postos ao lado de Will.

Ela está indo também?

— É claro — Will disse. — Ela é parte da família, ora. Não se opõe, não é?

Puxão balançou a juba explosiva. *Nem um pouco. Mas ela, por vezes, peca no senso de decoro. Eu não quero que ela comece a se coçar no meio das coisas.*

Will sorriu para o cão. — Ouvi isso, Eb? Não se coce desrespeitosamente.

— O rabo do cão agitou-se com a menção de seu nome. Puxão olhou de soslaio para o mestre.

O mesmo vale para você.

— Estou feliz por ter você comigo, chefe do cerimonial — disse Will. — Vamos?

Esperava por você.

Will balançou a cabeça. Depois de todos esses anos, pensou, já deveria ter aprendido que nunca teria a última palavra com este cavalo.

Nunca.

Ele olhou para Puxão, desconfiado. Se pudesse dizer que um cavalo assumia um ar inocência, era isso o que ele estava fazendo.

Ele estalou os dedos para Ebony e saiu da varanda. Ela avançou imediatamente em seu calcanhar direito. Puxão trotava à esquerda, a cabeça ao lado do ombro do mestre. Os três atravessaram a pequena clareira na frente da cabana para a trilha que cortava a floresta.

O espaço da trilha era estreito, de modo Puxão foi para a retaguarda.

Estava escuro sob as árvores, mas o caminho era familiar. Serpenteava por uma ligeira inclinação, até um pequeno córrego afluente do rio Tarbus. Havia um poço profundo, onde ele e Halt haviam pescado trutas ao longo dos anos. Na clareira gramada à beira do poço ele e Alyss tinham muitos piqueniques no verão, em noites como esta.

O ar batia leve e quente em seu rosto e pássaros farfalharam em torno

das árvores e arbustos. Ele olhou para dentro da escuridão entre as árvores e viu os minúsculos pontos de luz que piscavam marcando o movimento de vagalumes. Um deles chegou perto de Ebony e ouviu-se um súbito *clop!* quando suas mandíbulas se fecharam com um estalo, então ela sacudiu a cabeça e deu patadas na língua para remover os restos do inseto morto.

— Você nunca vai aprender, vai? — Disse ele carinhosamente. Ebony não conseguia resistir à tentação de abocanhar insetos voadores. Isto era inevitavelmente seguido por esforços frenéticos para se livrar das consequência. De alguma forma, eles nunca eram tão apetitosos quanto Ebony esperava.

Quando se afastaram da corrente, ele ouviu um zunzum baixo de conversa.

— Somos os últimos — comentou.

Mas Puxão balançou a cabeça. *Ela vai ser a última. É tradicional.*

Eles saíram das árvores. A grande clareira estava iluminada por tochas em postes fincados no chão e lanternas em cores diferentes tinham sido amarradas entre os ramos. Uma pequena multidão esperava por ele. Enquanto Puxão e Ebony saíam para a clareira, houve um breve som de aplausos e palavras de saudação.

Ele olhou em volta com um ingênuo senso de prazer. Não havia muitas pessoas, mas estavam lá todos os que eram importantes em sua vida.

Halt, é claro. E sua linda esposa a seu lado, meia cabeça mais alta do que ele.

Desde o décimo sexto aniversário de Will, Halt tinha sido uma figura paterna para ele. E nos anos mais recentes, tinha começado a pensar em Lady Pauline como sua mãe postiça.

Ele olhou para um lado e seu rosto se iluminou com um sorriso. Horace estava também.

Bem, ele tinha desejado muito isso. E com ele estava Evanlyn, sua esposa.

“Eu realmente vou ter que começar a chamá-la de Cassandra”, Will pensou. Ele estava comovido porque tinham feito uma longa viagem desde o Castelo Araluen para estar com ele hoje. Nem lhe ocorreu que ele tinha feito exatamente a mesma coisa para eles, sem um segundo pensamento. Olhou atentamente para a princesa. Recebera uma carta animada de Horace dizendo que estavam esperando um filho. Até agora, não havia sinal algum da gravidez. Evanlyn, Cassandra, corrigiu, parecia tão magra como sempre.

Em pé num pódio levantado ao lado do rio estava o Barão Arald, sorrindo largamente para o mais famoso de todos os seus pupilos. Will dirigiu-lhe uma saudação respeitosa, e seu olhar esquadrinhou as demais pessoas ali

reunidas. Jenny e Gilan, notou, em pé de mãos dadas, Jenny radiante de orgulho e de vez em quando olhando para cima com os olhos de adoração para o alto e bonito Arqueiro a seu lado.

“Você será o próximo”, Will pensou. Gilan leu seus pensamentos e sorriu largamente para ele. A perspectiva não parecia incomodá-lo de forma alguma.

Parou quando avistou os dois convidados seguintes, de pé nas sombras atrás de Gilan e Jenny. Duas formas totalmente diferentes — um pequeno e franzino, com a aparência de que um vento forte o sopraria para longe, o outro alto e largo. Enorme, de fato. E entre eles, uma forma em preto e branco que se levantou do chão e avançou em direção a Ebony, a cauda pesada balançando para frente e para trás enquanto se aproximava.

Enquanto Ebony reencontrava a mãe, Shadow, rabos abanando devagar, cabeças baixas, Will avançou rapidamente para abraçar Malcolm, depois foi esmagado por Trobar, com seu abraço de urso.

— Vocês vieram! — Disse ele, com prazer ao vê-los. — Eu não tinha certeza se viriam de tão longe!

— Não teria pedido por nada! — O curandeiro parecido com um pássaro lhe disse, sorrindo com carinho para o jovem.

A grande voz de Trobar trovejou tão suavemente quanto o gigante podia conseguir. — Parabéns, Will do Tratado.

— Obrigado, Trobar — disse Will. — O dia é está ainda melhor pelo fato de que vocês estão aqui.

O Barão tossiu significativamente e Will percebeu que era hora de começar os assuntos importantes. Distanciando-se do curandeiro e seu guarda-costas gigante, foi até onde Arald estava esperando, um maço de papéis oficiais no pódio diante dele. Puxão e Ebony seguiram.

— Bem — disse o barão com carinho — está é uma bela noite para um casamento, Will do Tratado.

— Não consigo pensar em melhor, senhor — respondeu Will.

— Lembro-me de uma história bem divertida... — O Barão começou. Mas sua esposa, Lady Sandra, fez uma advertência com um ruído sutil e baixo, mas inconfundível, e ele olhou para ela com culpa. — Eh? Oh... sim... claro, minha querida. Talvez mais tarde, jovem Will.

— Mais tarde, provavelmente seria melhor, senhor — concordou Will, escondendo um sorriso.

— Certo... Bem, você está aqui. Todos nós podemos ver isso. Temos um padrinho?

Em resposta, Horace avançou e ficou ao lado de Will, colocando a mão

no ombro do melhor amigo. Os dois se entreolharam, um olhar que falou mais do que qualquer número de palavras poderia transmitir.

— Excelente — o Barão continuou. — Excelente escolha. — Ele olhou para o cavalo desgrenhado, o cão elegante atrás de Will. — E estes são...?

Antes que Will pudesse responder, Horace falou. — Melhor cavalo e melhor cão!* — disse ele. (**Padrinho em inglês é “Best man”, ou melhor homem; o autor brincou na resposta de Horace, “Best horse” e “Best dog”.*)

— Excelente! — Disse o Barão. — Um pouco inconvençional, mas excelente desde que eles não tenham que assinar nada! — Ele riu de sua própria piada. Puxão esticou a cabeça para a frente para estudá-lo mais de perto. O Barão percebeu o cavalo o encarando e olhou para baixo, rapidamente reorganizando seus papéis.

— Comporte-se — disse Will baixinho ao cavalo e Puxão recuou. Will tinha certeza de que ele estava sorrindo.

Arald levou alguns momentos para recuperar seu entusiasmo normal, então esfregou as mãos e examinou as pessoas diante dele. Espontaneamente, os presentes formaram um semicírculo solto, de frente para o pódio.

— Bem, então — ele disse rapidamente. — Parece que estamos todos aqui. Noivo. Melhor homem. Testemunhas. Celebrante. — Ele fez uma pausa e olhou de soslaio para Puxão. — Melhor cavalo e melhor cão. Agora, tudo o que precisamos é da noiva.

E, de repente, sem aviso, Alyss estava lá. Ela saiu das árvores para ficar sob uma piscina de luz, lançada por uma lanterna pendurada em um galho.

Will prendeu a respiração ao vê-la. Ela era linda, não havia outra palavra. Estava vestida com um vestido branco simples, com um ombro descoberto. Seu longo cabelo louro, preso por um colar de flores amarelas, brilhava à luz da lanterna, parecendo ter sua própria luz interior.

Mais tarde, pensando sobre isso, Will entendeu que devia fazer parte do teatro premeditado pelo Barão. E muito eficaz, também. Às vezes, ele pensou, Arald acertava. Alyss captou o olhar de Will e sorriu para ele. Ele sentiu o coração dar um pulo.

Rapidamente, Cassandra atravessou a clareira para ficar diante de Alyss, como sua dama de honra. Halt moveu-se para o lado de Alyss e tomou-lhe o braço. Como Alyss era órfã, pedira a Halt para estar no lugar de seu pai e entregá-la ao noivo. Ele sorriu para ela. Uma das poucas pessoas que podiam suscitar um sorriso fácil do sisudo Arqueiro de barba grisalha.

Vendo que todos estavam prontos, o Barão Arald fez um sinal com a mão e um trio de músicos do castelo, previamente escondido entre os árvores,

adentrou a clareira e começou a tocar. Alyss tinha escolhido a música e Will sorriu quando reconheceu as notas suaves de “Cabana nas árvores“. Era a canção oficial do Corpo de Arqueiros, que eles cantavam em todos os eventos importantes. Ela não podia ter escolhido melhor.

Ele continuou a sorrir para Alyss enquanto ela caminhava graciosamente para ficar ao lado dele. Foi um dia de sorrisos, pensou feliz. Halt pegou a mão dela, que repousava em seu braço, e a colocou na mão de Will, recuando em seguida. Cassandra e Horace também recuaram um passo para deixar a noiva e o noivo sozinhos perante o Baron Arald.

— Bem, então — disse ele, com um sorriso enorme no rosto enquanto olhava os dois jovens. — Que dia o de hoje! Que dia, de fato!

Os votos foram simples e diretos ao ponto. Não há necessidade de repeti-los aqui, basta apenas mencionar que falavam de amor, lealdade e honestidade, dever e carinho. Vinham do coração e sua simplicidade direta capturou os corações de todos os presentes.

Lady Pauline sorriu suavemente enquanto percebia Halt enxugando sorratoriamente os olhos com uma ponta do manto.

Ela o cutucou com o cotovelo. — Sua fraude velha. — sussurrou e ele acenou timidamente. Halt tinha passado a vida mantendo comportamento sombrio e proibitivo. Neste dia, ele simplesmente não podia mais.

Uma vez que os votos foram trocados, Arald pronunciou as palavras legais oficiais que selaram a união. Alguns segundos se passaram antes que ele, sorrindo para o jovem casal, abrisse os braços para eles. Por um momento, Will ficou perplexo. Ele estivera na cerimônia numa espécie de torpor, emocionado pela presença de Alyss ao lado dele, espantado com o pensamento de que o dia chegara, finalmente. Agora, percebia com um choque que a cerimônia tinha acabado. Ele e Alyss estavam ligados um ao outro e a este pensamento Will sentiu um quente e reconfortante calor em seu ser mais profundo.

O Barão tinha dito algo, percebeu, e as pessoas estavam olhando para ele com expectativa.

Arald inclinou-se e disse, num sussurro que todos puderam ouvir — Eu disse, você já pode beijar a noiva.

Will então o fez, com alto grau de entusiasmo. E ficou encantado, porque Alyss respondeu na mesma moeda, enquanto os gritos e aplausos dos amigos irrompiam em torno da clareira.

Lentamente, o som morreu e, no silêncio que se seguiu, uma voz ecoou. — E já era hora também!

Halt quis dizer isso de brincadeira, mas antes que percebesse subiu-lhe

um nó na garganta e um engasgo na voz, e teve que disfarçar com uma pequena crise de tosse, afastando-se.

Dessa forma, ele esperava, as pessoas nem notariam as lágrimas que lhe escorriam livremente pelo rosto.



Hal cutucou o leme suavemente e virou para um curso em diagonal, rumo à esquerda, longe de Hallasholm. Heron subia e descia suavemente sob seus pés como o balanço das águas sob a quilha. Os outros meninos tinham se estabelecido em um ritmo suave de remadas, que podiam manter por horas, se necessário, e ele exultou com a sensação de estar em curso, no comando de seu próprio barco.

Stig olhou para ele de seu banco de remo.

— Como ele está? — Perguntou.

Hal sorriu de volta para ele. — Como um pássaro.

POSFÁCIO



MACFARLANE gentilmente colocou o fragmento de pergaminho sobre a superfície da mesa. As outras nove histórias encontradas no baú haviam sido cuidadosamente montadas, copiadas e preservadas. Agora, isso era tudo o que restava de um fragmento esfiapado com algumas palavras escritas, apenas cem palavras. Em alguns lugares, a tinta estava tão fraca que mal se conseguia decifrá-la.

Ele deixara este fragmento por último, em parte porque estava incompleto e em parte porque, depois de sua primeira inspeção rápida, sentiu que era algo diferente.

Usando um longo par de pinças, mexeu a página até que ficasse sob sua lente de aumento. Então, inclinou-se para a frente e olhou as palavras, seus lábios movendo-se silenciosamente à medida que lia, hesitando quando chegava as seções mais fracas e grato pela luz forte e a ampliação. Finalmente, ele se sentou, tamborilando os dedos sobre a mesa.

Audrey estava sentada em frente a ele, em febril antecipação. Como ela tinha descoberto o baú, ele achou que era justo que estivesse presente quando ele finalmente transcrevesse a peça final.

— O que é isso, professor? — Ela perguntou. — É importante? — Não havia necessidade dessa segunda pergunta, ela pensou. A expressão e a linguagem corporal do professor dizia que era.

Ele olhou para ela. — Sim, Audrey. De fato, é.

Ela esperou, sabendo que ele continuaria. Depois que alguns segundos se passaram, ele continuou.

— Por algum tempo, nós que temos estudado o mundo de Araluen e seus heróis tivemos conhecimento das lendas da época. A lenda de um menino, meio Araluen, meio Escandinavio, que revolucionou o design de navios escandinavos. Mas a gente conhecia pouco sobre ele.

Audrey franziu o cenho, pensativa. — Acho que me lembro de uma breve menção a ele na crônica da viagem de Will a Nihon-Ja — disse, pensativa, e o professor sorriu para ela.

— Precisamente. Mas, além dessa referência passageira, nada sabíamos sobre ele. Agora, ao que parece, posso ter descoberto uma pista adicional para a história dele.

— Este fragmento? — Disse ela, apontando para a página rasgada em cima da mesa entre eles.

— Este fragmento — disse ele, balançando a cabeça. — E se há uma página, deve haver outras. E talvez ainda estejam em algum lugar.

Seus olhos se arregalaram de emoção. — Você acha que poderia encontrar o resto da história, professor? — ela perguntou.

Ele sorriu com indulgência, desfrutando de sua juventude e entusiasmo.

— Bem, eu certamente pretendo tentar.



Este *ePub* foi reformatado em Março de 2014 por
LeYtor
Tendo como base o *ePub* formatado/revisado pelo
Clubinho
Que teve como base o *Pdf* traduzido por
Máfia dos Livros



Tradutores: Walter Montefusco, Rafael Jellmayer, Guilherme Munaretto, Priscila, Orlando, José Rocha, Chris Andrews, S.M. Lisboa, Max Will, Bruno da Rocha, Tammy Lever, Fernando Bertassi, Danilo Coelho, Lukinhas Killer, Thais Alves, Ricardo Rubenich, Juliana Louzada , Wesley, Matheus Oliveira, Adyla Vieira , Tayna Priscila

Revisores: Walter Montefusco, Alex Viana, Rafael Jellmayer, Gui Queluz , Thayson Machado, MAN, Ariel Rocha, Felipe Dalcól, Roberto Santos, Ricardo Rubenich , Samuel Reichert, Thais Alves, Israel Lana, Priscila Caldas, Wesley, Tayna Priscila